

Mestrado em

Cor na Arquitectura

A gestão da cor na habitação social Lisboa séc. XXI

dissertação de: **Maria Cristina de Sousa Araújo Pinheiro**

orientador: **Professor Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva**



Júri:

presidente

Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

vogal e orientador

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva,

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

vogal

Doutor António Quadros Ferreira

Professor Associado da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Mestrado em Cor na Arquitectura

A gestão da cor na habitação social – Lisboa séc. XXI

Dissertação de: **Maria Cristina de Sousa Araújo Pinheiro**

Júri:

Presidente:

Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Vogal e orientador:

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Vogal:

Doutor António Quadros Ferreira

Professor Associado da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

FAUTL 15 Dezembro de 2005

Índice

Índice	III
Índice de figuras	VI
Agradecimentos	X
Resumo	XI
Abstract	XII

Capítulo I – Introdução	1
1.1 Introdução	1
1.2 O Objecto da Investigação	1
1.2.1 A Questão de Investigação	2
1.3 Os Objectivos do Estudo	2
1.4 Enquadramento teórico	3
1.4.1 Fundamentação da Questão	4
1.4.2 Relevância do Estudo	9
1.5 Delimitação do Estudo	10
1.6 Design da Investigação e Organigrama	11
1.7 Disseminação da Dissertação	14

Capítulo II – A Cor na Arquitectura	15
2.1 Introdução	15
2.2 Cor e Arquitectura	15
2.2.1 A Importância da Cor no Espaço Urbano	17
2.2.2 As Funções da Cor no Ambiente Construído	19
2.3 Os Efeitos Psicofisiológicos da Cor	20
2.4 O Aspecto Neuropsicológico da Cor	24
2.4.1 Como a Cor do Ambiente nos afecta	28
2.5 A Cor na Habitação Social	29
2.6 Resumo	35

Capítulo III – A Habitação Social em Lisboa	37
3.1 Introdução	37
3.2 Caracterização das áreas estudadas	37
3.3 Evolução histórica	38
3.3.1 Da década de 30 aos anos 50	41
■ O Bairro de Alvalade	43
3.3.2 Dos anos 50/60 a Abril de 1974	44
■ O Plano dos Olivais	46
■ O Plano de Chelas	49
3.3.3 Depois de 74 até finais da década de 80	53
3.3.4 De finais dos anos 80 até ao momento presente	54
■ O PIMP - Plano de Intervenção a Médio Prazo	54
■ O PER - Plano Especial de Realojamento	55
3.4 Sobre integrar ou segregar	57
3.5 Definições de Habitação Social	59
3.6 A Evolução do Conceito	61
3.7 Resumo	62
 Capítulo IV – Hipótese e Metodologia da Investigação	 63
4.1 Introdução	63
4.2 A Hipótese de Investigação	63
4.3 A Metodologia da Investigação	64
4.3.1 Estudo Caso – a Cidade de Lisboa	64
4.3.2 As Fichas de Identificação	65
4.3.3 A Selecção dos Conjuntos	66
4.3.4 As Entrevistas semi-estruturadas	67
4.4 Resumo	68

Capítulo V – A Pesquisa de Campo	69
5.1 Introdução	69
5.2 A Pesquisa Documental e Fotográfica	69
5.3 Levantamento – As Fichas de Identificação	69
5.4 Síntese da Observação	176
5.5 Conjuntos e Autores seleccionados	181
5.6 Entrevistas Semi – Estruturadas	181
5.7 A Análise das Entrevistas	182
5.7.1 Apresentação de Resultados	212
5.8 Resumo	215
Capítulo VI – Conclusões	216
6.1 Introdução	216
6.2 Conclusões	216
6.3 Recomendações para futura investigação na área	220
Referências	221
Bibliografia	225
Anexos	237
1 Glossário	237
2 Siglas	239
3 Questionário Entrevista	240
4 Entrevistas Semi-Estruturadas	242
Texto enviado pelo Arquitecto Tomás Taveira	291
5 CD de imagens	

Índice de figuras e quadros

	Página:
Figura 1 Cores de Bruno Taut	15
Figura 2 A Casa Rietveld Schröder	16
Figura 3 Bairro do Condado	17
Figura 4 A Pirâmide de Mahnke	21
Figura 5 Hufeisensiedlung	29
Figura 6 Duas imagens de Zehlendorf	30
Figura 7 As cores de Falkenberg	31
Figura 8 Hufeisensiedlung	31
Figura 9 Bairro do Alvito	42
Figura 10 Mapa dos Olivais Norte	48
Figura 11 Mapa dos Olivais Sul	48
Figura 12 Mapa da zona de Chelas	49
Figura 13 Habitações no Alto do Lumiar	58
Ficha 1 Fotos do Bairro do Arco do Cego	70
Ficha 2 Fotos do Bairro da Ajuda	71
Ficha 3 Fotos do Bairro do Alvito	72
Ficha 4 Fotos do Bairro do Alto da Ajuda	73
Ficha 5 Fotos do Bairro do Alto da Serafina	74
Ficha 6 Fotos do Bairro das Terras do Forno	75
Ficha 7 Fotos do Bairro da Madre de Deus	76
Ficha 8 Fotos do Bairro Calçada dos Mestres	77
Ficha 9 Fotos do Bairro da Encarnação	78
Ficha 10 Fotos do Bairro do Restelo	79
Ficha 11 Fotos do Bairro de Alvalade (células I e II)	80
Ficha 12 Fotos do Bairro Qta do Jacinto	81
Ficha 13 Fotos do Bairro Caramão da Ajuda	82
Ficha 14 Fotos do Bairro de Caselas	83
Ficha 15 Fotos de S. João de Vale Escuro	84
Ficha 16 Fotos do Bairro S. Cruz de Benfica	85

Ficha 17	Fotos do Bairro do Grilo	86
Ficha 18	Fotos da Quinta do Charquinho	87
Ficha 19	Fotos da Quinta das Pedralvas	88
Ficha 20	Fotos da Quinta das Mouras	89
Ficha 21	Fotos do Bairro 2 de Maio	90
Ficha 22	Fotos do Bairro Cruz Vermelha	91
Ficha 23	Fotos Olivais Norte Célula A	92
Ficha 24	Fotos da Célula B Norte	94
Ficha 25	Fotos da Célula B Centro	95
Ficha 26	Fotos da Célula B Sul e Marginal Sul	96
Ficha 27	Fotos da Célula B Nascente	97
Ficha 28	Fotos da Célula C Norte e Poente	98
Ficha 29	Fotos da Célula C Centro	99
Ficha 30	Fotos da Célula C Nascente	100
Ficha 31	Fotos da Célula C Sul	101
Ficha 32	Fotos da Célula D Nascente e Poente	102
Ficha 33	Fotos da Célula E Norte e Poente	103
Ficha 34	Fotos da Célula E Centro	104
Ficha 35	Fotos da Célula F - H R	105
Ficha 36	Fotos Matriz HR Realojamento	106
Ficha 37	Fotos da Bairro do Casalinho da Ajuda	107
Ficha 38	Fotos da Zona I - Rua Duarte Lopes	108
Ficha 39	Fotos da Zona I - Rua Aquilino Ribeiro	109
Ficha 40	Fotos da Zona I e Zona N1	110
Ficha 41	Fotos Zona I – R. Paulo D. Novais e R. Manuel T. Gomes	111
Ficha 42	Fotos da Bairro do Condado	112
Ficha 43	Fotos da Zona J	113
Ficha 44	Fotos da Bairro dos Lóios	114
Ficha 45	Fotos da Rua Adões Bermudes	115
Ficha 46	Fotos da Pantera Cor de Rosa	116
Ficha 47	Fotos da Zona N2 – R. Norte Júnior e R. José L. Monteiro	117
Ficha 48	Fotos Bairro da Quinta das Laranjeiras	118

Ficha 49	Fotos Bairro Padre Cruz	119
Ficha 50	Fotos Bairro da Boavista	120
Ficha 51	Fotos Rua M. Helena Vieira da Silva	121
Ficha 52	Fotos Bairro dos Alfinetes	122
Ficha 53	Fotos Bairro da Horta Nova	123
Ficha 54	Fotos Bairro do Casal dos Machados	124
Ficha 55	Fotos Bairro do Armador	125
Ficha 56	Fotos Bairro das Furnas	127
Ficha 57	Fotos Alto do Chapeleiro	128
Ficha 58	Fotos Quinta das FONSECAS	129
Ficha 59	Fotos Olaias Alto do Pina	130
Ficha 60	Fotos Quinta do Ourives	131
Ficha 61	Fotos Bairro das Flamengas	132
Ficha 62	Fotos Telheiras Alto da Faia	134
Ficha 63	Fotos Rua Issam Sartawi	135
Ficha 64	Fotos Quinta das Lavadeiras	136
Ficha 65	Fotos Avenida de Berlim	137
Ficha 66	Fotos Bairro Marquês de Abrantes	138
Ficha 67	Fotos Quinta dos Barros	140
Ficha 68	Fotos Bairro do Charquinho	141
Ficha 69	Fotos Quinta do Cabrinha	142
Ficha 70	Fotos Lumiar PER. 1, 2, 3	144
Ficha 71	Fotos Lumiar PER. 4, 5, 6	145
Ficha 72	Fotos Lumiar PER. 7, 8, 9	146
Ficha 73	Fotos Lumiar PER. 10, 11, 12	147
Ficha 74	Fotos Bairro Ameixoeira Galinheiras	148
Ficha 75	Fotos Paço do Lumiar	149
Ficha 76	Fotos Vale de Alcântara	150
Ficha 77	Fotos Rua Carlos Botelho	151
Ficha 78	Fotos Rua das Murtas	152
Ficha 79	Fotos Avenida Alfredo Bensaúde	153
Ficha 80	Fotos Ameixoeira Quinta da Torrinha	154

Ficha 81	Fotos Vale de Chelas – Quinta do Lavrado	155
Ficha 82	Fotos Avenida Cidade de Luanda	156
Ficha 83	Fotos Rego A - R. Sousa Lopes	157
Ficha 84	Fotos Graça Sapadores	158
Ficha 85	Fotos Rua João Nascimento Costa	159
Ficha 86	Fotos Bairro da Liberdade - P.E.R 2001	160
Ficha 87	Fotos Alto da Ajuda/Rio Seco	161
Ficha 88	Fotos Travessa Sargento Abílio	162
Ficha 89	Fotos Av. Eduardo Bairrada	164
Ficha 90	Fotos Rego B - Av. das Forças Armadas	165
Ficha 91	Fotos Rego C - Rua Soeiro Pereira Gomes	166
Ficha 92	Fotos Quinta do Loureiro Ceuta Norte	167
Ficha 93	Fotos Av. Ceuta Sul	169
Ficha 94	Fotos Casal do Evaristo, Rua Maria Pia	170
Ficha 95	Fotos Av. Mouzinho de Albuquerque	171
Ficha 96	Fotos Rua Justiniano Pradel	172
Ficha 97	Fotos Rua Castelo Branco Saraiva	173
Ficha 98	Fotos Quinta da Bela Flor	174
Ficha 99	Fotos Rua das Açucenas	175
Figura 14	Vários Bairros de Casas Económicas.	178
Figura 15	Quadro de ocorrências de materiais utilizados	179
Figura 16	Quadro dos materiais organizados por décadas	180

Agradecimentos

Este Projecto de Investigação foi realizado com o apoio de algumas pessoas a quem quero manifestar a minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador Professor Doutor Fernando Moreira da Silva pelo apoio, pela força e entusiasmo que sempre me transmitiu e pelo interesse e disponibilidade que demonstrou na orientação desta Dissertação.

Agradeço ao IADE, e seus responsáveis que me proporcionaram a oportunidade de usufruir da bolsa de estudo do PRODEP, condição fundamental para a concretização deste Projecto.

Agradeço o apoio incondicional dos meus amigos Margarida Gamito, (ajuda firme durante todo o percurso deste Mestrado) e Luís Moreira (meu guia e protecção por zonas menos seguras da cidade).

Agradeço aos meus entrevistados pela disponibilidade com que prontamente responderam ao meu pedido de colaboração.

Aos arquitectos Ana Benites, Jorge Subtil e Dr. João Rapazote, aos funcionários do Centro de Informação e Urbanismo de Lisboa, e do Gabinete de Estudos Olisiponenses, pela simpatia com que colaboraram.

Por fim, mas não menos importante, ao meu filho Leonardo, Mãe, restante família e amigos, pela compreensão com que suportaram a minha falta de tempo para eles durante este último ano.

Resumo

A gestão da cor na habitação social – Lisboa séc. XXI

Este projecto de investigação pretendeu estudar os princípios que têm orientado a aplicação da cor nas construções de habitação social de Lisboa.

O papel da cor na criação de um melhor ambiente urbano é importante nestas áreas com problemas sociais.

A cor afecta o bem-estar das pessoas, tem efeitos físicos e psicológicos, e pode influenciar o comportamento e o equilíbrio emocional. Deve ser uma influência positiva nos utentes, contribuindo para a sua integração social, aceitação das novas habitações, assim como para o respeito pelas áreas exteriores.

Neste contexto, a aplicação da cor deve ser conscienciosa, com critério e o projecto cromático deve ser orientado por princípios fundamentados no conhecimento.

A investigação dividiu-se em duas fases:

- A identificação das áreas e conjuntos de habitação social e respectivos autores dos projectos, registos fotográficos das cores, localização (vistas aéreas, mapas).
- A segunda fase pretendeu determinar quais os critérios da aplicação da cor, se têm sido orientados por fundamentação científica, e se a cor faz parte da fase conceptual dos projectos.

Para o efeito utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas aos autores de alguns projectos seleccionados do total dos conjuntos previamente identificados.

Palavras-chave:

Cor, Arquitectura, Bairros Sociais, Funções da cor, Efeitos psicofisiológicos, Fundamentação científica, Critérios.

Abstract

The colour management in social housing – Lisbon XXI Century

This research project intended to study the principles that have been guiding the application of colour in social housing buildings of Lisbon.

The role of colour to create a better environment is important in these areas with sociological problems.

Colour affects the well-being of people, has physical and psychological effects, and may influence the behaviour and balance of emotions. Colour should be a positive influence on users, contributing to social integration, acceptance of their houses, and to the respect for the public exterior areas.

In this context, colour plans should be conscious, applied with specific criteria, and guided by principles having scientific fundamentals.

This project was divided in two main parts:

- The identification of all social housing areas, with a data collection of photos, aerial views, maps, the identification of the authors of the colour schemes.
- The second part has the aim of determining the criteria applied to some of these colour projects, if colour application has been guided by scientific fundamentals, and if colour takes part in the project conceptual phase.

This was possible through a survey by semi-structured interviews with the authors of some colour schemes we have selected from among those previously identified areas.

Keywords:

Colour, architecture, social housing, colour functions, psycho-physiological effects, scientific fundamentals, criteria.

Capítulo I – Introdução

1.1 Introdução

Neste capítulo apresenta-se o Projecto de Investigação e os seus objectivos, o enquadramento teórico que permite compreender a importância e a relevância do assunto estudado, assim como se apresenta o design da investigação e a disseminação da dissertação pelos restantes capítulos.

Tema

A cor nas construções dos bairros de habitação social.

Título

A gestão da cor na habitação social – Lisboa séc. XXI.

Palavras-chave

Cor, Arquitectura, Bairros sociais, Funções da cor, Efeitos psicofisiológicos, Fundamentação científica, Critérios.

1.2 O objecto da Investigação

Este projecto estudou em particular a utilização da cor nas construções de habitação social, assim como pretendeu determinar se a cor tem (ou não) sido aplicada com critérios fundamentados, e que princípios têm orientado a sua aplicação aos bairros de Lisboa.

Existem estudos que fundamentam a aplicação da cor nos centros históricos, algumas linhas de orientação para a aplicação da cor em áreas não históricas, mas sobre a aplicação da cor nas construções de habitação social existem poucos estudos disponíveis, e por isso menos informação.

1.2.1 A Questão de Investigação

Este projecto de investigação ao estudar várias intervenções cromáticas nos Bairros de Habitação Social de Lisboa, pretendeu responder à(s) questão(ões) da investigação:

- A aplicação da cor em bairros sociais está, e tem estado, enquadrada por uma fundamentação teórica e científica?
- Tem havido alguma preocupação por parte dos responsáveis (projectistas ou outros) no que diz respeito às decisões cromáticas para esses bairros?

1.3 Os Objectivos do Estudo

Com esta investigação pretendemos concluir se tem ou não existido fundamentação teórica e científica que tenha orientado a aplicação de cor nas construções dos bairros de habitação social de Lisboa e quais têm sido os critérios utilizados nas decisões cromáticas ou na execução de planos de cor, por parte dos projectistas responsáveis.

Outro dos objectivos desta investigação foi o de proceder ao reconhecimento de uma realidade pouco estudada, do ponto de vista da cor, para tentar entendê-la e contribuir para a melhorar. Para esse efeito foi compilada uma vasta informação sobre o que se construiu ao nível de habitação social em Lisboa nos últimos 70 anos.

Essa informação que não tinha sido anteriormente sistematizada, encontrava-se muito dispersa, pelo que este trabalho permitiu reunir num só volume informação sobre os vários tipos de intervenção, sobre as construções de habitação social que foram realizadas, assim como o levantamento cromático de todas essas áreas. Constituiu-se assim, uma base de dados relevante para este e futuros estudos relacionados com o tema.

Pretendeu-se com este projecto de investigação, contribuir para que a utilização da cor seja cada vez mais, uma utilização consciente e sustentável, que possa ajudar a melhorar a qualidade de vida dos habitantes e do ambiente urbano em geral.

1.4 Enquadramento teórico

A cor é um fenómeno que tem interessado aqueles que se exprimem através dela e a usam como um material de comunicação, como interessou também historiadores da arte, filósofos, físicos, psicólogos, pedagogos e médicos, entre outros. Porque tem múltiplas características e reúne em si todas essas áreas disciplinares, tornou-se claro que a cor não pode ser relegada para um plano de bastidores, devendo ser trazida à discussão para vir a ser utilizada (em Portugal) com muito mais conhecimento do que até agora.

“Colour, inseparable from light, is an integral part of our total sensory and perceptual experience. It not only conveys information about our surroundings, but also has great impact on our psychological reactions and physiological well-being” (Durão 2002, p162).¹

A cor faz parte do ambiente que nos rodeia, e o seu papel é particularmente importante quando aplicada à Arquitectura.

A sua influência na modelação da paisagem e dos ambientes (interiores e exteriores), o impacto da sua utilização e as consequências que pode ter nos utentes dos vários tipos de espaços construídos, têm sido questões estudadas nas suas múltiplas características e sob os mais variados pontos de vista.

Se é sabido que a cor influencia física e psicologicamente, alterando o equilíbrio e o funcionamento do organismo, as sensações e as emoções, que muda a forma como vemos e as formas que vemos, que influencia os comportamentos e as escolhas que fazemos, que modela a paisagem que nos envolve, transformando a fisionomia das

¹ “A cor, inseparável da luz, é uma parte integrante da nossa experiência sensorial e perceptiva. Não só fornece informação acerca da envolvente, mas também tem grande impacto nas nossas reacções psicológicas e no nosso bem-estar físico” Durão (2002). *Colour in the Built environment, Fabrikart*. (Tradução livre).

idades e dos espaços onde nos movimentamos, então deve ser usada segundo princípios fundamentados no conhecimento.

"Color is a sensory perception with symbolic, associative, synesthetic and emotional effects" (Mahnke 2003).²

É de toda a importância que o seu uso se faça de forma a contribuir para o bem-estar dos seres humanos e de modo algum contribua de forma negativa causando desequilíbrio físico ou emocional.

Muitos arquitectos têm utilizado as potencialidades da cor nas suas obras embora com diferentes objectivos, e sempre com diferentes resultados.

A utilização da cor é muitas vezes deixada para a fase final do projecto, ou até da execução da obra, e quase sempre sem uma fundamentação científica.

Muitas vezes essa utilização é feita de modo *ad hoc* com poucos conhecimentos teóricos. (Smith 2001).

A cor raramente é usada para caracterizar o espaço, aumentar e diminuir o volume, ou definir a posição de um objecto no campo visual. Mesmo tendo um aspecto construtivo, é acrescentada como uma decisão final na prática da arquitectura, muitas vezes de modo subjectivo e arbitrário. (Swirnoff 2003).

Quando se trata de decisões cromáticas, também nem sempre existe uma preocupação ou até um conhecimento mais profundo do modo como a cor afecta os seres humanos, ou como influencia a imagem dos bairros ou das áreas que nos propusemos estudar.

1.4.1 Fundamentação da Questão

A aplicação de cor no ambiente construído, (rural ou urbano), embora tenha sido um assunto de preocupação crescente, parece-nos ainda estar longe de um uso consciente e informado do ponto de vista dos efeitos que a cor pode provocar sobre os utilizadores desses ambientes.

² "A cor é uma percepção sensorial com efeitos simbólicos, associativos, sinestésicos e emocionais". Mahnke. F. (2003). in *Lecture: Psycho-physiological effects of color*. FAUTL Lisboa.

Muitas vezes verificamos, nas mais variadas situações, que as opções cromáticas são baseadas em critérios estéticos, preferências pessoais, modas, ou então são mesmo uma “obra de autor”, como se a arquitectura fosse um suporte equiparado a uma tela.

A utilização da cor nos ambientes, depende muitas vezes de factores estéticos (que também são obviamente de ter em consideração) e menos da consciencialização dos efeitos que a cor pode ter sobre os seres humanos.

“Color is also a part of the conscious, subconscious, and unconscious, and an experience that is integral to human behavior”.
(Mahnke 1996, p 6).³

Os estímulos coloridos que recebemos do mundo exterior estão directamente relacionados com o nosso mundo interior. As cores têm um conteúdo cognitivo e emocional, e se forem correctamente utilizadas podem influenciar o nosso bem-estar físico e emocional.

Vários estudos têm revelado que a utilização da cor em ambientes exteriores (e não só) provoca uma reacção positiva, enquanto a ausência de cor geralmente provoca reacções negativas. (Silva, M. 1999).

Por outro lado uma utilização incorrecta e o uso excessivo de cor – que Frank Mahnke considera serem ambientes “*overstimulated*” com abundância de ruído visual, grande variedade de formas arquitectónicas, cores fortes em combinações estranhas, excessivo cromatismo, clima exuberante num espaço denso, contrastes de cor e luminosidade intensos – pode provocar efeitos bastante negativos, com consequências físicas, desequilíbrio emocional, excitação, fadiga, falta de concentração, etc.

Os contrastes muito acentuados de cores e de luminosidades levam a que o nosso aparelho da visão fique exposto a fortes estímulos, obrigando-o a uma adaptação contínua (dilatação e contracção da pupila), causando desgaste nos músculos da íris e provocando cansaço visual.

³ “A cor é também uma parte do consciente, subconsciente, e inconsciente, e uma experiência que é integral para o comportamento humano”. Mahnke. F. (1996). *Color, Environment & Human Response*, New York: John Wiley & Sons. (Tradução livre).

“Colored doesn’t mean colorful”. (Mahnke 2003)⁴.

Ainda segundo a opinião do mesmo autor, os ambientes acromáticos, são monótonos e pouco estimulantes e não contribuem para o bem-estar dos utentes. Pelo que a opção do totalmente branco ou apenas de cores ditas neutras, mas que na verdade não o são, são igualmente desaconselháveis quando se pretende um ambiente colorido, mas equilibrado.

“There’s no neutral environments. Neutral doesn’t exist”. (Mahnke 2003).⁵

Estudos desenvolvidos na Suécia pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Göteborg, revelaram que as pessoas consideram evidente que a cor é um factor importante no design ambiental. Também se sentem mais felizes com ambientes de “colorido alegre” e mais tristes em ambientes acromáticos e monótonos. (Sivik in Porter e Mikellides, 1976).

A dificuldade que se coloca no momento de fazer as opções cromáticas está em saber equilibrar, evitando os dois extremos.

Perante os vários estudos e as conclusões dos investigadores, justifica-se uma intervenção de profissionais cada vez mais informados e uma consciencialização dos responsáveis e do público em geral para estas questões.

Projectistas, Arquitectos, Responsáveis pelas Autarquias, Instituições e outros Organismos Estatais ligados à habitação, devem estar conscientes de que a utilização da cor não deve ser um aspecto secundário do processo projectual.

“Though it is true that buildings are private property, the appearance of our cities is a public concern” (Taut 1921).⁶

E se todas as aplicações de cor devem ser criteriosas, num bairro social devem ser tidas em consideração com maior relevância. Porque se trata de zonas que só por si são problemáticas, esta questão deve ser tratada com muita ponderação.

⁴ “Colorido não significa excesso de cor”. Mahnke, F. (2003). in *Lecture: Psycho-physiological effects of color*. FAUTL Lisboa. (Tradução livre).

⁵ “Não há ambientes neutros. O neutro não existe”. Op. cit.

⁶ “Apesar de ser verdade que os edifícios são propriedade privada, o aspecto das nossas cidades é um assunto público” - Bruno Taut, (1921). “Magdeburger Zeitung”, in Düttmann, M. & Schmuck, F. & Uhl, Johannes. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p 22. (Tradução livre).

São áreas urbanas onde residem populações de muitas etnias, de diferentes culturas, algumas vezes massivamente concentradas em habitats com os quais não estão familiarizadas, com poucas capacidades económicas, com baixo índice cultural e de educação. São zonas de conflitos sociais e raciais, onde muitas vezes faltam espaços envolventes cuidados e/ou equipamentos exteriores de lazer.

Sendo bairros construídos com orçamentos limitados, a utilização de certos materiais é reduzida e a construção nem sempre tem grande qualidade. Não sendo regra, verificamos que por vezes é uma arquitectura de construção pobre, de *caixas* alinhadas e de volumetrias reduzidas. A tendência é a de aplicar a cor como forma de enriquecer essa arquitectura, o que é positivo; mas a forma como se aplica é que provavelmente não é pautada por critérios baseados ou sustentados em conhecimentos mais profundos sobre a cor.

Em algumas áreas das nossas cidades não existe uma utilização consciente da cor. Alguns arquitectos introduzem-na no ambiente urbano mas lamentavelmente muitas vezes sem critério, apenas como cosmética. (Silva, M. 1999). O resultado pode ser visualmente agradável para uns, desagradável para outros, suscitar aprovação ou desagrado. Pode ser mais ou menos colorido, cromático ou acromático, mas será que alguém se questiona se estará correcto do ponto de vista das consequências e dos efeitos que essas cores podem ter sobre os seus habitantes?

“No matter how depressing and desolate a street may be, no matter how ugly the shapes of its buildings are, colour will brighten them up and make the people who live there a little happier. This effect of color on the emotions has been tested many times in past years, and there can be absolutely no doubt that it exists”. (Taut 1925).⁷

Segundo o sociólogo americano Lee Rainwater, os mais pobres da sociedade têm como principal preocupação o abrigo/protecção – do clima, dos roedores, dos insectos, das outras pessoas.

⁷ “Não importa quão deprimente e desoladora possa ser uma rua, não interessa quão feias sejam as formas dos seus edifícios, a cor vai fazê-los resplandecer e tornar as pessoas que os habitam um pouco mais felizes. Este efeito das cores nas emoções foi provado muitas vezes no passado, e não há nenhuma dúvida de que existe”. Taut. (1925). “Rebirth of Color”, in Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p14. (Tradução livre).

A classe trabalhadora acrescenta a estes requisitos básicos a necessidade de conforto. A classe média acrescenta a necessidade de espaço, os materiais e a cor. A classe mais alta necessita que tudo isto seja conseguido, misturando algum estilo. Finalmente os muito ricos desejam que o conjunto seja num estilo *chic*. (Oscar Newman, *in* Porter e Mikellides, 1976). Mas, ainda segundo este autor, mesmo os grupos mais baixos estão muito conscientes do uso da cor, texturas e aparência. Os residentes em bairros sociais, de blocos alinhados todos iguais, gostam de enriquecer e personalizar as suas casas.

Para Bruno Taut a missão de introduzir a cor na cidade era claramente...

... “not aesthetic, but ethical, since the aim was to give the inhabitants of the most sordid tenement house and the most sinister rear court a spark of *joie de vivre*, however modest”. (Taut 1925).⁸

Por outro lado uma má utilização da cor, uma aplicação sem critério, sem fundamento e sem conhecimento pode alterar a percepção do edifício e da sua volumetria reduzindo o seu valor arquitectónico, e consequentemente piorar a qualidade do ambiente urbano.

Segundo Harald Küppers (2002), 80% das informações que o ser humano recebe são de natureza visual, proporcionando informação acerca das formas e das cores. De todas as informações recebidas supõe-se que 40% se referem à cor, o que ajuda a perceber a sua importância, seja como meio portador de informação, seja como uma manifestação estética.

A percepção da cor ambiental produz sempre efeitos visuais, associativos, sinestésicos, simbólicos, emocionais, e fisiológicos. (Manhke 1996, Moreira da Silva 1999). Por isso a cor não deve ser um elemento secundário, mas sim uma parte integrante do processo projectual e um aspecto a ter em consideração em todas as áreas urbanas, particularmente nas que nos propomos estudar.

⁸ ... “não estética mas ética, uma vez que a intenção era dar aos moradores das habitações mais sórdidas e das traseiras mais sinistras, um bocadinho de alegria de viver, ainda que modesta”. Bruno Taut, (1925) citado por Brenne, W. (2001). Réhabiliter l’architecture colorée de Bruno Taut. *L’architecture d’aujourd’hui. Couleur*. 334, mai-juin 2001. p 50. (Tradução livre).

1.4.2 Relevância do Estudo

Se em Portugal tem havido poucos estudos sobre o tema da cor, qualquer investigação nesta área é útil. Sendo a cor da habitação social uma área onde pouco ou mesmo nada se estudou, justifica-se que se faça.

Toda a utilização da cor deve pressupor um estudo. Mas no que diz respeito à utilização da cor nos bairros sociais, porque são zonas problemáticas, de conflitos sociais e raciais e onde pode existir um clima pesado por vezes até perigoso, essa utilização deve fazer-se de um modo muito mais ponderado, e por isso mais fundamentado. E ainda que as aplicações cromáticas possam ter resultados finais idênticos aos de outras áreas urbanas, os pressupostos que à partida se vão utilizar devem ser diferentes.

Uma utilização consciente da cor pode contribuir para minimizar alguns problemas de ordem social, pode interferir no modo como as pessoas se relacionam entre si e com o ambiente que as envolve. Pode levar a uma diminuição da destruição das fachadas com “*escrita vandálica*”⁹ se os habitantes sentirem como seu aquele espaço, se encontrarem nele referências culturais que os façam sentir como parte integrante da sociedade. Pode ajudar a que preservem melhor o ambiente por se sentirem identificados com ele. “*O indivíduo não defenderá o seu espaço se não se identificar com ele*”... (Augusto 1998).

Para a maioria é difícil, se não impossível, conhecer o ambiente construído que nos rodeia, o que geralmente tem consequências negativas. Não conhecer o ambiente leva-nos a reagir contra ele, ou a ter atitudes negativas em relação a ele. (Porter e Mikellides 1976).

“Desenraizados do território que habitam, não se identificando com ele, nem reconhecendo aí quaisquer elementos que para si tenham significado específico, maltratam o espaço, repudiam-no e destroem-no”. (Farinha 1997, p133).¹⁰

⁹ Terminologia utilizado por José Aguiar na Conferência *Cor e Património* na Associação de Arquitectos, Lisboa. (2003).

¹⁰ Manuel Farinha (1997). Habitação Social – Perspectivas de Intervenção. *Cadernos de Urbanismo, I Fórum Nacional Urbanismo e Autarquias*, 11 e 12 Março de 1997.

A importância de conhecer o ambiente físico em que nos movemos, de nos integrarmos nele de forma positiva, pode passar pela aceitação desse espaço como nosso, com um ambiente cromático com o qual nos identificamos e não o considerarmos uma “terra de ninguém” de uma qualquer entidade camarária.

A cor pode assim contribuir para a melhoria da qualidade de vida e das relações sociais dos habitantes.

1.5 Delimitação do Estudo

Por ser necessário delimitar o espaço geográfico deste estudo, circunscrevemo-nos a Lisboa, onde vários exemplos de intervenções cromáticas em bairros de habitação social nos serviram de referência para determinar se de facto a aplicação da cor tem (ou não) sido feita com critérios fundamentados e estudados, e quais têm sido esses critérios.

No período abrangido por esta investigação, fixámo-nos apenas nas construções sociais consideradas “definitivas”, embora muito mais se tenha construído no Município de Lisboa em termos de Habitação Social ao abrigo de outros programas não incluídos neste estudo.

Falamos de programas como o *Programa das Casas Desmontáveis*, da construção de *Bairros Municipais provisórios*, (que presentemente se encontram totalmente demolidos), dos programas ou projectos de apoio à construção local – SAAL – Serviços de Apoio Ambulatório Local, ou mesmo de outros tipos de apoio promovidos pelo Município às construções das Cooperativas de Habitação.

Por toda a cidade encontrámos bairros de construções económicas que ao longo do tempo e com as alterações sociais acabaram por se transformar em bairros de habitação de grande procura. É o caso de alguns dos Bairros de Casas Económicas do Estado Novo, que inicialmente construídos para um grupo de utentes de classe média menos favorecida, acabaram por se transformar em locais de habitação privilegiados.

Embora muitos dos bairros sociais referidos neste estudo já não estejam sob a tutela ou gestão dos Serviços Municipais, porque as habitações foram entretanto

adquiridas pelos moradores e pertencem aos familiares descendentes, foram incluídos neste trabalho, e referidos no *Capítulo V - Pesquisa de Campo*.

Os bairros existentes, foram obra do Estado ou da Autarquia para tentar resolver o problema da habitação dos mais desfavorecidos economicamente. Consideramos que são ainda hoje importantes manchas construídas na cidade de Lisboa, e consideramos também e acima de tudo a sua importância social e histórica, uma vez que foram o resultado das primeiras medidas tomadas no âmbito deste tipo de habitação.

Não pretendemos fazer a história da habitação social em Lisboa. Em todo este estudo não era importante determinar o tipo de financiamento ou quais as entidades que se associaram para levar a cabo as construções, nem compreender as diferentes políticas de habitação cujos decretos e legislação estiveram na origem de muitos programas que levaram à construção dos muitos bairros e fogos que existem neste sector. Também não pretendemos compreender como foi feita a atribuição das casas, ou quais os critérios utilizados na sua distribuição.

Fizemos algumas referências a estes pontos sempre que achamos necessário apenas para poder compreender como os conceitos foram evoluindo.

Limitámo-nos a identificar o que existe, que foi concluído até meados de 2004 e que na sua origem foi construído com o propósito de ser habitação de carácter social, no perímetro do Município de Lisboa.

Por uma questão de metodologia identificamos o existente, e só depois escolhemos alguns conjuntos e respectivos autores como amostra para este estudo.

1.6 Design da Investigação e Organigrama

O presente trabalho foi estruturado tendo como fundo a cidade de Lisboa e os bairros de construção de carácter social, desenvolvendo-se para isso uma pesquisa bastante exaustiva no sentido de identificar o parque habitacional construído.

A observação de várias intervenções cromáticas realizadas, aliada ao reconhecimento de que não existia formação ou informação sobre cor em nenhum dos cursos de Arquitectura, nomeadamente uma disciplina que estudasse o assunto, levou-nos a colocar a(s) questão(ões) da investigação.

Depois de alguma consulta documental e observação da realidade, formulou-se a Hipótese da Investigação, que seria comprovada através de uma metodologia não intervencionista, descritiva, qualitativa, mista, (pesquisa de campo e pesquisa por entrevista semi-estruturada), como se apresenta no Organigrama nas páginas seguintes.

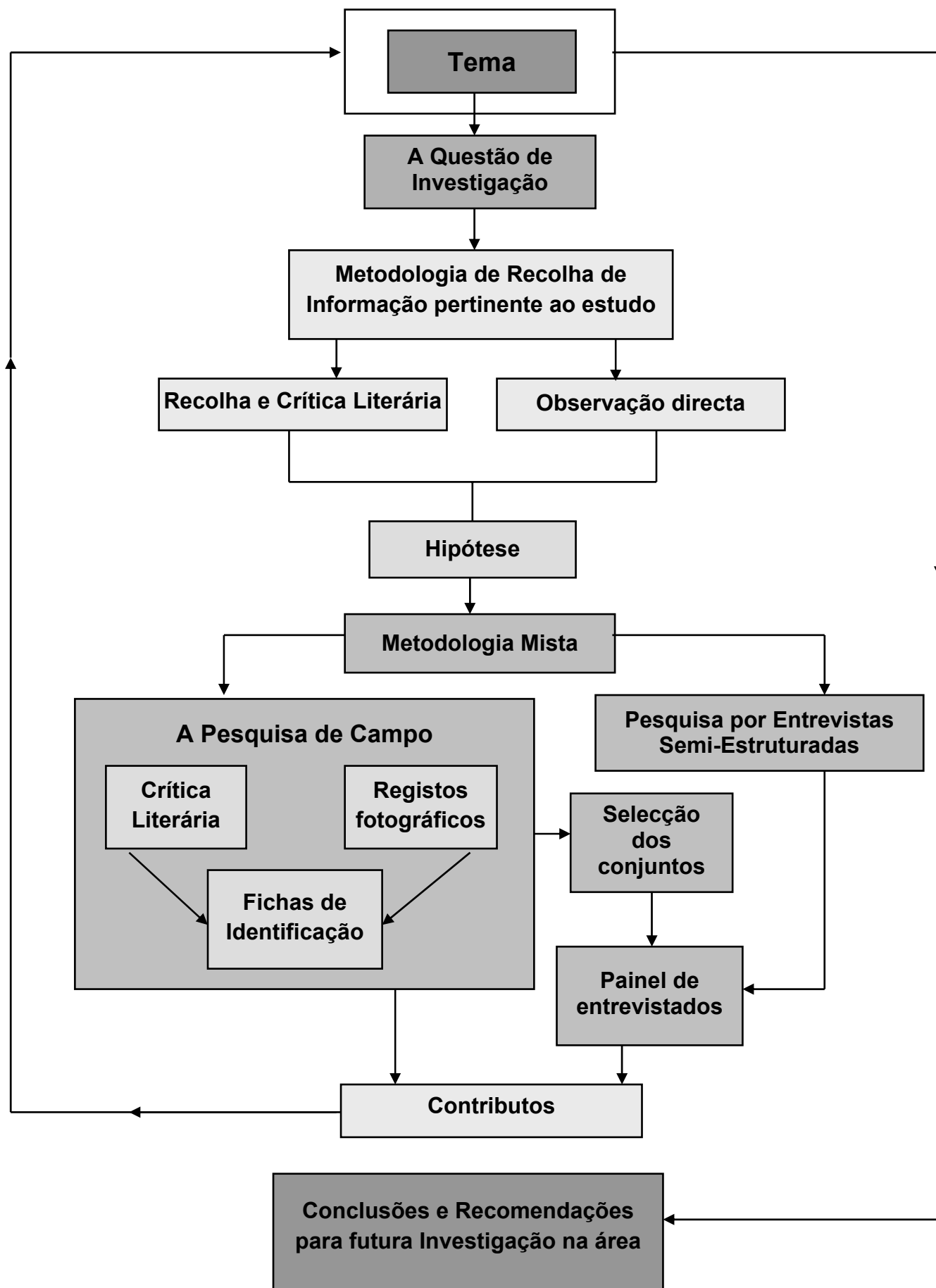
A Pesquisa de Campo, consistiu na observação directa da realidade, suportada por uma recolha de informação documental e crítica literária, e complementada por registos fotográficos, o que permitiu reunir uma vasta informação sobre todos os conjuntos habitacionais existentes na cidade de Lisboa. Essa informação foi sistematizada em Fichas de Identificação dos Conjuntos, apresentadas no Capítulo V. Desses conjuntos foram seleccionados apenas alguns, e os seus respectivos autores constituíram o painel de entrevistados.

A pesquisa por entrevista semi-estruturada permitiu recolher os depoimentos desses autores responsáveis pelos projectos cromáticos.

Do conjunto de todas as informações recolhidas, tratadas e sistematizadas resultou um contributo para o conhecimento.

As conclusões e a comprovação da hipótese, assim como as recomendações para futuras investigações na área sugerem caminhos de estudo que o espaço de tempo disponível para esta Dissertação não permitiu abordar.

Organigrama



1.7 Disseminação da Dissertação

No **presente Capítulo** apresenta-se o projecto de investigação, os objectivos e a relevância do estudo assim como o enquadramento teórico, que permitiram compreender a importância de estudar a cor nestas áreas urbanas.

No **Capítulo II**, estuda-se a cor na arquitectura, focando a sua importância na definição e caracterização dos espaços urbanos, as suas funções no ambiente construído, assim como se referem os aspectos que se relacionam com os seus efeitos sobre os utentes desses espaços.

Aborda-se ainda como referência parte da obra de Bruno Taut, e salienta-se a importância da cor na habitação social.

No **Capítulo III** estuda-se em particular a habitação social em Lisboa, com a intenção de compreender a especificidade destas áreas, os aspectos sociais que envolvem os habitantes, a evolução do próprio conceito e os sucessivos programas adoptados ao longo do período considerado neste estudo – os últimos 70 anos (entre 1933 e 2004).

No **Capítulo IV** formula-se a hipótese da investigação e explicam-se os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento deste estudo.

No **Capítulo V** identificam-se e caracterizam-se todas as áreas de carácter social existentes – informação sistematizada nas *Fichas de Identificação* – e regista-se em imagens a situação actual dos bairros e conjuntos habitacionais de carácter social em termos cromáticos, (imagens apresentadas na totalidade em CD anexo).

Referem-se os conjuntos que serviram de base ao estudo, seleccionados de entre a totalidade dos apresentados nas *Fichas de Identificação*, assim como os respectivos autores que constituíram o painel dos entrevistados. Analisam-se as entrevistas semi-estruturadas realizadas aos mesmos.

No **Capítulo VI** apresentam-se as conclusões da dissertação e as recomendações para futura investigação na área.

Capítulo II - A Cor na Arquitectura

2.1 Introdução

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos da cor, particularmente a sua importância enquanto elemento indissociável da arquitectura, o seu papel na melhoria da qualidade do espaço urbano, e o contributo para uma imagem positiva do ambiente construído.

Estudaremos também os aspectos que se referem aos efeitos psicofisiológicos sobre as pessoas, e a importância da cor na habitação social.

2.2 Cor e Arquitectura

A Cor é a luz tornada visível através da interacção com as várias superfícies. São as superfícies, quer sejam opacas ou translúcidas, que tornam a cor visível.

A aparência da cor no ambiente depende de três variáveis – da luz, da superfície e da distância, cada uma delas até certo ponto possível de ser controlada. (Lancaster 1996).



Fig. 1. Cores de Bruno Taut

www.berlin-info.com/eng/e_index.htm
www.kisbee.co.uk/sarc/ext-sa/taut.htm

"Wherever light is, there colour must be" (Taut 1925).¹¹

A Cor no ambiente urbano pode ser observada sobre vários pontos de vista: a influência na imagem das cidades, o papel na modificação da paisagem, a criação de pontos de referência para orientação ou a influência sobre os seres humanos que vivem rodeados por espaços coloridos.

Qualquer decisão sobre novas construções ou sobre a recuperação das existentes implica sempre uma decisão cromática, que não deve ser menosprezada.

¹¹ "Onde quer que haja luz, existe cor". Bruno Taut. (1925). *Rebirth of Colour*, in Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p14. (Tradução livre).

“Telle la peau sur l’ossature, la couleur habille l’ordre rationnel de la structure. Elle s’en détache parfois avec l’évidence immédiate de la perception, l’occultant. Parfois, au contraire, elle l’accompagne, le révélant. Toute l’histoire de l’architecture raconte les vicissitudes de ce couple, tantôt harmonieux, tantôt désaccordé. (Paczowski 2001, p 40).¹²

A cor com a sua função simbólica, cultural, social e estética, sempre esteve presente nas várias etapas ao longo da História da Arquitectura – quer com um carácter simbólico e mágico nos primeiros abrigos construídos, quer como uma forma de ornamentação, quer como elemento indissociável da própria arquitectura na definição e caracterização dos seus espaços, formas, volumes e superfícies.

Desde a policromia da antiguidade clássica (os templos gregos foram falsamente considerados como não tendo outra cor que não fosse a cor natural da pedra), foi sucessivamente passando por períodos de maior ou menor utilização. Podemos observá-la nos mosaicos, (romanos e bizantinos), nos vitrais das catedrais góticas, nas fachadas revestidas de materiais coloridos do Renascimento ou através da aplicação directa de pintura, como revestimento e protecção. A cor sempre esteve presente.

Um exemplo mais recente de uma nova forma de utilizar a cor é a Casa Schröder (1924-1925) de Gerrit Rietveld que representou um ponto importante na evolução da arquitectura do séc. XX, por ser uma obra inovadora e avançada para a sua época, pioneira de uma nova visão sobre o modo de construir o habitat do futuro.



Fig. 2. A Casa Rietveld Schröder

<http://home.worldonline.dk/jgkjelds/sh.html>

Segundo Van Doesburg, do movimento

¹² “Tal como a pele sobre a ossatura, a cor reveste a ordem racional da estrutura. Por vezes destaca-se com a evidência imediata da percepção, ocultando-a. Outras vezes, pelo contrário, acompanha a estrutura revelando-a. As vicissitudes desta dupla, às vezes harmoniosa outras vezes em desacordo, cruzam toda a história da Arquitectura”. Paczowski, (2001). «Couleur, peau et structure» in *L’architecture d’aujourd’hui - Couleur*. nº 334, Maio/Junho 2001. (Tradução livre).

De Stijl, onde esta obra se enquadra, o equilíbrio das relações arquitectónicas torna-se uma realidade visível só através do uso da cor.

A cor passou a ser utilizada para fazer realçar ou diminuir a profundidade de uma superfície e era aplicada por vezes para dar a noção de continuidade, passando de uma parede a outra, destruindo visualmente os limites.

Aos períodos de maior contenção no seu uso, seguem-se períodos de maior exuberância, como no caso do movimento Pop, ou do Pós Modernismo, caracterizados por uma utilização profusa de cor que não deixou de influenciar arquitectos portugueses como Tomás Taveira, autor do Bairro do Condado em Chelas, o mais colorido de Lisboa.

Arquitectos como Le Corbusier (que tentou a sistematização de um código cromático semelhante ao que definiu para as proporções no Modulor), Luís Barragán ou Ricardo Legorreta, continuam a influenciar as mais novas gerações de arquitectos, numa utilização da cor sem timidez.



Fig. 3. Bairro do Condado
Foto do autor

2.2.1 A Importância da Cor no Espaço Urbano

O conteúdo ou a carga emocional de um ambiente deve ser um dos objectivos mais importantes a ter em consideração, para se conseguir um projecto arquitectónico apropriado. Isto aplica-se também ao projecto cromático, porque através do uso da cor (além de outros aspectos), arquitectos e designers, são responsáveis pelo clima/ambiência do espaço arquitectónico, pela maneira como experimentamos esse ambiente assim como pelos estímulos visuais que recebemos.

A cor, a luz, os padrões, as texturas entre outros elementos são uma percepção sensorial que comunica uma impressão ao utilizador e essa impressão desencadeia uma reacção emocional, que pode afectar o nosso bem-estar físico.

Os projectistas devem criar ambientes convidativos, que preservem o bem-estar físico e mental dos seus utilizadores, lugares onde as pessoas se possam sentir bem.

Devem também estar conscientes de que as suas opções cromáticas nem sempre preenchem as necessidades e as aspirações dos utentes, para além de que os conceitos sobre o que é ou não belo raramente são unânimes.

E se a arquitectura deve servir a comunidade torna-se necessário encontrar uma forma de satisfazer tanto as necessidades dos utentes como as preferências estéticas do arquitecto (Mahnke 1996).

Um ambiente urbano equilibrado pode e deve respeitar as necessidades dos utentes e preservar o seu bem-estar.

Esse equilíbrio pode conseguir-se através de uma variedade de estímulos visuais e do uso da cor, aplicando-a em diferentes graus de luminosidade (claro e escuro), de temperaturas (quente e frio) e de intensidades (forte e fraca).

Devem harmonizar-se as tonalidades das cores dominantes, sub dominantes e de acentuação, e ter em atenção a área onde estas são utilizadas, assim como o uso de contrastes de cor em condições de visibilidade agradáveis. Deve também prestar-se atenção aos princípios da percepção visual, para que o uso da cor possa ajudar a ler os edifícios, em vez de lhes destruir o ritmo ou mesmo modificar a percepção das formas e dos volumes. E ainda usar variedade e contraste dentro de parâmetros, equilibrando “unidade e complexidade”, conceitos referidos por alguns investigadores.

Segundo Crewdson (1953)¹³, a variedade é necessária para atrair e despertar o interesse, assim como a unidade é essencial para criar uma impressão favorável e satisfazer a disposição e os desejos. Demasiada variedade cria confusão e é desagradável. Demasiada unidade cria monotonia. Para se conseguir um bom projecto de cor, é necessário saber posicionar-se entre estes dois extremos.

“Variety is indeed the spice - and needed substance - of life” (Birren 1983, Mahnke 1996, p 26).¹⁴

¹³ Crewdson (1953), citado por Mahnke, F. (1986). *in Color, Environment and Human Response*. New York: John Wiley & Sons. p 26.

¹⁴ “A variedade é realmente o tempero e a substância necessária à vida”. (Tradução livre). Op. cit.

2.2.2 As Funções da Cor no Ambiente Construído

A cor tem mais do que uma função estética ou decorativa, embora estes aspectos devam sempre ser considerados:

- A cor pode integrar com harmonia os edifícios na paisagem circundante, ou fazê-los sobressair. Pode reduzir o impacto visual, aligeirando o peso de estruturas de grande escala.
- Pode equilibrar visualmente os edifícios – fazendo-os parecer pesados, leves, estáticos ou dando-lhes movimento visual.
- A cor pode acentuar as formas e os materiais, equilibrar as proporções e a escala.
- A cor pode transformar edifícios monótonos e pardos em edifícios de aparência agradável, criando dinamismo, vivacidade e ritmo.
- A cor suporta a função do edifício e as tarefas que se desenrolam nele. Pode conferir-lhe identidade, expressando o seu carácter e/ou imagem.
- Pode individualizar a propriedade, demarcando as fronteiras e os limites.
- A cor pode acrescentar interesse visual aos edifícios, enfatizando planos, volumes, profundidades e acentuando os ritmos recortados das fachadas exteriores.
- Pode torná-los bem proporcionados ou distorcidos, mudar a maneira como percebemos as fachadas, especialmente se não prestarmos atenção aos princípios da Psicologia da Gestalt.
- A cor pode ajudar a ler os edifícios, em vez de lhes destruir o ritmo ou mesmo modificar a percepção das formas e dos volumes da arquitectura, devendo para isso ser observados os princípios da percepção visual.
- Influencia a aceitação, a afirmação e o efeito dos espaços arquitectónicos.
- A cor pode ser usada como meio de comunicação – dando-nos informações, de modo a sabermos onde estamos ou como nos podemos orientar.

- Veicula e transmite mensagens simbólicas e contribui para ordenar, diferenciar e clarificar sinais visuais.

Através de um projecto preciso e bem estruturado, a cor pode transformar e melhorar a qualidade do meio ambiente urbano.

“Color in itself is a tool for the ambience we wish to choose....Color is the alphabet; with this alphabet we form the words; but the words, the statement, must be appropriate” (Mahnke 1996, p130). ¹⁵

2.3 Os Efeitos Psicofisiológicos da Cor

A cor é um estímulo visual causado por certos tipos de radiação luminosa que é captado do mundo exterior pelos nossos olhos e é transmitido ao nosso mundo interior através do aparelho visual, para ser reconhecido e interpretado pelo cérebro. Mas “ver” a cor é um processo mais profundo e complexo, que uma simples percepção óptica de estímulos e a resultante estimulação fisiológica das células sensoriais do córtex cerebral. Aos estímulos coloridos recebidos do mundo exterior corresponde uma reacção do mundo interior, a nossa psique.

Os efeitos da cor desencadeiam-se no nosso organismo pela percepção. O papel da percepção da cor não se limita a proporcionar o conhecimento das coisas do mundo exterior; está profundamente ligada com a experiência pessoal, e pode influenciar o estado interior, as atitudes ou mesmo o bem-estar do observador.

Os seres humanos processam a cor consciente e inconscientemente, e pode afirmar-se que a cor está na mente, está no nosso interior e é uma parte da nossa psique. É uma sensação que activa simultaneamente os nossos pensamentos e o nosso mecanismo cognitivo. (Mahnke 1996).

Do ponto de vista da psicologia da cor, esta é uma percepção sensorial que o cérebro recebe e interpreta. A sensação de cor é uma experiência completa para o ser humano e é essencial para a sua vida, como o foi ao longo dos tempos para a sua sobrevivência.

¹⁵ “A cor em si é uma ferramenta na criação do ambiente que desejamos. A cor é o alfabeto; com este alfabeto formamos as palavras; mas as palavras, o discurso, devem ser apropriados”. Mahnke. (1996). *Color, Environment and Human Response*. John Wiley & Sons. (Tradução livre).

A percepção da cor no meio ambiente natural ou artificial, possui efeitos visuais, associativos, cinestésicos, simbólicos emocionais e fisiológicos (Mahnke, 1996). Segundo o mesmo autor, há seis factores básicos que influenciam a experiência da cor nos seres humanos e que são organizados na *Color Experience Pyramid*:

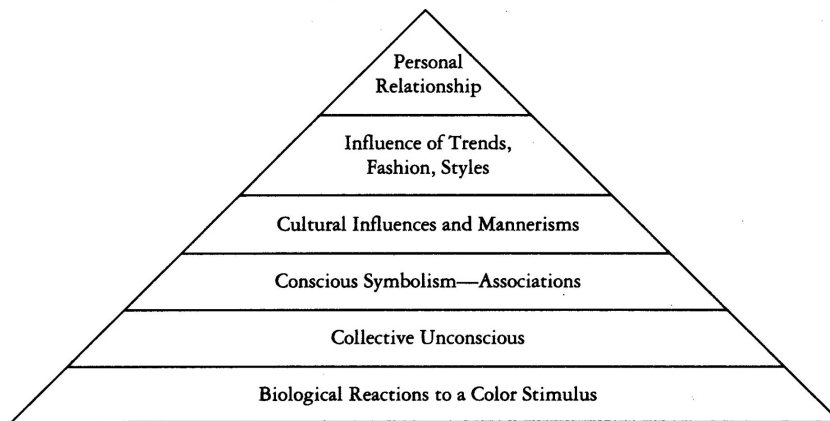


Fig. 4. Pirâmide de Mahnke (1996)

- 1- Reacções biológicas a um estímulo colorido.
- 2- Inconsciente colectivo.
- 3- Associações simbólicas conscientes.
- 4- Influências culturais e maneirismos.
- 5- Influência de tendências, modas e estilos.
- 6- Relação pessoal (influenciada por todos os outros níveis).

Porque a cor é criada pela luz solar que é uma radiação electromagnética, podemos dizer que a cor é uma radiação e também uma forma de energia, e que essa energia afecta as funções corporais do mesmo modo que influencia a mente e as emoções.

Os efeitos fisiológicos das cores principais podem ser avaliados e medidos, como tem sido investigado através de algumas experiências e pesquisas modernas. Portanto a cor influencia o funcionamento do organismo humano.

Segundo Birren (1978), há reacções biológicas diferentes aos dois extremos do espectro, vermelho e verde ou azul. Nos seres humanos o vermelho tem tendência para elevar a pressão arterial, a pulsação, a respiração, a transpiração e a excitar as

ondas cerebrais. Manifesta-se alguma reacção muscular (tensão) e maior frequência do pestanejar.

O azul tende a ter efeitos contrários, a baixar a pressão arterial e as pulsações. A reacção da pele é menor e as ondas cerebrais diminuem. Segundo Birren (1950) sob a influência do azul subestimamos o tempo e avaliamos os pesos como sendo menores do que realmente são.

A região do espectro próxima do verde é mais ou menos neutral. As reacções ao laranja e amarelo são semelhantes às reacções ao vermelho, mas menos pronunciadas. As reacções ao púrpura e violeta são semelhantes às reacções ao azul.

As reacções às principais cores, as suas propriedades psicológicas e as impressões que transmitem, podem ser assim resumidas:

Vermelho – Físico. É a cor com o maior comprimento de onda, e ao atrair a nossa atenção em primeiro lugar, tem a característica de parecer mais próxima do que na realidade está. O vermelho dá-nos a impressão de que o tempo passa mais depressa do que na realidade acontece. Como já foi referido tende a provocar um aumento da pressão arterial, da pulsação, da respiração, da transpiração e a excitar as ondas cerebrais. É a cor mais antiga usada pelos seres humanos. É cor de entre as cores e em várias linguagens é sinónimo de cor, beleza ou mesmo riqueza.

É poderosa, física, quente, excitante e estimulante; desperta, é energética. Nos seus aspectos negativos: pode ser agressiva, tensa e impor-se demasiado.

Laranja – O laranja forte é excitante e estimulante. O claro é apazível e provoca associações positivas. É morno e luminoso, sensual e confortável. As reacções são semelhantes às do vermelho mas menos acentuadas. Aspectos negativos: frustração imaturidade, privação, frivolidade.

Amarelo – Emocional. O amarelo, com um comprimento de onda relativamente longo, é estimulante e aumenta a actividade motora. As reacções são semelhantes às do vermelho mas menos acentuadas. O seu estímulo é mais emocional, provoca tensão e liberdade.

É alegria, vivacidade, actividade, optimismo, confiança, criatividade, sugere o sol, é reflector, expansivo e luminoso.

Aspectos negativos: ansiedade, medo, fragilidade emocional, depressão.

Verde – Equilíbrio. Como se situa numa zona mais ou menos neutral, a zona mais central do espectro visível, não requer ajustamentos do olho. Por isso representa o equilíbrio. Quando puro é relaxante. O verde-claro é tranquilo, refrescante, calmo e natural, evoca a água e a vegetação. A luz verde é aprazível e agradável e mais calmante que a luz vermelha.

Aspectos negativos: aborrecimento, estagnação, é a cor do bolor e da deterioração.

Azul – É segundo as pesquisas a cor preferida na civilização ocidental. É repousante relaxante, e agradável. A luz azul provoca uma descida da tensão arterial e da pulsação, seguindo-se uma reacção acelerada e um aumento da tensão, (Birren 1961), assim como uma diminuição da actividade. O azul violeta e a luz azul aumentam a concentração interior, acalmam e ajudam a concentração, É a cor da espiritualidade do intelecto, da sabedoria e da lógica.

Origina impressões de: calma, serenidade, segurança, sobriedade, contemplação, confiança, conforto, reflexão.

Impressões negativas: é ameaçador, deprimente, distante, e frio.

Púrpura/violeta – Espiritual. É a cor de menor comprimento de onda, e é uma mistura de vermelho e de azul, as duas cores opostas. O púrpura como também é denominado pode ser real, majestoso e digno; proporciona contemplação e meditação ou é apenas muito triste, decadente e introvertido nas suas associações negativas.

Branco – A reflexão total da luz, por isso é forte, intenso e claro. É sofisticado, puro, higiénico e estéril. Visualmente dá-nos uma percepção aumentada do espaço.

Aspectos negativos: estéril, frio, intimidante, elitista.

Preto – A absorção de todas as radiações, e de todas as energias. Pode expressar elegância, estatuto, riqueza, dignidade, sofisticação, segurança emocional.

Aspectos negativos: é ameaçador, frio, pesado, opressivo, desconhecido.

Cinzentos – psicologicamente é neutro, embora conservador e calmo;

Aspectos negativos: falta de confiança, aborrecimento, entediante, passivo, sem energia, húmido, depressivo.

Todas as cores desencadeiam associações psicológicas que se devem distinguir das associações simbólicas.

Segundo Ângela Wright (2000) é importante compreender que há diferenças entre a psicologia da cor e o simbolismo da cor. Muitas vezes se confunde o simbolismo (as associações conscientes que estamos condicionados a fazer, por influências culturais) com as associações psicológicas, porque por vezes as essas associações são semelhantes ou mesmo coincidentes.

A cor é importante para o bem-estar e devia ser sempre uma influência positiva, porque usada sem conhecimento, propósito ou objectivo pode tornar-se um factor negativo de influência e causar alguns distúrbios físicos e psicológicos.

2.4 O Aspecto Neuropsicológico da Cor

A Neuropsicologia é a ciência que estuda a estrutura do sistema nervoso e as suas relações com os órgãos e outras partes do corpo.

Toda a informação sensorial que recebemos do mundo exterior se processa no cérebro. Percepcionar estímulos visuais como os coloridos, envolve o nosso mecanismo cognitivo e através de uma rede interpretações tentamos compreender aquilo que vemos. As estruturas cerebrais recebem toda a informação, interpretam e regulam os mecanismos corporais.

Quando os impulsos sensoriais atingem o Sistema Nervoso Central (que é constituído pelo cérebro e espinal medula, e é o centro de controle do comportamento humano), desencadeiam-se uma série de acontecimentos nervosos. A luz penetra no olho humano, atinge a retina e é convertida em impulsos eléctricos, desencadeando-se a actividade neural que passando ao longo do nervo óptico, atinge o hipotálamo, a parte do cérebro que regula a actividade hormonal e o sistema endócrino.

Apesar de ser um processo de que não temos consciência, o facto é que os nossos olhos e o nosso organismo estão constantemente a adaptar-se a diferentes comprimentos de onda e às consequentes alterações.

O cérebro contém centenas de milhões de células, interligadas por triliões de ligações, com transacções inúmeras e imperceptíveis que ocorrem no interior do Sistema Nervoso Central a todo e qualquer momento (Mahnke1996).

Porque a cor é um dos mais intensos e fortes estímulos que recebemos, é importante compreender como esta informação é processada no cérebro e como o comportamento humano é influenciado.

Por isso quando usamos Cor devemos estar conscientes de todos estes processos, e dos principais órgãos neles intervenientes:

- O *córtex cerebral* contém 90% de todas as células nervosas, recebe e interpreta os impulsos sensoriais e é responsável pela percepção, memória, pensamento, capacidade mental e intelecto.

- O *cerebrum* (ou parte anterior do cérebro) – controla os processos voluntários e conscientes. É composto por dois hemisférios: o hemisfério direito regula o lado esquerdo do corpo e vice-versa.

O hemisfério direito controla a comunicação não verbal – a arte, a música, a criatividade, a intuição, a imaginação, a informação visual e as formas tridimensionais.

O hemisfério esquerdo controla os aspectos científicos do pensamento, a linguagem, a racionalização e a lógica.

Para aprender e apreciar a cor, a maior parte do trabalho é realizada pelo lado direito, mas para ter credibilidade e comunicá-la, deve encontrar-se um modo de traduzir o conhecimento nos termos do lado esquerdo.

- O *tálamo* é a região para onde convergem os impulsos da visão, a audição, o gosto e o tacto.

- O *hipotálamo* regula a pressão sanguínea e a temperatura corporal. Traduz as emoções em respostas físicas, enviando sinais de mudanças fisiológicas através do sistema nervoso e através da libertação de hormonas da glândula pituitária, quando se geram na mente fortes reacções emocionais.

- A *glândula pituitária* é a glândula endócrina principal e aquela que influencia a actividade das outras glândulas.

- O *Cerebelo* é responsável pela coordenação muscular, sentido de equilíbrio, e movimentos coordenados.

- *Formação Reticular* - todos os impulsos transmitidos pelos nervos aferentes ao atingirem os centros mais elevados do Sistema Nervoso Central (CNS), em primeiro lugar activam uma parte do cérebro, a *formação reticular*, que de seguida vai activar todo o Sistema Nervoso Central, influenciando o estado de alerta do indivíduo. Isto foi designado como Sistema de Activação Reticular Ascendente (ARAS).

Além do ARAS, existe o DRAS (Sistema de Activação Reticular Descendente), cujos impulsos descem do córtex pela formação reticular. O nível de estimulação ou excitação dos seres humanos pode ser influenciado pelo ARAS antes dos impulsos terem atingido o córtex, ou pelo DRAS depois do córtex ter tido tempo de fazer uma análise. (Mahnke 1996).

Deve procurar entender-se esta «teoria da activação» porque ela está relacionada com a nossa resposta imediata e também com a resposta prolongada a um estímulo.

A activação divide-se em estimulação fásica e tónica. A excitação fásica implica a resposta imediata a um estímulo, enquanto a excitação tónica é o nível médio de resposta depois de um período prolongado, nível este que sobe ou desce em consequência das reacções da excitação fásica.

Assim todos os estímulos sensoriais ou mentais, impulsos exteriores ou interiores, resultam numa curta reacção temporária (fásica). Os efeitos repetidos vão alterar o nível da estimulação tónica, o que pode mudar o estado emocional do indivíduo. A formação reticular procura manter a normalidade dos níveis de estimulação mas por vezes pode não funcionar.

Muitas das informações do campo visual (ou estímulos visuais), afectam o ARAS (Sistema de Activação Reticular Ascendente), pelo que os utilizadores de cor (designers ou outros) devem dar especial atenção às pesquisas sobre os dois extremos de percepção sensorial, conhecidos como privação sensorial (monotonia) e sobrecarga sensorial (excesso de estímulos).

Os dois extremos de percepção sensorial são designados como: *Understimulation* e *Overstimulation*.

■ *Understimulation* (estimulação baixa)

Este conceito está associado a um ambiente com poucos estímulos e baixo nível de percepções sensoriais, que se caracteriza por criar uma atmosfera impessoal e estéril com falta de satisfação emocional, monocromática, monótona, com formas severas, fracos contrastes de cor e um ambiente frio.

Os ambientes monótonos e acromáticos são desajustados ao bem-estar dos utentes, porque provocam ansiedade, resposta emocional excessiva, dificuldade de concentração e outras reacções extremas. Podem causar a sensação de monotonia, diminuir a capacidade de concentração, de modo que a atenção flutua e enfraquece, e a percepção normal diminui.

■ *Overstimulation* (estimulação excessiva)

Podemos associar este conceito a ambientes com abundância de ruído visual, com formas arquitectónicas variadas, com movimento e exuberância, variedade de cor em espaços pequenos, cores fortes em combinações estranhas, excessiva cromatismo, contrastes violentos, com excessivo uso de desenhos e padrões, luminosidade alta, ou ainda confusos, emitindo mensagens com sinais contraditórios.

Estes ambientes provocam mudanças no ritmo respiratório, pulsação e aumento da pressão sanguínea, tensão muscular ou reacções psiquiátricas de vários tipos.

Como demonstrou a experiência de Rikard Küller (1976), a complexidade de um ambiente tem um efeito nos electroencefalogramas (EEG), na pulsação e provoca sensações de prostração. Curiosamente o electrocardiograma (ECG) mostrou que os batimentos cardíacos baixaram o que pode ser explicado pelo facto da atenção intensa poder ser acompanhada por uma desaceleração cardíaca, (Küller 1981).

A excitação excessiva provoca distracção e fadiga. Cores fortes demasiados padrões visuais e muita luminosidade, exigem atenção voluntária e involuntária.

2.4.1 Como a Cor do ambiente nos afecta

A cor e a luz são uma componente importante do nosso ambiente arquitectónico. Têm grande impacto nas nossas reacções psicológicas e no bem-estar físico. Investigações recentes comprovaram que a luz e a cor afectam o organismo humano numa vertente visual e não visual, assim como influencia os humanos fisiológica e psicologicamente.

Uma impressão de cor não é apenas um mecanismo visual, mas é também uma sensação que simultaneamente activa os nossos pensamentos e o nosso mecanismo cognitivo, provocando reacções fisiológicas e psicológicas.

A cor tem um conteúdo cognitivo e emocional, e influencia o comportamento humano, uma vez que faz parte do domínio do consciente, subconsciente e do inconsciente (Manhke 1996).

Como foi referido anteriormente a cor afecta as funções corporais do mesmo modo que influencia a mente e as emoções, desencadeando associações emocionais, simbólicas e estéticas.

Se o ambiente tem impacto nas emoções humanas então os projectistas devem ser cautelosos quando lidam com assuntos que podem afectar o equilíbrio emocional dos indivíduos.

Devem conciliar-se as aspirações estéticas e os gostos dos autores dos projectos com o conhecimento de que a cor no ambiente arquitectónico produz emoções, e que estas emoções têm efeitos psicossomáticos.

A Psicossomática é o ramo da medicina que estuda as inter-relações entre a mente (psique) e o corpo (considerando o homem como um todo) e o modo como ambos se influenciam mutuamente.

Sabemos que os factores psicológicos podem despoletar doenças, com sintomas físicos reais, e do mesmo modo algumas disfunções do organismo, algumas condições físicas desequilibradas, assim como podem provocar distúrbios psicológicos e problemas mentais.

Tanto quanto se sabe, o *stress* pode causar dores de cabeça, a ansiedade pode causar batimentos cardíacos mais rápidos, a cólera e a angústia podem afectar o

estômago. Factores psicológicos, podem originar úlceras gástricas, pressão arterial alta, palpitações, enxaquecas, artrite reumatóide, infertilidade e impotência.

A Psico-neuro-imunologia, (PNI) é um campo de estudo recente, cujas pesquisas demonstraram que existe uma relação próxima entre a psique e o bem-estar físico. Os cientistas (neurobiologistas, bioquímicos e imunologistas) têm comprovado que as emoções têm o poder de fortalecer o sistema imunitário, e consequentemente as pessoas têm menos probabilidades de se tornarem doentes.

Por outro lado um estado de espírito negativo pode enfraquecer as defesas, a imunidade diminui e o organismo adoece.

A cor não só produz associações e impressões objectivas e subjectivas, como também influencia a nossa percepção do volume, peso, temperatura, tempo e ruído. (Mahnke 1996).

As decisões sobre o design de ambientes construídos devem ser baseadas na compreensão de todos estes aspectos.

Qualquer projecto cromático deve combinar arte e ciência sem nunca deixar de ter o Homem como o centro da preocupação.

2.5 A Cor na Habitação Social

Durante a segunda metade da década de 20 do século passado, arquitectos como Walter Gropius, Hans Scharoun e Bruno Taut, foram pioneiros numa nova abordagem deste tipo de habitação, com projectos inovadores no campo das habitações sociais.



Fig 5 Hufeisensiedlung

<http://www.berlin-info.com/Foto-Taut.htm>

Estas construções (*Neues Bauen*), pretendiam criar espaços bem iluminados e arejados. A ideia era tirar os trabalhadores de *cortiços insalubres* e apertados e transferi-los para espaços convidativos e funcionais.

A habitação social inaugurou uma forma rápida e económica de construção através da utilização de elementos de fabricação padronizada e em série. Formas simples, fachadas coloridas assim como a concepção de espaços diferenciados, contribuíram para a identidade duma nova arquitectura social.

Bruno Taut foi seguramente o mais interessado nos problemas de aplicação da cor, tendo sempre em consideração as condições da luz ao planear os seus esquemas cromáticos.

No projecto *Waldsiedlung Zehlendorf* (1926-1932), apelidado de “Cabana do pai Tomás”, as superfícies que recebem a luz fria da manhã são pintadas com cores escuras (verde) e as orientadas para oeste com um profundo *vermelho de Pompeia* para agarrar os raios solares quentes da tarde e do entardecer.



Fig. 6 Duas imagens de Zehlendorf de Taut
(Lancaster 1999)

A complementaridade do vermelho e do verde em lados opostos das cinco ruas paralelas, reflectiam as condições da luz natural.

No caso da sua própria habitação de Dahalewitz perto de Berlim, o lado oeste está inteiramente pintado de branco, enquanto a fachada oposta virada para a rua é preta. A luz e o calor do sol da manhã são absorvidos para o interior da casa, graças às propriedades do preto de absorver os raios solares.

É certamente a primeira vez na história da arquitectura moderna que a cor é utilizada conscientemente e sem compromissos para explorar a energia de modo passivo tendo em conta factores físicos.
(Brenne 2001, p 48.)¹⁶.

Taut utilizou a cor de forma a aproveitar a luz, para expandir ou comprimir o espaço entre as fachadas de casas e em diferentes direcções.

¹⁶ Brenne, W. (2001). Réhabiliter l'architecture colorée de Bruno Taut, in: *L'architecture d'aujourd'hui. Couleur*. 334, mai-juin 2001.

Segundo a sua opinião, a aplicação dos esquemas de cor ao exterior, é um factor que na prática não é possível representar nas cartas de cor.

A relação entre a cor e a forma em que ela se apresenta, as relações entre áreas de cor de diferentes

tamanhos e a relação entre as áreas coloridas em diferentes fachadas, são factores que

segundo Taut não são tidos em consideração

nas teorias da cor, e

são tão vastos que não se podem resumir com justiça por escrito.

Taut projectou também a *Cidade-Jardim Falkenberg*, conjunto bastante inovador. Neste projecto, o arquitecto resgatou a ideia britânica das *ciudades-jardim* e traduziu-a com grande sensibilidade.

Os moradores tinham-se manifestado dizendo que gostariam de viver em casas com mais cores e pela primeira vez as suas opiniões foram vistas não como um incidente mas importantes para o planeamento. Este conjunto foi apelidado de *Paintbox Settlement*. (Caixa de Cores).

Taut projectou ainda o *Conjunto Habitacional Hufeisensiedlung*, (1925-31), o *Complexo Habitacional Carl Legien*, (1929-30), o *Conjunto Habitacional no Schillerpark* (1925-30).

Este último com uma diferença em relação a outros modelos seus de habitação social porque ao utilizar uma fachada de tijolo aparente criou uma mistura criativa de diferentes materiais que tornaram este conjunto inconfundível.



Fig.7 As cores de Falkenberg

<http://www.seidelschlosserei.de/products/gelaender.php>



Fig. 8 Hufeisensiedlung

www.kunst-und-kultur.de/Kuenstler/bin/bildeinzel/9233272532810/8

As habitações standardizadas que têm de ser assim construídas por razões económicas, podem ser individualizadas variando-lhes as cores. É na realidade uma forma muito prática de evitar o perigo da uniformidade. (Benhe 1913).¹⁷

A obra deste autor resistiu ao tempo e é um exemplo de como a cor foi objecto de preocupação e de como a habitação social não é, ou não deveria ser, sinónimo de falta de qualidade da arquitectura.

Muitos dos conjuntos de habitação social que ao longo dos anos se foram construindo um pouco por toda a cidade de Lisboa são demasiado extensos, com muitos lotes de muitos pisos o que resultou numa grande densidade habitacional.

São áreas urbanas onde residem populações massivamente concentradas, em modelos de habitação com os quais na maior parte dos casos não estão familiarizadas, especialmente aquelas pessoas que foram deslocadas dos seus bairros de origem para serem realojadas em novos complexos habitacionais.

Por inerência da falta de capacidade económica, razão pela qual recorrem a este tipo de habitação, estes utentes de muitas etnias e de diferentes culturas, possuem no geral um baixo índice cultural e de educação.

Durante muitos anos em alguns bairros faltaram zonas e equipamentos exteriores de lazer. As habitações foram construídas e os espaços envolventes, se foram projectados ficaram por concluir. A degradação acentuou-se, as habitações envelheceram e as cores, se existiram, foram absorvidas pelas manchas escuras dos fungos provocados pela humidade.

“Os bairros sociais são espaços segregados e estigmatizados, caracterizados por escassos espaços de lazer e de sociabilidade, longe dos centros económicos, sociais e culturais da cidade, (o que contribui para a sua visibilidade e estigmatização), e sem estruturas colectivas”. (Guerra 1994).

A própria configuração, a localização, a densidade das construções, a ausência de áreas envolventes cuidadas e a falta de equipamentos sociais de apoio, são factores que podem contribuir para uma imagem negativa do bairro ou para um ambiente

¹⁷ Adolf Benhe, (1913). Die Bedeutung der Farbe in Falkenberg, "Die Gartenstadt", Vol 7, Dez. 1913, in Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p 20.

pobre e degradado. Se a todos estes factores juntarmos a inexistência de cor, a imagem do ambiente urbano pode tornar-se desconfortável e mesmo visualmente agressiva. Estas áreas são muitas vezes palco de conflitos sociais e raciais, e são zonas onde há latente ou assumido um sentimento de exclusão.

“Também a arquitectura e a disposição demarcam a fronteira identitária do bairro com os outros bairros e outros edifícios, afirmando-se como um espaço específico, quer em termos sociais, quer arquitectónicos ou paisagísticos. (...). A identidade depende da imagem que transpira do bairro e da forma como o indivíduo o assimila e o avalia. Sendo espaços estigmatizados, os bairros sociais caracterizam-se essencialmente por uma identidade negativa, que resulta em grande parte da assimilação dos caracteres exteriormente atribuídos ao bairro” (Augusto 1998).

Não raras vezes os habitantes se manifestam em relação às cores como forma de *marcar* os blocos – no desenrolar desta investigação ouvimos frases como: “os prédios amarelos são os dos ciganos, isto é racismo”.

O papel da cor nestas áreas urbanas além de contribuir para uma imagem positiva do bairro, pode ter um papel motivador na preservação das fachadas e dos espaços exteriores. Áreas cuidadas e bem tratadas serão mais facilmente preservadas pelos seus utentes, que assim se podem sentir impelidos a não as estragar.

Não é um processo imediato, aprender a aceitar o novo bairro, aprender a preservá-lo e a contribuir para a manutenção de uma boa imagem.

O próprio princípio da habitação social, surge como um espaço de transição entre um modo de habitar mais rural (habitações de um só piso, espaços exteriores amplos, que muitas vezes funcionam como extensão da habitação) e um habitat colectivo de conjuntos em altura com características diferentes.

É muito frequente no período inicial dos realojamentos, (os seis primeiros meses são normalmente os mais difíceis) o “estragar só por estragar”. Mas um cuidado persistente, e uma manutenção periódica, acabam por ter alguns bons resultados.

Durante muitos anos os bairros municipais mais antigos estiveram votados ao abandono, segundo opinião do vereador Vasco Franco. Muitos não foram acabados,

os acessos faziam-se por terra batida, e algumas áreas públicas ficaram por construir. Noutros, os materiais impróprios dos espaços exteriores conferiam-lhes um aspecto miserável e acentuavam os sentimentos de marginalização da população (Condado, Lóios e outros).

“Em todos eles reinava a degradação dos edifícios, invariavelmente pintados de branco, entretanto transformado num quase cinzento pelo decurso do tempo e pela falta de manutenção. Esse tom branco, quase descolorido, sujo, acinzentado, era a marca identificadora da habitação social. Era ele mesmo um sinal acrescido de exclusão e de “guetização”. Quem poderia estimar estes bairros, com passeios de terra batida ou em betuminoso, sem pracetas, sem espaços verdes, sem mobiliário urbano e com edifícios brancos, sujos, degradados? “(Vasco Franco 2001).¹⁸

A cor pode valorizar os edifícios, modular-lhe os volumes, melhorar o aspecto exterior contribuindo para uma imagem urbana positiva. A aceitação dessa imagem por parte dos utentes é um factor que deve ser tido em conta.

Como refere Manuel Farinha (1997), é importante saber em que medida o indivíduo e a sociedade são condicionados pelo espaço e pelas superfícies que os limitam.

“A dureza dos paramentos ou a aridez da envolvente, ainda que *temperados* pela cor até que ponto influenciam o comportamento do indivíduo?

Em que medida somos nós condicionados pela agressividade da relação do edifício com a envolvente?” (Farinha 1997, p132).¹⁹

E ao influenciar física e psicologicamente, ao influenciar as emoções, a cor deve ser conscientemente utilizada.

Utentes que à partida podem ter uma predisposição para comportamentos sociais de risco (consumo de drogas, delinquência, assaltos, etc.), não devem ser expostos a

¹⁸ Vasco Franco, Vice-presidente da CML, Julho de 2001 *in* Boletim DCH, n.º 57, p. 11.

¹⁹ Manuel Farinha (1997). “Habitação Social – Perspectivas de Intervenção. *Cadernos de Urbanismo, I Fórum Nacional Urbanismo e Autarquias*. (11 e 12 Março de 1997).

ambientes cromáticos excessivos, potenciadores de atitudes também excessivas e de emoções violentas, do mesmo modo que os *brancos* referidos anteriormente também não constituem a melhor solução cromática.

A cor aplicada deve ser a resultante de um conjunto equilibrado de tonalidades de diferentes matizes, sempre com o objectivo de criar melhor ambiente e melhor envolvente.

As cores muito escuras podem propiciar becos sombrios e áreas pouco iluminadas, factores que por razões óbvias facilitam comportamentos menos lícitos. Cores mais claras que reflectem melhor a luz, podem evitar essas áreas diminuindo as situações de perigo.

Muitos outros aspectos estão na origem dos problemas sociais destes bairros e obviamente a questão da cor da arquitectura é apenas um aspecto duma questão muito vasta, e de resolução muito mais complexa. A própria arquitectura não pode por si só resolver todas as questões. O papel da cor pode ser importante se a cor for devidamente estudada, e tida em consideração, para além da vertente estética.

Por estas razões, a cor da habitação social, deve ser aplicada com um maior cuidado, uma vez que estas áreas urbanas possuem características e especificidades diferentes das outras.

Os resultados finais dos projectos cromáticos ou dos planos de cor podem até ser idênticos aos de outras áreas urbanas, ainda que à partida os pressupostos devam ser diferentes.

Por outro lado a opinião dos residentes deve ser considerada, uma vez que disso depende a vivência e a aceitação do espaço e da cor, assim como a relação com a área envolvente, porque “a identidade vivida é diferente da identidade percebida”. (Aguar 2003).

2.6 Resumo

Neste capítulo salientou-se o papel da cor como um elemento de relevante importância na caracterização do espaço urbano, e as suas funções no ambiente construído.

Referiram-se algumas pesquisas que permitiram compreender de que modo a cor afecta os seres humanos; referiram-se os seus efeitos psicofisiológicos, e ainda como a sua aplicação pode ser um factor positivo ou negativo de intervenção no espaço urbano e no bem-estar dos utentes, dependendo da forma como é utilizada. Salientámos também a obra de Bruno Taut, como uma referência sobre cor e habitação social.

O capítulo seguinte estuda a Habitação Social em Lisboa em particular, de modo a poder compreender-se a especificidade destas áreas urbanas e alguns aspectos com elas relacionados.

Capítulo III - A Habitação Social em Lisboa

3.1 Introdução

Este capítulo estuda com mais desenvolvimento aquilo que foi feito em termos de habitação social no período abrangido por esta investigação, de modo a compreendermos como se processaram os sucessivos programas e projectos levados a cabo pelos organismos responsáveis por este tipo de construção (estatais e/ou municipais) e como evoluiu o próprio conceito.

3.2 Caracterização das áreas estudadas

Quando nos referimos de uma forma generalizada, a “bairros de habitação social”, tivemos sempre presente que existem tipos de construção com diversas categorias, com habitantes de vários estratos sociais e de diferentes níveis culturais e capacidade económica.

Em tempos a habitação social destinou-se a uma classe média de funcionários de organismos públicos, membros dos sindicatos nacionais. Hoje, a erradicação das barracas e dos bairros provisórios degradados fez surgir uma habitação social praticamente vocacionada para o realojamento.

Feita esta ressalva podemos ainda distinguir os *bairros sociais* dos *bairros de casas económicas* que foram dos primeiros bairros a serem construídos e cujos habitantes, hoje proprietários plenos das habitações, evoluíram socialmente e já não têm qualquer vínculo de dependência ao Município; por outro lado muitos outros bairros construídos ao abrigo de programas de habitação social são hoje áreas da cidade plenamente inseridas e integradas no tecido urbano.

Pela data e local em que foram construídos, pelas diferentes categorias das habitações, podemos perceber que foram entretanto absorvidos pela malha da cidade e estão hoje integrados no ambiente urbano e social, não podendo os seus habitantes ser comparados com os ocupantes das habitações que os mais recentes programas de realojamento promoveram.

Este tipo de construções foi designado a partir de 1988 como “Habitação de Custos Controlados”, embora nem sempre tenhamos utilizado esta terminologia.

Por fim, ao falar da habitação social de hoje, estaremos de uma forma generalizada a referir-nos aos novos conjuntos habitacionais e aos bairros construídos no âmbito dos mais recentes programas de realojamento.

A diferenciação é real e por isso os bairros foram caracterizados individualmente nas fichas de identificação, no capítulo V.

3.3 Evolução histórica

A procura de melhores condições de vida, trouxe até aos grandes centros urbanos uma imensa população de trabalhadores que se viria a fixar nas cidades e nas suas áreas periféricas. Essa população vinda do interior tinha baixos recursos económicos, sociais e culturais, baixos níveis de escolaridade, pouca especialização profissional, o que a impedia de ter acesso a uma habitação condigna e com condições mínimas de salubridade (Baptista 1999).

O aumento da população que entretanto se verificou, originou um crescimento desordenado dos aglomerados urbanos, com o aparecimento de construções clandestinas, sobrelotação das habitações, e casas de condições precárias, sem condições de habitabilidade.

Se uma habitação condigna é um direito inalienável de todos os cidadãos e se alguns deles não possuem meios de a obter,

“ (...) caberá, em princípio, às entidades oficiais a obrigação de resolver, à sua custa o problema. A habitação identifica-se a um serviço público e dentro desse espírito se deve encarar a construção de novos bairros sociais”. (Mesquita 1967).²⁰

Perante o agravamento da situação, o Estado surge como entidade produtora de mecanismos que regulamentam a construção e atribuição de habitações para este grupos de cidadãos. “*Na cidade de Lisboa são visíveis as sucessivas intervenções estatais no domínio da construção de habitação social que se desenrolaram ao longo de todo o séc. XX*” (Baptista 1999).

²⁰ Jorge Carvalho Mesquita. (1967). *Habitação Social na cidade de Lisboa, 1959-1966*. CML.

Em 1889 foi projectado um primeiro bairro camarário – o *Casal do Rolão*, ao Calvário, que não chegou a ser construído, e em 1896 Adães Bermudes propôs a criação duma sociedade promotora de habitações económicas para as “classes laboriosas” (França 2000).

Considera-se no entanto que foi em 1918, com a criação de “textos de Lei”, que se iniciou a intervenção do Estado, seguida da construção dos primeiros bairros sociais – o *Bairro da Ajuda* (Boa Hora) e o *Bairro do Arco do Cego*.

A construção iniciou-se em 1919, mas as obras estiveram suspensas por muito tempo; em 1927 o Governo transferiu para a Câmara Municipal a conclusão da construção dos edifícios, e a ligação dessa zona ao restante tecido urbano. Foram concluídos em 1934 e 1935 respectivamente, quando ambos foram inseridos no *Programa das Casas Económicas*.

Pode considerar-se o Bairro do Arco do Cego como o primeiro bairro social de Lisboa. A concepção geral de Adães Bermudes, previa uma série de equipamentos sociais que nunca foram construídos. O projecto era anterior ao *Programa das Casas Económicas*, por isso as casas são de diferentes tipologias e mais ornamentadas do que as de outros bairros, que justificavam a simplicidade da construção e a ausência de elementos decorativos com motivos de ordem económica. Esses elementos decorativos foram apontados como desnecessários, e as casas consideradas como “demasiado ornamentadas” (Moreira 1950).

“É assim que são iniciados, em 1918, os Bairros Sociais da Ajuda e do Arco-do-Cego. Planeados com empenho e certa grandiosidade, introduzem uma tipologia nova no tecido da cidade. Pretende-se aqui evitar o carácter lúgubre, típico dos bairros operários, constituídos por monótonos alinhamentos de casas uniformes e sem adornos. Por isso se projectam tipos variados, se enriquecem as fachadas e se prevêem edifícios de fruição colectiva. Só que as obras estiveram vários anos suspensas e, quando concluídas, as casas não foram atribuídas a famílias operárias. O “dar direito de cidade” ao proletariado falhou nessa iniciativa, como noutras subsequentes” (T. Pereira 1993).²¹

²¹ Nuno Teotónio Pereira. (1993). *in Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: A promoção privada do alojamento operário*.

O problema da habitação operária, (que se vinha agravando desde o final do séc. XIX com os *pátios e vilas*, muitos deles insalubres e degradados) e o aumento crescente dos bairros de construção precária sem condições de conforto ou higiene, constituiu um problema que pela sua dimensão só era possível resolver com uma intervenção directa do Estado. Em 1933 foi criada legislação que permitiria o enquadramento legal para essa intervenção.

Surgiu então o *Programa das Casas Económicas* que levou à construção de vários bairros sociais que o Município de Lisboa promoveu nas décadas subsequentes.

Com este programa iniciou-se uma intervenção que iria desenrolar-se até aos anos 70 do século XX, embora de forma sucessivamente diversificada (Baptista 1999).

As crescentes exigências de qualidade, os sucessivos programas postos em funcionamento, as várias políticas de habitação adoptadas e os diferentes agentes que viriam a intervir na promoção e construção de habitação, levaram a que o próprio conceito de habitação social se fosse modificando desde os primeiros empreendimentos até ao momento presente.

Francisco Silva Dias (1984), considerou,

- 1ª geração - “dos Bairros” que correspondeu à construção dos bairros da década de 40, programa “fortemente condicionado pela ideologia dominante (...) que conduziu à existência de bairros segregados da cidade, distantes dos locais de trabalho e do equipamento”.
- 2ª geração - dos “grandes conjuntos” de que é pioneiro o Plano de Alvalade, seguido dos de Olivais e Chelas.

“Obedecendo a esquemas consonantes com o pensamento urbanístico e arquitectónico da época em que foram planeados possuem uma dinâmica de integração nos aglomerados de que constituem expansão e frequentemente oferecem qualidade de espaço urbano superior à fornecida pelos mecanismos comerciais de crescimento da cidade” (Dias 1984).

- 3ª geração - “da participação e da descentralização”, a seguir ao 25 de Abril, com outros processos de produção de Habitação Social – SAAL, Cooperativas, em que coube aos vários promotores a selecção de equipas de projectistas.

*“É de admitir para a situação actual, o aparecimento de formas alternativas de produção de Habitação Social (...)”.*²²

De facto, no período que esta investigação abrange, outros programas viriam a ser implementados, e no entanto o problema da habitação continuaria a persistir.

Considerámos quatro grandes períodos no que diz respeito ao modo como se desenhou, construiu e promoveu a habitação social na cidade de Lisboa

- Da década de 30 aos anos 50.
- Dos anos 50 a Abril de 1974.
- Depois de 74 até finais da década de 80.
- De finais dos anos 80 até ao momento presente.

3.3.1 Da década de 30 aos anos 50

Considerámos o primeiro grande período durante a vigência do Estado Novo, que se iniciou em 1933. Entre 1938 e 1948, o Engenheiro Duarte Pacheco foi Presidente da Câmara de Lisboa e Ministro das Obras Públicas. Nesta época organizou-se o “Plano de Urbanização por De Gröer” e procedeu-se à expropriação de grande parte do território do concelho.

Neste período a habitação foi utilizada como um meio de propaganda da ideologia do regime, fortemente associada ao conceito de protecção da família e do direito à propriedade. O regime pretendia através da construção e da atribuição das casas, controlar a ordem social, evitando descontentamentos e conflitos sociais.

Com o *Programa das Casas Económicas* surgiram os primeiros bairros, localizados na periferia do Parque de Monsanto (Alto da Ajuda, Alvito/Salazar, Serafina, Calçada dos Mestres, Restelo, Caselas).

Eram constituídos por pequenas moradias unifamiliares, muitas vezes geminadas, com pequeno jardim e quintal seguindo o modelo e imagem da aldeia portuguesa com pouco equipamento social de apoio – apenas a Escola e a Igreja.

²² Francisco Silva Dias. (1984). *O papel da classe dos Arquitectos na produção de Habitação Social*. Comunicação apresentada nas “Jornadas Técnicas de Habitação Social”, Novembro de 1984. Lisboa.

Em 1937, foi atribuído ao Bairro do Alvito, ainda em construção, o nome de *Bairro Doutor Oliveira Salazar*. Inicialmente destinado ao pessoal da CML, foi entregue ao Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em 25 de Outubro de 1944, passando a integrar-se no património dos Bairros de Casas Económicas.

Foi desenhado segundo um eixo de simetria com um jardim situado no acesso principal, e um grupo cultural situado no centro do bairro. As construções orientadas a sul distribuem-se segundo ruas paralelas numa composição geométrica. O plano seguiu o conceito de *cidade jardim* em voga na época, utilizando-se então a expressão *Bairro-Jardim do Alvito* para o descrever. (Silva 1987).

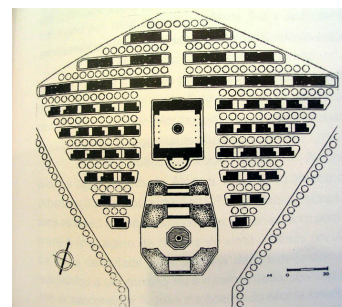


Fig. 9. Bairro do Alvito.
(Margarida Lobo 1995)

Sem entrarmos na análise das questões legislativas ou dos decretos que orientaram as várias políticas de habitação, achamos importante fazer referência ao conceito de “casal de família” já que determinou a forma como os bairros desta época foram desenhados e construídos, assim como se impôs enquanto condição determinante no acesso e na atribuição da “casa económica”.

A construção destes bairros e a atribuição dos fogos ao adquirente para que com ele formasse o “casal de família” pretendia incentivar valores morais, preservar a família e incentivar a propriedade, conceitos muito ligados à ideologia do regime.

A impossibilidade de transmitir a casa apenas a um membro do casal, em caso de divórcio, mostra bem como a atribuição das casas pretendia “ordenar moral e socialmente as populações”. O governo considerava que “a casa económica portuguesa constitui um excelente instrumento de defesa da instituição familiar e de conservação da ordem social existente”. (Silva 1994).

“A nova unidade política e social – a *família* – há-de possuir, além do braço ou do cérebro que lhe dá o pão, a *casa própria* que a abrigue, que a defenda, que lhe dê o bem-estar e com ele o sentido da conservação e da responsabilidade social de contribuir para o bem comum”. (Duarte Pacheco, *Discurso de 27-1-1934*).

Durante o período do Estado Novo privilegiou-se a moradia unifamiliar como forma de promover o direito de propriedade, uma vez que o morador ao fim de vários anos, acabava por adquirir a posse total da habitação. Ao ser proprietária de *um pequeno bem* a família trabalha para si, encontra o sentido e o objectivo desse trabalho e submete-se ao respeito pelas instituições sociais. (Raymond 1968).²³

Segundo Jácome de Castro (1936) a “casa económica” é uma habitação a cuja concepção preside um aspecto real de economia, que se deve manter na construção e exploração.

“Casa, ao mesmo tempo abrigo e lar, recanto onde a família se reúna, onde possa haver o merecido descanso depois do trabalho externo e onde também se devam poder realizar os trabalhos indispensáveis na vida da família”.²⁴

Como refere Luís Baptista (1999) o discurso ideológico do salazarismo defendia que “a casa é o refúgio familiar, *espaço moral* por excelência, em oposição à imoralidade que percorre *os lugares de passagem e dos encontros públicos*”.

Este conceito da habitação social foi firmemente defendido pelo regime, numa tentativa de evitar a habitação colectiva, até que em 1945 com a construção do Bairro de Alvalade para a classe média, pela primeira vez iria ser permitida a construção de edifícios multifamiliares, com blocos de 4 pisos.

■ O Bairro de Alvalade

Em 1945, na sequência do Plano de “De Groër”, deu-se início por iniciativa camarária ao Plano de Urbanização do “sítio de Alvalade” ou “Plano da zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro” actual Avenida do Brasil.

É o 1º “plano integrado”, com uma série de equipamentos - mercados, escolas, equipamento desportivo, centro cívico, uma pequena indústria e comércio nas artérias principais.

²³ Raymond, M-G.(1968). «Ideologies du logement et opposition ville-campagne» in *Revue française de sociologie*, IX, p 191-210. citada por Luís Baptista. (1999). *Cidade e Habitação Social*. Oeiras: Celta Editora. p 15.

²⁴ Castro, J. (1935). “Bairros Económicos” – Conferência sobre Problemas de Urbanização, 26 de Janeiro de 1935 no Salão Nobre dos Paços do Concelho, Câmara Municipal de Lisboa.

O espaço estruturou-se numa malha de oito células habitacionais, que se organizaram em quarteirões rectangulares. Cada célula possuía um elemento central - a escola primária.

O Bairro de Alvalade foi projectado de forma a coexistirem vários grupos de habitações, de várias tipologias – multifamiliares e moradias unifamiliares, isoladas ou geminadas. As células I e II foram destinadas às *Casas de Renda Económica*, que são as que este estudo abrange. A construção foi entregue às Caixas de Previdência, com projectos tipo e controle camarário, cérceas baixas, formas simples e custos controlados.

Os restantes *Bairros de Casas Económicas* que entretanto se construíram (Encarnação, Madre Deus, Caselas, Vale Escuro e Santa Cruz de Benfica), continuaram sem poder ultrapassar os 2 pisos, mas a partir de 1950 a opção viria a ser a construção de habitações multifamiliares, assim como noutros bairros que na década de 60 se construíram – Bairro do Grilo, Bairro do Padre Cruz, Bairro da Quinta do Charquinho, Bairro da Quinta das Pedralvas, Bairro da Quinta das Mouras, Bairro da Boavista, Bairro da Quinta de Santa Luzia e Bairro do Casalinho da Ajuda.

Todos ou quase todos os Programas de Habitação Social do Estado Novo serviram funcionários públicos, e trabalhadores inscritos nos sindicatos Nacionais.

“Todos os bairros do Estado Novo continuam o espírito doutrinal corporativista, inicial, em que o governo mantém o estreito controle da construção, atribuição e gestão das casas económicas”.
(Francisco 2002).

3.3.2 Dos anos 50/60 a Abril de 1974.

Tal como o *Programa das Casas Económicas*, o *Programa das Casas para Famílias Pobres* concentrou-se em Lisboa, sobretudo no período entre os anos 60 e 70, tendo sido um programa quase exclusivo da CML. (Silva 1994).

O *Programa das Casas para Famílias Pobres* surgiu depois do *Programa das Casas Desmontáveis* (aplicado apenas em Lisboa e não abrangido por este estudo) não ter respondido às necessidades de habitação e ter tido custos de conservação muito elevados.

Este programa com carácter permanente, foi aplicado em todo o país e um dos seus objectivos foi o controlo do descontentamento social através dum programa de habitação dirigido aos grupos de classe social mais baixa.

O primeiro bairro construído pela CML ao abrigo do *Programa das Casas para Famílias Pobres* foi o Bairro da Quinta do Jacinto cuja construção se processou ao longo de três fases, e onde no início ainda se construíram pequenas moradias individuais, tal como no Bairro do Caramão da Ajuda.

“Enquanto Programa de Habitação Social o objectivo era também estudar “soluções económicas que conduzissem a rendas baixas e casas agradáveis (...) o que exigiu uma simplificação das construções eliminando os elementos puramente decorativos”. (Silva 1994).

Apesar do regime preferir a moradia individual ainda que modesta e de existirem muitos defensores desta opção, motivos económicos levaram ao abandono progressivo dessa solução substituindo-a pela habitação colectiva. A questão dos custos (rentabilização e aproveitamento dos solos) acabou por favorecer a opção da construção em altura; No início com blocos de apenas quatro pisos, e mais tarde com a aceitação dos novos modelos de projectos modernistas de arquitectos ainda jovens que foram aplicados nos *Planos dos Olivais Norte e Olivais Sul* e depois no *Plano de Chelas*.

A publicação do Decreto-Lei nº42454 de 18 de Agosto de 1959, visava a realização de um grande plano de construção de habitações, que deveriam abranger todos os tipos ou classes sociais, mas em percentagens que permitissem manter e assegurar a habitação aos agregados familiares mais carenciados.

Após a promulgação do referido Decreto, Olivais e Chelas, um território com cerca de 737 ha que corresponde aproximadamente a um décimo da área total do concelho de Lisboa, passou definitivamente a ter uma nova função urbana.

A ocupação deste território obedeceu a um desenvolvimento e planeamento integrado, cujo objectivo prioritário foi a promoção de habitação social, já que o problema habitacional de Lisboa se agravava durante a década de 50. (Teresa Heitor). Foram experimentadas soluções urbanas diferentes das que eram prática habitual. Os aspectos económicos mantiveram-se, apesar de surgirem novos

modelos de habitação colectiva. Depois da experiência de Alvalade, o conceito de habitar passaria a ser mais alargado e implicaria não apenas pensar as casas, mas também todo o equipamento social e as infra-estruturas de apoio aos residentes.

O GTH – Gabinete Técnico da Habitação, foi constituído em 1959 pela CML para dar resposta às operações que a entrada em vigor do referido Decreto-Lei 42454, tornava necessárias. Ocupava-se do estudo e da realização dos planos de expansão habitacional no perímetro da cidade de Lisboa.

Ao Gabinete competia estabelecer as estratégias para concretizar os planos, realizar as infra-estruturas, a aquisição ou expropriação de terrenos, a elaboração dos planos de urbanização, assim como tratar da concepção e construção das habitações e do respectivo equipamento de apoio e ainda *“a direcção e fiscalização das obras, de forma a viabilizar a construção das habitações por entidades públicas e, numa percentagem limitada, por promotores privados”* (Teresa Heitor).

Tudo isto com vista à construção de habitações de rendas acessíveis aos agregados familiares de mais fracos recursos.

Olivais e Chelas enquanto intervenções planeadas a uma larga escala são bem o exemplo da aplicação de novos modelos de desenho urbano e de novos modos de produção de habitação social, cujo conceito se afastava dos anteriores programas.

■ O Plano dos Olivais

O *Plano dos Olivais* foi organizado pelo GTH para cumprir um novo programa de habitação social, tendo sido constituídas várias equipas de projectistas. Do facto resultou uma grande variedade de soluções arquitectónicas.

Partindo da organização em células, este plano juntou o melhor dos arquitectos portugueses modernos, mesmo os mais jovens, e foi segundo Nuno Portas o *segundo laboratório depois de Alvalade*. Construído e equipado numa década, é ainda segundo o mesmo autor, *“o primeiro grand-ensemble português “de e por arquitectos”, reflectindo mais o experimentalismo das linguagens particulares do que uma matriz urbana unificadora”* (Portas 1998).

No plano dos Olivais foram aplicados os princípios da «Carta de Atenas». Rompendo com a habitual forma de construir a cidade, substituiu-se a estrutura tradicional de edifícios formando largos, praças e ruas de traçado ortogonal, por

edifícios isolados, implantados em zonas verdes, de traçados fluidos e ondulantes, “onde o peão passaria a figura destacada da vida urbana, ganhando espaços próprios”.

As actividades de cultura, recreio e económicas passam a estar concentradas no Centro Cívico Comercial, pólo de atracção dos habitantes da unidade; as escolas, localizadas de forma a não ser necessário o atravessamento de ruas de grande circulação e nunca a mais de 250 m das habitações, passam a ser edifícios destacados dos restantes; as ruas de circulação automóvel são diferenciadas das ruas para peões, num esquema estrutural hierarquizado de vias principais, ruas de circulação interna, acessos locais, “impasses” e caminhos de peões.

Os edifícios são distribuídos segundo percentagens definidas no referido Decreto-lei que estabelecia a proporção de 70% de fogos de carácter social e 30% de habitações de renda livre.

As habitações de carácter social foram distribuídas por 4 categorias de habitação, (Categoria I, II, III e IV), definidas em função do custo do terreno urbanizado, dos preços de construção por m² e de escalões de rendas mensais, que não eram relacionados com o rendimento família, nem com as características das habitações.

Além destas, previu-se a construção de habitações de “renda módica”, na categoria HR (reajustamento) que se destinava às famílias sem alojamento (ou alojadas em más condições) e com rendimentos inferiores ao mínimo vital; a *categoria I* era prevista para as famílias com condições mínimas de subsistência; a *categoria II* dava resposta ao mínimo funcional capaz de resistir à evolução das necessidades; a *categoria III* correspondia ao limite superior das habitações sociais. A *categoria IV* destinava-se a uma população de nível socio-económico e profissional mais elevado e era incluída nos programas habitacionais, justificada apenas como medida de compensação dos deficitários investimentos nas *categorias HR e I*. A *categoria III* situava-se ligeiramente acima das áreas mínimas internacionais definidas e fixadas em 1957, pela União Internacional da Habitação e do Urbanismo (UIOF) e pela Federação Internacional da Habitação e do Urbanismo (FIHU) designadas por “Normas de Colónia”. (Teresa Heitor).

Estas categorias iriam manter-se em Chelas, até serem eliminadas com a revolução de 25 de Abril.

As tipologias de habitação dos Olivais são: os *blocos em banda* com 4 pisos e as *torres*. Os blocos das categorias superiores III e IV, de maior dimensão com 8 e 12 pisos, “dão expressão ao conceito de unidade mínima de habitação colectiva formalizado pelos códigos racionalistas”. (Teresa Heitor)

Os modelos de habitação anteriores estavam definitivamente ultrapassados.

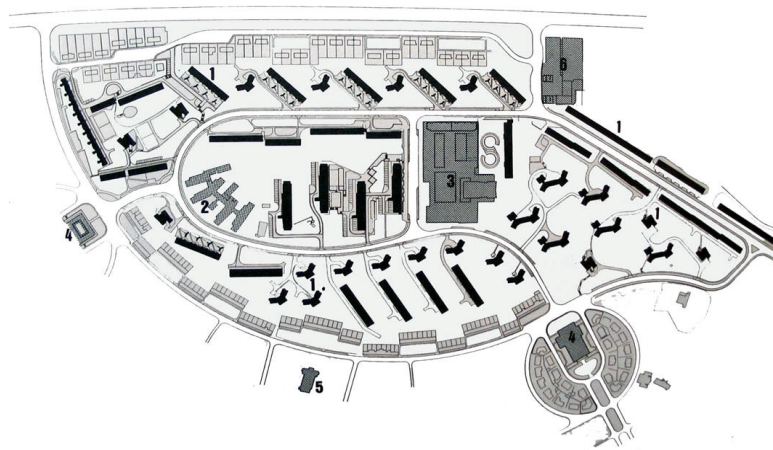


Fig. 10. Mapa dos Olivais Norte. Foto do Boletim do GTH

O *Plano dos Olivais Norte* data de 1955 - 1958 e pertence ao GEU - Gabinete de Estudos de Urbanização da CML. (Pedro Falcão e Cunha e Sommer Ribeiro), Olivais Norte foi designado aqui, como na altura, por *Célula A*.



Fig. 11. Mapa dos Olivais Sul. Foto do Boletim do GTH.

O *Plano dos Olivais Sul* do GTH de 1960, é da autoria dos Arquitectos Rafael Botelho, Carlos Duarte, Mário Bruxelas, Celestino de Castro e António Freitas.

A unidade é delimitada por quatro artérias principais: a Norte a Avenida de Berlim, a sul a Avenida Marechal Gomes da Costa, a nascente a Avenida Infante D. Henrique e a poente a Avenida Cidade do Porto. Com 186,6 ha, tem a forma de uma *quadrilátero trapezoidal*, e na altura seriam aí construídos cerca de 8500 fogos.

Ao contrário dos Olivais Norte, aqui o esquema baseou-se numa estrutura de células hierarquizadas e demarcadas segundo as suas funções; quatro foram destinadas a habitação (B, C, D e E); a célula F foi na maior parte ocupada pelo Cemitério e mais tarde veio a integrar também um núcleo de habitação destinado a realojamento; é a mais periférica, de mais difícil acesso ao centro cívico e comercial e segundo Luís Baptista (1999, p198) “há um cuidado não assumido de separar as populações. *Segregar é proibido, mas separar é fundamental*”. A célula G correspondeu ao centro cívico-comercial principal que demorou anos até ser concluído. As células habitacionais, incluíram para além das zonas verdes de protecção, recreio e desporto, o equipamento escolar e comercial necessário.

A implantação dos edifícios fez-se em pequenos conjuntos arquitectónicos, onde se integraram as bandas e as torres e “esboçaram-se algumas relações de rua e praça, com modulações de base hexagonal” como se observa na Célula C, nos edifícios de Nuno Portas e Bartolomeu Costa Cabral. (ver Ficha 29).

Os bairros dos Olivais, onde ainda hoje convivem categorias sociais de diferentes níveis, foram planejados e construídos à escala humana, e são um bom exemplo de como foi possível construir cidade e criar habitação social sem gerar segregação.

■ O Plano de Chelas

Os estudos iniciaram-se em 1960
mas só em 1965 se dá início ao

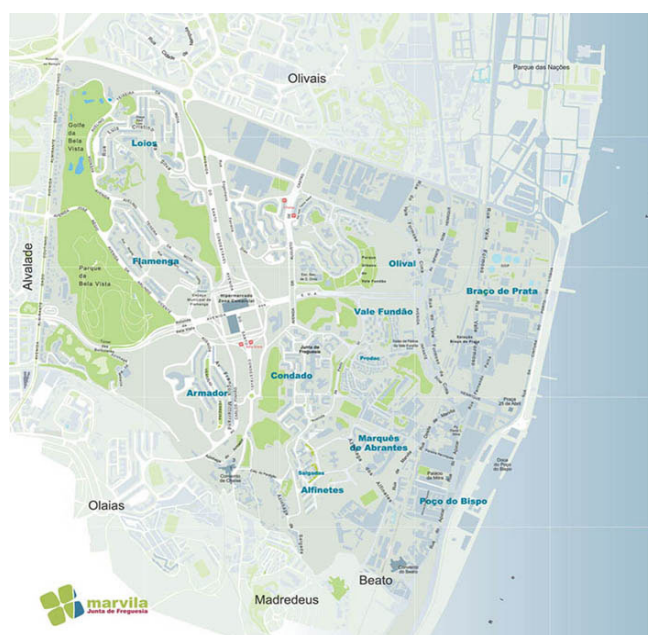


Fig. 12. Mapa da zona de Chelas

Plano de Urbanização de Chelas. No plano definitivo participaram os Arquitectos Alfredo Silva Gomes, Francisco Silva Dias, João Reis Machado, Luís Vassalo Rosa e Carlos Worm, coordenados por José Rafael Botelho.

Inicialmente propunha uma rede viária bem definida e uma rede principal de peões à volta da qual se construíam os edifícios, criando grandes áreas de verde envolventes. Mais tarde são alterados os conceitos urbanos subjacentes ao Plano: é abandonada a estrutura celular e a distribuição pontual de equipamento em favor de uma estrutura linear, com massas edificadas em continuidade e com concentração das zonas verdes.

A intervenção, principalmente para habitação social estendeu-se por uma área de 510 ha para cerca de 11500 fogos.

A estrutura urbana de Chelas era constituída pelas chamadas “ *faixas de vida urbana* “, zonas lineares cuja criação se fundamentou nos seguintes princípios:

- Trazer até junto de todas as zonas da malha os elementos geradores da vida urbana intensa, associando as actividades de comércio, equipamento cultural escolar e recreativo, em vez de as localizar em zonas separadas.
- Estabelecer uma coincidência entre essas actividades e as zonas de habitação.
- Vivificar as faixas através de um tráfego simultâneo de automóveis e de peões com percursos distintos mas relacionados, de forma a existirem pontos de contacto a níveis diferentes ou ao mesmo a nível, sem que os dois tipos de artérias se fundissem e reabilitando as ruas de peões.
- Vivificar as faixas através do alargamento da sua influência na cidade e mesmo na região.

As faixas de vida urbana intensa são constituídas por:

1. Habitação de categorias elevadas, que atingem altas densidades em áreas restritas, procurando tirar partido da fixação da população com forte poder de compra.
2. Comércio - acompanhando as vias de peões que estruturam as faixas.
3. Equipamento cultural e assistencial.
4. Pólos de vivificação nocturna – cinema, cafés e associações recreativas.

5. Postos de trabalho do sector terciário – bancos e serviços públicos; elementos que contribuam para gerar correntes de população activa entre a cidade e Chelas e acelerem a sua interligação.²⁵

Inicialmente a malha foi dividida em seis zonas (I, J, L, M, N1, N2), com uma zona Central O, que as interliga, e faz a união entre as duas áreas que o Vale Central de Chelas separa. Esta nomenclatura tem vindo a ser substituída, embora por vezes a ela ainda se faça referência; (exemplo: zona J agora Bairro do Condado, zona N2 - Bairro dos Lóios, zona N1 - Bairro da Flamenga, zona M agora Bairro do Armador, zona L Bairro Marquês de Abrantes e Alfinetes).

Segundo Portas (1998), a habitação social nunca passou em termos quantitativos no período entre 1940 e 1970, de uma expressão insignificante, mesmo se comparada com a Espanha.

“Apesar disso, as principais realizações testemunham o melhor da arquitectura portuguesa na sucessão dos conceitos de desenho urbano dos conjuntos residenciais, podendo fazer-se facilmente o seu paralelismo com os melhores êxitos das contemporâneas sociais-democracias europeias”. (Portas 1998)²⁶

Enquanto os Olivais foram concluídos numa década, porque os terrenos já pertenciam em grande parte à Autarquia graças às expropriações de Duarte Pacheco, o Plano de Chelas (onde os terrenos eram na maioria privados), demoraria muitos anos para ser concretizado.

Com as alterações sociais e políticas do período após o 25 de Abril de 74, aboliram-se as categorias habitacionais, instituindo-se a categoria única cujas características correspondiam a um misto das anteriores II e III; tornaram-se prioritários os programas de realojamento e alterou-se o conceito de habitação social, tendo os projectos deixado de poder ser encomendados a técnicos de profissão liberal.

Surgiram projectos que se designaram por “*matrizes*”, e que foram aplicados em diferentes locais com um mínimo de adaptações.

²⁵ in Boletim GTH, CML. Agosto de 1965. Plano de Urbanização de Chelas. (2 volumes).

²⁶ Nuno Portas.(1998). “A Arquitectura da Habitação no século XX Português”. in Becker, A., Tostões, A., e Wang, W. *A Arquitectura do séc. XX. Portugal*. Lisboa. Portugal - Frankfurt 97 SA. p 177-122.

Segundo Teresa Heitor, o arrastamento da concretização das operações, a não revisão dos planos, a falta de cumprimento dos programas na totalidade e em particular, o adiamento da construção do núcleo central, deram origem a desvios e comprometeram a proposta definitivamente.

Este plano que abrange 80 % do território da freguesia de Marvila e foi considerado “a maior intervenção urbana, em Lisboa, depois da reconstrução pombalina”, tem vindo a ser executado, com maior desenvolvimento nos últimos anos, sendo a grande aposta do município para a resolução do problema habitacional da zona.

Hoje, concluído o núcleo central e as ligações viárias, programa-se para Chelas uma nova etapa, tentando fazer desaparecer a ideia de zona segregada e de gueto marginalizado.

No entanto, a propósito da zona de Chelas, num artigo de Pedro Ornelas publicado no Jornal *O Independente* ²⁷, pode ler-se:

“O bairro de Chelas teve uma infância atribulada que o marcou para sempre. (...). E os realojamentos têm prosseguido em força nos últimos dez anos”.

“Este conceito de cidade está hoje completamente posto de parte. A situação tornou-se ainda pior pela ocupação quase exclusiva por pessoas com problemas económicos e de inserção social, pelo que o plano deveria ser profundamente revisto”. (Margarida Sousa Lobo).

“Chelas tornou-se um local de peregrinação obrigatória de urbanistas e autarcas estrangeiros, que ficam espantados com o que vêem: “Vocês estão a fazer isto agora, enquanto nós estamos a implodir os nossos blocos de habitação social”, (Nunes da Silva).

(...)“A Câmara pretende requalificar a zona de Chelas, atraindo serviços de prestígio e habitantes de estratos sociais mais elevados” (Margarida Magalhães, vereadora do Urbanismo da CML).

O arquitecto Leonel Fadigas, presidente da Ambelis, a empresa municipal responsável pelo estudo prévio do centro de Chelas, de

²⁷ Ornelas, P. (2000). «Uma experiência controversa», excertos de um artigo publicado no jornal *O Independente*, nº 640, de 2000/8/18.

1995, reconhece que o que está a ser feito não tem muito a ver com o previsto no estudo mas mostra-se moderadamente optimista, manifestando uma atitude de esperar para ver”.

3.3.3 Depois de 74 até finais da década de 80

As mudanças políticas e sociais que se seguiram à revolução de Abril, criaram movimentações na vida social que levaram a uma forte participação e intervenção das populações residentes em áreas degradadas, reivindicando melhorias na qualidade da habitação, nos saneamentos, nos acessos e nos transportes, etc.

Com a criação dos projectos SAAL - Serviço Ambulatório de Apoio Local - (despacho de 31-7-1974 do Secretário de Estado da Habitação, Nuno Portas), mais uma vez pretendeu dar-se resposta ao problema habitacional – financiamentos à construção, expropriação de terrenos – tendo-se consolidado várias Cooperativas de Habitação Económica.

Nos limites da cidade de Lisboa foram iniciadas 19 operações, e apesar de alguns exemplos se terem concretizado, também este movimento seria incapaz de resolver o problema. Algumas dessas construções SAAL encontram-se degradadas e abandonadas, como é o caso da Quinta do Bacalhau nas Olaias, que se prevê ainda vir a ser objecto de recuperação.

Sobre este conjunto pode ler-se no Guia de Arquitectura Lisboa 94:

“O uso da cor, com um azul forte dominante e um amarelo vistoso nos elementos das galerias e escadas colectivas, ajuda à leitura das opções espaciais e formais, distinguindo a operação Bacalhau – Monte Coxo da cidade envolvente, então qualificada como “burguesa”. Pode-se assim recordar a passagem de Manuel Vicente pelo atelier de Louis Kahn, nessa procura de uma tradição algo atemporal, e o gosto “Pop” do arquitecto português na escolha da cor e respectivo impacto na paisagem interior e exterior à operação”. (Guia de Arquitectura Lisboa 94, p 346).

Surgiram as Associações de Moradores, mas ao mesmo tempo assistiu-se a uma série de ocupações abusivas (algumas das quais por parte de populações

regressadas das ex-colónias) de muitos fogos em bairros camarários que se encontravam ainda em fase de construção – Bairro da Horta Nova, Cruz Vermelha, 2 de Maio Casalinho da Ajuda, assim como de centenas de casas particulares devolutas, resultado de acordos entre o poder local e o Copcon. (Reis e Passos 1991).

No início dos anos 70 utilizaram-se algumas áreas para reforçar a produção da habitação, numa tentativa de eliminar os *bairros de lata* – Musgueira, Boavista, Casal dos Machados, Laranjeiras, Furnas e Padre Cruz.

No período de 1975 a Direcção dos Serviços de Habitação, cria dois sectores designados na altura por “Bolsa de Habitação” e “Serviço Social de Moradores” para procederem respectivamente à Atribuição e Gestão do Parque Habitacional.

Nos anos seguintes (1977-1980) deu-se continuidade à construção em algumas zonas centrais da cidade, (Bairro das Furnas, Bairro do Calhau, zona J de Chelas) “tentando ressuscitar alguns planos (de urbanização e arquitectura) do GTH dos anos 60/70”. (Reis e Passos 1991).

3.3.4 De finais dos anos 80 até ao momento presente

Em 1987 é criado o IGAPHE (Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado) com vista à “gestão, conservação e alienação do parque habitacional, equipamentos e solos que constituem o seu património, no cumprimento da política definida para a habitação social (...) apoiar o governo na definição das políticas de arrendamento social e alienação do parque público”.²⁸

Com o propósito de realojar populações provenientes dos bairros provisórios degradados, de acções de despejo de fogos particulares ou em ruína, e de vários tipos de demolições, (erradicação de barracas e construções de obras públicas), foram implementados Programas especiais como o Programa de Intervenção a Médio Prazo em 1987 - *PIMP* e o Plano Especial de Realojamento em 1993 - *PER* .

■ PIMP – Plano de Intervenção a Médio Prazo

O decreto que esteve na origem da criação do PIMP lançou as bases para o acordo que foi estabelecido entre a Câmara Municipal de Lisboa e dois organismos públicos

²⁸ Decreto-lei nº 88/87 de 26 Fevereiro.

- o INH (Instituto Nacional da Habitação) e o IGAPHE, definindo um sistema especial de financiamento para a construção de habitação social. Foi programado realojar num prazo de 5 anos cerca de 10.000 agregados familiares. Este plano construiu grandes aglomerados, e foi uns anos depois seguido de outro programa - o PER.

■ PER – Plano Especial de Realojamento

No âmbito do PER construíram-se conjuntos de menores dimensões, com menos densidade populacional, muitas vezes no mesmo local onde se localizavam os bairros demolidos ou até dispersos pela malha urbana da cidade.

A adesão ao PER obrigou a realizar um levantamento exaustivo das *barracas* existentes e a impedir o aparecimento de novas construções daquele tipo.

O PER permitiu também ao município “assegurar que os terrenos ocupados por núcleos de barracas a demolir que estivessem na sua propriedade ou posse e se destinassem à construção de habitação ficassem prioritariamente afectos à execução do programa (de realojamento) ou à promoção de habitação a custos controlados”.

Em Lisboa, ao abrigo deste programa projectou-se a construção de cerca de 11 130 novos fogos.

Foram demolidos os *bairros provisórios* entretanto degradados e os *bairros de lata*, sendo as populações realojadas no mesmo local em novas habitações ou em novas zonas para onde foram deslocados.

Estes programas, ao promoverem uma enorme quantidade de novas construções, algumas das quais de grande qualidade arquitectónica, viriam a contribuir para uma nova imagem da cidade, agora livre das *barracas* e dos *bairros de lata*, que durante tantos anos se mantiveram e foram proliferando por toda a cidade de Lisboa.

Apesar de existirem alguns estudos sobre as condições sociais, económicas e familiares das populações a realojar, muitas vezes os projectistas afirmam que não sabem exactamente para quem estão a projectar; e desconhecendo esse facto, desconhecem as necessidades reais dos equipamentos de apoio, como parques infantis, campos de jogos, ou equipamentos de apoio à terceira idade.

“Os bairros sociais construídos e em construção são, frequentemente, desastres urbanísticos e configuram novos espaços de exclusão. A sua demolição, na maior parte dos casos, será inevitável e médio prazo, à semelhança do que tem acontecido em diversos países europeus”. (Ferreira 1999).

Há quem discorde violentamente das soluções adoptadas:

“Não é construindo bairros de ricos ao lado de bairros de pobres que se faz o reequilíbrio social”, (Nunes da Silva), “mas sim com prédios de ricos, médios e pobres ao lado uns dos outros, e de preferência com os pobres em minoria. Foi assim que se fez em Alvalade e nos Olivais e resultou. Assim está-se a criar uma situação explosiva”.²⁹

“Um dos motivos por que os chamados bairros sociais não resultam culturalmente e acabam por se transformar em verdadeiros guetos é o da desagregação ao espaço do homem que o habita. Nem o espaço absorve o homem nem este o espaço e continuam estranhos um ao outro num processo de dissociação e desintegração cultural” (Paulino 1984, p175)³⁰

A concretização dos empreendimentos não decorreu de acordo com o programado, situação que levou à prorrogação para 2004 da data inicialmente prevista para a sua conclusão - o ano 2000. (Francisco 2002).

No início de 2005 há ainda alguns fogos já construídos a serem entregues (Olaias - Monte Coxo, entregues em 31-1-2005), e outros em fase de construção, nomeadamente os PER 13 e 14 no Alto do Lumiar, para realojar os habitantes do *Bairro das Calvanas*.

A construção do eixo central, do Parque Urbano Sul e da nova avenida Engenheiro Santos e Castro (PUAL), vai obrigar a libertar os terrenos ocupados pelo Bairro das Calvanas, construído a partir de meados dos anos 70. Os moradores deste bairro há

²⁹ Pedro Ornelas. (2000). «*Uma experiência controversa*», excerto de um artigo publicado no jornal *O Independente*, nº 640, 2000/8/18.

³⁰ Conceição Paulino, Técnica do Serviço Social da Câmara Municipal de Matosinhos, em comunicação apresentada nas *Jornadas Técnicas de Habitação Social*. 1984. LNEC. p 175).

anos que pagam impostos e taxas municipais, como contribuição autárquica e conservação de esgotos, o que é «um caso excepcional, único no seu género».

A UPAL (Unidade de Projecto do Alto do Lumiar), apresentou o *13º Contrato (PER 13)* relativo à aquisição de 45 fogos em edifício multifamiliar, e o *14º Contrato (PER 14)* relativo à aquisição de 47 moradias T3; para além destas prevêm-se ainda 49 moradias T4, que pelas áreas contempladas escapam aos limites estabelecidos para a habitação social, e serão financiadas ao abrigo de um outro contrato.

Curiosamente retomaram-se soluções tipológicas que há muito não eram aplicadas – as moradias – numa clara opção pelo mesmo modelo de *habitat* que os realojados antes ocupavam.

3.4 Sobre integrar ou segregar

No início do *Programa das Casas Económicas*, já existia uma preocupação de fazer coexistir no mesmo bairro populações com diferentes condições sócio económicas. Quase todos os bairros do Estado Novo (poucos bairros têm apenas uma categoria), juntaram várias classes de habitações, assim como tentaram misturar grupos de diferentes categorias sócio-económicas.

(...) casas económicas que podem constituir grandes ou pequenos agrupamentos sendo até combinadas com outras não económicas, sem que daí resulte qualquer mal. Parece-me até certa vantagem em realizar quanto possível essas combinações... (Jácome de Castro 1935).

Em 1933 havia duas classes *A* e *B* cada uma com 3 tipos de casas, em 1943 quatro classes *A*, *B*, *C* e *D*, surgindo nos anos 50 uma 5ª classe.

Essa preocupação manteve-se ao longo de muitas outras iniciativas, e noutros bairros de que Alvalade é um bom exemplo.

No bairro de Alvalade coexistiram vários grupos, e mais tarde também nos Olivais esteve presente a mesma preocupação de misturar habitações de categorias diversas, destinadas a diferentes estratos sociais, “de forma a evitar zonas de

segregação social nomeadamente pela interpenetração de habitações de diversas categorias, destinadas a diferentes estratos sociais.” (Boletim GTH 50/51, p.211).

Nos Olivais e depois em Chelas foram construídas as quatro categorias de habitação e as habitações de *renda módica* (Categoria HR) numa proporção de 70% de fogos sociais para 30% de habitações de renda livre, como já foi referido.

“A discussão permaneceu até hoje entre duas opiniões – criar zonas de habitação para grupos restritos tornando esses bairros em novos guetos, ou pelo contrário fazer a integração dessas construções em áreas residenciais.

Estas duas correntes de opinião irão cruzar todas as discussões à volta do tema da habitação social com defensores e opositores, das duas opções”. (Baptista 1999. p.154).

Nas intervenções planeadas recentemente, como é o caso das do Plano de Urbanização do Alto Lumiar, embora tendo-se construído grandes aglomerados



Fig. 13. Habitações no Alto do Lumiar Fotos do Autor

habitacionais, também encontrámos blocos dispersos pela malha urbanizada, de tal modo que as construções rigorosamente iguais no aspecto exterior, não se diferenciam das restantes de venda livre. (ver Ficha 73)

Não há *um bairro social* mas conjuntos habitacionais de carácter social, hoje denominados por *habitações a custos controlados*, numa tentativa de retirar a carga negativa à anterior terminologia.

3.5 Definições de Habitação Social

Falar da habitação social na cidade de Lisboa implica analisar as diferentes fases por que este tipo de habitação passou, o modo como a legislação a caracterizou e consequentemente como o conceito se foi modificando.

“A constituição de um “campo social” (P. Bourdieu) em torno da defesa e afirmação do “direito à habitação” leva a que se desenvolva um universo morfológico e social de referência a este propósito, que poderemos designar genericamente como “habitação social”.
(Baptista 1999, p 8, 9).

Segundo Jean-Paul Flamand (1979)³¹

“por *habitação social* entendemos a habitação que beneficia para a sua realização do concurso legislativo e financeiro do Estado e que está destinada a receber nas condições normais as camadas menos favorecidas da população (...) esta habitação resulta de uma intervenção deliberada do Estado, visa de modo prioritário as famílias de assalariados e, em primeiro lugar, as famílias operárias”.
(Baptista 1999, p17).

Francisco Silva Dias, (1984)

“A produção de habitação social é resultante de uma sequência de acções onde existirá uma participação total ou parcial do Estado (Poder Central e Poder Local) com vista a satisfazer as exigências do alojamento (habitação e equipamento) ao maior número e aos menores custos.

A concepção e o projecto do espaço urbano e dos edifícios desempenham um papel na qualidade do produto final e a participação dos Arquitectos é uma garantia dessa qualidade”.

Segundo Luís Francisco (2002) a definição de habitação social “encontrou-se sempre dependente da concepção ideológica prevalecente, mudando em função da

³¹ Flamand. J-P. (1989). «Loger le peuple, essai sur l'histoire du logement social». Paris: Ed. La Découverte, citado por Luís Baptista. (1999). *Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.

política habitacional adoptada e reflectindo sempre o posicionamento do Estado face a esta problemática”.

Primeira definição de habitação social do período democrático:

“São consideradas *habitações sociais* as habitações de custos controlados promovidas pelas câmaras municipais, cooperativas de habitação económica, pelas instituições particulares de solidariedade social e pela iniciativa privada com o apoio financeiro do estado e destinadas à venda ou ao arrendamento (...) que obedeçam aos limites de área bruta fixados para cada tipologia e aos custos e construção previstos”.³²

Esta portaria foi revogada e publicada uma nova que definia *habitação social* como:

“*Habitações a custos controlados* promovidas com o apoio financeiro do estado nomeadamente pelas câmaras municipais, cooperativas de habitação, empresas privadas e instituições particulares de solidariedade social, destinadas à venda ou arrendamento (...) e as que obedeçam aos limites de área bruta custo de construção e preço de venda fixados (...)”.³³

A definição de *habitação social* que a partir de 1988 passou a ser de *habitação a custos controlados*, seria novamente alterada em 21 de Junho de 1997. Esta última portaria introduz alterações na definição do conceito, considerando:

“*Habitação de custos controlados*, as promovidas com o apoio financeiro do estado que obedeçam aos parâmetros, limites e valores estabelecidos (...), as unidades residenciais para realojamento de populações, desde que justificadas pelo promotor, seu dimensionamento e necessidade”.³⁴

De salientar que além das 4 tipologias previstas anteriormente, se admite a partir de agora incluir mais duas - o T0 e o T5.

³² artigo 1º e 2º da portaria nº 580/83 de 17 de Maio.

³³ artigo 1º da portaria nº828/88 de 29 de Dezembro.

³⁴ artigo 1 da portaria 500/97 de 21 de Junho.

3.6 A Evolução do conceito

Podemos concluir que ao longo do período abrangido por esta investigação a legislação portuguesa permitiu considerar como *Habitação Social*, vários tipos de habitações, que abrangeram um número diversificado de tipologias de alojamento.

Foi um campo alargado de experiências, e sobretudo foram as situações de grande crise habitacional que levaram à criação de medidas sucessivas, à implementação de novos programas e à criação de nova legislação.

A crise de habitação na cidade de Lisboa tem sido um problema ainda e sempre presente, que se tem perpetuado desde o passado, embora ciclicamente se tenha assistido a grandes iniciativas na tentativa de a minorar.

Durante o regime político anterior ao 25 de Abril, a habitação social ou económica tinha como objectivo prioritário o alojamento condigno de famílias de menores recursos; muitas vezes foram atribuídas habitações a funcionários do Estado, traduzindo-se o público-alvo numa classe média que não correspondia realmente aos verdadeiros necessitados. Esses não tinham condições de lhe aceder.

“As casas económicas, as casas de renda económica, as casas para *pescadores*, as casas para funcionários, etc. não contemplaram as famílias das barracas. Foram os funcionários, polícias e até ministros que vieram a beneficiar desses programas” (Portas 1995).³⁵

Inicialmente a preferência foi para as moradias individuais de um ou dois pisos, com jardim e quintal, de construção tipificada, abrangendo quatro categorias - classes A, B, C e D.

Com o elevado número de famílias a necessitar de habitação, com as variadas situações de obras públicas e o consequente aumento de população a realojar, com a necessidade de rentabilizar os terrenos na sua máxima densidade, a preferência pela construção de habitações colectivas, começou a ganhar cada vez mais importância. Os blocos de construções em altura, de 4 a 10 pisos (às vezes mais), seriam uma opção irreversível.

³⁵ Nuno Portas, (1995). Breves comentários ao debate sobre o PER. *Sociedade e Território*. 21. Porto: Ed. Afrontamento. p 148-151.

No início fizeram-se conjuntos menores (com 4 pisos para não ser necessária a colocação de elevadores) com pouca densidade habitacional; aos poucos as torres tornariam a construção em altura uma opção senão desejável pelo menos inevitável, dando lugar a maiores aglomerados.

A cidade alargou os seus limites, e durante um longo período de tempo, a construção de bairros municipais provisórios foi uma opção de habitação social com graves consequências, porque conduziria a uma degradação acelerada das habitações.

O carácter provisório das construções conferia-lhes um prazo de durabilidade limitado no tempo, que acabou por ser largamente ultrapassado. A degradação inevitável das casas levaria a uma degradação da qualidade de vida de muitas populações, incapazes de aceder a habitação condigna pelos seus próprios meios.

Com os recentes planos de realojamento, com a erradicação das barracas e das construções provisórias assistiu-se a uma renovação da imagem da cidade, agora livre de construções pouco dignas de um país que se pretende na Europa.

A Habitação de Custos Controlados, como passou a ser designada a *Habitação Social*, será nesta última fase uma construção (de um modo geral) com qualidade, que não se resume apenas ao espaço restrito dos fogos.

Os espaços envolventes foram nalguns casos tratados com jardins e equipamentos de apoio muito variado, com espaços exteriores de recreio e lazer, ficando para traz uma prática que deixou durante anos muitos bairros municipais ao abandono.

3.7 Resumo

Neste capítulo estudou-se a evolução da habitação social no município de Lisboa, tendo-se resumido o que foi construído ao abrigo dos sucessivos programas de intervenção, no período abrangido por esta investigação, o que permitiu compreender o modo como se processou a evolução do conceito.

No capítulo seguinte apresenta-se a hipótese da investigação e a metodologia utilizada em todo o processo deste projecto de investigação.

Capítulo IV – Hipótese e Metodologia da Investigação

4.1 Introdução

Neste capítulo formula-se a hipótese de investigação, seguida da apresentação da metodologia utilizada nas várias fases do projecto de investigação.

4.2 A Hipótese de Investigação

A experiência do autor como docente há muitos anos na área do Design, (apesar de excepcionalmente esses alunos terem uma disciplina dedicada ao estudo da cor), revelou que a utilização da cor nos vários campos da prática do Design nem sempre se fez com um conhecimento suficientemente aprofundado.

Por outro lado a observação do que se passava noutros cursos superiores e particularmente nos cursos de Arquitectura onde não existia ensino da cor levou-nos a formular a hipótese de que a aplicação da cor não deve ter sido fundamentada em princípios sustentados no conhecimento e que os critérios com que se fazem as opções cromáticas muitas vezes são subjectivos e sem sustentação. O que se passava nas várias áreas de projecto de Design, de Design de Moda, não deveria ser muito diferente da prática do projecto de Arquitectura.

Daí partimos para a formulação da(s) questão(ões) da investigação que se referem à cor da arquitectura dos bairros sociais.

- A aplicação da Cor em bairros sociais está, e tem estado, enquadrada por uma fundamentação teórica e científica?
- Tem havido alguma preocupação por parte dos responsáveis (projectistas ou outros) no que diz respeito às decisões cromáticas para esses bairros?

Hipótese

As opções cromáticas provavelmente não têm sido fundamentadas em princípios sustentados num conhecimento profundo da cor, e os

critérios com que se fazem as escolhas das cores são muitas vezes subjectivos e sem uma fundamentação científica.

4.3 A Metodologia da Investigação

O presente trabalho foi metodologicamente desenvolvido como uma pesquisa não intervencionista, descritiva, qualitativa, mista, uma vez que pretendeu reconhecer uma realidade pouco estudada e partiu da observação dessa realidade para formular a hipótese.

A compreensão do fenómeno resultou directamente dos dados compilados, da recolha e crítica documental, assim como da observação de campo (fotografias e registos documentais) e das entrevistas semi-estruturadas realizadas aos autores de algumas intervenções cromáticas.

4.3.1 Estudo Caso – a Cidade de Lisboa

O estudo circunscreveu-se ao Município de Lisboa, e compreendeu um período alargado de cerca de 70 anos.

Esta primeira fase da Investigação passou por uma pesquisa de literatura (livros, documentos vários, artigos em revistas e demais publicações, dissertações e teses, etc.), onde se encontraram textos referentes ao tema da habitação social em Lisboa, mas onde praticamente não existiam registos sobre cor - nem no processo conceptual do projecto, nem como um elemento de referência que caracterizasse essas habitações. Os registos documentais referem as tipologias das habitações, características arquitectónicas, localização, áreas, mas quase nunca a cor.

“It must be emphasised however that no amount of methodology can be a substitute for seeing. The only way to study colour is through colour”. (Lancaster 1996, p 116.).³⁶

³⁶ “Deve salientar-se no entanto que nenhuma metodologia pode substituir a observação. A única maneira de se estudar a cor é através da cor”. Lancaster, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions. (Tradução livre).

4.3.2 As Fichas de Identificação

Foi necessário fazer a identificação da área construída de modo a poder definir todos os bairros existentes, a sua localização, data de construção e os autores dos projectos de arquitectura e/ou dos planos de cor. Esta fase da pesquisa de campo revelou-se de grande complexidade e extensão.

As áreas de habitação social existentes, assim como as construções concluídas até meados de 2004, são em termos quantitativos em número muito elevado e estão dispersas por uma área muito vasta.

A qualidade de algumas construções e a distribuição dessas habitações no meio do tecido urbano, levou-nos a descobrir habitação social que só uma investigação detalhada e abrangente deste tipo poderia identificar.

Foram identificadas as construções sociais, com um levantamento fotográfico completo para registo das cores, assim como o estado actual das construções e das áreas envolventes.

Cada bairro ou conjunto foi registado numa *Ficha de Identificação* onde constam as seguintes informações:

- identificação dos conjuntos habitacionais.
- mapas de localização.
- vistas aéreas.
- fotografias dos edifícios.
- datas de construção.
- autores dos projectos.
- características.
- ambiente cromático.
- cor (pintura, outros materiais)

Esta inventariação foi dificultada pelo registo em alguns documentos, da existência de muitos bairros que entretanto foram sucessivamente demolidos ao abrigo dos recentes programas de realojamento.

Algumas dificuldades da própria CML em reunir informação devido a recentes remodelações e à transferência de documentação, não permitiram incluir nas fichas

o Bairro da Quinta do Morgado e os blocos da Quinta de Santa Luzia, de cuja existência tivemos conhecimento. Outros conjuntos podem involuntariamente ter sido omitidos.

Tentámos identificar as áreas existentes, tudo o que foi construído com o propósito de ser habitação social, e foi concluído até meados do ano de 2004 no perímetro do Município de Lisboa.

Por uma questão de metodologia identificámos o existente, e só depois escolhemos alguns conjuntos e respectivos autores como amostra para este estudo.

4.3.3 A Selecção dos Conjuntos

Da totalidade dos conjuntos apresentados nas fichas de identificação, que resultaram do levantamento de toda a habitação social existente, foram seleccionados alguns deles, como base de estudo para a fase seguinte da Investigação, que constava de entrevistas semi-estruturadas aos respectivos autores.

A escolha teve como critério principal o facto de em todos eles a cor ser utilizada de um modo que revela claramente uma intenção, e de os seus autores serem responsáveis por mais do que um projecto, (excepto no caso do Arquitecto Taveira), o que permitiu comparar as diversas situações.

Por outro lado resultou também da possibilidade de poder entrevistar estes autores, tendo todos pertencido ao DCH da Câmara de Lisboa, excepção feita também ao Arquitecto Taveira e ao Pintor Jorge Martins.

A lista seleccionada foi a seguinte:

Bairro do Condado – neste conjunto existe uma aplicação de cor em grande profusão, com cores muito intensas, em combinações variadas; o seu autor é conhecido por usar a cor sem timidez, seja em bairros sociais ou de luxo.

É por excelência o bairro social mais colorido de Lisboa, e também o que gerou maior polémica; a solução cromática tanto suscita aceitação como um total desagrado, mas ninguém lhe fica indiferente.

“Piano” do Bairro Marquês de Abrantes e Rua João Nascimento Costa – do mesmo autor, mas com propostas cromáticas que revelam uma clara intenção no uso da cor, sendo que num deles, a cor resulta também da utilização de outros materiais de revestimento para além da pintura.

Rego B, Avenida das Forças Armadas – conjunto revestido com materiais coloridos que não apenas pintura, foi acrescentado por ser da autoria da colaboradora do *Piano* e da Quinta das Lavadeiras.

Travessa Sargento Abílio e Rego C - Rua Soeiro Pereira Gomes – embora sendo do mesmo autor, têm propostas cromáticas originais e diferentes uma da outra.

Quinta do Cabrinha, Avenida de Ceuta Norte (Quinta do Loureiro), Avenida Ceuta Sul, Rua Maria Pia e Casal do Evaristo – estes conjuntos na área de reconversão do Casal Ventoso foram escolhidos porque o plano de cor foi realizado por um pintor, que trabalhou em colaboração com os arquitectos autores.

Não sendo o responsável pela cor, o autor do projecto de Arquitectura, a articulação das soluções do projecto arquitectónico e do projecto cromático colocava novas situações e novas questões que era interessante perceber.

Alguns dos autores escolhidos, participaram em dois ou mais projectos o que permitiu comparar as diferentes situações.

4.3.4 As Entrevistas semi-estruturadas

Partindo da ideia de que a aplicação da Cor deve ser fundamentada, utilizamos depoimentos dos autores de alguns projectos para determinar quais têm sido os critérios utilizados nas suas opções cromáticas.

O método escolhido foi a entrevista semi-estruturada feita ao grupo de autores dos projectos anteriormente referidos.

O painel de entrevistados foi o seguinte:

- **Arquitecto Tomás Taveira**, autor do projecto cromático do *Bairro do Condado*. Este autor, não podendo conceder a entrevista por falta de tempo, enviou um texto escrito anteriormente com as suas considerações e reflexões sobre Cor.

- **Arquitecto Pedro Sousa Menezes** autor individual de um conjunto na Rua João Nascimento Costa e co-autor de *O Piano* no Bairro Marquês de Abrantes.
- **Arquitecta Margarida Lopes Alves** como colaboradora no *Piano* e autora de mais dois projectos – Rego B e Quinta das Lavadeiras.
- **Arquitecto José Moore Vieira** como colaborador no conjunto *Piano* do Bairro Marquês de Abrantes. Por razões profissionais e de falta de tempo não concedeu a entrevista, tendo declarado confiar plenamente no depoimento dos colegas.
- **Arquitecto Paulo Alexandre Tormenta Pinto** autor dos conjuntos *Travessa Sargento Abílio* e *Rego C - Rua Soeiro Pereira Gomes*, dois conjuntos de características diferentes.
- **Pintor Jorge Martins** – convidado para fazer o plano de cor dos conjuntos da Avenida de Ceuta (zona de reconversão do Casal Ventoso). Não é autor dos projectos de arquitectura

A entrevista semi-estruturada constava de cerca de 16 perguntas gerais, formuladas a cada um dos entrevistados, seguidas de um depoimento mais focado nos projectos dos conjuntos habitacionais de que eram autores.

4.4 Resumo

Neste capítulo formulou-se a hipótese de investigação, assim como se explanou a metodologia utilizada, os critérios de selecção do painel de entrevistados e a sequência de todas as fases do projecto de investigação.

No capítulo seguinte - *A Pesquisa de Campo* – sistematiza-se e organiza-se toda a informação recolhida sobre os bairros e conjuntos habitacionais, sob a forma de fichas de identificação.

Apresentam-se as questões de base colocadas ao painel de entrevistados, a análise das entrevistas semi-estruturadas e uma síntese das mesmas.

Capítulo V – A Pesquisa de Campo

5.1 Introdução

Neste capítulo apresenta-se a informação documental e fotográfica referente aos bairros e conjuntos arquitectónicos, recolhida durante o processo de investigação.

Como foi referido no ponto 4.3.2 do capítulo IV, a sistematização dessa informação foi organizada sob a forma de fichas de identificação, de forma cronológica, subdividida por décadas, tendo como referência a data aproximada da conclusão das construções.

Apresentam-se também os conjuntos seleccionados como exemplos de estudo, assim como as entrevistas semi-estruturadas realizadas aos autores desses conjuntos.

Deste capítulo faz ainda parte a análise e apresentação dos dados obtidos nas entrevistas.

5.2 A Pesquisa Documental e Fotográfica

A pesquisa de documentos e outros registos, permitiu-nos encontrar textos referentes ao tema da habitação social em geral, e recolher toda a informação relacionada com as áreas em questão que foi sistematizada nas fichas.

Aos bairros ou conjuntos identificados, corresponde um número na respectiva ficha.

A área analisada é muito extensa, tendo sido identificados perto de uma centena de conjuntos de construções de carácter social. Foi feito um extenso levantamento fotográfico, onde se registaram as actuais cores, o estado das construções e as áreas envolventes.

Essa informação foi anexada num CD, que contém a totalidade das imagens recolhidas. A consulta do CD permite ampliar as imagens e visualizar com mais precisão todos os materiais, as cores e até outros pormenores, com uma qualidade que impressões de formato A4, mesmo boas, não permitem.

5.3 Levantamento – As Fichas de Identificação

As *Fichas de Identificação* registam a informação específica e detalhada sobre cada conjunto. Para não tornar o documento demasiado extenso, nos Olivais Sul algumas zonas das Células foram agrupadas na mesma ficha por conterem projectos iguais e dos mesmos autores e por em alguns casos existir mesmo uma continuidade desses conjuntos, sem uma “fronteira real”.

5.4 Síntese da Observação

Durante todo o processo desta investigação, encontrámos construções dispersas pela cidade, hoje já perfeitamente integradas no tecido urbano existente, e encontrámos grandes conjuntos, que - contra algumas opiniões - acabariam também por vir a ser soluções adoptadas.

Construíram-se gigantescos aglomerados de habitação social com uma enorme densidade de população, embora nos casos mais recentes tenha existido a preocupação de os dotar de infra-estruturas de apoio social, e de gabinetes de gestão de bairro (GEBALIS), para prestar apoio no local e de se tratarem com mais cuidado as áreas envolventes, com espaços de circulação pedonal, espaços e equipamentos de lazer e espaços verdes ajardinados.

“Os espaços exteriores contidos pelo edificado, se se pretende que sejam efectivamente ocupados e vivificados, não o serão à custa da aridez das suas superfícies e paramentos.

(....) Se o espaço enquanto objecto qualifica - e define - o urbanismo, no âmbito da habitação social deve ser sujeito a especial atenção, na definição dos seus volumes, interligações e funções. De contrário, não serão de admirar as atitudes e reacções dos potenciais utilizadores desse espaço”. (Farinha 1997, p133).³⁷

Ao espaço nós acrescentamos a cor.

No que diz respeito às crescentes exigências de qualidade da construção, dos equipamentos, acabamentos e áreas, e até no cuidado posto no tratamento das áreas envolventes e equipamentos sociais de apoio, é notória e visível uma tentativa crescente de fazer melhor, tendo-se atingido bons padrões de construção de habitação social, agora designada “habitação a custos controlados”, com edifícios de bom nível arquitectónico.

Podemos ainda hoje observar a qualidade da construção dos Olivais, levada a cabo na altura por uma nova geração de arquitectos e que se repete agora por outras áreas da cidade de Lisboa, citando apenas como exemplo alguns dos conjuntos

³⁷ Manuel Farinha (1997). “Habitação Social – Perspectivas de Intervenção. *Cadernos de Urbanismo*, I Fórum Nacional Urbanismo e Autarquias (11 e 12 Março de 1997)

habitacionais do PER, também eles projectados por uma nova geração de arquitectos pertencentes ao DCH, ou alguns conjuntos da zona abrangida pelo Plano de Urbanização do Alto Lumiar.

Apenas no futuro se poderá comprovar, se algumas das recentes opções de construção dos novos bairros ou conjuntos habitacionais, especialmente os de realojamento, se virão a revelar como perpetuadoras de uma realidade de segregação, marginalização e exclusão social.

É claro que com todas as limitações orçamentais, por vezes se torna complicado responder às exigências de qualidade e resistência em termos de projecto, assim como criar espaços exteriores de apoio e zonas envolventes agradáveis.

“(...) Acontece porém, que é necessário investir neste domínio. Fazê-lo do ponto de vista não só económico, mas também projectual. É fundamental investir, insistir e também educar”. (Farinha 1997, p133).³⁸

As palavras do então Vice-presidente da CML, (Vasco Franco), na publicação do Boletim nº 57, do DCH de Julho de 2001, já referido no ponto 2.5 do capítulo II, são reveladoras de alguma preocupação em relação ao estado de abandono a que muitas zonas foram votadas, daí a preocupação de reabilitar muitos dos bairros mais antigos que estavam em completas condições de abandono.

No que diz respeito ao uso da cor, nos conjuntos estudados ao longo de um período tão alargado, as soluções cromáticas (como as arquitectónicas) foram muito diversificadas.

No campo da construção de habitação social sentiram-se também as influências das correntes de pensamento arquitectónicas, com as inerentes opções cromáticas (ou acromáticas) ou até as opções por diversos materiais de revestimento, que levaram a uma certa uniformização/padronização de soluções que podemos observar por períodos.

³⁸ Manuel Farinha (1997). “Habitação Social – Perspectivas de Intervenção. *Cadernos de Urbanismo, I Fórum Nacional Urbanismo e Autarquias*, (11 e 12 Março de 1997).

Nos primeiros bairros de moradias unifamiliares, a cor é quase integralmente resultante de pintura e as fachadas não incluíam praticamente outros materiais de revestimento de onde pudesse surgir cor.

Nos “bairros de casas económicas”, a cor individualiza cada moradia, e o leque de cores e tonalidades é muito variado. Este leque cromático repete-se em todos os bairros de uma forma muito semelhante, podendo dizer-se que há uma certa uniformidade entre todos eles. Formalmente as tipologias das casas também são idênticas, como se observa na imagem.



Fig. 14. Vários Bairros de Casas Económicas. Fotos do autor

Ao longo das várias décadas analisadas a pintura foi o revestimento mais utilizado como se pode observar no gráfico da página seguinte, sendo a principal e praticamente a única opção de cor dos primeiros bairros.

Actualmente existem, situações em que diferentes materiais foram acrescentados – azulejos, pastilha, materiais cerâmicos ou até pedra, em obras de “recuperação e restauro”, que não respeitaram a imagem original.

Algumas habitações, mantêm a traça original mesmo recentemente recuperadas, mas muitas foram completamente alteradas e novos revestimentos exteriores foram introduzidos. Nestas intervenções mais recentes, a variedade de materiais aplicados, criou uma maior diversidade de colorido. Esses materiais que surgem em combinação com a pintura das fachadas, mesmo com uma expressão pouco acentuada, foram considerados para efeito do levantamento.

cor e materiais

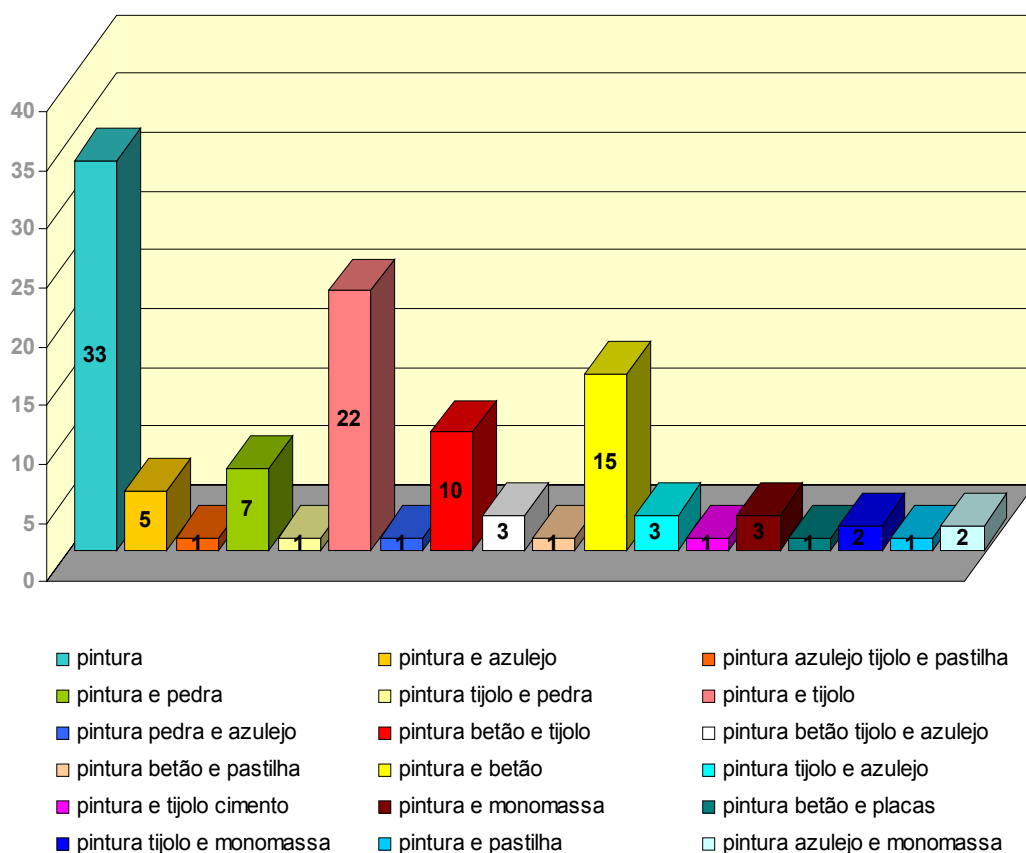


Fig. 15. Número de ocorrências e materiais utilizados

As soluções cromáticas resultantes da aplicação de outros materiais para além da pintura, tornaram-se mais diversificadas à medida que novos materiais foram sendo introduzidos nas construções.

De referir que na década de 60, nos conjuntos dos Olivais as opções cromáticas foram muito variadas embora constituíssem um ambiente cromático de características semelhantes, onde o revestimento de tijolo e o betão à vista foram os materiais de eleição. Podemos dizer que o cinzento (betão ou pintura) e o branco, assim como os laranjas do tijolo, são as cores mais largamente utilizadas nestes conjuntos.

Nas duas décadas mais recentes, assistimos de novo a uma vasta utilização do tijolo, sendo no entanto visível uma maior variedade de materiais aplicados; alguns deles como as monomassas, já são coloridos, e vieram por vezes substituir as cores resultantes da aplicação directa de pintura.

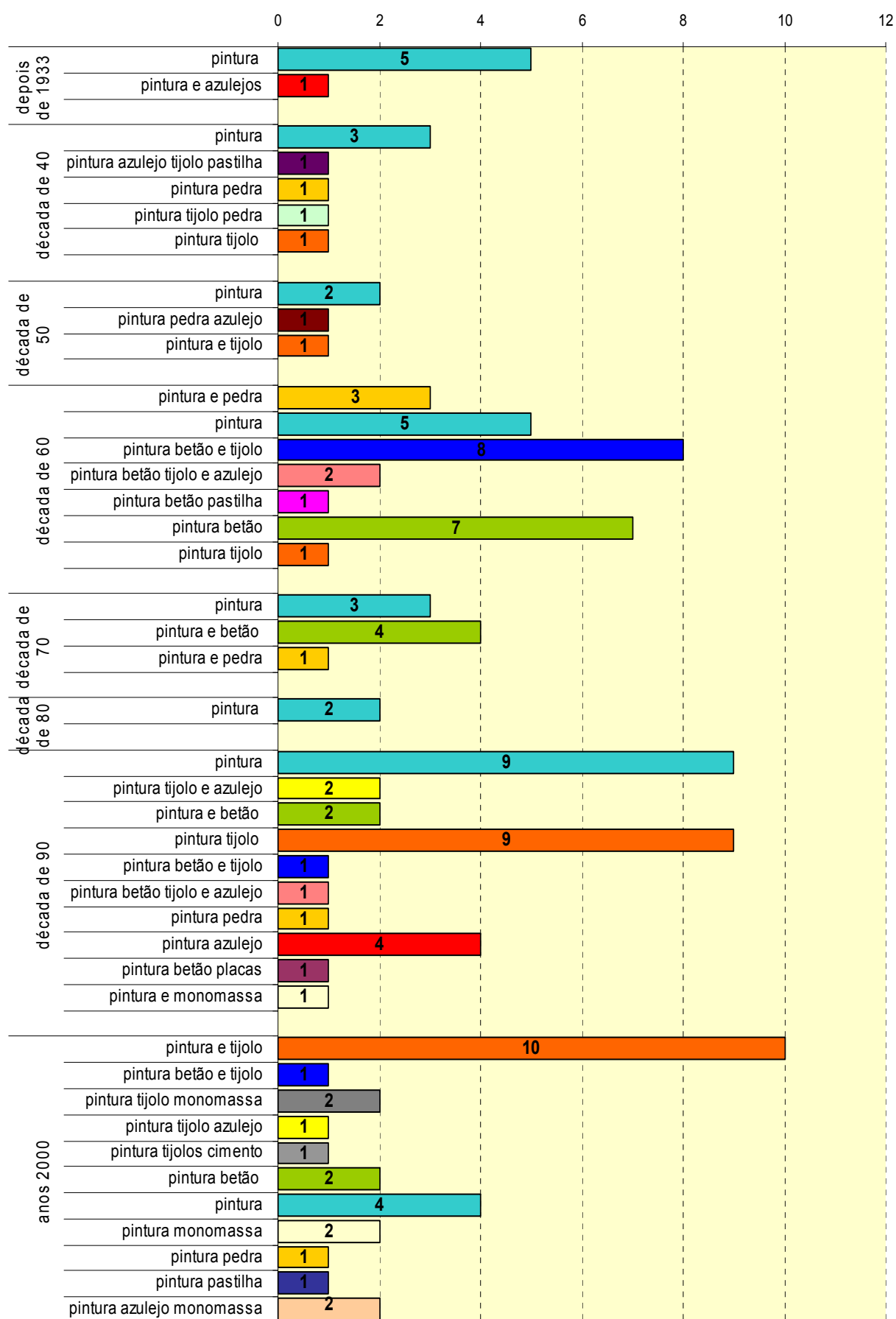


Fig.16. Materiais aplicados – organização por décadas

5.5 Conjuntos e Autores seleccionados

De acordo com o que foi referido no ponto 4.3.3 do capítulo IV, seleccionaram-se alguns conjuntos e respectivos autores, a que correspondem as seguintes fichas:

Ficha 42 – *Bairro do Condado* - Arquitecto Tomás Taveira.

Ficha 66 – *Piano Bairro Marquês de Abrantes* - Arquitectos Pedro Sousa Menezes, José Moore Vieira e Margarida Lopes Alves.

Ficha 69 – *Quinta do Cabrinha* - Pintor Jorge Martins.

Ficha 85 – *Rua João Nascimento Costa* - Arquitecto Pedro Sousa Menezes.

Ficha 88 – *Travessa Sargento Abílio* - Arquitecto Paulo Tormenta Pinto.

Ficha 90 – *Rego B* - Arquitecta Margarida Lopes Alves.

Ficha 91 – *Rego C* - Arquitecto Paulo Tormenta Pinto.

Ficha 92 – *Avenida de Ceuta Norte (Quinta do Loureiro)* - Pintor Jorge Martins.

Ficha 93 – *Avenida de Ceuta Sul* - Pintor Jorge Martins.

Ficha 94 – *Rua Maria Pia e Casal do Evaristo* - pintor Jorge Martins.

5.6 Entrevistas Semi – Estruturadas

As questões de base colocadas aos entrevistados pretenderam:

- Compreender o grau de conhecimento sobre aspectos relacionados com a cor e a sua aplicação nos bairros sociais.
- Saber se a opção cromática fez parte do processo conceptual.
- Perceber o grau de preocupação dos responsáveis com os efeitos da cor sobre os utentes e sobre o meio ambiente.
- Determinar os critérios ou os princípios que orientaram as escolhas cromáticas.
- Perceber a existência da noção da materialidade da cor.

5.7 Análise das Entrevistas

■ Entrevista ao Arquitecto Paulo Tormenta Pinto

Autor dos Projectos da Travessa Sargento Abílio e Rego C na Rua Soeiro Pereira Gomes e Rua Portugal Durão. Realizada em 18 de Março de 2005.
(em itálico, palavras dos entrevistados).

1- Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

A esta pergunta o Arquitecto respondeu que apenas falaram em cor na disciplina de Desenho, mas que foi alertado para o assunto pela Arquitecta Dulce Loução.

“A cor é uma investigação quase pessoal, é uma sensibilidade que se vai desenvolvendo com o passar do tempo, estando a intuição sempre presente”.

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

Respondeu que não sabe e não é capaz de separar a questão da cor doutra coisa qualquer inerente à arquitectura. Porque a cor faz parte integrante de cada projecto e cada projecto é sempre uma nova investigação.

- Recorre à opinião de *peritos em cor*?

Não, nunca recorreu.

- Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?

Havia alguns encontros entre sociólogos e arquitectos mas não achava que resultassem. Embora considere a ajuda dos sociólogos importante, não é decisiva. Acima de tudo o arquitecto deve ter capacidade para *“criar lugares estimulantes onde acontecem coisas”*.

“Há umas sensibilidades que são as sensibilidades humanas de quem faz, que eu acho que são insubstituíveis. A sensibilidade perante os outros”...

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

Claramente sim, porque responde que *“a cor é uma extensão da própria arquitectura, é uma parte fundamental do projecto”*

Por outro lado a preocupação de colocar nas fachadas placas com a referência das cores para futuras repinturas, mostra a vontade de que aquele projecto mantenha exactamente aquelas cores e não outras semelhantes.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

A cor do material surge mais no início, logo na fase de projecto. Também a ideia da existência de cor, mesmo pintada, muitas vezes já está presente.

O que fica como opção final para a fase da execução da obra é a escolha da tonalidade exacta, com ensaios no local. Aí não há decisões prévias.

“Portanto há duas maneiras de estar perante o problema”.

A cor faz parte do processo projectual?

Sobre esta questão, o arquitecto respondeu que tem algumas dúvidas sobre... *“se a cor é um atributo da Arquitectura ou não,... se faz parte do projecto”...*

Faz parte do projecto?

Aqui o Arquitecto respondeu que se nalguns casos concorda que a cor pode assumir um papel efémero, continuando a arquitectura e a cidade a manter a sua presença, noutros casos esta postura já não é consensual. Duvida até do que pensaria caso mudassem a cor ao seu projecto da Travessa Sargento Abílio.

5- Tem consciência do binómio materialidade/cor?

a opção pelo material já é uma opção cromática?

A resposta é Sim, mas acrescenta que *“há um refúgio que garante que se corre menos riscos utilizando a cor própria do material do que escolher uma cor. Escolher uma cor é um projecto”.*

- tem a noção da materialidade da cor?

Sim tem, o material tem cor.

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

- a opção pela cor é consciente no processo de concepção?

É consciente e mais segura quando se trata de uma opção por um material de revestimento do que quando se trata de cor pintada.

- é uma opção no final como *make-up*?

Só é final a decisão da escolha da cor certa, e do tom exacto.

-ou resulta da *opção pelo material*, isto é, a opção da cor advém do material?

No caso do conjunto do Rego foi isso que aconteceu.

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção por

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”?

A opção é sempre feita primeiro pelo material e pelas suas qualidades, embora no caso do Rego a terracota tenha sido escolhida também pelas variações de tonalidade.

“Aquele tijolo também não é um tijolo comum é uma terracota. Tem umas variações diferentes”.

É uma opção menos arriscada no caso do tijolo?

E é mais consensual, porque é possível ver exactamente aquela cor aplicada noutros edifícios.

“e dá-nos algum conforto saber que é a cor do próprio material”

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor?

- Memórias pessoais.
- O envolvimento com o trabalho de outras pessoas.
- Algumas coisas vistas anteriormente.

“No fundo esta coisa que está sempre presente no acto de criação que é o recolocar coisas”.

- Também a influência do mexicano Luís Barragan que esteve presente na sua formação.

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

- Há uma conjugação de todos, embora seja excluído o aspecto simbólico.
- O gosto pessoal é referido também, como sendo a capacidade de poder eleger coisas, assim como:
- A conjugação de uma sensibilidade pessoal, filtrada por um conhecimento mais culto, como no caso da cor azul da Travessa Sargento Abílio, claramente associado ao Ives Klein.
- Há sempre referências que no final têm a ver com as memórias pessoais.

10- Pensa no impacto das cores

- no meio ambiente envolvente

Sim, há uma clara preocupação pela relação com a envolvente. Mesmo quando a cor é intensa, como na Sargento Abílio, ela aparece apenas em fragmentos, com um ar cinematográfico. A cor não é logo evidente, não envolve os edifícios, aparece apenas quando se entra. De algum modo está contida dentro dos espaços, ainda que exteriores.

- e nas pessoas - do ponto de vista físico e psicológico?

Não há uma resposta clara a esta questão.

Refiro-me ao que a cor pode provocar nos utentes, se alguma vez foi alertado para isso?

A resposta é que *“existe uma sensibilidade mais intuitiva”*.

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis CML. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Não, não existem directivas.

Houve algumas referências no fim do PER para que se usasse cor, porque o branco podia ter um carácter pouco estimulante, mas foi já no fim.

A certa altura houve uma determinação em relação a alguns materiais de revestimento porque caíam, já que as colas não eram bem aplicadas.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social.

Pelo menos no que lhe diz respeito, o arquitecto acha que não.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

A resposta é que não existe essa distinção. A Habitação Social pretende conseguir o máximo efeito com um mínimo de custo. As áreas são mais reduzidas, os materiais são mais económicos mas não pensa fazer habitação social pensando de maneira diferente para uns ou para outros.

E em termos de cor?

Mesmo neste ponto não existe de maneira nenhuma uma preocupação diferente. O autor teria preferido um revestimento de azulejo por ter uma sustentabilidade ao tempo que a cor pintada não tem. As cores seriam sempre brilhantes e sem manutenção.

Quando projecta espaços de habitação social tem a noção de quem vão ser os habitantes, sabe para quem projecta?

Existe apenas uma noção generalizada, não uma noção específica.

O Arquitecto questiona até se essa noção deveria ou não existir, porque a *Arquitectura fica e as pessoas vão mudando*.

A questão coloca-se porque a Habitação Social é um espaço de habituação e mediação na transferência das comunidades de um estado mais rural para um estado mais urbano.

Acrescenta ainda que gosta mais de pensar que a arquitectura se faz *com as pessoas* e não *para as pessoas*.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psicofisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos
influência no comportamento social dos utentes?

Resposta evasiva.

15- Preocupa-se em fundamentar / justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

Apenas fundamentou a Cor, mas não aquelas cores.

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

Ou pensa que devia existir mais informação?

A primeira parte da pergunta não foi respondida e a resposta é afirmativa quanto ao facto de poder haver mais informação nos vários cursos.

Sobre os conjuntos

Travessa Sargento Abílio

Quanto à aplicação de cor, a referência foi uma questão de espaço público e privado, e a noção de que cada espaço tem uma caracterização. Os espaços contidos pelos blocos poderiam ser considerados como umas grandes salas de estar, ainda que sendo exteriores, (uma sala azul, uma verde, uma vermelha).

Os vários ensaios que foram feitos no local, para acertar as cores, não foram muito bem aceites pelos empreiteiros, por se tratar de uma obra de custos controlados.

Problemas de execução na aplicação da cor levaram à actual situação – *cores queimadas* ao fim de dois/três anos, aguardando-se a reparação das fachadas.

Quanto à arquitectura e à vivência do lugar, segundo a opinião do arquitecto, o conjunto resultou. É um projecto recente com o qual o autor se identifica mais, porque correspondeu a uma maior liberdade na realização do projecto e na utilização de *elementos da Arquitectura como a cor*.

O Azul é uma clara referência ao Ives Klein, o verde começou por ser uma memória de um verde água da Avenida Paris, e o vermelho era a cor de um edifício da Rua das Trinas de que o Arquitecto gostava muito.

Quanto aos habitantes, de uma maneira geral aderiram ao conjunto.

Por fim um aspecto completamente imprevisto mas muito pitoresco: os habitantes consideraram as cores como pertencendo aos três grandes clubes de futebol, (azul, vermelho e verde).

Rego C – Rua Soeiro Pereira Gomes

Segundo o Arquitecto, no projecto do *Rego* as habitações, as plantas e a organização dos fogos, correspondem a uma realização muito convencional.

O projecto é mais antigo que o anterior, e é um dos seus primeiros projectos.

A questão era conseguir fazer uma espécie de invólucro, com uma relação para o exterior do bairro e com um interior que corresponderia a um lugar de vida social, daí ter uma dimensão mais controlada.

O projecto consistiu em trabalhar na transição entre um espaço mais público e um espaço mais privado, ainda que de exterior se tratasse. Essa ideia está de certo modo presente nos dois conjuntos.

A aplicação de tijolo teve a ver com questões de influência que derivaram da intervenção no “campus” da Universidade de Aveiro, altura em que se voltou a falar novamente desse material, voltando a estar de novo mais presente. A escolha da terracota foi feita depois de observar esse material aplicado em vários edifícios.

“Com a cor consegue-se caracterizar o espaço de uma maneira diferente.

Custa o mesmo e já que estamos a falar de coisas pobres, de materiais pobres, com possibilidades limitadas em termos de custo, a cor é um excelente material para isso”

■ **Entrevista à Arquitecta Margarida Lopes Alves**

Autora do conjunto Rego B com o arquitecto Cornélio da Silva, da Quinta das Lavadeiras, e colaboradora no “*Piano*” do Bairro Marquês de Abrantes. Entrevista realizada a 14 de Abril de 2005.

1-Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

A resposta foi não, considerando isso uma lacuna.

Recordou que em Teoria da Arquitectura por vezes se falava na cor dum projecto assim como em Desenho o professor Daciano Costa se referiu à cor.

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

Admitiu que sabe muito pouco sobre cor. Guiou-se sempre pelo seu bom senso e pelo gosto, mas depois admitiu que não tem nenhuma justificação teórica.

- Recorre à opinião de peritos em cor?

- Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?

Não nunca falou. Apenas discutiam entre colegas, e todos tiravam partido dessas conversas.

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

Sim é.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

A arquitecta admite que a opção pela cor do material surge logo no projecto, enquanto a cor pintada, quase sempre, senão mesmo sempre, fica para decidir na fase final da execução da obra.

5- Tem consciência do binómio *materialidade/cor*?

Sim tem.

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

A opção pela cor é consciente no *processo de concepção*?

Quando pensa num projecto pensa nele já com cor?

Geralmente sim, embora as cores pintadas fiquem para decidir em obra.

Quando tem de escolher os materiais, essa decisão acontece sempre mais cedo.

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção por

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”?

Um pouco dos dois, no caso do projecto do Rego, mas em geral a opção é primeiro pelo material e depois pela cor.

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor?

- O bom senso e o gosto pessoal, embora depois não tenha nenhuma justificação ou base teórica; não tem outros critérios.

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

A estética e a harmonia com a envolvente. Por vezes opta pelo contraste, outras pela harmonia.

10- Pensa no impacto das cores?

-no meio ambiente envolvente

Sim.

- nas pessoas - do ponto de vista físico e psicológico?

Tem algum conhecimento do impacto que as cores podem ter sobre as pessoas?

Tem uma ideia geral de que por exemplo *“o amarelo forte deixa as pessoas muito tensas, e elas não se sentem confortáveis a trabalhar num espaço com uma cor tão intensa. O amarelo gera muita conversa e confusão. O que acontece em geral com todas as cores fortes. Para os interiores escolhe sempre cores claras”*.

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis CML. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Não existem directivas. Os arquitectos são os responsáveis pelos projectos.

Havia algumas imposições por parte dos responsáveis?

Apenas sobre os materiais. Existiram algumas recomendações consoante os problemas que iam surgindo nos edifícios construídos, como a proibição de usar o tijolo burro, e depois a proibição do uso de umas plaquetas porque caíam.

E em relação às cores, havia directivas?

Não propriamente.

Apenas refere a existência de alguma polémica, quando o Arquitecto Pedro Menezes pintou o *Piano* de laranja sem consultar os outros elementos da equipa.

Mas havia alguém responsável que optasse ou que opinasse?

Não havia, os arquitectos são os únicos responsáveis pelos seus projectos e por isso decidem.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social.

Acha que não.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

Em relação aos materiais faz distinção porque em projectos que não sejam para habitação social pode usar materiais mais nobres, mais caros.

E quanto às cores?

Não faz distinção nenhuma, trata da mesma maneira.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psicofisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos
influência no comportamento social dos utentes

É um conhecimento mais intuitivo do que teórico.

Tem conhecimento que a cor influencia física e psicologicamente as pessoas? Que pode alterar os batimentos cardíacos, a respiração?

Não tem conhecimentos nessa área, embora tenha uma ideia de que a cor influencia as emoções.

Então não deverão as cores ser pensadas de modo a não interferirem no próprio comportamento de pessoas que socialmente já são difíceis?

Acredita que sim, que *provavelmente* as cores podem interferir.

Acha que estes aspectos são do conhecimento da maioria dos arquitectos?

Pensa que sim, que são do conhecimento geral.

15- Preocupa-se em fundamentar ou justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

A resposta é Não. Apenas justifica se vir que realmente é necessário, e geralmente nem fala nas cores porque gosta de deixar a questão das cores em aberto. Ao nível dos interiores fica muito para definir em obra.

e nos exteriores?

Por fora a Câmara obriga a escolher. Geralmente chega sempre à Direcção um desenho ou uma maquete já com cor.

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

Ou devia existir uma disciplina nos cursos?

Pensa que sim, mas que deviam ter mais conhecimentos nesta área. Considera muito importante mais aprendizagem nos cursos mesmo que não fosse uma formação muito aprofundada.

Sobre os conjuntos

O *Piano* do Bairro Marquês de Abrantes

A sua participação no *Piano* não se relacionou com as cores.

Refere que existiu uma certa polémica quando o Arquitecto Pedro Menezes escolheu a cor laranja para o seu bloco do *Piano* de sem consultar a equipa.

A primeira reacção foi um choque, embora depois tenham concordado que a cor ficou bem apesar de muito viva.

Depois, o arquitecto Moore Vieira escolheu as outras cores dos restantes lotes para tentar equilibrar o conjunto arquitectónico.

Rego B

Inicialmente o projecto não era para ser em monomassa, mas sim nuns painéis pré-fabricados com compósito de cimento. O projecto foi todo pensado para esse material mas no fim foram impedidos de o utilizar.

Na altura da escolha criaram uma imagem inicial - o laranja – pelo que quando foram obrigados a escolher outro material tiveram de procurar uma coisa semelhante e que estivesse dentro dos custos para a habitação social.

A opção foi pela monomossa para poderem prosseguir com o jogo: caixas de escada em tijolo burro, apartamentos revestidos com os painéis. Foi o princípio de onde partiram.

Quanto às outras cores, o azul e o vermelho, foram escolhidas *a brincar com os lápis de cor*, acharam que ficava bem, mas não sabem explicar a razão. Depois no local as cores resultaram bem.

Quanto ao conhecimento de quem vão ser os habitantes, a resposta é negativa em relação ao Rego, e como não costumam ter essa informação, nos interiores usaram cores muito claras, *tons muito claros que não causem problemas*.

Quanto ao receio de protestos pelo facto de as salas terem grandes envidraçados sem estores, (só portadas nos quartos), os moradores não protestaram.

Depois de uma referência aos estacionamento construídos, mas encerrados constatou-se o facto de não existir vandalização, nem alterações nas fachadas como acontece noutros locais.

Quinta das Lavadeiras

Este projecto teve menção honrosa no Prémio INH de 1999.

Foi feita uma maqueta essencialmente para ajudar a estudar a cor. Foi escolhido um amarelo-torrado para contrastar com as cores existentes nas imediações, mas ficou *assustadora*. No local foram pintadas amostras amarelas com 1x1 m para ver como resultava a cor, mas os moradores (da vizinhança) reclamaram porque não gostaram. A ideia era contrastar com os edifícios existentes, em tons de azul, dos anos 70. A cor final – o azul – foi escolhida com a colaboração de uma colega autora dos lotes da Buraca, Arquitecta Ana Lúcia, já que a autora teve muitas dificuldades em conseguir escolher a cor. Nas caixas de escada, nos pilares do r/c, e nas caixilharias foi aplicado um cinzento-escuro azulado.

Mais uma vez, a cor foi ensaiada no local, com a luz própria, com a envolvente.

Sobre a colaboração de sociólogos, referiu que só no fim é que existiu uma reunião com a assistente social que os ia distribuir, mas já estava tudo pronto.

Foram feitas algumas considerações sobre um parque infantil projectado mas que ficou por construir por falta de verba.

■ Entrevista ao Arquitecto Pedro Sousa Menezes

Autor dos Projectos da Rua João Nascimento Costa, bloco do conjunto “*Piano*” no Bairro Marquês de Abrantes (com o arquitecto José Moore Vieira e Margarida Lopes Alves), assim como da “matriz O” do Bairro das Salgadas. Entrevista realizada a 20 de Abril de 2005.

1- Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

Não teve nunca nenhuma abordagem ao assunto.

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

- Recorre à opinião de *peritos em cor*?
- Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?

Esta pergunta não foi formulada, mas questionado sobre se sentiu necessidade de perguntar alguma coisa sobre cor a alguém a resposta foi negativa.

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

É, em geral. O uso de cor em projectos de habitação social é para o arquitecto uma forma de mostrar que existe uma preocupação de valorizar os espaços para as pessoas, de lhes dar alegria, e de não esconder estas construções.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

Não tem ideias pré-concebidas e a cor pintada acontece com o desenrolar do projecto, principalmente durante a execução da obra, portanto vem no fim. A opção pelo material é anterior.

5- Tem consciência do binómio *materialidade/cor*? a opção pelo material já é uma opção cromática?

A resposta é sim.

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

- A opção pela cor é consciente no *processo de concepção*?
- é uma opção no final como *make-up*
- ou resulta da opção *pelo material*, isto é a opção da cor advém do material.

Para o arquitecto entre o princípio e o fim de um projecto muita coisa muda. Pode até existir a ideia de usar cor mas no caso de pintura não é definida senão na obra.

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção pela

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”.

A resposta é que a escolha é feita em primeiro lugar pelas qualidades do material. No entanto a escolha de tijolo é feita já a pensar na cor. Além disso é um material que mantém a mesma imagem muito tempo.

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor?

- Não existe um critério específico para utilizar a cor. É um momento de inspiração pessoal e intuitivo, “*uma liberdade e um gozo*”.
- A cor pode servir para marcar a diferença e dar uma referência às pessoas.
- Realçar e valorizar este tipo de intervenção.
- Memórias, imagens que ficaram retidas.

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

Fundamentalmente a envolvente. A opinião do Arquitecto é de que a cor é mais importante na cidade. Quando existe verde à volta, a cor não interessa tanto.

10- Pensa no impacto das cores,

- no meio ambiente envolvente?

- nas pessoas - do ponto de vista físico e psicológico?

Segundo o arquitecto convém sempre (seja habitação social ou habitação particular), pensar no impacto que a obra vai ter não só nos cidadãos mas nas pessoas que a vão habitar.

Pensa na envolvente, mas no caso das pessoas que a habitam é mais complicado. *“A arquitectura é a arte mais ingrata, porque está sujeita a crítica a todo o momento”*

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis C.M.L. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Havia indicações sobre materiais-tipo a aplicar, mas não em relação às cores. No DCH só tinham de cumprir os parâmetros das áreas e dos custos.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social?

Questão não respondida, mas a resposta provável seria não, já que afirmou noutro momento a propósito dos efeitos da cor: *“Mas o estudar se calhar obriga a criar regras”*, parecendo-nos considerar estas regras como dispensáveis.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

Nas opções de cor não faz distinção entre habitação social e habitação de outro tipo?

Não. Não tem essa preocupação. A habitação é um direito das pessoas e não pensa que quem pode comprar pode escolher.

Eu falo mais noutro sentido, como no caso do Condado, se tem alguma noção dos efeitos que a cor pode ter sobre as pessoas?

Ali sim, acha que deve ter bastante influência.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psicofisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos
influência no comportamento social *dos utentes*

A opinião é de que as cores influenciam.

Mas não há muito conhecimento sobre esse tipo de influências?

A resposta foi negativa, indo mais longe afirmando: *“ninguém que aplique a cor está preocupado com os efeitos que ela possa provocar”*.

Mesmo em termos físicos... há quem afirme que não está provado cientificamente... mas biologicamente sabemos...

Mas está provado, influencia o comportamento, e isso vê-se nas crianças.

Mas acha que os Arquitectos se deveriam preocupar com esses efeitos?

(Silêncio).

Pelo menos estar alerta para eles....., e terem algum conhecimento de que há cores que podem influenciar...

A resposta é de que isso não é necessário, porque o exterior é uma situação de passagem, considerando que existe uma diferença entre exterior e interior.

Noutro momento afirmou:

“Talvez se possa estudar, quais são os efeitos. Mas às vezes quando se fazem determinados estudos e estatísticas, às vezes vem-se a descobrir determinadas coisas e depois se calhar o melhor é não fazer nada. Não sei se valerá a pena. Para quem se interesse muito por isso, se calhar vale a pena estudar”.

15- Preocupa-se em fundamentar/justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

De um modo geral não gosta de fundamentar as opções cromáticas, porque considera que *“os arquitectos têm autoridade para brincar com a cor”*.

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

Pensa que os arquitectos usam a cor com conhecimento, com intenção ou é mais intuitivo?

A opinião é a de que usam a cor como uma maneira de marcarem a obra, de marcarem uma posição e uma ideia.

“Obra que gera polémica fica na memória. A outra desaparece”.

Sobre os conjuntos

Rua João Nascimento Costa

A fundamentação para a cor deste conjunto foi segundo o autor uma brincadeira, diríamos talvez uma provocação.

Ao visitar o terreno que se situava por trás da Curraleira, o arquitecto ficou impressionado com a quantidade de pessoas a drogarem-se, e a *viverem daquela maneira miserável*. Ficou-lhe daquele local, essa forte memória que nunca esquecerá.

Quando lhe foi pedido um texto para publicar no Boletim, e perante a recusa do arquitecto em escrever, acabou por entregar o seguinte texto:

“As cores utilizadas, o cinzento, amarelo e vermelho escuro, realçam a sua implantação e ao mesmo tempo reflectem a memória do local, que se prevê em breve apagada, ou seja, o desperdício do sangue dos infelizes que frequentam um local de abastecimento do mal que aflige a sociedade actual. (Boletim 56, DCH, CML, p 66).

No entanto apesar de brincadeira, admite que a memória do local pode ter influenciado mesmo não conscientemente, a escolha dessas cores.

O Píano do Bairro Marquês de Abrantes

As cores do bloco do *Píano* tiveram outra intenção. Surgiram da preocupação de tornar a construção diferente, não repetindo cores que considerava habituais - cor-de-rosa, amarelo e branco. A ideia da cor laranja surgiu numa viagem pela costa mediterrânica francesa. Embora fosse uma tonalidade diferente da utilizada, considerou a cor bonita e agradável.

A escolha de cores por catálogo não era solução que agradasse. Queria uma cor diferente. Acabou sendo escolhida a cor do “esfregaço”, contra todas as opiniões e com alguns protestos. Esta opção cromática foi um choque, muitos não gostaram, mas não foi nada de preocupante, até porque com o passar do tempo a cor acabaria por queimar.

Todo o bairro tinha sido demolido, o edifício era um “obelisco” sem mais nada em redor, o que pode ter contribuído para o choque inicial.

Os restantes blocos que completam o conjunto são da autoria do arquitecto Moore Vieira que depois procurou um *degradé* da cor, mas para mais claro, numa tentativa de apagar aquele laranja, de o esbater um pouco.

Depois da polémica surgem várias intervenções com cor. Teve assim o mérito de abrir caminho para novas intervenções.

Quinta das Salgadas

Esta grande intervenção com cerca de 270 fogos, é composta por edifícios cor-de-rosa com 10 pisos. Foi dos primeiros projectos que fez.

Considerando que o reboco e a tinta são o material mais barato, apesar de a longo prazo se tornarem piores em termos de conservação, o arquitecto quis utilizar o tijolo pelas vantagens do material. Os custos limitados deste tipo de construção impediram o uso deste material, acabando por ser utilizada a forra de tijolo que não é propriamente tijolo.

Sobre o Bairro do Condado

Questionado sobre se cores *agressivas* que despoletaram toda aquela rejeição e protesto interferem ou não na *não-aceitação* do bairro, o arquitecto concorda que devem interferir. Para quem vive ali todos os dias as cores tornam-se cansativas. Acha que a cor é aplicada de uma forma muito bruta, sem unidade e sem sentido. As combinações de cor intensas não são aplicadas de maneira ordenada e perdem alguma unidade, perdem a harmonia.

Fazem-lhe lembrar um circo, com muita cor e muito variada.

Pensa que o Prof. Tomás Taveira pretendeu criar choque; e que fica tanto mais satisfeito quanto mais choque e mais polémica criar nas suas intervenções.

No Bairro do Condado já havia uma referência de cor, nas chaminés que eram muito grandes e viam-se ao longe, quando os edifícios eram brancos. A opinião é a de que na altura o arquitecto talvez não estivesse tão à vontade para usar cor.

“Hoje ultrapassando todos os seus limites só podia ir mais à frente, mais além, para chocar mais...”

Sobre a cor em geral

“Os portugueses têm carros brancos, cinzentos ou pretos. Tons que ficam bem sempre. Tons que não choquem; não há um amarelo, um azul forte. Se há, são de empresas”

Pensa que a cor surge muitas vezes associada a modas, e que a Arquitectura também é muito influenciada, o que de todo não lhe agrada.

O seu primeiro impacto com a cor foi o edifício amarelo da Rua Alexandre Herculano, que na altura deu polémica porque *“as pessoas não estavam habituadas”*. Tem outras referências de cor porque depois se começou a preocupar com isso. Por vezes pensa que quando se utiliza cor *“achamos que somos inovadores e não somos nada, já se fez”*...

Considera que há épocas, há ciclos que se vão repetindo, e que isso faz bem à cidade, e é bom haver uma certa mudança.

Acha que as pessoas preferem bairros com alguma cor, e que a cor pode valorizar os edifícios e transmitir alegria às pessoas.

Estas não reagem à cor do material, a cor do material é aceite, porque como o material é da natureza não há problema.

A cor pode contribuir para que as pessoas gostem do seu bairro e até o preservem. Gostar do sítio onde se mora é fundamental para ajudar a preservar. As pessoas gostam e interessam-se por aquilo que têm. São muito bairristas e se mantiverem o bairro, mais orgulho têm e melhor se inserem.

Questionado sobre se devia haver disciplinas onde se estudasse mais a cor, e sobre se faz falta uma aprendizagem mais profunda, sobre os seus efeitos, o Arquitecto respondeu:

“Eu acho que a cor tem de ser intuitiva. Talvez se possa estudar, quais são os efeitos. Mas às vezes quando se fazem determinados estudos e estatísticas, vem-se

a descobrir determinadas coisas e depois o melhor é não fazer nada. Não sei se valerá a pena. Para quem se interesse muito por isso, se calhar vale a pena estudar. Mas o estudar se calhar obriga a criar regras.”

Mas estudar no sentido de perceber a interacção de duas cores, por exemplo.

“Mas na Arquitectura, talvez na política também, uma das razões é exactamente poder utilizar os argumentos que se quiser para justificar. Posso usar uma cor para conjugar e posso usar uma cor para contrastar. A minha ideia não é fazer igual.”

Questionado sobre a importância de conhecer como a cor se comporta, como pode ou não valorizar um edifício, a opinião é de que nesse caso deve ser estudado e explicado às pessoas a maneira como a cor deve ser aplicada.

A cor nos edifícios tem sempre a ver com uma questão económica. Como a pintura é o mais barato que há, é quase sempre a solução. Mas na sua opinião, para a maioria só na altura de escolher é que surge a preocupação com a cor. *“Pinta-se de branco ou de cor de rosa, não faz mal”.*

Mas para si não é indiferente?

A resposta é de que não lhe é indiferente e hoje em dia preocupa-se mais com a cor do que antes. Quando tem de utilizar a cor não tem medo e sente-se perfeitamente à vontade.

■ Entrevista ao Pintor Jorge Martins

Autor dos projectos cromáticos dos conjuntos habitacionais designados por: Quinta do Cabrinha, Avenida de Ceuta Norte (Quinta do Loureiro), Avenida de Ceuta Sul, Casal do Evaristo e Rua Maria Pia, todos na zona de reconversão do Casal Ventoso. Realizada no dia 26 de Abril de 2005.

A entrevista foi diferente, porque não sendo o autor dos projectos de arquitectura algumas questões do Questionário Modelo não podiam ser colocadas.

Este projecto foi um convite do então Presidente da Câmara Dr. João Soares?

Foi.

Sendo Pintor com formação de Arquitecto, como é que se dá cor a um projecto que não é nosso, que é uma intervenção?...

“Eu detesto trabalhar com arquitectos sem ser a partir do começo da obra”.

Desde o início? Eu tive alguma curiosidade em saber como tudo se processou.

O pintor gostaria mais de fazer um estudo *não só desde o início do projecto* como *em boa Arquitectura*. As limitações próprias da habitação social são consideradas um estímulo.

Mas havia limitações de custos?

Havia limites de custos, o material era na maioria monomassa, mas por razões de durabilidade foi aplicado azulejo nas fachadas que davam para a Avenida de Ceuta (conjuntos Ceuta Norte e Ceuta Sul). Foi um custo suplementar pequeno, porque são superfícies relativamente pequenas.

O primeiro trabalho foi a *Quinta do Cabrinha*. O conjunto do PER (ficha 69) já estava dois terços construído, quando a intervenção do Pintor foi solicitada, um pouco para tentar salvar um conjunto *“que estava a ficar um bocadinho tristonho”*.

Quer dizer que entrou a meio do processo?

Entrou a meio, e tentou apenas *salvar aquilo...aproveitando o que estava*. Era preciso dar alguma personalidade ao conjunto que estava quase completamente pintado, de maneira que foram acrescentadas *“umas notas de cor um pouco para o salvar”*. As cores mais fortes das fachadas da Avenida de Ceuta, os elementos verticais amarelos e vermelhos são da sua responsabilidade.

O cinzento (não é monomassa) e o amarelo claro já estavam aplicados, e como não havia dinheiro para fazer outra cor, teve de ficar assim.

Não foi um projecto pensado do início, foi surgindo...?

Foi surgindo aos poucos, uma coisa a seguir a outra, o que não permitiu uma solução mais geral, mais organizada e mais coerente.

Os seus estudos de cor foram feitos sobre os alçados que os arquitectos lhe forneceram?

Foram e aqui (em Ceuta Norte e Ceuta Sul) foi diferente, porque ainda estava tudo para ser construído.

Eu li algures (não sei quem escreveu) que “tinha pintado a Quinta do Cabrinha com as cores de Lisboa”. O que se pode entender por isto, foi o senhor que disse isso?

“Não fui eu que disse com toda a certeza!”

Mas há cores de Lisboa?

“Há cores suaves, há azuis, amarelos, há realmente uma quantidade de cores, mas a cor de uma cidade, a Cor no singular é uma coisa que deve ser escrita com maiúscula, porque é a resultante de várias outras cores. A Cor de um quadro é uma cor feita de dezenas ou centenas de cores. A Cor de uma cidade ou A Luz de uma cidade também é feita de vários materiais. Não sei qual é a Cor de Lisboa infelizmente não sei. Lisboa não tem uma cor. É uma cidade que se deixou degradar e construir de uma maneira tão caótica, que acaba por não ter uma personalidade”.

Mas na arquitectura apresentam-lhe volumetrias e planos, no fundo vai aplicar cor a formas que foram definidas pelo arquitecto.

Por isso acha interessante trabalhar com arquitectos, embora pense que muitos não querem e os promotores não se lembram dessa colaboração.

De resto, refere que os grandes arquitectos que usam cor por ex: o Barragan ou o Legorreta, já pensam nos volumes que estão a construir em função da cor que lá vão pôr. Não é de excluir que um Arquitecto que queira trabalhar com um artista não possa trabalhar também desde o princípio.

Eu penso que cá não é muito comum. O arquitecto gosta de controlar toda a sua obra do princípio ao fim.

Não de todo!

“Em Portugal não estou a ver muitos arquitectos que usem cor com alguma audácia”.

Tomás Taveira, Bairro de Chelas?...

Não considera que seja audácia...

É que o Bairro de Chelas foi colorido à posteriori. Era inicialmente branco, e estava cinzento-escuro, sujo, degradado, e foi feito aquele plano de cor.

O único sítio onde pode haver branco puro na arquitectura, é segundo o pintor onde há cal e não há poluição.

E onde há uma manutenção mais permanente. Eu não acho que os moradores sejam contra a cor. Talvez contra aquelas combinações, conhece?

Conhece. Estive em Miami há pouco tempo onde viu edifícios assim, com aplicações de cor muito fortes.

Mas o professor Taveira é um arquitecto polémico e gosta de o ser. E depois há outros que provavelmente têm medo de usar cor e utilizam uns begezinhos e amarelos que não colidem com nada...

Acha isso muito pior. *“Eu acho esse lado timorato ainda pior.... Com o sol de Lisboa essas cores desaparecem rapidamente”*

Ao fim de algum tempo queimam, o sol e a luz acabam por *abrandar* as cores.

Contou com isso quando escolheu estas cores; tal como quando fez a Cordoaria. Contou que ao fim de dois ou três anos a violência tivesse desaparecido, apesar de na Cordoaria o material ser bastante melhor.

O que é diferente na pintura é que tem uma liberdade de escolher a cor que na arquitectura não tem?

A sua opinião é a de que *“Não é completamente diferente mas é quase completamente diferente”*.

Pelas distâncias de relacionamento cromático (da ordem dos centímetros, de um metro ou dois, enquanto na arquitectura são da ordem das dezenas de metros). Só isso já faz com que as relações das cores sejam diferentes.

Foi diferente a intervenção nestes bairros, da sua intervenção por ex: no Metro de Chelas em que também trabalhou com arquitectos? É que são duas perspectivas de aplicação de cor a espaços.

No Metro de Chelas teve um relacionamento excepcional com a arquitecta que lhe deu grande liberdade, lhe permitiu utilizar as profundidades, abrir planos.

Começou a trabalhar ainda em projecto. Foram previstos uns desnivelamentos para integrar a iluminação que nunca lá foi colocada.

Considera muito frustrante fazer obras públicas, quando não há dinheiro, e muitas vezes o problema não é dinheiro, é desorganização.

Em Ceuta Norte como em Ceuta Sul há monomassas. Aí a cor foi definida antes da construção?

Sim foi e foi lá várias vezes acompanhar a obra. Um dia foi lá, e verificou que havia uma cor a mais, que jamais deveria ter posto, e achou estranho. Era pintada e já lá estava posta; foi então que soube duma alteração ao projecto, que não lhe tinha sido comunicada. A partir daqui criou-se uma situação muito desagradável.

Isto foi estudado em desenho, mas quando chegou à obra com aquela luz, com as sombras, com a envolvimento, manteve as cores que tinha escolhido ou fez algumas alterações?

Foi estudado em desenho, e não fez grandes alterações. Foi lá ver a cor nas paredes.

Mas na piscina, que também lhe foi pedida, trocaram as cores da pastilha: a que era para o fundo ficou nas paredes e a das saliências ficou para fundo...Acabou por não resultar mal ” *mas podia ter sido um desastre!*”. E pronto foi assim, foi tudo assim”.

No conjunto da Rua Maria Pia também há azul-turquesa, em azulejos.

Foi uma escolha sua, não é muita quantidade, não precisa ser pintada e é lavável! Porque o problema destas habitações é que sendo a custos controlados e não havendo muito dinheiro não vão ter uma manutenção muito frequente...?

“O problema é que são casas que estão numa zona nobre de Lisboa”.

Eu sei que estudou cá arquitectura e depois também em Paris.

Mas não acabou.

Teve alguma disciplina em que estudasse cor?

Não teve.

Em Paris também não? Agora vai existir uma disciplina na FA.UTL; é que sendo tão utilizada por arquitectos, designers, pela moda, há um grande desconhecimento de como a cor funciona.

Pensa que a cor é uma coisa muito difícil de teorizar. Tem a ver com a cidade, com as condições, se se tratar de arquitectura. E é muito difícil passar do plano da *física da cor* para a *estética da cor*.

Para a prática da cor?

A opinião é de que os aspectos físicos da cor não podem ser normativos em termos de estética. E quando se passa para o plano da estética as coisas tornam-se muito mais complexas e difíceis de regulamentar. Daí não poder haver legislação sobre cor. Acha que é um disparate, porque é muito difícil pôr em texto de lei, regras!

Depende da cultura, ou das tradições, há cidades que têm tradições...não se pode ir para Roma pintar casas com cores dentro de uma gama de cores que não seja a de Roma. Em Lisboa pode, não há regras.

Penso que não há normas, a não ser para monumentos ou bairros históricos.

É um disparate. Deu como exemplo o Algarve cheio de cor dos anos 80, e duma regra camarária ordenando que a sua casa tinha de ser pintada de branco. Por acaso era branca e continua a caiá-la, mas discorda da obrigatoriedade.

“O Algarve era um sítio cheio de cor, (...) com platibandas lindas, de uma invenção formal; agora é que está a ficar um desastre”.

Também no Alentejo as pessoas caíam a casa uma ou duas vezes por ano, têm uma cultura arquitectónica extraordinária, *“não precisam de ser obrigadas”*. Discorda em absoluto do facto de a Câmara *ter de obrigar*, o que para as pessoas é absolutamente normal.

Há muitos arquitectos que utilizam a cor só no fim, do género *“agora como é que vou pintar isto?”* Há outros que ao projectar já sabem em que volumes a vão aplicar, mesmo sem saberem qual cor. E há outros (como o arq. Taveira pelo menos eu acho), que usam o edifício como uma tela. Parece-me muito uma postura de pintor, que tem um prazer pessoal com aquelas cores...só que é uma tela a três dimensões!

Pensa que se pode sempre utilizar a cor de uma maneira mais decorativa (e é quase sempre decorativa). A cor pode acentuar um volume, ou ser acentuada pela luz, como pode decompor um edifício em blocos... Uma das funções da cor na arquitectura popular é a divisão da propriedade. Há séries de casas que são iguaizinhas e cada proprietário pinta de sua cor, para marcar os limites.

Pode destacar ou fazer desaparecer um edifício. E era uma das coisas que eu queria descobrir, isto é, **com que critérios se fazem as aplicações, como é que se utiliza a cor.** Um dos arquitectos que entrevistei dizia-me “*não é por serem casas mais pobres que vamos escondê-las, ou pintá-las dumas cores beges...*”

Concorda.

Porque também lhes dá a eles habitantes um sentido estético e gostam de ter o seu bairro cuidado...

Ai isso gostam com certeza.

Talvez o preservem mais, porque estes habitantes são pessoas problemáticas, socialmente são pessoas complicadas.

Na Quinta do Cabrinha são!!...vinham do Casal Ventoso.

Embora com alguns apoios sociais, são problemáticos. Aí há um aspecto que é social e que é criar-lhes um ambiente onde se sintam bem?

Concorda totalmente, embora não tenha conhecimento da reacção ou agrado dos moradores porque que não falou com ninguém depois.

O que acha da aplicação da cor em Lisboa? O Bairro de Chelas é quase um caso à parte em termos de cor.

Distinguiu as *zonas históricas das zonas de construção moderna*, para, para não dizer *construção caótica*.

Numa zona histórica é preciso ter cuidado com as intervenções, que têm a ver com o diálogo com o que já existe.

Referiu a experiência da 7ª Colina, que sendo numa zona histórica – “*não há nada mais histórico que o Chiado e o Príncipe Real*” – estava tão degradada que

não tinha história. *“Era histórico mas não tinha história”*. Podia-se criar do nada a cor daquilo”.

Não havia que respeitar relações de cor...porque a cor já não existia.

Quando há pouco lhe perguntei se achava que se devia estudar mais a cor, referia-me também a harmonias, à interacção das cores. Numa entrevista disseram-me que recearam colocar um certo azul sobre um laranja, e só no local perceberam que afinal as duas cores combinavam. Mas se eram complementares!

“O problema é que em teoria, a harmonia está em função da escala, das dimensões, das formas, da matéria, da luz, etc.”.

Só se aprende com a prática?

Não, é caso a caso.

É intuitivo, é uma questão de sensibilidade de quem utiliza?

Acha que *“É sempre uma questão de sensibilidade e é evidente que a experiência certamente ajuda”*.

Mas quando faz determinadas combinações de cor, à partida já as experimentou na pintura, e sabe que algumas resultam...

“É muito difícil, há associações que na pintura são feitas em combinações tão pequenas, tão diferentes das da arquitectura”...

Sim as formas da cor não têm nada a ver, eu sei que é diferente se for numa parede...

A parede tem uma certa luz e uma certa matéria, um certo volume e tem a ver com a janela que está à esquerda e a porta que está à direita, e a caixa do elevador, isso muda tudo. É muito difícil de prever mesmo em projecto.

É diferente de quando faz só arranjos de fachadas, como o edifício do Parque das Nações?

Neste caso a arquitectura do edifício já estava feita, apesar de achar que é um projecto contra natura – são vários edifícios com uma fachada comum com quase meio quilómetro – tudo correu muito bem.

Aí a intervenção de cor foi diferente?

Teve toda a liberdade, foi um projecto muito difícil por estar cheio de janelas, mas considera-se responsável a 100%. Tecnicamente tudo foi impecavelmente feito.

Teve de ser muito bem aplicado? (o edifício é revestido a azulejo)

Foi feito ao milímetro.

É curioso que, concorda inteiramente com os que dizem que adoram, mas também concorda com os que não gostam. É um projecto que até hoje ele próprio não sabe...!

No livro publicado pela Somague, diz-se que os projectos de cor da Avenida de Ceuta são da sua autoria. Se daqui a uns anos mudarem as cores sem o seu consentimento, como será?

As indicações foram todas dadas mas duvida que ficasse algum registo na Câmara.

Eu neste trabalho não soube da cor original de muitas coisas....

Pensa que as cores na arquitectura podem perfeitamente ser mudadas exemplificando com o Terreiro do Paço...

Acha que na arquitectura a cor tem um carácter efémero, transitório?

Acha que pode ser, em certas condições. O Terreiro do Paço pode ficar bem de várias cores. *“E essa coisa da cor original...”*

No sentido de se saber a cor do projecto?

“Se só se restaurassem as coisas com as cores originais não valia a pena pedir aos artistas; o melhor era os historiadores decidirem, eles logo descobrem qual a cor original”. É um disparate, os pigmentos não são os mesmos, mas enfim...peçam aos historiadores.”

Mas acha que há edifícios que podem ter várias cores e manter alguma identidade, mesmo com esse carácter efémero?

O Pintor é de opinião que o efémero não tem que ser tornado eterno...”

Mas um arquitecto que faz um plano de cor como se fosse uma assinatura da sua obra, não tem essa postura, pode não gostar que lho alterem.

“Pode não ser a vida dele...não sei”.

Eu li algumas entrevistas suas e também diz que a pintura não é tudo e que gosta de experimentar outras coisas...

Sim.

Nunca acabou arquitectura?

Gostava de fazer arquitectura, gosta de trabalhar com arquitectos; mas considera a arquitectura um ofício meio artístico meio empresarial. Era incapaz de assumir as duas vertentes. Gosta de trabalhar em equipa de vez em quando, para ter discussões e projectos, ceder aqui, não ceder acolá... acha isso divertido.

“Agora todos os dias nem pensar, dava em doido!”

Na actividade da pintura no fundo é muito mais livre...

Exactamente porque pinta o que lhe apetece!

As pessoas ou gostam ou não gostam, mas é o que ali está.

Na arquitectura está-se a projectar para alguém, para os utentes!

Claro e *isso é importantíssimo*.

Sobre os conjuntos

Quinta do Cabrinha

Então já existia uma escolha de cor dos arquitectos?

Já existia. Os arquitectos já tinham decidido algumas coisas – um granitado cinzento quase preto, e o amarelo muito claro já estavam pintados.

O pintor hoje considera que não devia ter aceite o trabalho nessas condições, e considerou este trabalho como *“um conjunto de casas que foi fazendo na desordem”*.

O embasamento escuro contrasta de uma maneira muito negativa mas como já lá estava, ficou, embora discorde. *“Não tem ponta por onde pegar, mas enfim!”*

Considerou os candeeiros *horrorosos*, (como se estivéssemos dentro de um esqueleto de baleia), e *sem sentido* num espaço/corredor com 10 metros de largura! Apesar da promessa de serem retirados, nunca foram.

O pintor considera que a Quinta do Cabrinha não tem sustentabilidade ao tempo e está convencido de que apesar de muito estragado, o conjunto não vai ser tão cedo arranjado.

Depois pediram-lhe para fazer a antiga *Quinta do Cabrinha* que é um edifício mais antigo, que considera ser um conjunto interessante, onde foram obras de recuperação da fachada; para aí decidiu-se *por um amarelo muito clássico*.

Ceuta Norte e Ceuta Sul

Mas também não são tão diferentes assim....Ceuta Norte e Ceuta Sul são parecidos...

Quando foi feito o conjunto Ceuta Norte já havia Ceuta Sul e esses projectos cromáticos já foram elaborados desde o início da obra.

Considera que *são obras pobres*, daí ter insistido nas fachadas de azulejo, que sendo laváveis não exigem conservação ou manutenção.

Não sabe se houve dificuldades ao seu projecto.

E foi lá ver as cores com luzes diferentes?...

Foi ver a cor nas paredes. Um dia foi lá e de repente achou que havia uma cor que estava a mais, que ele jamais deveria ter posto, e achou muito estranho. Era uma cor pintada já lá estava posta e foi então que lhe disseram que tinha havido uma alteração ao projecto num dos alçados perpendiculares à Av. de Ceuta.

Contou então que *um aprendiz de arquitecto* do Arquitecto Paciência, tinha decido pintar aquela cor lá em cima, sem lhe falarem, nem avisarem da alteração do projecto. *“É estranhíssimo, são as coisas que acontecem nesta terra”*

Criou-se uma situação muito desagradável, tendo a partir daí recusado mais deslocações à obra.

“Eu apanhei uma fúria, acho que isso não se faz; fizeram-me ir à obra tantas vezes...”

Sobre a piscina

Aí o arquitecto tinha decidido aplicar pastilha. O pintor tinha escolhido duas cores, uma para fundo outra para as saliências das paredes. Trocaram-nas! A que era para o fundo ficou nas paredes e a das saliências ficou para fundo...Fizeram ao

contrário. *“Não deu mal, porque eram dois tons contrastados, mas podia ter sido um desastre”.*

E nem deram pelo erro?

Não deram e depois quando as coisas já estão feitas, não se pode dizer para deitar tudo abaixo porque não há muito dinheiro.

“E pronto foi assim, foi tudo assim, percebe?”

Sobre o projecto em geral

No conjunto da Rua Maria Pia também há azul-turquesa, em azulejos.

Sim fui eu que escolhi. E não é muita quantidade; é lavável! não precisa ser pintada!

Mas mesmo depois destas confusões, o resultado final agradou-lhe, ou ficou desgostoso?

Não é uma obra que ponha no seu curriculum, não lhe interessa, não é inteiramente sua. Uma já estava começada quando lá chegou, a outra acrescentaram-lhe coisas!

Foi uma coisa que não lhe deu um prazer especial. Nem a colaboração com os Arquitectos, nem as condições de trabalho, e não ganhou nada com o trabalho todo. *“Pode crer, com os artistas é assim”.*

Mas foi um trabalho, foi-lhe pedido...

Foi; mas como entretanto se zangou com o desenrolar das coisas nem sequer voltou a falar no assunto.

“Os preços discutem-se à partida não à chegada; mas depois de ter insultado o aprendiz de arquitecto, nem quis mais saber daquilo”.

Considerou que *“foi tudo em cima do joelho”*.

Não sabe quem se responsabilizará no caso de ser necessário repintar; deu as indicações todas acerca das cores, mas duvida que ficasse algum registo na Câmara.

Um livro publicado pela *Somague*, apresenta o projecto de cor da sua autoria, mas se daqui a uns anos mudarem as cores sem o seu consentimento, não está preocupado.

“Fiquei traumatizado com isto tudo”.

Não voltava a repetir a experiência, nas mesmas condições, Faria um plano de cor com um Arquitecto, mas desde o princípio da obra e com garantias de que o seu projecto seria respeitado.

5.7.1 Apresentação de Resultados

De acordo com as questões de base colocadas aos entrevistados e referidas no ponto 5.6 deste capítulo, podemos sintetizar o resultado das entrevistas.

Sobre o grau de conhecimento dos aspectos relacionados com a cor e a sua aplicação:

- Todos os entrevistados revelaram que na sua formação académica não existiu nenhuma disciplina que estudasse a cor, sendo em alguns casos inexistente qualquer abordagem ao assunto durante o curso.
- O modo como se relacionam com a cor e com os vários aspectos da sua utilização é diferente. Pareceu-nos que de todos os entrevistados, o pintor Jorge Martins foi aquele que mais familiarizado se mostrou com os aspectos da sua aplicação na arquitectura. Relacionou a cor com conceitos como matéria, textura, forma, volume, escala, distâncias de relacionamento cromático, com a luz; referiu-se à física e à estética da cor, às funções da cor na arquitectura, o que pressupõe um maior à vontade para lidar com a cor, o que provavelmente acontece por ser pintor e ter mais anos de prática profissional.
- Podemos afirmar que todos consideram a aplicação da cor de um ponto de vista estético.
O Arquitecto Taveira considera mesmo que o uso da cor se tem feito *“sempre de um modo não racionalizado no sentido científico do termo mas sempre originado por aquilo que apelidamos de emoção e arte”*.
- Para todos a cor é um elemento importante e fundamental do projecto, ajuda a caracterizar o espaço e a própria arquitectura, servindo para valorizar os edifícios, que construídos com custos controlados, são considerados mais pobres.

Se a opção cromática faz parte do processo conceptual:

- Para todos a opção cromática faz parte do processo conceptual embora em fases distintas do projecto.
- A opção pelos materiais acontece sempre numa fase inicial do projecto.
- Para todos a cor pintada é decidida numa fase mais final, na execução da obra, não por ser menos importante, mas para ser avaliada com a luz e com a envolvente do local, a várias horas do dia.

Sobre o grau de preocupação dos responsáveis com os efeitos da cor sobre os utentes e sobre o meio ambiente:

- Praticamente todos os entrevistados revelaram desconhecimento dos efeitos reais que a cor tem sobre as pessoas; embora tenham admitido que a cor influencia, ainda é um assunto muito pouco conhecido, vagamente referido, e apenas reconhecido por generalidades.

O arquitecto Taveira refere alguma preocupação no que diz respeito ao ambiente dos hospitais. *“Sendo como parece, a cor nos hospitais um tema altamente importante relativamente à cor, nós não encontrámos até hoje nada que permita com rigor estabelecer um critério científico, para o seu uso na construção dos ambientes, quer internos, quer externos (...).”*

Duvida da “violência” do vermelho quando afirma *“parece (e dizemos parece, porque não se prova que haja esse efeito)...”*

O arquitecto Pedro Menezes vai mais longe afirmando que: *“ninguém que aplique a cor está preocupado com os efeitos que ela possa provocar”,* reconhecendo-os no entanto como existentes e comprovados.

- Quanto ao enquadramento da cor no meio ambiente e na relação com as construções existentes, todos referem essa preocupação como prioritária.

Quais os critérios ou os princípios que orientaram as escolhas cromáticas:

Os entrevistados referem critérios ligeiramente diferentes, sendo alguns comuns.

- Critérios estéticos.
- Memórias pessoais, imagens observadas anteriormente.

- Influência da obra de outros autores.
- Sensibilidade
- Gosto pessoal.
- Intuição.
- Uma forma de marcar a obra para a tornar lembrada.
- Harmonizar ou contrastar com a envolvente.
- Aspectos culturais ou tradições.

Sobre a existência da noção da materialidade da cor.

- Todos têm a noção de que o material tem cor, e que a sua escolha implica já uma opção cromática.
- A opção pelos materiais faz-se primeiro pelas suas características, sendo que nalguns casos o material (como o tijolo) é escolhido pela sua cor.
- Para todos a escolha da cor pintada é sempre deixada para uma fase mais final da execução da obra, para ser avaliada no local, com a luz, com a área envolvente. Não é o material preferido, mas acaba por ser o mais utilizado por motivos de ordem económica.

5.8 Resumo

Neste capítulo identificaram-se e caracterizam-se nas *Fichas de Identificação* todas as áreas de carácter social existentes, registando-se em imagens a actual situação dos bairros e conjuntos habitacionais de carácter social, em termos cromáticos.

Analizou-se o que foi observado na pesquisa de campo, sintetizando em quadros as situações observadas.

Referiram-se os conjuntos que serviram de base ao estudo, seleccionados de entre a totalidade dos apresentados nas fichas.

Analisaram-se e as entrevistas semi-estruturadas realizadas aos autores desses conjuntos e apresentaram-se os dados obtidos.

O próximo capítulo apresenta as conclusões da dissertação e sugere possíveis campos de estudo para futuras investigações na área.

Bairro do Arco do Cego

ficha 01

Década de 30



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Situa-se junto à Praça de Londres e à Igreja de S. João de Deus. É limitado pela Av. do México, Rua do Arco do Cego, Rua Gomes da Silva e Rua Brás Pacheco.

Autores do projecto – Blocos plurifamiliares do Arq.º Edmundo Tavares; moradias unifamiliares do Engº Frederico Caetano de Carvalho, (por vezes em colaboração com o Eng.º António Abrantes).

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Considerado o primeiro Bairro Social de Lisboa, foi iniciado em 1919 e inaugurado em 10-3-1935. A concepção inicial de Adães Bermudes previa um Teatro Circo Biblioteca, Restaurante colectivo, Edifício de Administração dos bairros sociais, Telégrafo e até a ideia de um Hospital, mas nunca foi construído; o bairro seria mais tarde concluído pelo Estado Novo com outro projecto. É constituído por casas cujas tipologias vão da classe B à O, e que viriam a ser atribuídas a funcionários públicos. São mais ornamentadas do que as dos outros bairros sociais que se seguiram, que justificavam a simplicidade da construção e a ausência de elementos decorativos com motivos de ordem económica. Algumas habitações têm sido objecto de reconstrução e se algumas mantêm a traça original, outras foram completamente alteradas, já não se reconhecendo o projecto inicial.

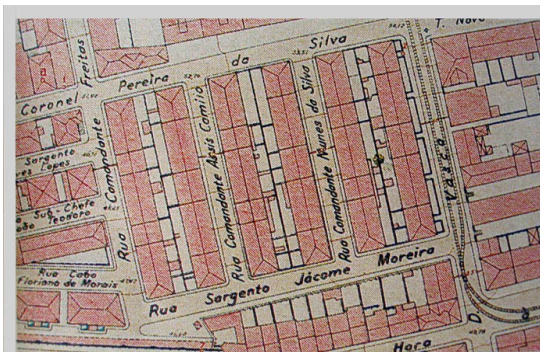
Ambiente Cromático – As cores são variadas, apesar de serem mais frequentes os tons claros – branco, beges, rosas, cinzentos, amarelos, e verdes; Aparecem com bastante expressão tons mais fortes de ocre, de rosa e alguns vermelhos mais escuros. Com muito menos expressão, os alaranjados e o azul claro (em poucas áreas). Os elementos decorativos como os frisos, têm sempre uma cor diferente da cor da fachada. As cores individualizam cada moradia, criando sequências cromáticas muito variadas. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro da Ajuda - Boa Hora

ficha 02



Planta parcial do Bairro Social da Aiuda

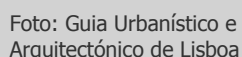


Foto CMI

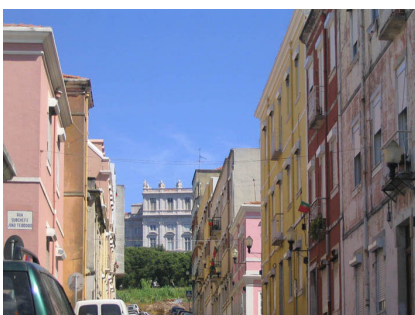


Foto do autor

Localização – Zona da Boa Hora. Fica situado entre a Rua Dom Vasco, a Calçada da Ajuda e a Travessa da Boa Hora à Ajuda.

Autor do projecto – Não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Começou a ser construído no tempo da 1ª República, mas a construção foi interrompida. Tal como o anterior nos anos 30 foi inserido no Programa das Casas Económicas, e inaugurado apenas em 31-1-1934. Com duas classes de casas (tipo A e B), este núcleo é formado por blocos de 2 e 3 pisos, alinhados ao longo de ruas paralelas; numa pequena praça central fica o edifício da Escola Primária, à semelhança do que acontece noutros bairros deste período.

Ambiente Cromático – As cores utilizadas são variadas: A cor mais frequente é o rosa, visível em muitos tons e gradações, chegando até ao vermelho escuro; muitos amarelos (ocres, tons claros e fortes) verdes, cinzento claro, bege, sendo o edifício da Escola Primária o único que tem a cor “azul celeste”. Muitas pinturas estão em mau estado, as cores gastas pelo tempo, mas ainda se percebe uma grande variedade de coloridos com alguma intensidade. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro do Alvito

ficha 03



Foto do autor

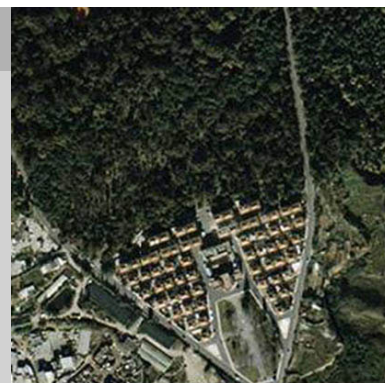


Foto CML



(Margarida Lobo 1995)

Localização – É delimitado a norte pelo Parque Florestal de Monsanto, a oeste pela Tapada da Ajuda, a este pela Estrada Estrangeira de Lima e Rua do Alvito, e a sul pela rede viária de acessos à Ponte 25 de Abril.

Autor do projecto – Arquitecto Paulino Montez.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – É constituído por blocos de habitação de 3 pisos e moradias de 2 pisos, todas do tipo A. Os edifícios “de configuração cubista” distribuem-se segundo ruas paralelas numa composição geométrica de linguagem modernista. A opção do desenho e a implantação em anfiteatro voltado ao Tejo deveu-se à morfologia do local, em termos de exposição solar, vistas e topografia. Como as habitações foram entretanto adquiridas pelos moradores, alguns edifícios sofreram alterações e acrescentos que modificaram a imagem inicial.

Ambiente Cromático – Embora muitas habitações tenham sido recentemente coloridas, presume-se que a cor original fosse um amarelo ocre claro, cor dominante e ainda visível em muitas construções. Visível também o branco, cinzento claro e vermelho. Algumas casas encontram-se em estado degradado, outras foram recentemente recuperadas. As zonas públicas encontram-se degradadas e o edifício central parcialmente abandonado e em mau estado de conservação. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro do Alto da Ajuda

ficha 04



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Freguesia da Ajuda. O bairro fica dividido em duas partes semelhantes, pela Rua dos Marcos. Limitado a norte pela Rua Prof. Cid dos Santos e a sul pela Rua da Guarda Nacional Republicana.

Autor do projecto – Arquitecto Eugénio Correia.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Construído em duas fases, (a primeira entre 1933-38 e a segunda entre 1939-40), é constituído por habitações de classe A. Encontramos moradias de dois pisos junto à Rua dos Marcos, e nas ruas interiores algumas de um só piso, formalmente semelhantes às de outros bairros desta época. Verificamos que muitas se encontram ao abandono e num avançado estado de degradação. Encontramos também muitas habitações que foram alvo de obras de reconstrução que lhes alteraram por completo o conceito do projecto original. Neste bairro encontramos bastantes alterações.

Ambiente Cromático – As cores são idênticas às dos outros bairros de casas económicas. Branco, beges, cinzentos, ocre, rosas, verdes, vermelhos, amarelos e laranjas; certas cores como o amarelo aparecem em tons (recentes) de grande intensidade. Muitas fachadas foram posteriormente revestidas a azulejos criando uma mistura de cores e padrões, muito mal integrada no restante conjunto. **Cor** – Pintura e azulejos acrescentados mais tarde.



Fotos do autor

Bairro do Alto da Serafina

ficha 05



Foto do autor



Foto CML

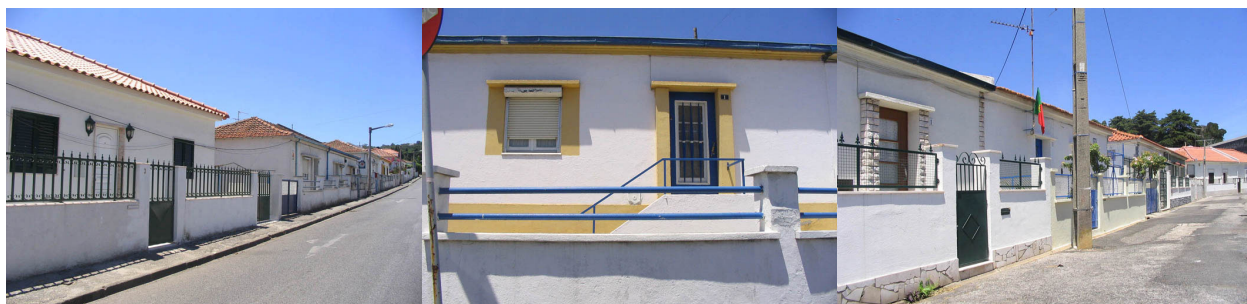
Localização – Situa-se numa encosta virada a Nascente, sendo envolvido pelo Parque Florestal de Monsanto por norte, sul e poente. As infra-estruturas do Vale de Alcântara – eixo norte-sul, linha férrea do sul, estação de Campolide e Avenida de Ceuta – isolam esta área da cidade.

Autor do projecto – Plano de urbanização do Arquitecto Paulino Montez.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – O Aqueduto das Águas Livres atravessa a encosta pelo meio, dividindo a área construída. Foi construído em duas fases (a primeira concluída em 1938), sendo entregue à CML em 1944. Pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas do Estado Novo. É constituído por habitações do tipo classe A, unifamiliares ou geminadas de um e de dois pisos. Seguiu uma tipologia arquitectónica simples. Como outros bairros sociais da época, reflectia um modelo de inspiração rural, não apenas na arquitectura, mas na forma urbana. É talvez o mais modesto dos bairros económicos construídos pelo Estado Novo. É contíguo ao Bairro da Liberdade.

Ambiente Cromático – Este bairro é o que possui menos variedade de colorido de todos os do grupo das casas económicas; predominam as fachadas de cor branca, algum rosa. Pontualmente os gradeamentos têm cor (verde, azul, castanho escuro) e as molduras ou remates das janelas são de cor amarela. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro das Terras do Forno

ficha 06



Fotos do autor

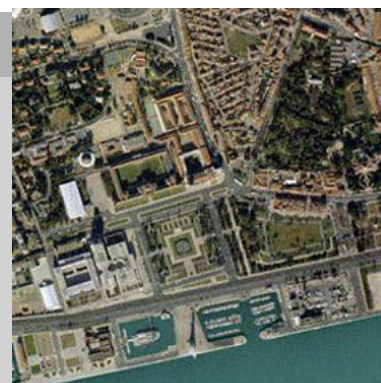


Foto CML



Localização – Fica situado junto ao Mosteiro dos Jerónimos, entre a Rua dos Jerónimos e a Calçada do Galvão, num local também próximo do Jardim do Ultramar.

Autor do projecto – As plantas das casas são do Engenheiro Jácome de Castro.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A construção iniciou-se em 1933, sendo inaugurado em 12-6-1938.

Pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas do período do Estado Novo. É constituído por habitações das classes A e B, com três tipos - I, II e III predominando o tipo II nas duas categorias. É dos bairros mais pequenos deste grupo, com 6,2 ha tendo sido ampliado numa fase posterior. Numa praça central situa-se o edifício da Escola, elemento presente noutros bairros desta época - Alvito, Alto da Ajuda, Ajuda - Boa Hora.

Ambiente Cromático – Predominam as cores claras - branco, beges, amarelo, rosas, cor de salmão, vários cinzentos e azul. Pontualmente também aparece o vermelho forte. Cores como o *azul céu* ou o rosa claro, apresentam uma pintura muito recente. **Cor** – Pintura.

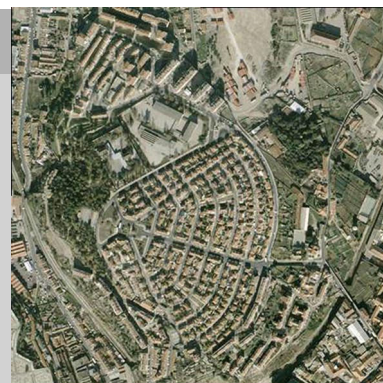


Fotos do autor

Bairro da Madre de Deus



ficha 07



Fotos do autor

Foto CML



Localização – Em Marvila, no Alto da Bela Vista ao Grilo ou Alto dos Toucinheiros.

Autores dos projectos – Plano Geral e de localização do Arquitecto Luís Benavente. As plantas das moradias são do Engenheiro Jácome de Castro.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Construído entre 1939 e 1942, pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas do período do Estado Novo. É um dos maiores do grupo com 13,6 ha. Constituído por casas das classes A e B, predominam as de tipo II, em ambas as classes. De configuração simétrica, desenvolve-se em encosta virada ao rio. O eixo principal leva ao Largo da Madre Deus situado no ponto mais elevado. Os arruamentos principais convergem para esse ponto enquanto as circulações interiores se desenvolvem em ruas paralelas de configuração circular.

Ambiente Cromático – há uma grande variedade de cores, que são aplicadas para individualizar cada habitação, apesar de existirem duas ruas cujas casas são todas de cor branca. A paleta vai dos vermelhos escuros ao cinzento, bege, amarelos (claros ou vivos), verde-escuro e branco. Há uma cor que é muito utilizada e aparece com muita frequência – o vermelho escuro - aqui como no contíguo Bairro do Grilo (ficha 17). **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro da Calçada dos Mestres

ficha 08



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Localiza-se em Campolide, entre a Calçada dos Mestres, a Calçada da Quintinha, e a Avenida Calouste Gulbenkian.

Autores do projecto – Arquitectos Vasco Pereira de Lacerda Marques e José Lima Franco.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas do Estado Novo. A construção data de 1940-1943. Com 8,2 ha, é constituído por moradias uni familiares do tipo A e B, predominando a classe II. Localizado em frente ao Monte da Serafina e Parque de Monsanto, é atravessado pelo Aqueduto que aqui assume uma forte presença. Este bairro localiza-se muito perto das Amoreiras, mas é um lugar calmo, de moradias individuais com jardim, o que o tornou num local privilegiado e de grande procura. As casas que entretanto foram adquiridas por novos donos sofreram grandes alterações e remodelações; também se mantêm muitas com a traça original, apesar de algumas se encontrarem num avançado estado de degradação.

Ambiente Cromático – O leque de cores é muito diversificado – branco, beges, amarelos, cinzentos, muitos rosas, azuis, ocre, salmão, verdes, e alguns tons escuros de vermelho e cinzento. Cada casa tem apenas uma cor na fachada, e no caso das geminadas a separação faz-se pelas cores que as individualizam. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro da Encarnação

ficha 09



Fotos do autor

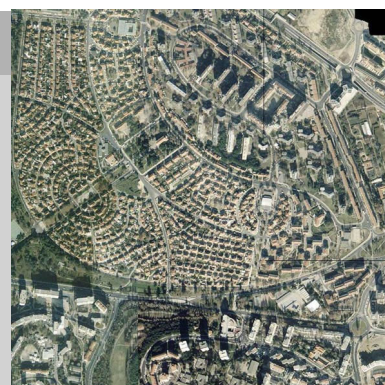


Foto CML



Localização – Situa-se nos Olivais, tendo como limites a Rua da Portela, a Rua dos Eucaliptos, a Rua da Quinta da Fonte e a Rua dos Lojistas.

Autor do projecto – Plano de Urbanização do Arquitecto Paulino Montez. O projecto dos edifícios foi da autoria do M.O.P.C.

Características – Construído em 1940 e foi inaugurado a 27 de Maio de 1944. À semelhança de outros bairros deste autor segue o mesmo conceito de “cidade jardim”. Com uma área total de cerca de 47 ha é o maior dos Bairros de Casas Económicas. Com zonas de habitação, comércio, equipamentos colectivos e espaços verdes. É constituído por moradias unifamiliares de classes A, B, C e D. O desenho tem uma forma de boomerang; A alameda central leva à Igreja, situada no centro do bairro é bastante arborizada. As duas alamedas laterais, menores, conduzem aos Mercados Municipais. Os restantes arruamentos desenvolvem-se em linhas circulares, numa simetria quase perfeita.

Ambiente Cromático – A paleta de cores que encontramos neste conjunto não é muito diferente da dos outros bairros deste grupo, exceptuando a pouca frequência de vermelhos, tão usados no Bairro da Madre de Deus. As cores são variadas e vão dos tons mais claros (branco, amarelos, beges, rosas) aos médios (amarelo ocre, salmão, laranja, cinzento, castanhos claros), até aos tons mais fortes ou escuros como o cinzento, o castanho e o verde. **Cor** – Pintura; acrescentos pontuais de azulejo, tijolo ou pastilha.



Fotos do autor

Bairro do Restelo

ficha 10



Fotos do autor



Foto CML



Localização – É limitado pela Av. da Torre de Belém, Av. do Restelo, a Av. Dom Vasco da Gama e a Rua Dom Cristóvão da Gama.

Autor do projecto – Plano de urbanização do Arquitecto Guilherme Faria da Costa.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Foi construído nos anos 40, quando se iniciou o Plano de Urbanização da “Encosta da Ajuda” ou do Restelo. O Bairro do M.O.P é constituído por moradias do tipo C e D organizadas num plano de estrutura radial. Com o passar dos anos este bairro acabou por se tornar um local muito valorizado, por ser uma zona habitacional sossegada, com espaços verdes, de lazer e de comércio. Verifica-se uma certa vivência de bairro, observando-se o convívio entre as antigas e as novas gerações que entretanto aqui habitam.

Ambiente cromático – Predominam as cores claras – branco, alguns amarelos, cinzentos, vários tons de rosa (claros e também fortes), salmão e pontualmente o vermelho escuro. Não se verificam muitos casos de adulteração da traça original, embora muitas moradias tenham sido sujeitas a obras de restauro. Muito poucas se encontram degradadas, ou com a pintura envelhecida. É um bairro bastante bem preservado. **Cor** – Pintura e pedra.



Fotos do autor

Bairro de Alvalade - Células I e II

ficha 11



Fotos do autor

Foto CML



Localização – As células I e II ocupam uma área de cerca de 47 ha limitada pela Av. do Brasil, Av. de Roma, Av. dos EUA e o Campo Grande.

Autores do projecto – Plano de Urbanização de Faria da Costa. Projectos tipo do Arquitecto Miguel Jacobetty Rosa.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – As Casas de Renda Económica das células I e II constituem um conjunto de 302 edifícios de 3 e 4 pisos sem elevador com 2066 fogos. As soluções agrupam-se em três séries de três tipos, correspondendo as séries aos diferentes níveis sociais da população e os tipos à dimensão média dos agregados familiares. O Bairro de Alvalade, além de “um estaleiro de inovações técnicas” foi um exemplo de “*mix social*” e de actividades e espaços livres generosos, sem romper com o conceito de avenida, rua e edificação contínua de média altura” (Portas 1998).

Ambiente Cromático – As casas são quase todas em rosa e amarelo de várias tonalidades. Há ruas inteiras (as mais curtas sem saída) de uma só cor, ou amarelo ou rosa, o que nos faz supor serem cores de origem. Algumas casas estão degradadas, outras bem preservadas e com pintura recente. **Cor** – Pintura, tijolo e pedra.



Fotos do autor

Bairro da Quinta do Jacinto

ficha 12



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Alcântara, junto às vias de acesso à Ponte 25 de Abril.

Autores do projecto – O projecto das moradias é do Arquitecto Couto Martins. Dos blocos multifamiliares – autor não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A construção do conjunto da Quinta do Jacinto teve início em 1946 e foi concluída ao longo de três fases. Começou com um grupo experimental de 24 moradias unifamiliares que entretanto sofreram alterações e acrescentos “abarracados”. A partir de 1950/51 na 2ª fase, assim como na 3ª fase em 1957, a opção foi para a construção de habitações plurifamiliares de vários blocos de 3 e 4 pisos. Ficou dividido pela construção das vias de acesso à Ponte 25 de Abril.

Ambiente cromático – A maioria dos blocos está pintada de cor vermelha sendo em tudo semelhantes aos do Bairro do Grilo. (ficha 17). Pela uniformidade da cor e da aplicação é provável que seja de origem. Outras cores como o rosa, o amarelo claro, o azul, o ocre ou o vermelho alaranjado do tijolo (em pequenas áreas) também têm presença. Em dois lotes foram criados painéis decorativos em pastilha, junto da entrada do edifício. Alguns blocos apresentam uma coloração que evidencia um restauro recente. **Cor** – Pintura e tijolo.

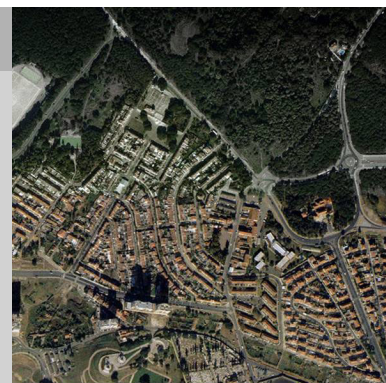


Fotos do autor

Bairro do Caramão da Ajuda



ficha 13



Fotos do autor

Foto CML



Localização – Freguesia da Ajuda, é limitado pela Avenida Doutor Mário Moutinho, Rua das Chaminés d'El Rei e Estrada de Queluz que o separa do Parque Florestal de Monsanto.

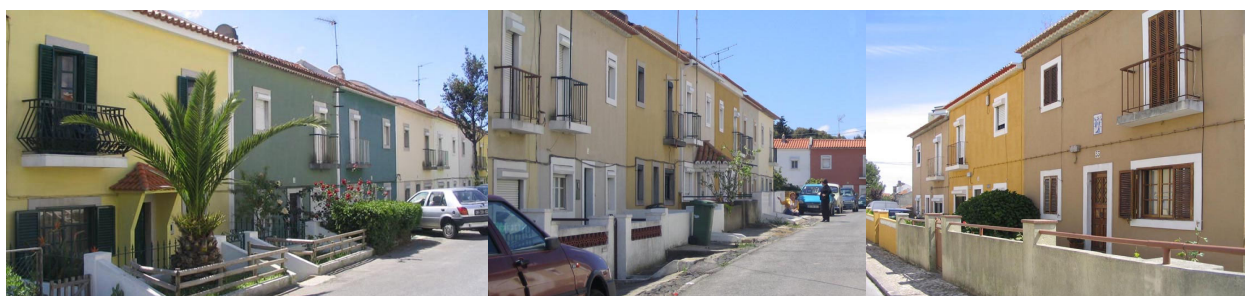
Autor do projecto – Arquitecto Luís Benavente.

Características – A construção teve início em Abril de 1947; foi ampliado em 1949 -1950. Este bairro é constituído por casas do tipo B, C, D e E, idênticas às moradias da Quinta do Jacinto. Possui colectividade recreativa, duas amplas praças e zonas ajardinadas. As moradias apresentam-se exteriormente com um aspecto preservado.

Ambiente Cromático – A gama de cores é variada. Abundam as cores claras como o branco, vários amarelos, ocre, beges, e bastantes tons de rosa. Também há castanhos, cinzentos, verdes e azuis em tons mais fortes. Pontualmente aparece vermelho e cinzento em tons escuros.

As habitações estão normalmente preservadas e os jardins cuidados. Não se observaram casos de intervenções que tenham destruído por completo a traça original. Apesar de algumas alterações pontuais, os restauros mantiveram de uma forma geral o aspecto das fachadas.

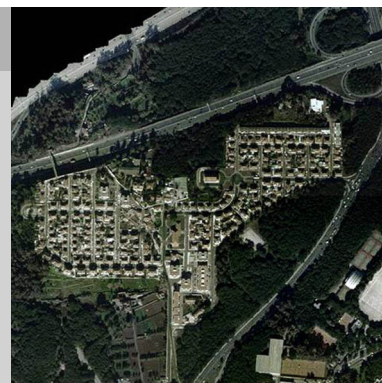
Cor – Pintura.



Fotos do autor

Bairro de Caselas

ficha 14



Fotos do autor

Foto CML



Localização – Situa-se em pleno Parque de Monsanto, no Alto do Restelo, entre a Avenida das Descobertas e a A5 Lisboa - Cascais.

Autor do projecto – Arquitecto Couto Martins.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas do Estado Novo. Foi inaugurado em 1950. É composto por dois núcleos ligados por uma Praça central, onde se encontra a Igreja. É constituído por moradias das classes A e B. Rodeado de verde, possui um miradouro no extremo da encosta virada para a A5, e um núcleo recreativo.

A maior parte das habitações não sofreu alterações significativas, mantendo o seu aspecto exterior muito próximo do original.

Ambiente cromático – Aqui a paleta de cores é mais variada do que no Bairro do Restelo. Encontramos o branco, vários tons de amarelo (alguns de grande intensidade), muitos tons de rosa, cinzento (tons claros e escuros), alguns azuis-claros, verdes e vermelho escuro. Como noutros bairros desta época as casas têm sempre uma cor que a diferencia da casa do lado. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

S. João de Vale Escuro

ficha 15



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Junto da Praça Paiva Couceiro, no triângulo composto pela Av. Mouzinho de Albuquerque, Avenida General Roçadas e Rua Teixeira Pinto.

Autor dos projectos – Francisco Keil do Amaral.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Foi construído nos anos 50, para uma cooperativa de *chauffeurs*, sendo conhecido como “bairro dos taxistas”. É um bairro relativamente pequeno, com moradias do tipo B e C. Uma característica deste bairro é que a cor é aplicada nas fachadas num pano que sobressai em relação aos cunhais.

Ambiente Cromático – Neste conjunto não há uma grande gama de cores. Encontramos cores claras como o cinzento, algum branco, e pontualmente o amarelo claro. Com alguma presença, cores mais fortes como rosa e vermelho escuro. Os estores são brancos ou verde-escuro. Quase sempre a cor das molduras das janelas é igual à cor dos cunhais, mas diferente da cor da fachada. Esta situação é idêntica à que encontramos em Santa Cruz de Benfica (ficha16). **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro de Santa Cruz de Benfica

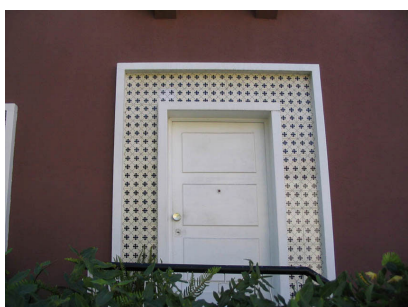
ficha 16



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Situa-se em Benfica, junto ao Parque Silva Porto, sendo limitado pela Rua da Venezuela, a Rua das Garridas e a Alameda Padre Álvaro Proença.

Autor do projecto – Arquitecto Francisco Keil do Amaral.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Pertence ao grupo dos Bairros de Casas Económicas e foi construído em 1958. Está implantado numa área extensa, sendo constituído por moradias uni familiares de várias tipologias - classes A B C e D. Um elemento comum a muitas habitações, é a moldura da porta de entrada revestida de azulejos. Embora em muitas casas tenham sido substituídos, há dois padrões que se repetem em inúmeras moradias, o que nos faz supor que esses dois desenhos são azulejos originais.

Ambiente Cromático – Paleta de cores muito variada, com branco, beges, amarelos, salmão, muitos tons de azul e rosa, verdes, cinzentos, numa gama que vai desde tons claros até aos muito fortes. Encontramos um tom de vermelho e outro de amarelo fortíssimos. Também encontramos muitos padrões de azulejos, sempre aplicados na entrada principal. Em muitas habitações os azulejos foram retirados e foi aplicada cor, quer para realçar quer para fazer desaparecer essa moldura da porta. A cor dos cunhais é sempre diferente da cor aplicada na restante fachada. **Cor** – Pintura, pedra e azulejo.



Fotos do autor

Bairro do Grilo

ficha 17



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Situa-se em Marvila junto do Bairro das Casas Económicas da Madre de Deus.

Autor do projecto – Plano de urbanização da D.S.U.O da C.M.L. Arquitecto (Frederico ou Francisco) Belém. Assinatura ilegível.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Construído ao abrigo do Programa das Casas para Famílias Pobres, a construção teve início em 1953, mas prolongou-se até 1962. Habitações plurifamiliares em prédios de três pisos, com fogos do tipo A e B. Em 1957 já existiam 29 prédios e em 1960 iniciou-se a construção das “casas de renda módica em banda contínua” de fogos tipo II e III com 4 pisos. Os primeiros blocos construídos apresentam uma uniformidade cromática - vermelho escuro - e são semelhantes aos da Quinta do Jacinto. (Ficha 12).

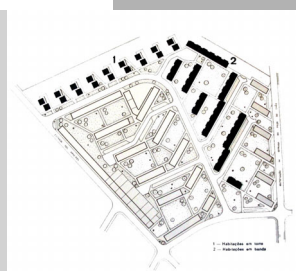
Ambiente Cromático – Uma parte dos blocos está pintada em vermelho escuro com elementos em branco, e com a porta da entrada marcada por um revestimento de tijolo laranja. Outros apresentam cores mais claras como o amarelo. A banda contínua é pintada alternadamente de rosa e amarelo claro, diferenciando cada lote. **Cor** – Pintura e tijolo.



Fotos do autor

Bairro da Quinta do Charquinho

ficha 18



Fotos do autor



Localização – Situa-se na freguesia de Benfica, próximo do Cemitério de Benfica. É limitado pela Estrada dos Arneiros, pela Estrada do Poço do Chão, e pelo Cemitério.

Autor do projecto – não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A construção iniciou-se em 1961-1962, sendo constituído por habitações pluri familiares, com prédios de renda mínima em torre, e prédios de renda módica em banda contínua. O bairro é composto por torres e prédios paralelos, de 5 e 6 pisos, inseridos numa área com árvores e zonas verdes ajardinadas.

Ambiente cromático – As cores variam entre vários tons de rosa, vermelhos, beges, verdes, azul (acinzentado) com elementos horizontais e verticais brancos, que definem os diferentes pisos. Nas fachadas principais dos blocos em banda, há cores aplicadas em largas barras verticais que contrastam com a cor do fundo. Piso térreo revestido a pedra calcária clara. Nas torres predominam os vermelhos e rosas, combinados alternadamente com beges, formando uma espécie de “quadrícula em xadrez”. **Cor** – Pintura, pedra.



Fotos do autor

Bairro da Quinta das Pedralvas

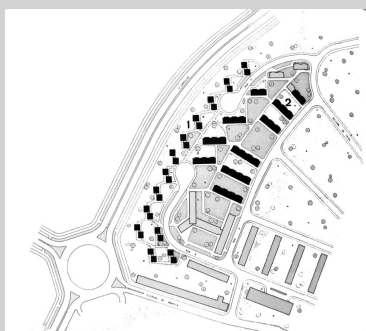
ficha 19



Foto do autor



Foto CML



Mapa GTH

Localização – Este conjunto situa-se junto à Estrada de Benfica, e é limitado pela Rua Almirante Campos Rodrigues, Rua Maria Lamas e Rua das Pedralvas.

Autor do projecto – não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A construção iniciou-se em 1961-62, e ficou concluída em 1967. Deste bairro fazem parte 12 prédios de renda mínima em torre, assim como 28 prédios de renda módica em banda contínua. Os blocos paralelos são iguais aos da Quinta do Charquinho (ficha 18), também com 5 e 6 pisos. É rodeado por algumas árvores e espaços verdes.

Ambiente Cromático – Neste bairro há mais variedade de combinações de cores do que na Quinta do Charquinho, mas o modo como são aplicadas repete-se. Encontramos vermelhos fortes, rosas, verdes, beges, ocre, (menos azul e castanho), também com elementos horizontais e verticais brancos. Piso térreo dos blocos em banda revestido a pedra calcária clara. As torres são predominantemente vermelhas e brancas, embora se encontrem outras combinações. **Cor** – Pintura e pedra.



Fotos do autor

Bairro da Quinta das Mouras

ficha 20



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Zona do Lumiar, na Rua Rainha Dona Leonor, junto à Alameda das Linhas de Torres.

Autor do projecto – não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A construção iniciou-se em 1962, com uma primeira fase de 5 prédios de renda módica com 4 pisos e 1 prédio de rendas médias. Integra-se num conjunto residencial urbanizado, e a habitação municipal é constituída no total por 17 prédios de renda módica em banda contínua, e por uma torre de 11 pisos de renda média que foi destinada a funcionários municipais. Com habitações em banda tipo T2 e T3 e “duplex” T3 e T4.

Ambiente Cromático – Neste conjunto predominam os verdes, os beges e os ocre, assim como o branco. É muito semelhante aos apresentados nas fichas anteriores (Charquinho e Pedralvas). As cores mais fortes são aplicadas em barras largas verticais, e marcando outras superfícies de menor área das fachadas. Em branco, sobressai uma grelha de elementos arquitectónicos salientes, que demarca os vários pisos. O piso térreo é revestido de lajetas de pedra calcária clara. **Cor** – Pintura e pedra.



Fotos do autor

Bairro Dois de Maio

ficha 21



Foto do autor

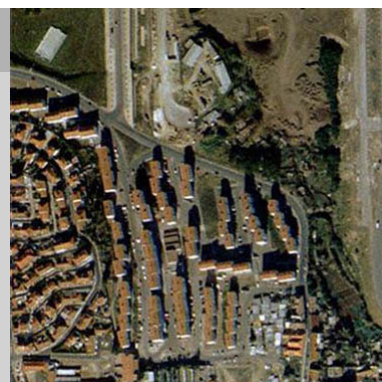


Foto CML

Localização – Situa-se ao lado do Bairro do Alto da Ajuda, limitado pela Rua Prof. Cid dos Santos, a Travessa do Armador e a Rua Prof. Armando de Lucena. Rodeado do verde natural do Parque de Monsanto tem uma excelente localização frente ao rio.

Autor do projecto – Não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Este bairro é constituído por um conjunto de blocos de habitações plurifamiliares de 5 pisos, distribuídas ao longo da encosta. Não fazem parte deste conjunto outros equipamentos de apoio, ou zonas de lazer. Durante anos permaneceu inacabado, sendo o acesso aos prédios feito por terra batida.

Ambiente Cromático – Actualmente os blocos estão a ser integralmente pintados de branco, depois de alguns lotes terem estado por uns meses pintados de azul. Alguns ainda apresentam o estado de degradação em que se encontravam as fachadas, antes da intervenção. Também as áreas exteriores durante muito tempo não foram cuidadas, tendo apenas como envolvente a mata natural. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro da Cruz Vermelha

ficha 22



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Alto do Lumiar, no fim da Estrada da Torre.

Autor do projecto – Não determinado. Foi construído com o apoio da Câmara de Lisboa, Cruz Vermelha Portuguesa e Diário de Notícias.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Com mais de 40 anos, este bairro surgiu na sequência de um incêndio de um núcleo de barracas e é constituído por lotes de 4 pisos. Como outros bairros mais antigos, também esteve votado ao abandono durante muitos anos. Recentemente foi alvo de obras de recuperação e requalificação. Em 1996 no âmbito do PER iniciou-se o processo de realojamento de 117 famílias provenientes da Musgueira Sul nos novos lotes, que correspondem ao PER 1 da zona do Alto do Lumiar onde foi integrado. (ver ficha 70).

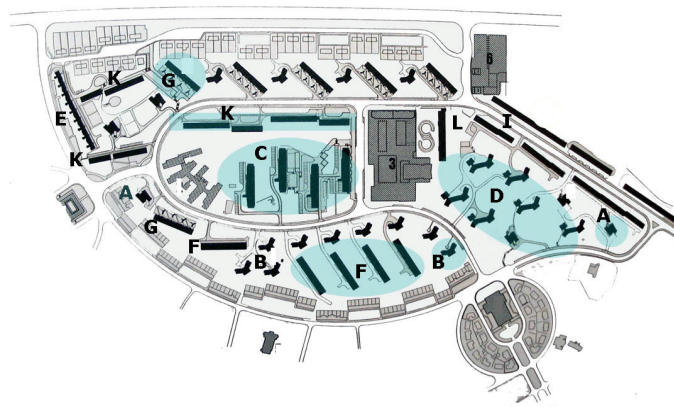
Ambiente cromático – A cor encontra-se muito degradada e suja mas reconhece-se ainda um tom de bege. Alguns moradores aplicaram cor apenas ao seu pedaço de fachada; fecharam-se varandas de forma muito desordenada.

Cor – Pintura.

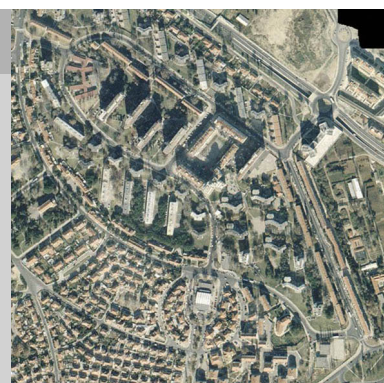


Fotos do autor

Olivais Norte - Célula A



ficha 23



Mapa base GTH

Foto CML

Localização – A norte do Bairro da Encarnação, é separada dele pela Rua dos Lojistas. Limitada a norte pela Avenida Alfredo Bensaúde, tem uma área total de cerca de 40 ha.

Autores dos projectos – **A** - Lote 32, e **G** - Lote 80 - Arquitectos Nuno Teotónio Pereira e António Freitas.

B e D - Lotes 31 e 40 – Arquitecto J. Vasconcelos Esteves.

C – Lote 65 - Arquitectos Artur Pires Martins e Cândido Palma de Melo.

E – Lote 96 e **I** - Lote 56 e 127 - Arquitectos Braula Reis e João Matoso.

F – Lote 2 e **K** - Lote 66 - Arquitectos Pedro Cid e Fernando Torres.

L – Lote 59 - Arquitecto João Abel Manta.

Cor Original – Desconhece-se. O betão natural e os vários revestimentos de tijolo são de origem.

Caracterização

A – Lote 32 - Habitações em torre, categoria II, Prémio Valmor 67.

B e D – Lotes 31 e 40 - Categoria I com 4 pisos .

C – Lote 65 - habitações categoria III com 8 pisos.

F – Lote 2 - 4 blocos paralelos, mais um afastado, categoria II, 4 pisos. **G** – Lote 80 - 5 blocos paralelos (mais um isolado), categoria II, 4 pisos. **E** – Lote 96 - Edifício em banda, categoria I com 5 pisos.

I – Lote 56 e Lote 127 - Edifícios em banda, habitações categoria I de quatro pisos.

K – Lote 66, Banda de edifícios duplex, categoria II, 4 pisos.

L – Lote 59, Habitações de categoria IV, 12 pisos.

(continuação)



Fotos do autor

Características – Conjunto urbano com habitações das quatro categorias. Constituído por blocos paralelos, edifícios em banda contínua de média altura e torres isoladas, rodeados de verde. Dispõe de Escola Primária, biblioteca, Centro Comercial, Mercados Municipais e Igreja. Actualmente alguns edifícios encontram-se em mau estado exterior, enquanto outros evidenciam uma pintura recente. Alguns revestimentos de tijolo foram substituídos em certas áreas por outros de uma coloração diferente da original.

Ambiente Cromático – Apesar de existirem muitos grupos diferentes de blocos, dominam o branco e os vários tons de cinzento; encontramos também ocre amarelo e alaranjado e um tom de tijolo quase vermelho. Os materiais na sua cor natural são utilizados com bastante expressão. É o caso do betão (cinzento) e dos vários tons do tijolo. **Cor** – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



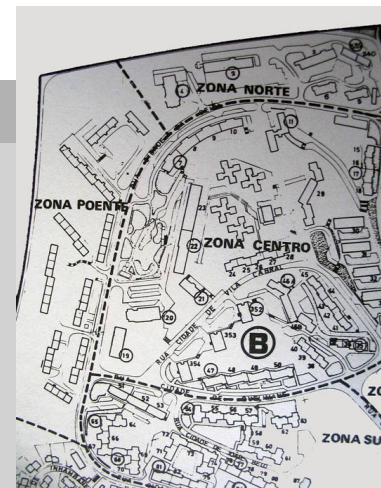
Fotos do autor

Olivais Sul Célula B - Zona Norte

ficha 24



Foto do autor



Mapa GTH

Localização – A Zona Norte tem como limite a Avenida de Berlim e a Rua Cidade da Beira.

Autores dos projectos – Arquitectos Costa Martins, Hernâni Gandra, Coutinho Raposo e Neves Galhoz – lote 2.
Arquitectos Jorge Ferreira Chaves e Goulart Medeiros – lote 4.
Arquitecto Eduardo Moreira Santos – lote 539.

Cor original – Desconhece-se.

Características – Esta zona é constituída apenas por edifícios em torre. Possui um conjunto de torres cuja altura varia entre os 8 e os 12 pisos.

Ambiente Cromático – Branco e cinzento são as cores dominantes. Apenas no lote 2 se utiliza revestimento de tijolo em cor laranja na fachada lateral.

O cinzento surge da cor do betão natural e de aplicação de pintura, além do branco sempre presente.

O estado de conservação de algumas fachadas não é muito bom, mas cremos que as cores correspondem às cores da época em que os edifícios foram construídos.

Cor – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

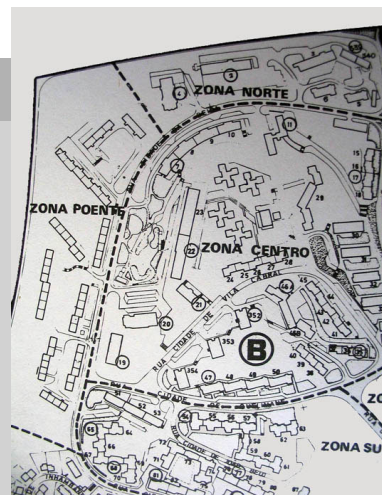
Olivais Sul Célula B - Zona Centro

ficha 25



Fotos do autor

Mapa GTH



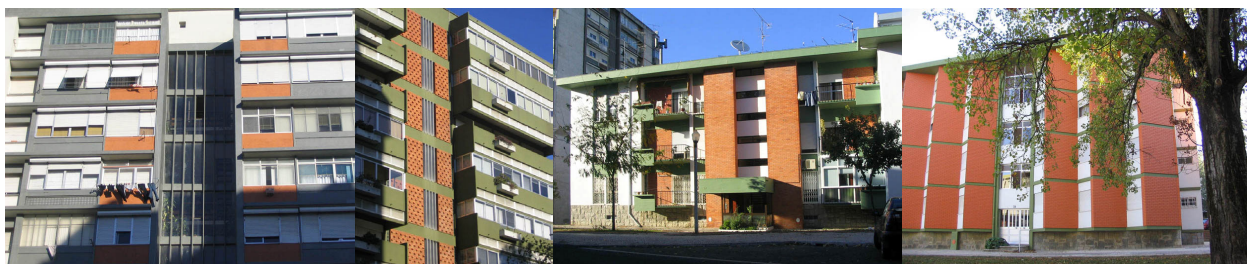
Localização – Limitada pelas Rua Cidade da Beira, Rua Cidade de Quelimane e Av. Cidade de Lourenço Marques. Esta célula é atravessada pela Rua Cidade de Vila Cabral.

Autores dos projectos – Arquitectos Costa Martins, Hernâni Gandra, Coutinho Raposo e Neves Galhoz – lotes 7 a 10; lotes 21 a 23, 30 a 34 e 47 a 50; lotes 352 a 354. Arquitectos Jorge Ferreira Chaves e Goulart Medeiros – lotes 9 e 20. Arquitectos Victor Figueiredo e Vasco Lobo – lotes 17, 35 a 40 e 46. Arquitecto Manuel Arroyo Barreira – lote 11.

Cor Original – Não sabemos com rigor, excepto que o painel de azulejos e o revestimento de tijolo são de origem.

Características – Esta zona possui um conjunto de várias torres cuja altura varia entre os 8 e os 12 pisos. De salientar o edifício com painéis de azulejos de Francisco Relógio.

Ambiente Cromático – Branco, cinzento, laranja e verde seco. Pontualmente rosa e azul. É frequente o uso de tijolo de cor laranja - embora também exista esta cor em superfícies pintadas. A cor laranja combina com cinzento e branco nuns casos e com verde seco e branco noutros. É muito frequente o cinzento (pintura pedra ou betão natural). Apenas uma torre em rosa. Há uma certa harmonia cromática entre os diferentes edifícios destas duas zonas, mesmo sendo de diferentes autores. **Cor** – Pintura, betão natural, tijolo, painéis de azulejo.



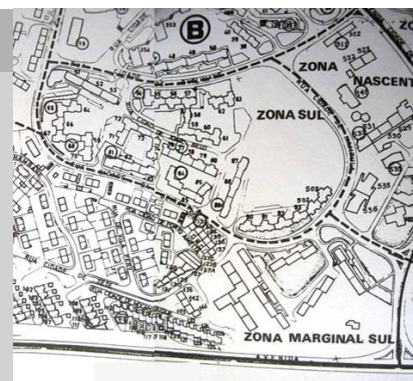
Fotos do autor

Célula B - Zona Sul e Marginal Sul

ficha 26



Fotos do autor



Mapa GTH



Fotos do autor

Localização – A zona Sul é limitada pela Avenida de Quelimane e a zona Marginal Sul que se situa junto à Avenida Infante D. Henrique.

Autores dos projectos – Arquitectos Vasco Croft, Justino Moraes, Joaquim Cadima – lotes 54 a 57, 59 a 61, 71, 72, 74, 75, 90 a 93, 502 e 503; lote 65 e iguais 68, 58, 73; 76 a 80; lotes 81 a 83; lotes 87 e 88, 51 a 53, 89. Arquitectos António Azevedo Gomes e Fernando Schiappa de Campos – lotes 84, 85. Lote 94 a 111; lotes 112 a 126, 127A, 127 a 131; lotes 132 a 138; lotes 142 a 144.

Cor Original – Desconhece-se, excepto que os revestimentos de tijolo são de origem.

Características – Nesta célula os edifícios são de menor altura, na maioria de 4/ 5 pisos não excedendo os 7 pisos. Apenas na zona marginal Sul existem moradias.

Ambiente Cromático – Nesta zona predominam a cor laranja dos revestimentos de tijolo, o branco, o vermelho escuro e o cinzento; apenas um bloco rosa; as cores são aplicadas de modo uniforme, criando blocos de fachadas de uma só cor. Na zona das moradias aparece o branco, o amarelo e o bege em tons claros (nas que foi possível fotografar), já que muitas se encontram rodeadas por muros e vegetação densa.

Cor – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



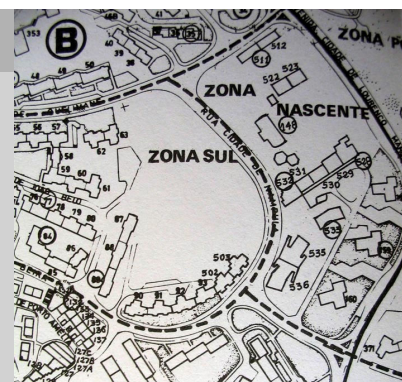
Fotos do autor

Célula B - Zona Nascente

ficha 27



Fotos do autor



Mapa GTH



Fotos do autor

Localização – A Célula B Zona Nascente fica limitada pela Avenida de Quelimane, Avenida Cidade de Lourenço Marques e Rua Cidade de Nampula.

Autores dos projectos – Arquitectos António Azevedo Gomes e Fernando Schiappa de Campos – lote 148, 158 e iguais 159 e 160. Arquitectos Jorge Vasco Croft de Moura e Joaquim Landerset Cadima – lotes 528, 529, 531, 522, 523; lotes 532, 533, 535, 536.

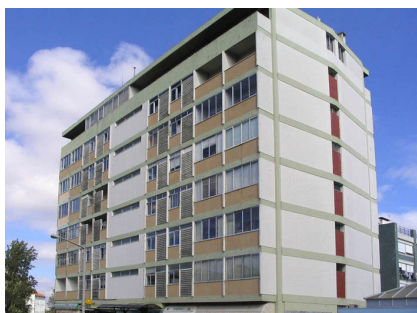
Arquitecto Mário Xavier Antunes – lotes 511, 512.

Cor Original– Desconhece-se. O betão é de origem.

Características – Nesta zona os lotes variam entre os 7 e os 12 pisos, não existindo bandas de altura média.

Ambiente Cromático – Muito branco e cinzento, algum laranja, embora apenas em pequenas áreas. Aparece também o bege, o cinzento escuro e o cinzento do betão natural. As cores encontram-se ligeiramente degradadas, e são aplicadas a demarcar áreas da fachada, varandas, ou a salientar elementos construtivos.

Cor – Pintura, betão natural e revestimento de pastilha.



Fotos do autor

Célula C - Zona Norte e Poente

ficha 28



Fotos do autor



Mapa GTH



Fotos do autor

Localização – A zona Norte é rodeada pelo Parque/zona verde, e separada dele pela Rua Cidade de Nova Lisboa. Confinar com a Zona Poente que por sua vez é limitada pela Avenida Cidade de Lourenço Marques.

Autores dos projectos – Arquitectos Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas – lotes 183 a 192 e 222 a 234; torres 193, 194 e 240; 200 a 210 da zona poente. Lotes 211 a 218; 235 a 239; 241 a 243; 340 e 341 na Zona Nascente; Arquitecto J. Leopoldo Leal – lotes 195 a 199. Torres 178, 179; Arquitectos Fernando Gomes da Silva, Octávio Rego Costa e Sebastião Alves Samfins – lotes 219 a 221. Arquitecto Calvet da Costa – lotes 173 a 177; lotes 180 a 182;

Cor Original – Desconhece-se. Betão e tijolo são de origem.

Características – Nesta zona coexistem vários tipos de edifícios: em banda de 4 pisos, formando pracetos, torres isoladas de 8 pisos e torres mais altas de 14 pisos, ou ainda os extensos blocos de 10 pisos.

Ambiente Cromático – De novo as cores que mais se utilizam são o branco, o cinzento (pintura e betão) e o laranja dos azulejos que revestem grande quantidade de fachadas; Aparece também muito o rosa, o bege, o amarelo claro e ocre e até vermelho em barras verticais. Aqui as cores são aplicadas em várias combinações, marcando áreas ou realçando volumetrias dos edifícios. **Cor** – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

Célula C - Zona Centro

ficha 29



Fotos do autor



Mapa GTH



Localização – É limitada pela Rua Cidade Novo Redondo e Rua Cidade de Moçâmedes, e a Praça Cidade de S. Salvador. Para além deste núcleo fazem parte desta zona as habitações que se situam ao longo da Rua Cidade de Moçâmedes.

Autores dos projectos – Arquitecto Jorge Viana – lotes 244 a 246. Arquitectos Frederico George e M. Alzina de Menezes – lotes 247, 248; lotes 254 a 256. Arquitectos Duarte Castelo Branco e Rui Pimentel – lotes 252, 253; os lotes iguais 267 e 268 estão na Zona Nascente.

Cor Original – Desconhece-se. Betão e tijolo são de origem.

Características – Esta zona é constituída pela Praça Cidade de S. Salvador, com os edifícios que a envolvem. Duas bandas de média altura com quatro pisos, uma das quais duplex (de Frederico George), e dois edifícios, um de dez pisos e outro de 6. As bandas da Rua Cidade de Moçâmedes têm 5 pisos.

Ambiente Cromático – As cores variam entre o cinzento e o salmão ambos em tons muito claros numa torre, o branco com pequenos apontamentos de vermelho, ou combinado com bege e com a cor laranja dos revestimentos de tijolo, e o cinzento mais escuro do betão, combinado com um laranja forte, nos edifícios idênticos aos que se encontram na Zona Nascente, dos mesmos autores (Duarte Castelo Branco e Rui Pimentel).

Cor – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



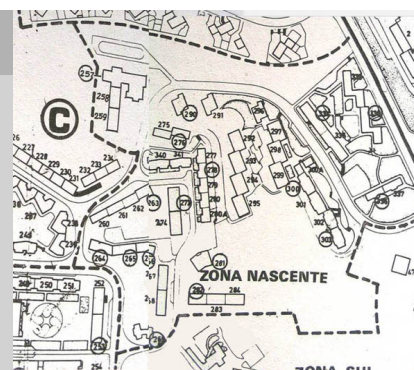
Fotos do autor

Célula C - Zona Nascente

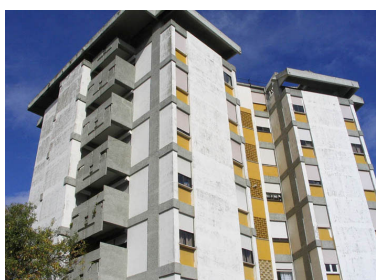
ficha 30



Fotos do autor



Mapa GTH



Localização – Limitada a norte pela Rua Cidade de Benguela e a sul pela Rua Cidade de Moçâmedes.

Autores – Arquitectos Duarte Castelo Branco e Rui Pimentel – lotes 264 a 268, 252 e 253 (iguais na zona Centro), torre 269. Arquitectos Manuel Laginha e Rui Saraiva – lotes 257 a 259; Arquitectos Frederico George e M. Alzina de Meneses - lotes 260 a 263; lotes 275 a 280 A; lotes 290 a 299; lotes 334 a 339. Arquitecto Luís Xavier – lote 273, 274; lotes 300 a 303, 249 a 251 (zona centro). Arquitecto Amândio Amaral - lotes 282 a 284. Arquitecto Jorge Viana – Torre 281. Nuno Portas e Bartolomeu Costa Cabral – lotes 340 e 341.

Cor Original – Desconhece-se. Betão e tijolo são de origem.

Características – É uma área com soluções variadas, onde curiosamente há alguns lotes com cores semelhantes, embora de diferentes autores.

Ambiente Cromático – A cor vermelho/laranja do tijolo repete-se em diferentes edifícios, combinada com branco, cinzento e bege, com branco e amarelo claro ou com branco e betão natural. As cores mais intensas são um tom de laranja forte, aqui combinado com o branco e o cinzento do betão. Aparece também um lilás acinzentado. De referir que em alguns casos o betão natural, assim como algumas áreas de tijolo foram pintados com tinta de cores idênticas às do material original.

Cor – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



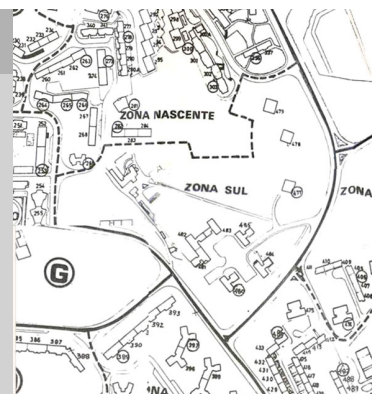
Fotos do autor

Célula C - Zona Sul

ficha 31



Foto do autor



Mapa GTH

Localização – Esta zona encontra-se na confluência da Rua Cidade de Bissau com a Avenida Cidade de Luanda, ficando próxima da zona comercial onde se localiza o Centro Comercial dos Olivais.

Autores dos projectos – Arquitectos Manuel Mendes Tainha e Raul Hestnes Ferreira – Torres 477, 478, 479; lotes 480 e 481 a 485.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Esta área é relativamente ampla com pouca construção se comparada com outras células adjacentes onde a densidade de construção é bastante maior. Os elementos mais marcantes e significativos desta zona são as três torres situadas sobre uma elevação de terreno rodeadas de relva e arvoredo. Os outros blocos são todos de altura superior a nove pisos.

Ambiente Cromático – Os lotes próximos do Centro Comercial são beges e cinzento claro, estando um dos lotes a ser restaurado e pintado em dois tons de verde-claro. As restantes torres estão coloridas em vermelho escuro, “cor de vinho”, mas a cor encontra-se degradada apresentando algumas fachadas um tom rosado, que deve ser o resultado da acção da luz e dos efeitos do sol sobre os pigmentos.

Cor – Pintura, e betão natural.



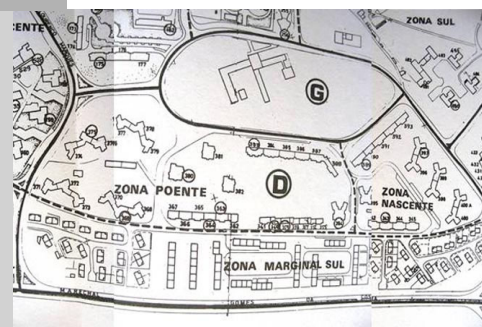
Fotos do autor

Célula D - Zona Nascente e Poente

ficha 32



Fotos do autor



Mapa GTH



Fotos do autor

Localização – A sul do Centro Comercial, limitadas pela Av. Cidade de Lourenço Marques, a Rua Cidade de Bissau e a Rua Cidade da Praia. A rua D. Aleixo Corte Real separa as duas zonas.

Autores – Arquitectos R. Chorão Ramalho e R. Santiago Pinto – lotes 355 a 361; Lotes 368 a 379; torres 380, 381, 382. Arquitectos Duarte Nuno Simões e Marília Moura – lotes 362 a 367. Arquitectos Fernando Torres, Palma de Melo, Pires Martins e Matos Gomes – lotes 383 a 393; Torres 394 e 395. Lotes 396 a 400 e 400 A. Arquitecto Luís Xavier – lotes 342 a 345.

Cor Original – Desconhece-se. Os painéis de azulejos e os revestimentos de tijolo são de origem.

Características – Zona constituída por torres de 7 e 12 pisos, e bandas de 4 pisos.

Ambiente Cromático – Os blocos mais próximos do Centro Comercial, que formam uma banda bastante extensa, são brancos e beges com áreas revestidas por painéis de azulejos de motivos geométricos em azul e branco. As restantes construções têm áreas revestidas de tijolo cor de laranja, que combina com vários amarelos, cinzento claro e branco. Uma torre em amarelo ocre e branco sobressai com destaque da envolvente.

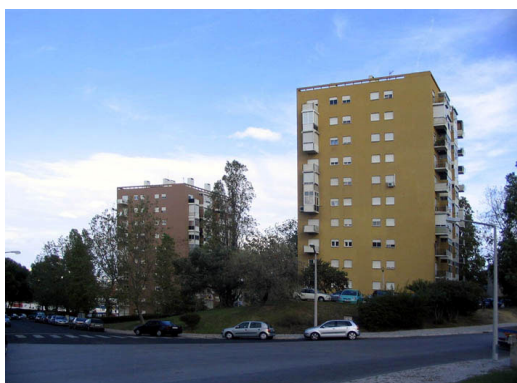
Cor – Pintura, betão natural, tijolo e azulejos.



Fotos do autor

Célula E - Zona Norte e Poente

ficha 33



Fotos do autor



Mapa GTH



Localização – É limitada pela Avenida Cidade de Luanda, a Rua Cidade de Bissau e a Rua de Manhiga. As zonas Norte e Poente são separadas entre si pela Rua de Chibuto.

Autores dos projectos – Arquitectos A. Petersen, Luís Sá Marques e F. Fonseca – blocos 401 a 423; lotes 424 a 433; 486; Torres 434, (436, 437, 438 são iguais e estão situadas na zona E Centro); Arquitectos Alberto Camacho, S. Formozinho Sanches, António Neves – lotes 470 a 473; lotes 466 a 469. Torres 474 e 475. Arquitectos A Silva Gomes e F. Ferreira dos Santos – lotes 445 a 450 (iguais aos da Zona Centro).

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Nesta zona, alguns edifícios em banda contínua encontram-se muito degradados, com fachadas enegrecidas em que nem se percebe se existiu cor.

Ambiente Cromático – As cores mais frequentemente utilizadas são o branco e o cinzento. Para além dum bloco cinzento escuro e laranja cor do tijolo, existem três torres - uma em rosa escuro, uma castanho claro e outra amarelo ocre. Estas duas, embora do mesmo autor e de projecto igual, estão incluídas na Zona Centro, mas por uma questão de proximidade e de autoria, foram incluídas nesta zona. **Cor** – Pintura, betão natural e tijolo.



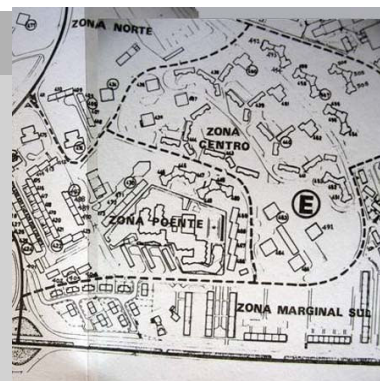
Fotos do autor

Célula E - Zona Centro

ficha 34



Fotos do autor



Mapa GTH



Localização – Junto ao extremo inferior direito do *trapézio*, junto ao Campo de Futebol.

Autores – Nuno Teotónio Pereira, A. Silva Gomes, A. Freitas Leal, e João Correia Rebelo – lotes 438 a 441, 443 e 444. Arquitectos A Silva Gomes, e F. Ferreira dos Santos – 454 a 459, 492 e 504 a 506. Arquitectos António Freitas, A Silva Gomes, João Correia Rebelo e Nuno Teotónio Pereira – lotes 460, 461, 462; lotes 463, 464, 465 e 491, em torres.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – A maior parte das construções são bandas de altura média agrupadas em núcleos de três, algumas das quais se encontram degradadas. As torres encontram-se em muito bom estado.

Ambiente Cromático – Predominam os beges e cinzentos em tons claros, branco e betão natural. Encontramos algumas situações de cor de laranja e vermelho (revestimento de tijolo), que em algumas situações foi substituído por pintura da mesma cor. Nesta zona (como noutras) encontramos varandas que foram fechadas, revestimentos substituídos por outros de cor semelhante, mas também blocos que estão a ser reabilitados através de nova pintura.

Cor – Pintura, betão natural e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

Célula F - HR

ficha 35



Fotos do autor

Mapa GTH



Localização – A Célula F fica situada ao lado do Cemitério dos Olivais, junto à Avenida Cidade de Luanda.

Autores dos projectos – Arquitectos J. Santa Rita, J. Telo Pacheco, A. Duarte Leitão, C. Abreu Castro e Celestino de Castro.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Constituiu o primeiro núcleo de Habitação para Realojamento realizado pelo GTH. O projecto tipo seria depois utilizado noutros locais. A construção foi decidida quando estava quase completamente definida a ocupação dos terrenos dos Olivais – Sul destinados a edifícios de Habitação. Os únicos terrenos livres eram os da célula F e foram então destinados ao Realojamento. A área ocupada pelo núcleo residencial é de 3,8 ha com 340 fogos, com espaços exteriores, logradouros para vida ao ar livre para recreio das crianças, repouso e convívio de adultos.

Ambiente Cromático – Estas construções estão num estado razoável de conservação, pintadas com cores claras como branco bege e cinzento.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Matriz HR Habitação de Realojamento

ficha 36



Fotos do autor



Localização – Olivais Norte junto à R. Capitão Santiago Carvalho; 2 núcleos adjacentes ao Bairro da Encarnação, e vários núcleos em Olivais Velho para realojados do Vale Fundão. Na zona I e J de Chelas – dois núcleos (um na Av. Marechal Gome da Costa e outro junto à antiga Azinhaga do Vale Fundão a norte da linha férrea de cintura). Encontramos também um núcleo junto ao Bairro dos Alfinetes e outro junto ao Bairro Marquês de Abrantes.

Autores dos projectos – projecto do DCH - Arquitectos J. Santa Rita, J. Telo Pacheco, A. Duarte Leitão, C. Abreu Castro e Celestino de Castro.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Estes projectos tipo que permitem combinações variadas foram utilizados em várias zonas da cidade para realojamento. Por ser a mesma matriz, utilizam-se apenas fotos tiradas no Bairro dos Alfinetes/Quinta das Salgadas e no Bairro Marquês de Abrantes. Ficaram integrados nos conjuntos habitacionais existentes, beneficiando dos equipamentos urbanos das áreas com as quais estes núcleos confrontam.

Ambiente Cromático – Em quase todas as áreas com núcleos HR as cores (o branco e o cinzento), estão muito degradadas, as fachadas escurecidas pelos fungos e pela sujidade. Tudo leva a crer que na época da construção as cores aplicadas eram estas.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Bairro do Casalinho da Ajuda

ficha 37



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Freguesia da Ajuda, tem como limites a Rua do Sítio (ao Casalinho), a Rua do Casalinho da Ajuda e o Parque Florestal de Monsanto.

Autores do projecto – Blocos mais antigos - é ilegível a assinatura do arquitecto que assina o projecto. As 4 torres “Matriz J” são do Arquitecto José da Silva Carvalho. Os restantes lotes (amarelos) são da responsabilidade da Polipraia, Lda,

Cor Original – A cor dos lotes PER é a cor original. A cor dos blocos antigos – Desconhece-se.

Características – A construção deste Bairro data de 1969. Compunha-se no início de 15 blocos com 4/5 pisos. Em Setembro de 1995 foram acrescentadas construções que a CML adquiriu ao abrigo do P.E.R. num total de 100 fogos. Assim, coexistem os blocos mais antigos e as novas construções que albergam uma população na maioria oriunda de Cabo Verde e de outros países Africanos, e provenientes do bairro dos Merinos em Belém. Possui uma Creche e Jardim-de-infância.

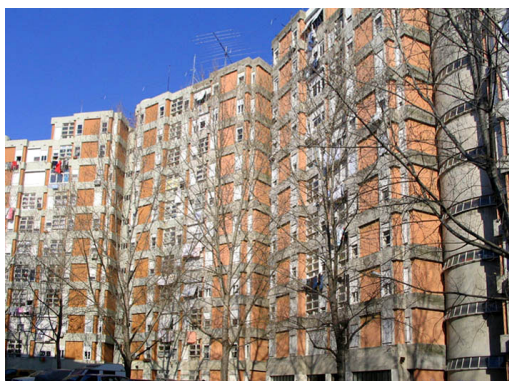
Ambiente cromático – Três dos novos blocos são brancos, amarelos e beges - cor do tijolo que reveste parte das fachadas. As torres “Matriz J” são verde-claro e branco. Os edifícios dos finais da década de 60, foram recentemente reabilitados e coloridos em branco, bege, azul claro e vermelho escuro. **Cor** – Pintura (antigos e matriz J); pintura e tijolo.



Fotos do autor

Chelas - Zona I Rua Duarte Lopes

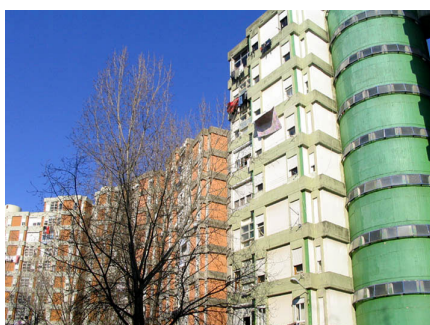
ficha 38



Fotos do autor



Foto CML



Localização – A zona I é limitada a norte pelas vias de serventia da zona industrial, a nascente pelo parque do Vale Fundão, a sul pelo núcleo central de equipamento e parque de Vale Fundão. A ponte pelo Vale central de Chelas.

Autores do projecto – Arquitectos José Pacheco e Raul Ceregeiro.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Construído entre 1966-1968, este conjunto tem 9/10 pisos de altura. Os blocos de habitação são ligados por corpos de forma cilíndrica e que constituem as caixas das escadas. São longos mas as fachadas com uma altura variável acabam por ter um certo ritmo e movimento.

Ambiente Cromático – A cor do pano de fundo da fachada é laranja (cor de tijolo). Os restantes elementos da fachada são mais salientes, formam uma espécie de quadrícula e são de cor cinzenta. Num dos lotes cujo fundo é branco e cinzento, as caixas de escada são verde forte.

Cor – Pintura, betão natural.



Fotos do autor

Chelas – Zona I Rua Aquilino Ribeiro

ficha 39



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Zona I de Chelas, Rua Aquilino Ribeiro.

Autores do projecto – Arquitectos A. Silva Gomes, Carlos Worm e José Leitão.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Blocos com 5 pisos construídos entre 1966-1970. Numa composição em linha contínua, os lotes formam ângulos entre si mas sempre acompanhando a rua.

Ambiente Cromático – Os vários blocos desta rua têm combinações de cores variadas. Em comum as varandas contínuas com guardas de madeira. Há lotes muito degradados, com as madeiras escurecidas e fachadas outrora brancas. Outros são brancos com amarelo forte nas guardas e molduras de janelas e algum cinzento. Um dos blocos tem fachadas rosa com as varandas brancas, sendo o que se encontra em melhor estado de conservação.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Chelas – Zona I e Zona N1

ficha 40



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Estes conjuntos situam-se na Zona I de Chelas e na Zona N1, agora chamada Bairro das Flamengas.

Autor dos projectos – não determinado.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Os edifícios da categoria II, Matriz C, têm 5 pisos de habitação na Zona I e 4 pisos no Bairro das Flamengas. Nesta zona, alguns dos blocos foram recentemente reabilitados, foram colocadas grelhas/estendais nas fachadas, e foram pintados com novas cores. Na zona I a combinação dos lotes não se faz de forma tão contínua ou linear. O estado de conservação é razoável.

Ambiente Cromático – Bairro das Flamengas - fachadas em branco e elementos verticais e horizontais em cinzentos. Nos edifícios já reabilitados a fachada é amarelo claro, com cinzento e vermelho “cor de vinho” nos estendais e entradas.

Zona I - branco como cor dominante, com elementos em vermelho nas zonas das marquises, e no piso térreo.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Zona I - Rua Paulo Dias Novais Rua Manuel Teixeira Gomes

ficha 41



Fotos do Autor



Foto CML



Localização – Rua Manuel Teixeira Gomes e Rua Paulo Dias de Novais.

Autores dos projectos – Blocos de 8 pisos - Arquitecto Vítor Figueiredo.

Torre categoria III (1969-1970) – Arquitectos F. Gomes da Silva, Raul Hestnes Ferreira e Raul Ceregeiro.

Cor Original – não determinada.

Características – Os lotes do Arquitecto Vítor Figueiredo são semelhantes (na aparência exterior) aos dos Olivais Sul Célula B Centro do mesmo autor, (ficha 25). Têm 8 pisos, com galerias exteriores, e cor idêntica.

Curiosamente a torre categoria III de Hestnes Ferreira tem algumas semelhanças (a mesma concavidade vazada na fachada) com uma outra do mesmo autor na célula C zona Sul dos Olivais. (ficha 31)

Ambiente Cromático – Nestes dois conjuntos habitacionais a cor é muito semelhante - branco e cinzento como cores dominantes. Ambos têm elementos de cor mais escura a marcar os diferentes pisos e a marcar as fachadas com linhas/barras horizontais. Não estando próximos pertencem à mesma zona I e o ambiente cromático é idêntico.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Bairro do Condado

ficha 42



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Freguesia de Marvila, Zona J do PU de Chelas.

Autores do projecto – Arquitectos Tomás Taveira, Madalena Peres e Antónia Pimenta.

Projecto cromático original – Arquitecto Tomás Taveira.

Características – Conjunto com 700 fogos, construído entre 1975-1978. Com uma densidade habitacional muito elevada, os espaços exteriores foram sobre utilizados o que levou a uma degradação acelerada. Na recente requalificação concluíram-se novos equipamentos sociais, assim como os arranjos dos espaços públicos exteriores e áreas verdes; Como equipamentos colectivos existem equipamentos de saúde, formação profissional e emprego, segurança social, estabelecimentos de justiça, comércio e indústria, correios e telecomunicações, transportes, cultura e lazer, culto, desporto e espaços verdes.

Ambiente Cromático – Recentemente reabilitou-se a imagem cromática do bairro; blocos brancos em confronto com outros de uma enorme intensidade cromática. As combinações de cores são muito variadas, e formam contrastes de grande intensidade. As cores vão do vermelho, laranja, rosa forte, amarelo, vários azuis, turquesas, aos verdes e até lilás. Alguns blocos mantêm-se integralmente brancos. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Chelas - Zona J

ficha 43



Foto do autor



Foto CML

Localização – Situa-se em Marvila, na Zona J do PU de Chelas. Esta zona localiza-se a nascente da malha e é limitada a norte pelo núcleo central de equipamento zona O, a nascente pelo parque Vale Fundão, a sul pela zona L e a poente pela Via Central de Chelas.

Autor do projecto – Arquitecto Victor Consiglieri.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Blocos de 4 pisos, com galerias no piso inferior; o modo como estão agrupados, cria pequenas pracetas pavimentadas no interior.

Ambiente Cromático – Neste conjunto são utilizados tons claros como o bege e um lote em amarelo claro. Edifícios de uma só cor que é aplicada em planos contínuos de fachadas com poucos volumes.

Cor – Pintura.



Fotos do autor

Bairro dos Lóios

ficha 44



Foto: Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa

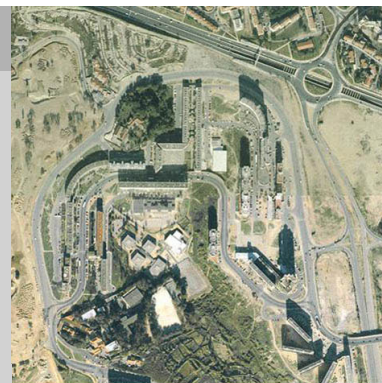


Foto CML

Localização – situa-se na Rua Luís Cristino da Silva, zona N2, Bairro dos Lóios

Autores dos projectos – Arquitectos Braula Reis, Henrique Mendia e Teresa Capucho Silva.

Cor Original – Desconhece-se.

Características – Edifício em banda contínua, com 5 pisos. Neste momento pertencem à gestão Municipal os Lotes 204 a 216.

Ambiente Cromático – As cores são claras: pano de fundo das fachadas bege, embaçamento amarelo ocre e elementos horizontais em cinzento da cor do betão. Estas linhas marcam os diferentes pisos e apenas uns pequenos elementos em volume sobressaem da fachada plana.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Rua Adões Bermudes - Zona N2

ficha 45



Fotos do autor



Foto CML



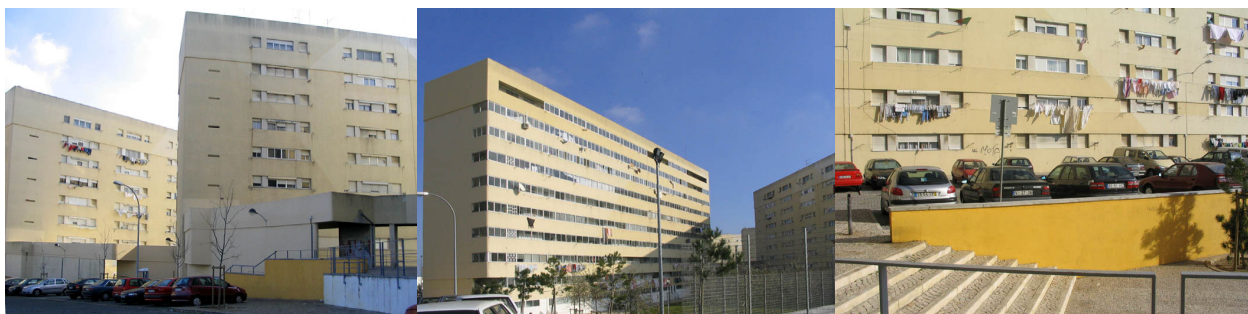
Localização – Situam-se no Bairro dos Lóios, na Rua Adões Bermudes. Confrontam com a Av. Santo Condestável, com o parque urbano, a Rua Luís Cristino da Silva e a Rua Pardal Monteiro.

Autores dos projectos – Arquitectos Vítor Figueiredo, Jorge Gil e Trigo de Sousa.

Cor Original – Desconhece-se. (é provável que seja esta).

Características – Construído em 1974, este conjunto é composto por 5 bandas de edifícios (Lotes 249 a 253) desniveladas e em disposição radial. É um conjunto residencial de elevada densidade, mas sóbrio. Os espaços exteriores foram recentemente arrançados. Foi dada especial importância às áreas de estacionamento, de circulação pedonal e de zonas de estadia/recreio, quer sejam pavimentadas ou verdes.

Ambiente Cromático – Várias tonalidades de amarelo, do muito claro ao forte. Nas fachadas percebem-se ainda linhas diagonais que compõem um desenho geométrico em diferentes tons, apesar das cores se encontrarem já um pouco desvanecidas. Esta aplicação de cor ajuda de certa forma a dinamizar a rigidez deste paralelepípedos e a monotonia das fachadas planas. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro dos Lóios – “Pantera Cor de Rosa”

ficha 46



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Bairro dos Lóios, na Rua Luís Cristino da Silva, antiga Zona N2 de Chelas.

Autores do projecto – Arquitectos Gonçalo Byrne e A. Reis Cabrita do atelier de Nuno Teotónio Pereira.

Cor Original – A cor rosa que deu origem ao nome por que ficou conhecido este conjunto.

Características – Este conjunto de habitação social compõe-se de dois blocos compridos perpendiculares entre si formando na confluência uma praça. Com 5/6 pisos, e 382 fogos, foi construído entre 1974 (projecto) e 1979 (conclusão da obra). Utilizaram-se galerias de acesso comum aos fogos, recurso muito utilizado pelo movimento moderno. Ficou conhecido entre os arquitectos como a “Pantera cor de rosa” e entre os habitantes como “Cambodja”.

Ambiente Cromático – Permanece a cor que lhe deu o nome - cor de rosa, embora sejam visíveis várias tonalidades, resultantes de sucessivas pinturas. Algumas áreas do piso térreo do lado exterior à Praça Raul Lino estão absolutamente degradadas, destruídas e muito sujas.

Cor – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Zona N2 - Rua Norte Júnior e Rua José Luís Monteiro.

ficha 47



Fotos do autor

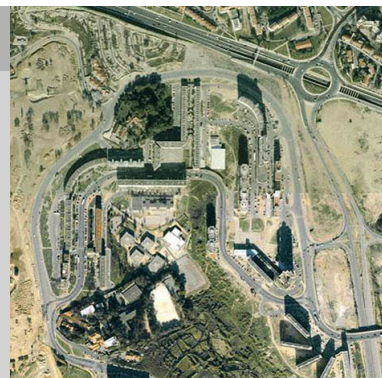


Foto CML



Localização – Zona N2. O Bloco A situa-se na Rua Norte Júnior. A torre e outro bloco situam-se no gaveto entre a Rua Pardal Monteiro e a Rua José Luís Monteiro.

Autores dos projectos – *Bloco A* - Equipa titular – Arquitectos Raul Chorão Ramalho, Manuel Vicente e Luís Piñero Nagy. Equipa de projecto – Arquitectos Manuel Vicente e Vicente Bravo Ferreira. *Torre e Bloco* – Arquitectos Leopoldo Leal, Artur Pires Martins e Palma de Melo.

Cor Original – Sim.

Características – A construção do Bloco aqui designado por A foi promovida pelo GTH/FFH (Gabinete Técnico da Habitação/Fundo Fomento da Habitação). O projecto é de 1972/1973 e a construção de 1977-1980.

Ambiente Cromático – No bloco A predominam os tons de rosa e vermelho vivo, com elementos estruturais e escadas em cinzento, cor do betão. Galerias do piso térreo nas traseiras, com colunas em vermelho vivo.

A torre é revestida por painéis de aglomerado de cimento e pedra de cor cinzenta.

Cor – Pintura e betão natural; pintura e aglomerado de pedra.



Fotos do autor

Bairro da Quinta das Laranjeiras

ficha 48



Fotos do autor



Foto CML



Localização – Situa-se na freguesia de Santa Maria dos Olivais, ao lado do Bairro do Casal dos Machados.

Autores dos projectos – Edifícios construídos pelo GTH.

Cor original – Desconhece-se. Actualmente estão a ser reabilitados e pintados.

Características – A construção iniciou-se em 1976 com 19 lotes e terminou em 1983 com mais cinco. Constituído por torres de 10 pisos e bandas de 7 pisos, dispostos ao longo da rua destinou-se ao realojamento de habitantes dum bairro de barracas existente nas proximidades da quinta. Com uma praça onde se encontra um Parque infantil, possui ainda equipamentos colectivos – Escola, Creche e Jardim de infância, ATL, Associação de moradores, Centro de Convívio de Idosos, Centro cristão, um Centro do Exército de Salvação, e um Polidesportivo descoberto. Com a construção do Bairro do Casal dos Machados, melhorou o serviço de transportes e os dois Bairros acabam por usufruir dos equipamentos um do outro.

Ambiente Cromático – Está em curso a recuperação e melhoramento das fachadas e dos lotes, alguns dos quais já estão prontos. Predominam as cores claras como o cinzento, o branco, amarelo, rosa e verde nas bandas. As torres estão pintadas uma em vermelho forte, outra em verde e outra em castanho.

“Problemas sociais profundos, desde conflitos étnicos ao tráfico de droga, podem ser combatidos por uma acção integrada de recuperação urbana. Entre os vários objectivos das intervenções, conta-se *a pintura dos edifícios em tons mais alegres*”. (Habitação Lisboa 92, p. 165). **Cor** – Pintura e betão natural.



Fotos do autor

Bairro Padre Cruz

ficha 49



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Freguesia de Carnide, a seguir à Pontinha. Confina com a Estrada Militar, com o Regimento de Engenharia nº1 e com o novo cemitério.

Autores dos projectos – Bairro original do D.S.U.O da CML. Novos projectos *tipo A e B* – Arquitecta Maria Rosa Leitão. A *Matriz L* – Arquitecto Sousa Afonso (DCH).

Cor Original – Desconhece-se a cor das construções mais antigas. As actuais cores dos lotes PIMP são as originais.

Características – Passou por sucessivas transformações. Inicialmente constituído por *Casas Desmontáveis*, era designado por Bairro da Quinta da Pentieira. Em 1960-61 concluíram-se casas de fibrocimento de um piso e casas de alvenaria de dois pisos. Em 1962 concluíram-se prédios de dois pisos, a biblioteca, grupos escolares, capela e salão de festas. Entre 1990 e 2000, no âmbito do PIMP surgiu um Novo Bairro. Da área total de 38 ha constam o bairro antigo (13 ha) e o bairro novo, com blocos de 5 e 6 e pisos. Tem 2405 fogos e cerca de 8500 habitantes. Os equipamentos de apoio contribuem para minimizar o isolamento deste enorme Bairro. Com Escola Primária e Pré-primária, Creche, Comércio e Serviços, Biblioteca Municipal Natália Correia, Esquadra da PSP, Farmácia, Associações Desportivas e Recreativas, Parque Infantil, Centro Social, etc.

Ambiente Cromático – As cores variam entre o laranja, o verde oliva e o bege para os blocos A e B. Os blocos Matriz L são de cor branca, laranja, amarelo ocre e azul forte. De uma grande densidade de construção, apresenta um aspecto de conjunto formalmente coerente, com exteriores cuidados, e pavimentos arranjados. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Década de 90

Bairro da Boavista

ficha 50



Foto: Gustavo Leitão

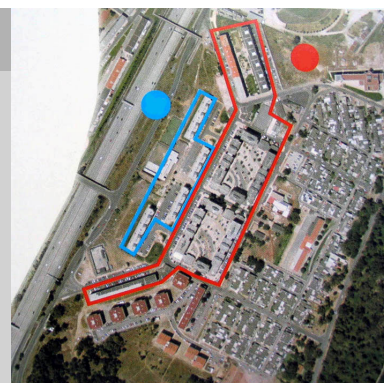


Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Freguesia de Benfica, nos limites do concelho, entre o Parque Florestal de Monsanto, o estádio Pina Manique, e a CRIL - IC17. Tem cerca de 25 ha.

Autores dos projectos – Plano e projectos do Arquitecto José Gomes Teixeira, colaboração Arquitecto Lázaro Filipe.

Cor original – As cores das construções mais recentes são as originais. Das antigas – Desconhece-se.

Características – Em 1938 foi construído o bairro provisório de *casas de fibrocimento*. A partir de 1962 construiu-se o *bairro de casas de alvenaria*, sem que fossem demolidas as provisórias. Só em 1997 se demoliu a última casa de fibrocimento. Entre 1989 e 1998 ao abrigo do PIMP e do P.E.R. construíram-se os novos conjuntos habitacionais. A CML financiou e construiu outros fogos, tendo o programa de realojamento totalizado a construção de 1049 fogos. Em 2000 foram concluídos os últimos blocos, os espaços exteriores e o mobiliário urbano. Com Equipamento Social Polivalente (Creche, Centro de Dia, Unidade de Saúde, Complexo Desportivo, Campo de Futebol, Esquadra da PSP, Farmácia, Associações (A. de Famílias para integração de Pessoas Deficientes, Grupo Desportivo de Caça e Pesca), GEBALIS, Comércio, Café Restaurante, Serviços, Parque infantil.

Ambiente Cromático – Apresenta uma imagem harmoniosa, embora com blocos diferentes. As cores usadas são o amarelo e o bege em grandes áreas, o branco e o castanho em pequenas quantidades. Reabilitaram-se os blocos mais antigos, e apesar da intervenção recente já mostra sinais de degradação, com pavimentos destruídos, “grafities”, o que só se percebe quando se penetra no interior dos quarteirões. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Rua Maria Helena Vieira da Silva Lote 128

ficha 51

Década de 90



Foto: Gustavo Leitão



Foto: DCH/CML



Foto do autor

Localização – Lumiar, Rua Maria Helena Vieira da Silva.

Autor do projecto – Arquitecto Armindo Espírito Santo (COPRAD).

Cor Original – Sim.

Características – O macro lote 128, como foi designado, foi construído no âmbito do PIMP entre 1992 e 1993, realojou famílias do Bairro da Musgueira Sul, das Calvanas e Pedreiras. Estes conjunto de gaveto, tem 149 fogos distribuídos em lotes de 11 pisos cada. Está integrado no tecido urbano da cidade, tem boas condições de acessibilidade e uma localização privilegiada.

Ambiente Cromático – Este conjunto está bem integrado nos lotes contíguos, e a cor reforça essa integração, por serem tonalidades próximas. A cor base da fachada é o branco com elementos verticais recuados em amarelo ocre claro o que acentua as áreas côncavas. O castanho escuro marca a forma cilíndrica de tijolos de vidro na fachada principal. Tem alguma volumetria que a cor ajuda a reforçar.

Cor – Pintura.



Foto DCH



Fotos do autor

Bairro dos Alfinetes - Quinta das Salgadas

ficha 52



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor



Localização – Freguesia de Marvila na Zona L de Chelas. Limitado a N pelo Bairro do Condado, a E pelo Bairro Marquês de Abrantes, a S pelo caminho-de-ferro e a O pelo B. das Salgadas.

Autores dos projectos – Projecto de Urbanismo – Arquitectos Joaquim Nolasco e Graça Azevedo. Lotes PIMP – *Matriz O* - Arquitecto Pedro Sousa Menezes. *Matriz J* - Arquitecto José da Silva Carvalho. Lotes PER – Arquitectos Alan Henriques, Manuel Ferreira e Rui Cunha.

Cor Original – Sim.

Características – A intervenção da Quinta das Salgadas iniciou-se em 1990. Ao abrigo do PIMP construíram-se entre 1996 e 1999 oito lotes com dois projectos tipo: A *matriz J* - 4 blocos de 6 pisos, e a *Matriz O* - 4 blocos de 10 pisos. Ao abrigo do PER construíram-se mais tarde três conjuntos com 212 fogos. Neste bairro ainda encontramos 15 lotes de habitação HR mais antigos (1982). Possui espaços verdes e espaços pavimentados de circulação pedonal, estadia, lazer e recreio. Possui Equipamentos Sociais (Centros Infantil e Juvenil, Centro de Apoio à Integração Profissional), Associações Desportivas, Comércio, Café/Restaurante, Parque infantil e Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – O bairro é composto por diferentes tipos de lotes sem unidade formal ou cromática, formando núcleos distintos. A *matriz J*, (verde claro e amarelo com molduras de azulejo branco). *Matriz O* - branco e rosa com embasamento de tijolo. Os Lotes PER são de cores fortes – amarelo e azul. A pavimentação geral é de calçada portuguesa combinada com faixas de lajetas de betão, de cor vermelha e cubos de granito.

Cor – Pintura, algum tijolo (forra de tijolo) e azulejo.



Fotos do autor

Bairro da Horta Nova

ficha 53



Foto: Gustavo Leitão

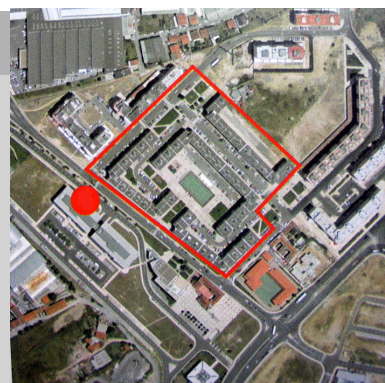


Foto DCH/CML

Localização – Situa-se na freguesia de Carnide junto do LNETI.

Autor do projecto – Promoção e construção da EPUL.

Cor Original – Sim

Características – O Bairro provisório de lusalite foi construído pelo GTH em 1972/1974. No âmbito do PIMP, foi construído um novo bairro, cuja promoção e construção foi assumida pela EPUL e que se processou em duas fases. Iniciado em 1990, as habitações foram concluídas em 1993, e os espaços exteriores e equipamentos sociais e comerciais em 1994. É constituído por lotes de 4 e 5 pisos; o piso térreo é destinado a espaços comerciais e equipamentos sociais. Com Escola básica e pré-escolar, Jardim-de-infância, Esquadra da PSP, Comércio, Café, Restaurante, Ludoteca, Escola de Música, GEBALIS, Parque de Jogos e Parque Infantil.

Ambiente cromático – Utilizaram-se cores claras, como o bege e o cinzento. A pintura de cor cinzenta em barras acentua a horizontalidade do conjunto. Algum amarelo nas galerias do piso térreo, assim como algumas superfícies revestidas de tijoleiras mescladas de castanho e laranja. Presentemente alguns dos espaços do piso térreo destinados ao comércio mostram sinais de vandalismo e destruição, estando alguns encerrados.

Cor – Pintura, e revestimento cerâmico.



Fotos do autor

Bairro do Casal dos Machados

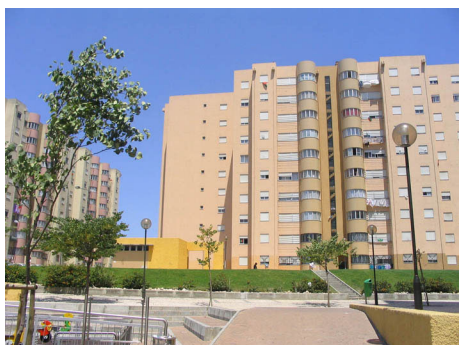
ficha 54



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor

Localização – Situa-se junto ao Campo de Futebol do Olivais e Moscavide. É limitado a norte pela Estrada da Circunvalação, a poente pela Av. Infante D. Henrique e a nascente pela Rua Padre Joaquim Alves Correia.

Autores dos projectos – Arquitecto Ilídeo Pelicano, colaboração Arquitecta Lourdes Rézio.

Cor Original – Sim.

Características – A construção iniciou-se em 1992 e concluiu-se em 1997. Ao abrigo do PIMP., construíram-se um total de 928 fogos, que realojaram a população do extinto Bairro do Relógio assim como do Bairro 14 de Julho aí existente. É um grande conjunto habitacional, com cerca de 5,7 ha, com Equipamentos Sociais, Comércio, Café, Restaurante, Centro de Idosos, Parque de Jogos, Parque infantil, GEBALIS, Biblioteca David Mourão - Ferreira.

Ambiente Cromático – Este grande conjunto tem como coloração dominante um ambiente entre o rosa, o bege e o salmão. O amarelo é mais pontual. As fachadas têm bastantes volumes recortados onde cada uma destas cores é aplicada. A base das fachadas é uma cor rosa salmão clara, com elementos verticais beges, salmão forte ou amarelo, em linhas verticais que marcam as caixas de escada. Em alguns lotes as “colunas circulares” formadas por varandas redondas são revestidas a azulejos rosa. Nas áreas de recreio exteriores também o amarelo. (ver ficha 58). **Cor** – Pintura e revestimentos de azulejo.



Fotos do autor

Bairro do Armador

ficha 55



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor

Localização – Na zona M de Chelas, pertence à Freguesia de Marvila. Limitado a norte pelo Bairro das Flamengas, a nascente pela Via Central de Chelas e a poente pelo Parque da Bela Vista.

Autores dos projectos – *Matriz M1 a M3* - Arquitecto Hélder Tércio Guimarães, colaboração Arquitectos Alan Henriques e Ana Gonçalves.

Matrizes M4 e M5 M6 - Arquitecto Elias Cachado Rodrigues, (arquitecto coordenador) e Arquitecta Ana Maria Gonçalves. (barras laranja e branco). *Lotes 772 a 781* - Arquitecto Sousa Afonso. *Lotes 745 a 754* - Arquitectos Pedro Guerreiro e Manuel Abílio. (Torre zona M).

Cor Original – Sim.

Características – A construção iniciou-se em 1992, e ao abrigo do PIMP. entre 1994 e 1998 concluíram-se 1302 fogos. Com uma área de 22 ha e cerca de 63 500 m² de espaço público. Realojou parte dos extintos Bairros do Relógio e do Chinês. Existem no Bairro alguns edifícios de construção cooperativa, e outros pertencentes à Fundação Oriente.

Está situado num terreno de acentuado declive com uma vista panorâmica sobre o rio, tendo uma boa exposição solar. De uma elevada densidade populacional, é uma área predominantemente residencial, com bandas de edifícios cuja altura varia entre os 6 e os 14 pisos. Os espaços públicos exteriores estão cuidados, com percursos viários e pedonais demarcados e zonas verdes bem arrançadas, o que contribui para a qualidade de vida dos utentes e para uma melhor imagem do Bairro. Salienta-se um pinheiro centenário, preservado numa plataforma especialmente construída para o efeito. Dotado de Unidade de Saúde, Biblioteca Municipal Sophia M. B. Andresen, Equipamento Social Polivalente - Centro de Juventude, GEBALIS, Associações (Conselho Português para os Refugiados, Associações de Moradores), 16 estabelecimentos de Comércio, Cafés Restaurantes, Serviços, Parque Infantil.

(continuação)

Ambiente cromático – Neste enorme conjunto habitacional, cada matriz tem a sua cor. A Matriz M1 e M2 - riscas finas horizontais num revestimento de quadrados cerâmicos laranja e bege, com áreas salientes pintadas de cor lisa bege claro. Outros blocos são amarelo rosa e vários tons de laranja, também em áreas bem demarcadas. A Matriz M4 e M5 - barras largas horizontais em laranja quase vermelho e branco. A banda mais extensa assim como a torre hexagonal são em amarelo claro com caixilharias e estores em verde-escuro.

Para a imagem cromática do bairro contribuem as habitações de construção cooperativa (as duas imagens ao fundo da página), com cores como o amarelo ocre e o cinzento, ou branco e cinzento com pequenos elementos verticais amarelos, das quais não nos podemos abstrair, embora não estejam no âmbito deste estudo.

Cor – Pintura e revestimentos de placas cerâmicas.



Fotos do autor

Bairro das Furnas

ficha 56



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Situa-se na freguesia de S. Domingos de Benfica junto à Avenida Conde de Almoester.

Autores dos projectos – Matriz I (torres de construção cooperativa) - Arquitecto Sousa Afonso. Os restantes blocos são do Arquitecto Carlos Worm.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de vários blocos habitacionais num bairro municipal antigo e degradado que permitiu realojar as famílias dentro do próprio bairro. Em 1990 iniciou-se a construção de 447 fogos financiados pela Fundação Gulbenkian; em 1994 concluiu-se a habitação cooperativa, cuja *Matriz I* - edifícios em torre, - foi utilizada noutros bairros. Ao abrigo do PIMP. em 1995 concluiu-se a construção de mais 94 fogos. O bairro possui um total de 541 fogos e uma área total de 4 ha. Possui Centro Social polivalente (creche, Jardim de Infância, ATL Centro de Dia, Unidade de Saúde) Comércio, Café restaurante, Parque infantil.

Ambiente Cromático – Os blocos têm cada um a sua cor - vermelho, rosa, verde, castanho e bege. As fachadas são lisas e de uma só cor, apenas com elementos brancos nas "marquises" e estores. Na zona exterior, cinzento de betão, e algum tijolo.

Do conjunto fazem parte duas torres (matriz I) de construção cooperativa de cor branca com elementos verticais vermelhos. **Cor** – Pintura, algum betão e pontualmente tijolo.



Fotos do autor

Alto do Chapeleiro

ficha 57

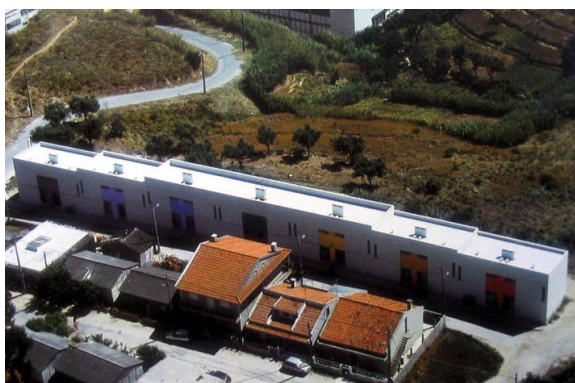


Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Freguesia da Ameixoeira, junto ao limite norte do Concelho de Lisboa. (zona do Lumiar/Calçada de Carriche).

Autor do projecto – Projecto e construção da E.P.U.L.

Cor Original – Sim.

Características – A construção iniciou-se em Julho de 1995 e foi concluída em Agosto de 1996. Este conjunto de 14 fogos em moradia T2 Duplex, em banda contínua, foi construído e adquirido ao abrigo do PER. As habitações têm uma configuração quase cúbica e de coberturas planas.

Ambiente Cromático – É um conjunto habitacional pequeno, em que a cor de fundo das fachadas é branca. As restantes cores são aplicadas num quadrado com aberturas /janelas nos cantos, marcando a entrada principal de dois fogos geminados. São sete cores diferentes, e pela sequência dos tons, supõe-se que devem pretender ser “as 7 cores do espectro”, em tons aproximados.

Cor – Pintura.



Fotos do autor

Quinta das FONSECAS - Telheiras Sul

ficha 58



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – É limitado a norte pela Rua Tomás da Fonseca, a nascente por um arruamento perpendicular a essa rua, e a poente pela Azinhaga dos Barros.

Autores do projecto – Arquitecto Ilídeo Pelicano, colaboração Arquitecta Lurdes Rézio.

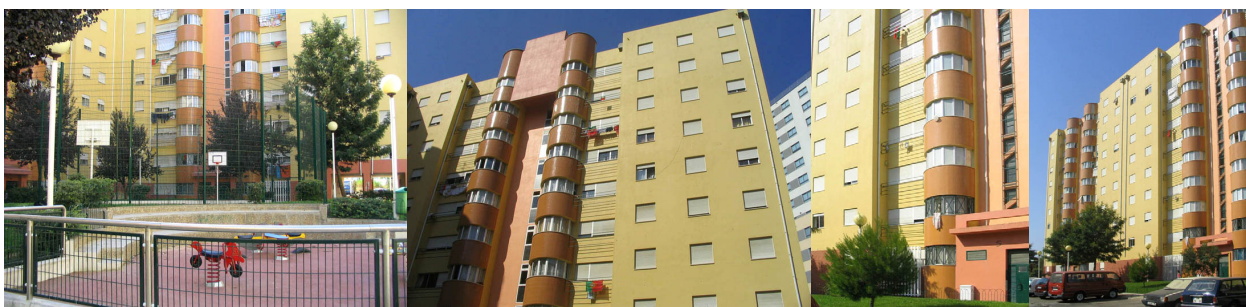
Cor Original – Sim.

Características – Construído ao abrigo do PIMP, realojou populações do Bairro da Quinta da Calçada e da Quinta das FONSECAS entretanto extintos.

O projecto e a configuração dos blocos é o mesmo do Casal dos Machados. Entre 1996 e 1999 concluiu-se a construção dos lotes. Com uma área de 1,1 ha e com um total de 240 fogos, compõe-se de várias torres de 10 pisos dispostas formando um quadrado incompleto. No interior do quarteirão existe uma praça, com espaços de recreio, jardim e parque infantil. Possui Gabinete de Gestão de Bairro (GEBALIS).

Ambiente Cromático – Amarelo claro, rosa, salmão, laranja e um ocre acastanhado. Tal como no Casal dos Machados (ficha 54), as cores diferenciam os vários elementos e volumetrias das fachadas. Também aqui se usaram azulejos no revestimento das varandas circulares. No centro, o parque infantil com equipamentos mais coloridos, tem gradeamentos e vedações em verde-escuro. As zonas verdes contrastam com as cores dos blocos.

Cor – Pintura, e revestimento de azulejos.



Fotos do autor

Olaias - Alto do Pina

ficha 59



Foto: Gustavo Leitão

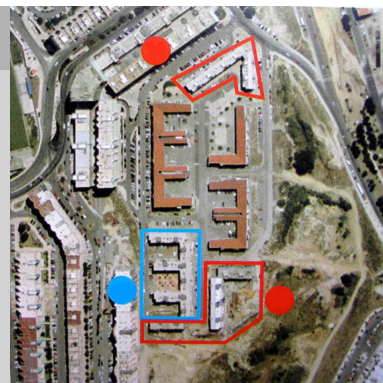


Foto DCH/CML



Foto do autor

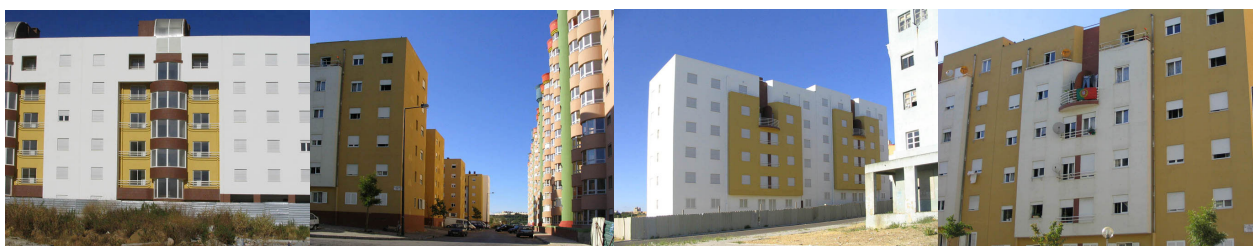
Localização – Freguesia do Alto do Pina, junto ao Centro Comercial das Olaias.

Autores dos projectos – Os novos lotes - Arquitecto José Gomes Teixeira, colaboração do Arquitecto João Gomes Teixeira. O Bairro Portugal Novo de 1976/1978 é da autoria do Arquitecto Manuel Vicente.

Cores Originais – Sim.

Características – Nesta zona coexistem o Bairro mais antigo, hoje muito degradado, o Bairro novo (PER E PIMP) e a habitação de luxo. Entre 1996 e 1999 concluíram-se ao abrigo do PIMP 141 fogos e do PER 110 fogos, que realojaram parte dos habitantes dos extintos Bairros do Relógio e Bairro do Chinês. As novas habitações situam-se em três parcelas separadas pelo Bairro Portugal Novo. Possui Centro de Animação Infantil Comunitário, Esquadra da P.S.P., Associações Juvenis (Assoc. Nacional de Estudantes de Psicologia e «O Covil», GEBALIS, Associação Social, Comércio, Café/Restaurante, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – O ambiente é de contrastes. O Bairro Portugal Novo, originalmente azul e amarelo está agora degradado e sujo. Os novos lotes são brancos e amarelos, com pequenas áreas em castanho. Nas diferentes fachadas há um jogo de alternância, invertendo-se as cores da forma quadrada e do fundo, assim como de volumes, ora reentrantes ora salientes em relação ao plano da fachada. Conjunto com projecto e colorido igual ao utilizado no Bairro da Boavista (ficha 50). Junto ao Bairro Social, ficam os lotes das habitações mais caras, de colorido variado. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Bairro da Quinta do Ourives

ficha 60



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Freguesia do Beato, à Rua da Quinta dos Ourives.

Autores dos projectos – Lotes mais antigos - não se identificou o autor. Os mais recentes são da EPUL.

Cor Original – Sim (dos novos). Dos mais antigos desconhece-se.

Características – O Bairro da Quinta do Ourives tem 560 fogos que foram edificados entre 73 e 82 que estão um pouco degradados. Foi recentemente alvo de obras de recuperação e reabilitação, assim como foram outros bairros municipais mais antigos. Referimos aqui o Bloco habitacional construído ao abrigo do PER que foi concluído em Outubro de 1996. É um conjunto com dois lotes de 4 andares com um total de 44 fogos.

Ambiente Cromático – Os blocos mais antigos são brancos e cinzentos da cor do betão. Os novos têm a base das fachadas revestidas de tijolo castanho e pintura em bege, com pequenas áreas em azul turquesa.

Cor – Pintura e betão (década 70) e pintura e tijolo (1996).



Fotos do autor



Foto DCH CML

Bairro das Flamengas

ficha 61



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Situa-se na Freguesia de Marvila, na antiga Zona N1.

Autores dos projectos – *Matriz G* - Arquitecto Alfredo da Silva Gomes e Arquitecto Jorge Subtil. *Matriz H* (1990-1996) – Arquitecto Raul Ceregiro. *Matriz C* – não determinado. *Matriz J* - Arquitecto José da Silva Carvalho e *Matriz I* – Arquitecto Sousa Afonso, ambas construção cooperativa.

Cor Original – Sim, excepto a das *matrizes C* que se desconhece, (ficha 40).

Fotos do autor

Características – O antigo Bairro da Quinta da Flamenga, construído pelo ex GTH da C.M.L. para alojar 40 famílias, foi demolido em Maio de 1997.

A imagem do novo Bairro é a de um grande conjunto (16,8 ha), em cujo desenho predomina o “lote a lote”. A construção fez-se dentro de uma volumetria geral pré-determinada, mas há certas áreas de grande densidade. Concluído entre 1989 e 1996, possui um espaço municipal polivalente (Auditório, Centro Inforjovem, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens «Navegar é Preciso», Espaço «Mini-Ágora»), Centro Social Polivalente (Creche, Jardim de Infância, ATL, e Centro de Dia), Escola do Ensino básico e pré Primária, Esquadra da PSP, GEBALIS, Associações de âmbito social (Associação Guineense de Solidariedade, «Olho Vivo», Fundação A.M.I., Socorros Mútuos), Comércio, Café-Restaurante, Parque Infantil. Alguns espaços exteriores foram arranjados, mas ainda existem áreas por tratar. Total de fogos construídos ao abrigo do PIMP -1237; da CML – 280; de Cooperativas - 132 e de Associações de solidariedade 10 fogos, o que totaliza 1659 fogos.

(continuação)

Ambiente Cromático – Devido às diferentes matrizes de construção, não há uniformidade, mas sim diversidade nas cores. No entanto há uma dominante de cores claras; predominam os bejes, amarelo claro e ocre, cinzento e branco. Pontualmente há acentos de verde forte, vermelho/laranja nos muros e embasamentos, e vermelho escuro.

Matriz C habitações categoria II - algumas ainda de aspecto degradado, outras recentemente restauradas em cinzento, amarelo claro e vermelho escuro “cor de vinho”.

A *Matriz G* tem como cor de fachada o amarelo claro com acentos em verde forte nas entradas e caixas de escada.

A *Matriz H* é amarelo ocre com elementos em betão cinzento. A *Matriz J* – (rosa com molduras nas janelas de azulejo branco) e as torres *Matriz I* (beges com elementos verticais em laranja) são construções cooperativas, que não estando no âmbito deste estudo, estão inseridas no conjunto.

Cor – Pintura, betão natural, tijolo e azulejo.



Fotos do autor

Telheiras - Alto da Faia

ficha 62



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Situa-se na zona nova de Telheiras, próximo da saída do eixo Norte-Sul para a Avenida das Nações Unidas.

Autor do projecto – EPUL.

Cor Original – Sim

Características – Conjunto construído ao abrigo do PER com 108 fogos. No piso térreo existem 16 estabelecimentos de comércio e serviços.

Ambiente Cromático – A cor predominante é o branco, com áreas em amarelo que definem e marcam determinados elementos da arquitectura. No piso térreo foi aplicado um tom de amarelo diferente do da larga faixa horizontal dos pisos superiores. No espaço contido, foi criada uma zona verde com áreas ajardinadas.

Cor – Pintura e embasamentos de pedra.



Fotos do autor

Rua Issam Sartawi - Buraca

ficha 63



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Freguesia de Benfica; esta área está limitada a norte pela linha de caminho de ferro, a nascente pelo muro da Quinta da Casa dos Retiros do Bom Pastor e a sudoeste pela estrada militar de circunvalação que limita o concelho de Lisboa.

Autores do projecto – Arquitecta Ana Lúcia Barbosa, colaboração Arquitecto Manuel Ayres.

Cor Original – Sim.

Características – A construção da Rua Issam Sartawi que liga a Buraca a Benfica, originou duas áreas de intervenção, com três edifícios. O primeiro edifício a ser construído (denomina-se Buraca E) foi concluído em Setembro de 1997 e obteve o 1º prémio do I.N.H.

Os restantes 101 fogos, (Buraca F) foram concluídos em 2001. Este conjunto possui Biblioteca Municipal, Equipamento Social, ATL.

Ambiente Cromático – Os três blocos são na maior área revestidos de tijolo cor bege com algumas áreas pintadas de cor branca. São blocos sem volumetrias nas fachadas, pelo que as duas cores e a diferente textura dos materiais, ajuda a quebrar a continuidade plana dos paralelepípedos. Nas fachadas opostas de cor branca as varandas/galerias criam linhas contínuas horizontais.

Cor – Pintura, e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Quinta das Lavadeiras

ficha 64



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Situado na Freguesia da Ameixoeira, confronta a sul e a poente com a Rua da Quinta das Lavadeiras, a norte com um arruamento de acesso ao Alto do Chapeleiro, e a nascente com lotes em banda já existentes datados dos anos 60.

Autores dos projectos – Arquitecta Margarida Lopes Alves, colaboração Arquitecta Ana Paula Calheiros da Cunha.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de dois Blocos Habitacionais construído ao abrigo do PER em 1999. Foi menção honrosa no Prémio INH desse mesmo ano. Este conjunto é composto por dois lotes com 35 fogos distribuídos por sete pisos. O conjunto alinha com um bloco já existente. Possui Associação de Moradores, Comércio e Estacionamento coberto, tendo sido previsto um Parque Infantil que em 2004 ainda não existia.

Ambiente Cromático – Os blocos têm dois tons de azul nas fachadas; e cinzento nas galeiras do piso térreo, nas grelhas dos estendais e num elemento vertical do topo, foi aplicado um cinzento-escuro.

Cor – Pintura.



Fotos do autor

Avenida de Berlim

ficha 65



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

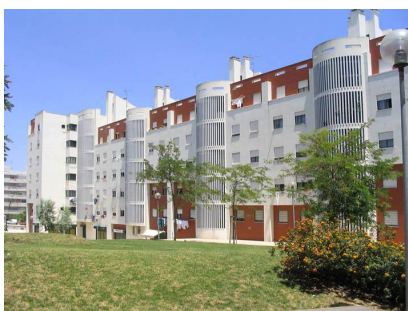


Foto do autor

Localização – Situa-se na Freguesia de Santa Maria dos Olivais, tendo a Avenida de Berlim a norte e a Avenida Cidade de Luanda a poente.

Autores do projecto – Arquitecto Manuel Abílio Ferreira, colaboração Arquitecta Margarida Reis Silva, Arquitecto Rui Horta Santos.

Cor Original – Sim.

Características – A construção deste conjunto iniciou-se em 1997 no âmbito do PER; foi concluído entre 1998 - 99 e obteve a Menção honrosa do prémio INH 2000. Com uma área de cerca de 17.500 m², encontra-se na área de intervenção da célula F dos Olivais. É um conjunto de qualidade constituído por 19 lotes num total de 227 fogos. Possui Centro de Dia, Associações Desportivas, Comércio, Café Restaurante, Estacionamento coberto. Os espaços exteriores bem cuidados, incluem arborização, áreas pedonais e de lazer.

Ambiente Cromático – O conjunto ondulado é predominantemente branco com áreas beges que realçam alguns elementos e concavidades. Da mesma forma no outro bloco plano essas áreas são realçadas pela cor laranja do tijolo que as reveste. No piso térreo o verde-escuro das portas contrasta com as fachadas. O conjunto tem dinamismo e ritmo que a cor ajuda a reforçar.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Bairro Marquês de Abrantes

ficha 66



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor

Localização – Situa-se na área sul nascente de Chelas, junto do caminho-de-ferro.

Autores dos projectos – Projecto de Urbanismo dos Arquitectos Joaquim Nolasco e Graça Azevedo.

«Piano» – Arquitectos José Moore Vieira, Pedro Sousa Menezes e Margarida Lopes Alves.

Os Restantes 5 lotes e os arranjos exteriores são da responsabilidade da Soares da Costa e autoria da ARIPA – Ilídio Pelicano e Associados.

Cor Original – Sim.

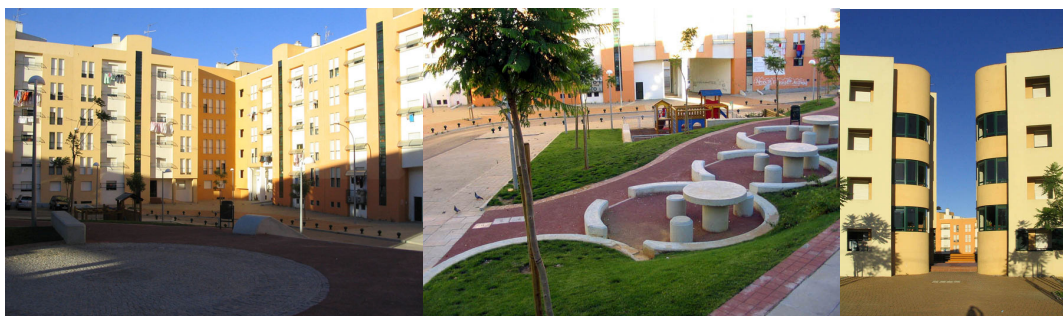
Características – É um vasto conjunto habitacional com grande quantidade de fogos mas com espaços exteriores cuidados e de grande qualidade, tendo em conta as condicionantes dos custos. Há um conjunto denominado «Piano», além de 5 outros blocos de características diferentes. Nas proximidades existem ainda oito blocos de realojamento, matriz HR.

A construção começou em 1997 com o lote PIMP de 67 fogos (marcado a vermelho na foto), prosseguindo com o restante conjunto do quarteirão central, composto por três bandas de edifícios num total de 242 fogos, concluído em 1999. Os restantes 5 blocos (PER - lotes D a H) totalizam 525 fogos e ficaram concluídos em 2001. Possui equipamento Social (Infância e Idosos), Biblioteca Municipal, GEBALIS, Farmácia, Associações Desportivas, Artes e Ofícios Tradicionais, Associações de Moradores, 17 estabelecimentos de Comércio, Café Restaurante, Parque Infantil, Estacionamento coberto.

(continuação)

Ambiente Cromático – No lote PIMP, a fachada totalmente plana do lado exterior, tem duas cores – laranja e amarelo claro na maior área, branco nos pilares do piso térreo e caixilharias e gradeamentos em verde-escuro. As fachadas do bloco ondulado têm também dois tons e caixilharias verde-escuro; do lado interior do «Piano» as fachadas têm as mesmas duas cores - amarelo claro e laranja - sendo a cor mais escura aplicada no interior dos vãos, o que acentua a profundidade. Nos lotes opostos a cor foi aplicada de modo inverso: a cor mais clara nas áreas recuadas. Nos muros desnivelados e colunas do lado interior foi aplicado um tom de laranja mais forte; as fachadas dos estabelecimentos comerciais são revestidas em tijolo com a mesma cor laranja. Os restantes 5 lotes têm como cor base da fachada o amarelo claro, com volumes realçados em cinzento e em branco. Alguns muros foram revestidos com azulejos amarelos e brancos. Os vários pavimentos foram tratados com diferentes materiais e cores formando desenhos. No interior do quarteirão o parque infantil multicolorido está integrado em zonas relvadas e espaços de convívio e lazer pavimentados.

Cor – Pintura; revestimento de tijolo e pontualmente azulejo nos muros exteriores.



Fotos do autor



Quinta dos Barros

ficha 67



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Pertence à freguesia de S. Domingos de Benfica e confronta a poente com o eixo Norte - Sul, e a sul com a Avenida Lusíada.

Autor do projecto – Arquitecto Sousa Afonso.

Cor Original – Sim.

Características – Bloco habitacional construído ao abrigo do PER, situado no enfiamento da Azinhaga das Galhadas, que foi terminado em 1998. Este edifício tem no total 162 fogos e é constituído por seis lotes de nove andares, com três fogos por piso.

Equipamento social: Fundação Aga Khan.

Ambiente Cromático – Este bloco, de fachadas cheias de ritmo e com volumetrias variadas, é essencialmente branco. Apenas nas áreas entre as janelas, 3 riscas de azulejos sublinham as aberturas envidraçadas, criando uma estreita coluna vertical de linhas horizontais azuis. À distância não se tem a percepção desses azulejos.

O espaço exterior com estacionamento, tem uma pequena área com relva.

Cor – Pintura e algum azulejo.



Fotos do autor

Bairro do Charquinho

ficha 68



Foto: Gustavo Leitão



Foto: DCH/CML



Foto do autor

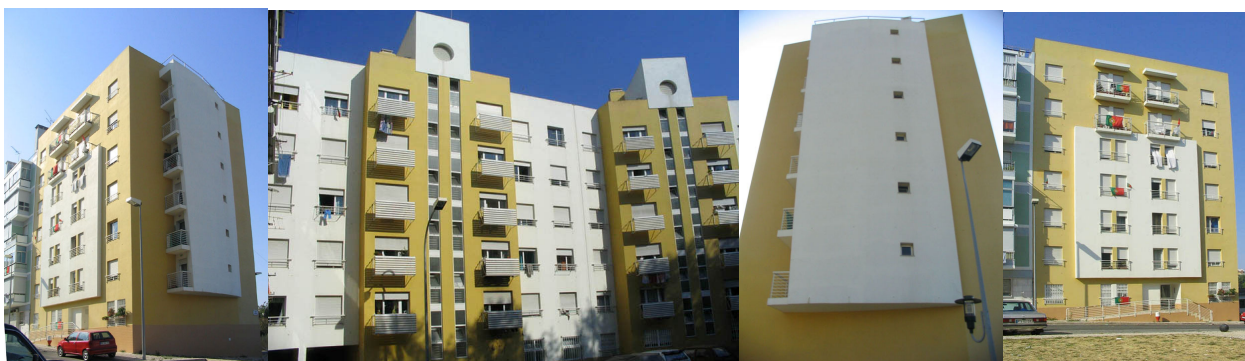
Localização – Freguesia de Benfica, integrado no Bairro mais antigo. É limitado pela Estrada dos Arneiros, e a nascente pela Estrada do Poço do Chão. Os novos blocos confinam com empenas de edifícios já existentes junto da Rua Actriz Maria Matos. (ficha 18).

Autores do projecto – Arquitectos António Maia e Jorge Subtil.

Cor Original – Sim.

Características – Em 1997 ao abrigo do PER, iniciou-se a construção do conjunto arquitectónico aqui designado por “Bairro do Charquinho”. Concluído em 1999 destinou-se ao realojamento de populações de barracas e núcleos degradados das freguesias de Benfica e S. Domingos de Benfica. É composto por sete lotes com 83 fogos, em dois conjuntos separados por edifícios existentes. Possui dois estabelecimentos de comércio, Café/Restaurante, e Serviço de Prevenção e Tratamento de toxicodependentes.

Ambiente cromático – Os novos blocos são amarelos e brancos. As cores são aplicadas de modo a fazer salientar a volumetria das fachadas. Os blocos contíguos de construção mais antiga foram reabilitados e coloridos no mesmo tom de amarelo. Apresentam-se em bom estado de conservação e sem sinais de vandalismo. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Quinta do Cabrinha

ficha 69



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



<http://ulisses.cm-lisboa.pt>

Localização – Situa-se na freguesia de Alcântara num terreno definido pela Avenida de Ceuta a nascente, a Rua da Fábrica da Pólvora a poente e a torre da TSF a norte.

Autores do projecto – Arquitectos Carlos Marques e Vanda Mata.

Projecto cromático – Pintor Jorge Martins.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de 21 lotes com 248 fogos, pertencente à 1ª fase do processo de requalificação urbana do Casal Ventoso. Foi construído ao abrigo do PER em 1998-1999. O conjunto dos edifícios implantados ao longo da Av. de Ceuta, desenvolve-se em duas bandas paralelas que formam entre si pátios. Possui boa exposição solar nas fachadas interiores, com orientação predominante das fachadas e dos fogos nos sentidos nascente e poente.

Os revestimentos exteriores são à base de monomassas com cores e texturas diferenciadas. Como equipamentos de apoio possui: Centro de Animação Infantil Comunitário, Esquadra da PSP, Capela, Equipamento Social, Centro de Acolhimento de Toxicodependentes, Associações recreativas e Desportivas, Equipamentos Culturais, Clínica Veterinária da L.P.D.A., Comércio, Café Restaurante, Serviços, Gabinete Gestão do Bairro, Estacionamento coberto.



Fotos do autor

(continuação)

Ambiente Cromático – As cores originais de forte cromatismo no início estão agora um pouco queimadas pela acção do tempo e da luz. Há alguma sujidade acumulada nas paredes e nos pavimentos do lado interior das bandas.

De referir que o projecto estava em construção com algumas cores e materiais já definidos, quando se iniciou a intervenção do pintor Jorge Martins. Nas fachadas da Av. de Ceuta nos dois pisos inferiores é utilizada uma cor cinzenta e nos pisos superiores um amarelo muito claro, cores já definidas antes da intervenção. Os elementos verticais salientes foram acentuados com vermelho e amarelo. Nas fachadas dos pátios interiores é utilizado o amarelo vivo, azul-escuro e azul-turquesa, laranja, violeta, sempre salientando as formas e os volumes da arquitectura. No lado interior as cores mantêm ainda alguma intensidade.

Cor – Pintura e monomassa.



Fotos do autor

Alto Lumiar PER 1, 2 e 3

ficha 70



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

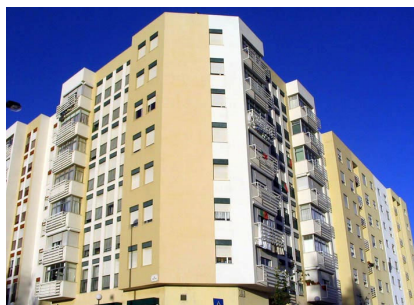


Localização – Zona do Alto do Lumiar, junto ao antigo Bairro da Cruz Vermelha.

Autor dos projectos – Arquitecto Paulo da Gama.
Cor Original – Sim.

Características – Construído ao abrigo do PER, este conjunto possui 578 fogos e é constituído por vários blocos, que integram 7 mais antigos (ver ficha 22). Os blocos variam entre os 7 e os 10 pisos. Possui como equipamento de apoio Escola, Jardim-de-infância, Farmácia, Centro de Dia, Biblioteca Municipal Maria Keil, Clube Desportivo, comércio e restaurantes. Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Os blocos que constituem o grupo PER1 são amarelo claro, branco e bege rosado, marcando alguns volumes e elementos da fachada. Pontualmente azul forte e vermelho escuro a marcar as janelas, Os outros blocos têm na base (nos três primeiros pisos) a cor cinzenta; nas fachadas as cores usadas são o rosa e o amarelo em tonalidades claras, numa aplicação uniforme e em contínuo; apenas as grelhas dos estendais e os estores as pontuam de branco. **Cor** – Pintura.



PER 1



Fotos do autor

Alto Lumiar - PER 4, 5, 6

ficha 71



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Na zona abrangida pelo Plano de Urbanização do Alto do Lumiar.

Autores dos projectos – PER 4 e 5 - Arquitecto Paulo da Gama.

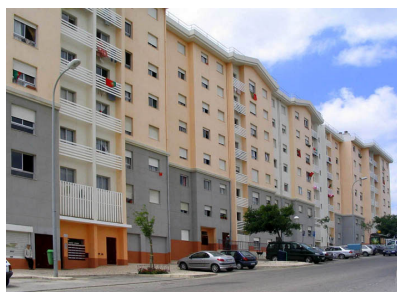
PER 6 – Arquitecto Guilherme Barreiros Salvador.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional de nove lotes em 3 grupos com 864 fogos, construídos ao abrigo PER. A altura varia entre os 7 e os 9 pisos de habitação.

Possui como apoio Associações Desportivas, Creche A.T.L., Centro de Saúde, Campo de Jogos, Parque Infantil, Comércio, Restaurantes e Associações de Âmbito Social. Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Os conjuntos 4 e 5 têm cores semelhantes aos anteriores 2 e 3; são o cinzento, o rosa, o amarelo e uma “cor de salmão” clara, aqui aplicados de modo menos contínuo, com pequenos pontos de cor laranja forte. O PER 6 utiliza no revestimento das fachadas o tijolo bege, além de planos pintados em branco, numa sucessão ritmada de cor texturas e volumes. **Cor** – Pintura; pintura e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

Alto Lumiar - PER 7, 8, 9

ficha 72



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

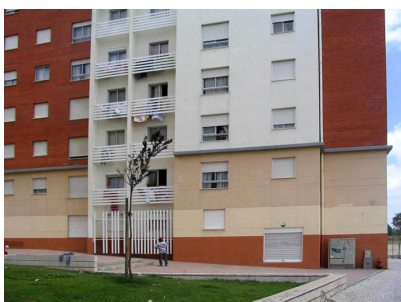


Foto do autor

Localização – Alta do Lumiar na zona abrangida pelo Plano de Urbanização do Alto do Lumiar.

Autores dos projectos – PER 7 e 8 - Arquitecto Paulo da Gama.

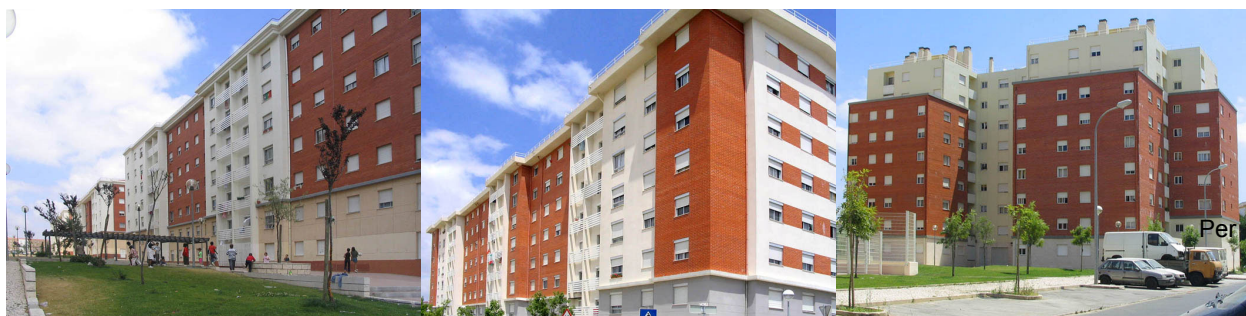
PER 9 – Arquitecto Eduardo Leira.

Cor Original – Sim.

Características – Construído ao abrigo do PER, é composto por três conjuntos num total de 10 blocos e 757 fogos. Com pequenas áreas verdes envolventes que servem de espaço de lazer para os mais jovens, possui também: Escola, Comércio, Café/Restaurantes, Associações de Âmbito Social, Associações Desportivas, Campo de jogos, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Estes 3 grupos embora de autores diferentes têm uma característica comum - o uso de tijolo laranja forte no revestimento; demarcando volumes, fazendo salientar elementos da fachada, criando algum ritmo em blocos que por si são formas quase paralelepípedicas. (excepção feita ao conjunto 9, de forma e volumes mais recortados). Aplicada também pintura de cor branca nas fachadas assim como nas áreas dos pisos inferiores, em dois tons de bege (7) em cinzento (8) e em bege claro no PER 9. Com pequenas diferenças são no conjunto bastante semelhantes e harmoniosos.

Cor – Pintura e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

Alto Lumiar - PER 10, 11, 12

ficha 73



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Alto do Lumiar na zona abrangida pelo Plano de Urbanização do Alto do Lumiar.

Autores dos projectos – PER 10 e 11 - Arquitecto Paulo da Gama.

PER 12 – Arquitecto Frederico Valsassina.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de vários blocos com 703 fogos, construídos ao abrigo do PER. Com zonas de jardim, equipamentos sociais, parques infantis e estacionamento coberto. Lotes com 5 e 8 pisos.

Ambiente Cromático – Os conjuntos designados PER 10 e 11 são revestidos a tijolo bege, com áreas pintadas em branco (varandas, grelhas dos estendais e planos da fachada). No piso térreo dos blocos em forma de Y o revestimento é amarelo claro. Os espaços contidos possuem zonas relvadas e piso calçetado. São conjuntos de média dimensão e por isso com pouca densidade habitacional. O PER 12 é revestido com placas vermelho acastanhado e a empena verde água é o único elemento exterior que distingue o lote municipal dos restantes lotes de venda livre cujas empenas são amarelo e azul forte. Exteriormente são rigorosamente iguais, com 8 pisos de habitação, numa clara opção de integrar os fogos sociais num vasto conjunto habitacional.

Cor – Pintura e revestimentos de tijolo; pintura, betão e placas estratificadas de madeira de alta densidade.



Fotos do autor

Ameixoeira - Galinheiras

ficha 74



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Zona do Alto do Lumiar, Freguesia da Ameixoeira.

Autor dos projectos – não determinado.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de oito blocos com 480 fogos construídos ao abrigo do PER Equipamentos Sociais, Comércio, Restauração, Estacionamento Coberto.

Ambiente Cromático – O conjunto é muito grande, mas a cor predominante é o branco. Na maior parte dos lotes brancos, os destaques em azul forte assinalam as entradas com estruturas quase escultóricas. Os gradeamentos são em azul claro. Sob algumas janelas o revestimento de tijolo “castanho avermelhado” cria pequenos quadrados de cor. O último lote usa áreas maiores revestidas de tijolo da mesma cor avermelhada, criando grandes manchas verticais na fachada e emoldurando as grelhas dos estendais.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Paço do Lumiar

ficha 75



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Localiza-se junto ao Cemitério do Lumiar numa via perpendicular ao Eixo Norte-Sul.

Autor do projecto – não determinado.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de três blocos habitacionais construídos ao abrigo do PER com 174 fogos. São blocos de fachadas planas sem qualquer volumetria. Actualmente novas construções foram inseridas nos espaços que separavam os três blocos, o que criou uma fachada contínua de uma enorme extensão. Tem um parque infantil de apoio ao conjunto, e alguns espaços verdes com jardim.

Ambiente Cromático – Os blocos são de cor branca, com barras em cinzento claro ao nível das janelas. O único apontamento colorido é uma pala que cobre as entradas dos prédios em azul forte.

Cor – Pintura.



Fotos do autor

Vale de Alcântara

ficha 76

Anos 2000



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Junto à Estação de Campolide, é confrontado a sul e a poente pelo Bairro da Liberdade, a nascente pelo eixo Norte - Sul.

Autor do projecto – Arquitecta Joana Mateus, D.C.V./ G.I.T.A.P.

Cor Original – Sim.

Características – Construção no âmbito do PIMP totaliza 126 fogos em 3 blocos de 5 e 6 pisos. Surgiu da necessidade de realojamento provocada pela construção do eixo viário Norte-Sul e pelo reordenamento urbano da zona do Vale de Alcântara. A construção iniciou-se em 1997 sendo concluída em 2000, assim como os arranjos exteriores. Equipamento Social (Creche, Jardim de Infância, ATL), Educação (Assoc. Ensaio, Universidade de Lisboa para a Terceira idade, Instituto de Educação Técnica de Seguros), Gabinete de Prevenção da Toxicodependência da CML, GEBALIS, Café Restaurante, Assoc. de Cultura e Desporto Lanine, Sedes de várias Associações de âmbito social, e outras (Assoc. de Profissionais de Educação de Infância, Soc. Portuguesa de Educação física, Assoc. de Professores de Português, Assoc. de Professores de Geografia, Assoc. Portuguesa de Management). Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Edifícios parcialmente revestidos de tijolo cor bege até meia altura, sendo a restante fachada pintada de cor branca. Os edifícios têm bastantes aberturas que pontuam de escuro todas as fachadas. **Cor** – Pintura e revestimentos de tijolo.



Fotos do autor

Rua Carlos Botelho

ficha 77



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor

Localização – Situa-se na Freguesia do Beato. É limitado a norte e a nascente pela Rua Carlos Botelho, a sul pela Escola primária, e a poente pelos edifícios da Rua Capitão Roby.

Autores dos projectos – Elaborado pela COPRAD. Edifícios e espaços exteriores - intervenção da Engil.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional com 271 fogos, situado numa área com cerca de 1,4 ha, integrada no Plano do Vale de Chelas. Elaborado pela COPRAD, a construção foi concluída em 2000, sendo adquirido pela CML ao abrigo do PER Com Jardim-de-infância e Centro de Dia, Creche, Associação Social, Comércio, Café Restaurante, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Predomina o branco na maior parte das fachadas. Algum cinzento aplicado em pequenas áreas marcando faixas horizontais e verticais. Como cor mais intensa, o castanho do revestimento de tijolo aplicado nos embasamentos, nos cunhais e em algumas áreas da fachada. As cores ajudam quebrar a monotonia das fachadas quase planas.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Rua das Murtas

ficha 78



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

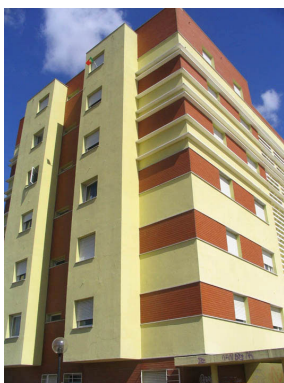


Foto do autor

Localização – Freguesia do Campo Grande. Confronta a poente com o Campo Grande, a nascente com o Hospital Júlio de Matos e a Rua das Murtas, e a sul com a Avenida do Brasil.

Autores dos projectos – Arquitectos José Moore Vieira e Margarida Lopes Alves.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído em 2000 e adquirido pela CML ao abrigo do PER. Conjunto em forma de L com 122 fogos distribuídos em 6 pisos.

Equipamentos Sociais (espaço para Centro Paroquial do Campo Grande), Estacionamento coberto. O projecto previa arranjos exteriores na área contida pelos blocos fronteira à Azinhaga das Murtas, mas em Julho de 2004 a zona continuava descampada.

Ambiente Cromático – Os vários blocos criam um conjunto de cor uniforme. Tem áreas revestidas a tijolo, o que contrasta com a pintura em amarelo claro e com o branco dos frisos dos estores e das grelhas dos estendais. A cor do tijolo cria uma leitura de barras horizontais ou verticais. No piso térreo faltam pedaços do revestimento de tijolo e há sinais visíveis de destruição e vandalismo. **Cor** – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Avenida Alfredo Bensaúde

ficha 79



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

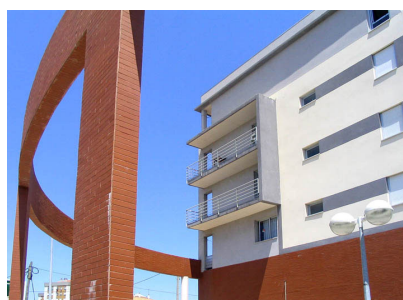


Foto do autor

Localização – Os limites são o nó viário da Portela/Quartel do Ralis a Noroeste, a Av. Dr. Alfredo Bensaúde/Olivais a Norte, o edifício do Elo Social a Sudeste e o concelho de Loures/ Estrada da Circunvalação a Nordeste.

Autores dos projectos – Arquitectos Manuel Nunes e Lúcia João; Colaboração Arquitectos Paulo Marques e Tiago Rosário. **Cor Original** – Sim.

Características – Conjunto de três edifícios em banda de 6 - 7 pisos, com 357 fogos, construídos em 2001 no âmbito do PER Formam no interior um espaço de lazer e recreio aberto a sul. «Um desenho em que se procuram criar espaços abertos, de fácil leitura e vigilância, associado a um sistema de iluminação eficaz, e a uma não contenção e fecho do espaço nos locais de circulação e estadia dos peões, levará a uma diminuição do potencial vandalismo e a uma melhoria das condições de segurança dos utentes». (memória descritiva). Com espaços destinados a Equipamentos Sociais Culturais e Desportivos, Sedes de Associações, Comércio e Restauração e estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Contraste entre as superfícies planas tendo como referência os materiais - betão de cor cinza no plano mais recuado, plano intermédio de cor marfim em reboco e o primeiro plano em cor vermelha do revestimento em tijolo. As situações de claro/escuro criadas pelos vãos criam fortes linhas horizontais, reforçadas pela cor cinzenta nos pisos de habitação. **Cor** – Pintura, betão e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Ameixoeira Quinta da Torrinha

ficha 80



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Situa-se na freguesia da Ameixoeira e o acesso a esta zona faz-se através do arruamento do Alto do Chapeleiro.

Autor dos projectos – Arquitecto João Paciência. Arranjos exteriores da Biodesign.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto de 15 blocos de Habitação com 556 fogos, construídos ao abrigo do PER em 2001. Existem dois conjuntos de lotes em linha descontínua. São blocos diferenciados mas de volumetria semelhante com 4 pisos. O conjunto adjacente à Estrada Militar é constituído por 7 blocos. O outro conjunto é constituído por oito blocos alinhados em duas filas paralelas. Equipamentos Sociais, Comércio, Restauração, Estacionamento Coberto.

Ambiente Cromático – Utilizam-se duas cores resultantes dos materiais utilizados no revestimento das fachadas - embasamento de material cerâmico castanho e monomassa de cor marfim. As grelhas dos estendais formam uma composição ritmada e são uma característica comum a todos os lotes. Nos oito lotes de cota mais elevada acrescentou-se a cor amarela para salientar alguns volumes, criando um maior dinamismo nas fachadas. Algumas varandas foram fechadas sem critério, adulterando a imagem exterior e destruindo a continuidade dos volumes das fachadas.

Cor – Pintura, revestimento de tijolo e monomassa.



Fotos do autor

Quinta do Lavrado - Vale de Chelas

ficha 81



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Próximo da rotunda Olaias, mas já no Vale de Chelas.

Autor do projecto – Arquitecto João Paciência.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído ao abrigo do PER em 2001, com 263 fogos. Possui Centro de Saúde, Esquadra da PSP, Creche, Jardim-de-infância, Comércio, Café Restaurante e Estacionamento coberto.

Zonas comuns como as entradas e os corredores de circulação são apropriadas pelos moradores como se esse espaço fosse uma extensão da casa.

Ambiente Cromático – Predominam os tons amarelos e em menos quantidade os laranjas, em pintura e em revestimento cerâmico. Há várias superfícies revestidas a material cerâmico de cor laranja - fachadas e alguns muros; fachadas pintadas de amarelo com as paredes mais recuadas das varandas a laranja, acentuando a profundidade (lado sul). Pavimentos de tijoleira nas zonas de circulação e aglomerados de cimento nas zonas comuns de lazer – terraços.

Cor – Pintura, betão e revestimentos cerâmicos.



Fotos do autor

Avenida Cidade de Luanda

ficha 82



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Situa-se na “Célula E Zona Norte” dos Olivais Sul, entre a Av. de Pádua, Rua de Chibuto e Avenida Cidade de Luanda.

Autores dos projectos – Planeamento e Arquitectura - Arquitecto Rui Manuel Cunha, colaboração Arquitectos Ana Cunha e Vasco Santos.

Cor Original – Sim.

Características – A construção deste conjunto iniciou-se em 1997 no âmbito do PER e concluiu-se em 2001. As 4 torres possuem um total de 132 fogos. Com uma localização excelente (vista panorâmica sobre o Tejo), os quatro edifícios em torre são separados por equipamentos de volumetria com menos altura. O conjunto possui Centro de Dia, Centro juvenil, Biblioteca Municipal Eça de Queirós, Ginásio e Sede de Clube Desportivo, Associações juvenis, Café - Restaurante, GEBALIS, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – As cores comuns são o branco pintura e o cinzento dos blocos utilizados como revestimento. Cada torre é identificada por uma cor, aplicada em elementos verticais: verde, azul, laranja e amarelo. As fachadas têm volumes recortados que as cores ajudam a salientar; os planos mais recuados são cinzentos, acentuando a profundidade.

Cor – Pintura e revestimento de tijolos de cimento.



Fotos do autor

Rego A – Rua Sousa Lopes

ficha 83



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, entre o edifício *Gemini* e o Bairro de Santos. Como limites a Rua Tomás da Costa, Rua Jorge Afonso e Rua Sousa Lopes.

Autores dos projectos – *Lote A* - Arquitecto João Miguel Gomes Teixeira, colaboração Arquitectos Hélder Rafael (Planeamento) e Vasco Santos. *Lote B* – Arquitecta Ana Paula Cunha, colaboração Arquitecto Vasco Santos. **Cor Original** – Sim.

Características – Conjunto com 160 fogos, construídos no âmbito do PER, entre 1999 e 2001. Constituído por dois lotes – o *lote A* em L com 4 pisos de habitação, e o *lote B* em banda contínua com 6 pisos. Ambos com galeria coberta onde se situam os espaços comerciais. Possui como equipamentos - Delegação da Junta de Freguesia, 3 Estabelecimentos de Comércio, Café / Restaurante, 6 espaços de Ateliers para Artistas Plásticos, Sedes de várias Associações, (Fundação Humberto Delgado, Casa das Associação Académica de Coimbra, Rede de Mulheres Autarcas, Contra Cultura, Associação Lusófona, Associação Amigos da Solidariedade), e Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Branco, amarelo e cinzentos. A cor é aplicada de modo a destacar os volumes e a fazer sobressair os elementos construtivos. A cor dominante das fachadas é nuns casos amarela, noutros branca. No *lote B* a leitura é de longas riscas contínuas (amarelo/branco) acentuando a horizontalidade do conjunto. As grelhas brancas dos estendais têm forte presença, e escondendo as roupas mantêm a fachada “limpa” de outras cores.

Cor – Pintura e betão.



Fotos do autor

Graça Sapadores

ficha 84



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Situa-se na freguesia da Graça, delimitada a norte pela Rua dos Sapadores, a nascente pela Rua Natália Correia e a poente pelo casario da Rua da Graça.

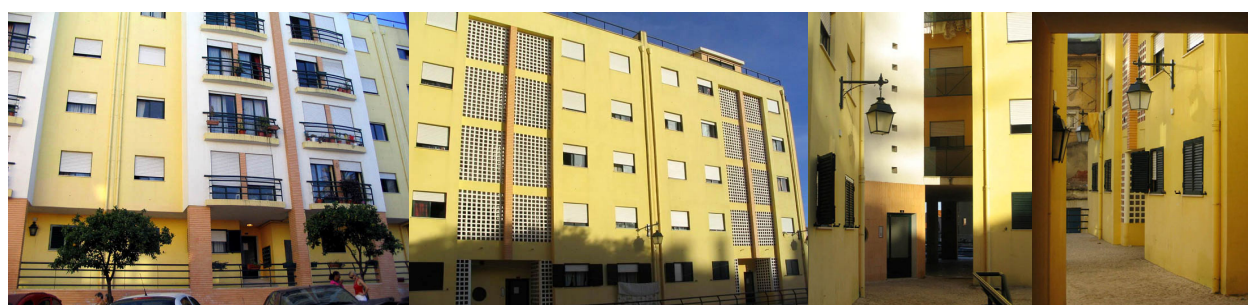
Autores dos projectos – Arquitectas Cristina Blanc e Lurdes Rézio, colaboração Arquitecto Nuno Maia Malta.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional com um total de 38 fogos, construído no âmbito do PER, concluído em finais de 2001-2002. É composto por um edifício em L, com 4 lotes de 5 pisos acima do solo destinados a habitação e um piso em cave onde se situa o Centro de Saúde da Graça. Com espaço no interior do quarteirão, o logradouro é simultaneamente Praça e percurso de atravessamento entre a Rua de Sapadores e a Rua Natália Correia.

Ambiente Cromático – Predomina o amarelo sobre o branco e algum laranja. Gradeamentos e portadas em verde-escuro contrastam com as cores claras. A maior área das fachadas é pintura em amarelo, com alguns planos mais salientes em branco, e grelhas quadriculadas no *pátio* interior. No piso inferior há superfícies revestidas a tijolo laranja, criando um ambiente equilibrado, e luminosidades em tons quentes.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Rua João Nascimento Costa

ficha 85



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Próximo da Rotunda das Olaias, este conjunto está orientado para o antigo Bairro da Curraleira e extremidade do Cemitério do Alto de S. João.

Autor do projecto – Arquitecto Pedro Sousa Menezes.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto construído no âmbito do PER com 136 fogos, cuja construção se concluiu em 2001-2002. Edifício extenso, em banda, composto por 8 lotes de 6 pisos, e um último lote de 8 pisos no final da rua, cuja localização proporciona uma excelente vista de rio. Com Creche, Centro Comunitário, Biblioteca Municipal, Centro Juvenil, GEBALIS, Associações (Real Olímpica da Picheleira e Comissão de Melhoramentos de Falpa), Comércio, Café Restaurante, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – As cores são fortes, (vermelho, cinzentos e amarelo) embora se note diminuição da intensidade pela acção do tempo e da luz. A banda de edifícios apresenta um jogo de volumes diferente em cada uma das fachadas, variando entre salientes e espaços vazados que são realçados pela cor. «As cores utilizadas, o cinzento, amarelo e vermelho escuro, realçam a sua implantação e ao mesmo tempo reflectem a memória do local, que se prevê em breve apagada, (...). (Boletim nº56, DCH, p.66).

Cor – Pintura e monomassas.



Fotos do autor

Bairro da Liberdade

ficha 86



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Pertence à freguesia de Campolide, e confronta a norte com a Alameda de Monsanto; fica muito próximo do Bairro da Serafina.

Autores dos projectos – Construções PER- Lotes 1 a 8 – Arquitectos António Maia e Manuel Abílio.

Cor Original – Sim.

Características – É um dos mais antigos bairros irregulares de Lisboa, construído de forma espontânea, sem qualidade, encontrando-se degradado e com fracas condições de habitabilidade. Depois de um estudo para legalizar e reabilitar este Bairro, foram construídos alguns conjuntos habitacionais destinados a operações de realojamento – uns mais antigos, de 1975/76 do S.A.A.L, outros duma Cooperativa de Habitação. As construções mais recentes ao abrigo do PER (2001) a que aqui nos referimos, totalizam 64 fogos e encontram-se junto a um grande complexo paroquial já existente. Tem Equipamentos Sociais para Idosos, e Café/Restaurante. No centro existe um pequeno jardim.

Ambiente Cromático – Edifícios brancos com embasamento de tijolo castanho. Fazem parte da envolvente outros lotes cor de laranja e castanho.

Cor – pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Alto da Ajuda/ Rio Seco

ficha 87



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Situa-se junto ao Pólo Universitário do Alto da Ajuda, ao lado da Faculdade de Arquitectura.

Autor do projecto – Arquitecto Alan Henriques.

Cor Original – Sim.

Características – Bloco de realojamento construído no âmbito do PER em 2001- 2002.

Este conjunto é constituído por um bloco em forma de L com 45 fogos, e é constituído por 5 edifícios individualizados, identificando-se 3 tipos – edifícios de topo, do meio e de gaveto. O projecto dos arranjos exteriores previa que o talude existente fosse transformado em espaço ajardinado com árvores de grande porte e uma faixa de arbustos, que não está concluído. Estacionamento no exterior.

Ambiente Cromático – Este bloco tem como cor de fundo um cinzento claro, com embasamento de pedra calcária rosada. As guardas salientes dos estendais são em cinzento-escuro e criam mais sombras cinzentas na fachada. A cor vermelho escuro aparece apenas no edifício de gaveto.

Cor – Pintura e pedra calcária.



Fotos do autor

Travessa Sargento Abílio

ficha 88



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

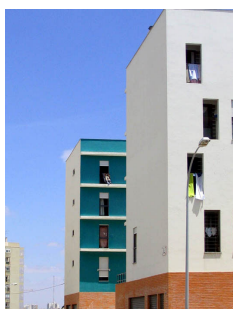


Foto do autor

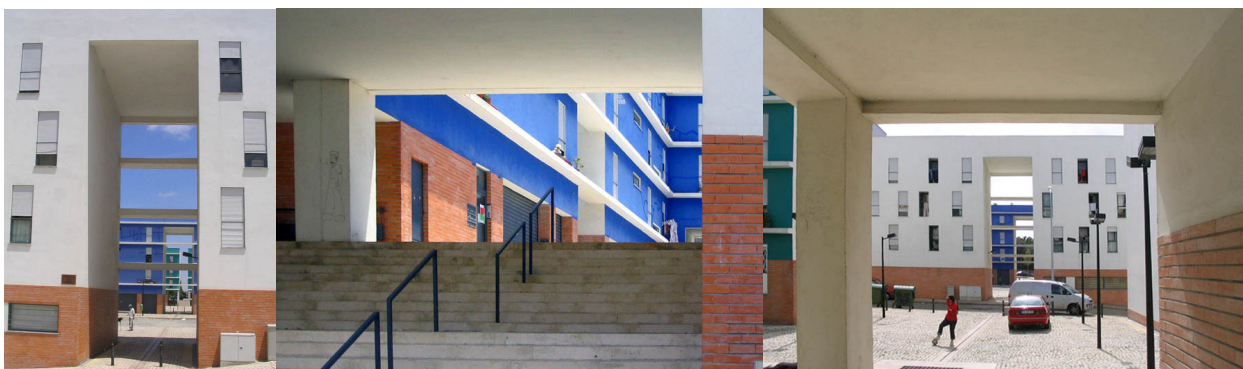
Localização – Junto ao Calhariz de Benfica, limitada a sul pela Travessa Sargento Abílio, a norte pelo Centro Social Ascensão Nicol, a nascente pela Rua Vasco Botelho do Amaral.

Autor do projecto – Arquitecto Paulo Tormenta Pinto.

Cor Original – Sim.

Características – Este conjunto de habitação foi construído em 2001-2002 no âmbito do PER e tem no total 91 fogos. Ganhou o 1º Prémio do INH em 2002. A solução arquitectónica criou dois conjuntos rectangulares e um bloco isolado. O atravessamento longitudinal, estabelece a ligação entre as três unidades. Ao mesmo tempo cada unidade é atravessada transversalmente. «A solução arquitectónica reside essencialmente na criação de uma série de espaços públicos enfatizados pela cor...». Os espaços contidos, são um espaço de lazer dos habitantes, como «uma grande sala de estar, ainda que de exterior se trate». (autor do projecto). Possui discretas placas com a referência das cores originais, para garantir a fidelidade dos tons em repinturas que no futuro venham a ser necessárias.

Devido a uma incorrecta aplicação, a cor deteriorou-se muito rapidamente e vai ser refeita. Possui Academia de Música, Oficina de Teatro Escola das Mulheres, Comércio, Café Restaurante e estacionamento coberto.



Fotos do autor

(continuação)



Ambiente Cromático – A proposta cromática é original. Do exterior as cores aparecem em fragmentos, apenas visíveis pelas aberturas. Os alçados exteriores, de vãos desencontrados são brancos; nos alçados do lado interior as cores fortes - vermelho, azul e verde - são aplicadas como «se de grandes salas se tratasse, caracterizadas cada uma com a sua cor». Os alçados são marcados por fortes linhas horizontais de cor branca, que constituem plataformas salientes que rodeiam todos os blocos. Os embasamentos de todo o conjunto são em tijolo à vista de terracota. Os pavimentos são calcetados em pedra calcária de cor clara; as rampas de acesso e as garagens são em cinzento-escuro. Apesar de um cromatismo intenso, que só se percebe quando se penetra no interior, as aberturas e rasgos que deixam o céu misturar-se com as cores criam um ambiente de grande leveza, num espaço muito original e de grande qualidade.

Cor – Pintura na maior área e tijolo em terracota.



Avenida Eduardo Bairrada

ficha 89



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Situa-se no Alto da Ajuda, Cruzeiro e Rio Seco, entre a Rua Eduardo Bairrada e a escarpa rochosa. A norte existe um edifício, e a sul uma zona verde ajardinada da responsabilidade da D.M.A.E.V.

Autores dos projectos – Arquitecta Ana Paula Cunha, Arquitecto Vasco Santos.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto edificado no âmbito do PER entre 2001/2002. Bloco de habitação, constituído por um lote de 6 pisos com 20 fogos. Possui 3 estabelecimentos de Comércio, Café / Restaurante.

Ambiente Cromático – O edifício tem apenas uma cor em todas as fachadas – um branco cor de marfim, onde se destacam os frisos e as janelas rectangulares, rigorosamente iguais e alinhadas. No piso da entrada os pilares são cinzento escuro (pintura) e os muros de sustentação também cinzentos, mas de pedra.

Cor – Pintura.



Fotos do autor

Rego B – Av. das Forças Armadas

ficha 90



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Fotos do autor

Localização – A área é limitada a norte pela Av. das Forças Armadas, a sul pelo Bairro de Santos, a nascente pela Rua Jorge Afonso e a poente pela área de influência da Bolsa de Valores de Lisboa.

Autores dos projectos – Lotes A e B: Arquitectos Margarida Lopes Alves e Cornélio da Silva; Colaboração - Arquitectos Nuno Maia Malta e Vasco Santos. Lotes C a F: Arquitectos Isabel Colaço e João Rocha Trindade.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto construído ao abrigo do PER entre 2001/3. Possui dois projectos distintos, e um total de 140 fogos. Os blocos fronteiros à Avenida das Forças Armadas, (Lotes C a F) fecham a malha do Bairro de Santos. Os lotes A e B, ficam compreendidos entre a Rua Jorge Afonso e a Rua Roque Gameiro rematando o quarteirão, e inserindo o conjunto na restante morfologia urbana. Com dois estabelecimentos de comércio, Biblioteca Museu República e Resistência, Café/restaurante, Sedes de Associações (Associação Portuguesa de Habitação Municipal, Assoc. Académica de Lisboa, Assoc. Portuguesa de Museologia), estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Estes dois conjuntos são bastante diferentes na forma e nas cores utilizadas. O conjunto fronteiro à Av. das Forças Armadas utiliza o branco, cinzento, amarelo forte (pintura) e o lilás azulado (pastilha). O lote do interior é parcialmente revestido de tijolo burro e monomassa de cor laranja; as caixilharias e portadas são em vermelho escuro, e os restantes gradeamentos em azul forte. **Cor** – Pintura, tijolo e monomassa; pintura e pastilha.



Fotos do autor

Rego C - Rua Soeiro Pereira Gomes

ficha 91



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

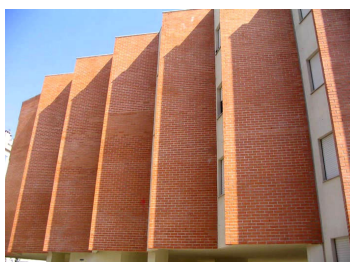


Foto do autor

Localização – Este conjunto localiza-se junto ao mercado do Bairro de Santos.

Autor do projecto – Arquitecto Paulo Tormenta Pinto.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído ao abrigo do PER em 2002; integrado no Plano de Estruturação Urbanística do Rego, é constituído por três blocos de edifícios de 4 pisos com 84 fogos. A organização dos lotes cria uma praça (sobre estacionamento em cave) para utilização dos moradores, e um pátio de apoio ao Jardim-de-infância. Possui Equipamentos Sociais (Jardim de Infância, Centro Comunitário/ATL), Centro de Apoio à Inserção na Vida Activa, GEBALIS, Atelier de Audiovisuais, Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Panos de alvenaria rebocados e pintados a branco e tijolo à vista em terracota. Conjunto de três lotes diferentes mas idênticos; cada fachada tem um desenho diferente, utilizando as duas cores (branco e laranja) em jogos de combinações variadas. Tanto temos uma leitura de linhas brancas horizontais, como verticais (na fachada *em harmonio*); O lote maior tem varandas salientes de tijolo com o fundo recuado em branco. O lote em L completamente liso na fachada exterior de tijolo, tem no lado interior paredes brancas interrompidas pelo cinzento das grelhas metálicas dos estendais. Muros e floreiras de tijolo sobre pavimento em calçada portuguesa completam o ambiente da praça interior.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo em terracota.



Fotos do autor

Quinta do Loureiro – Ceuta Norte

ficha 92



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Na Avenida de Ceuta, Freguesia do Santo Condestável.

Autores do projecto – Arquitectos João Paciência e Pedro Ferreira.

Estudo cromático – Pintor Jorge Martins.

Cor original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído em 2002 ao abrigo do P E R com 395 fogos. Possui Equipamento Social, Capela, PSP, Sedes de Associações, laboratório de Recolha de Análises Clínicas, Comércio, Café Restaurante, Delegação da Junta de Freguesia.

Ambiente Cromático – Este conjunto de 3 bandas é semelhante ao designado por Ceuta Sul. Predominam os rosas com vermelho e os amarelos com verde. Nos blocos perpendiculares à Av. Ceuta os alçados combinam amarelo, verde e azul-turquesa, ou rosa, vermelho e amarelo ocre. Na parte superior mantém-se o mesmo lilás igual ao do conjunto Ceuta Sul. A aplicação das cores faz-se sempre em áreas que a própria arquitectura diferenciou e demarcou através de planos desnivelados, colunas ou volumes salientes; A cor apresenta-se nestas áreas para as salientar. **Cor** – Pintura, monomassas e revestimento de azulejos.

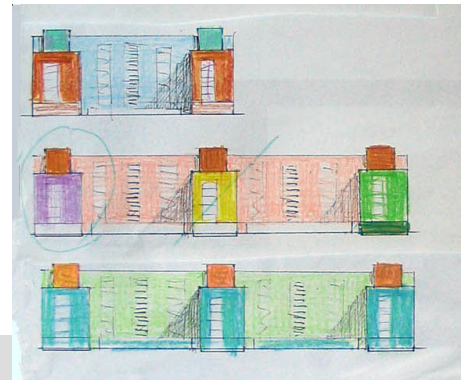


Fotos do autor

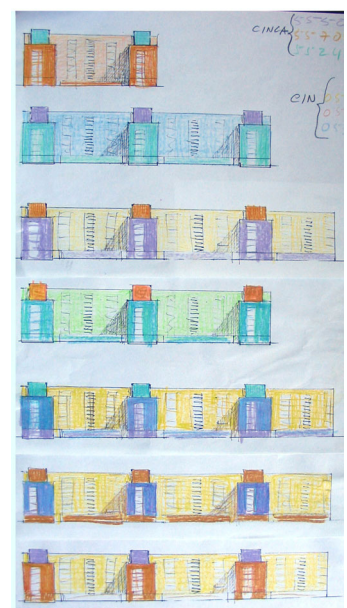
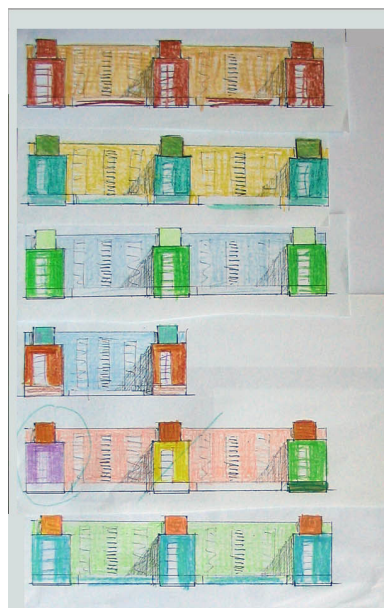
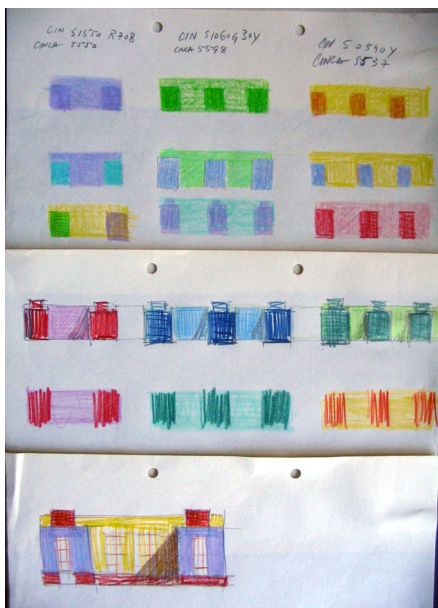
(continuação)



Fotos do autor



Desenhos originais de Jorge Martins. Fotos do autor.



Avenida Ceuta Sul

ficha 93



Fotos: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Desenhos originais de Jorge Martins. Fotos do autor

Localização – Avenida de Ceuta, Freguesia do Santo Condestável.

Autores do projecto – Arquitectos João Paciência e Pedro Ferreira.

Estudo cromático – Pintor Jorge Martins.

Cor Original – Sim.

Características – Este conjunto habitacional designado por “Avenida de Ceuta Sul” tem 205 fogos, e foi construído em 2002 no âmbito do PER. Possui Equipamentos Sociais e Sedes de Associações (13 espaços), Comércio, Café/Restaurante. Toda esta zona se insere no plano de reconversão do Casal Ventoso.

Ambiente Cromático – Estes blocos fazem parte de um conjunto cujas soluções embora diferentes, de algum modo se harmonizam. Segundo o depoimento do autor do projecto cromático alguma desorganização na articulação do trabalho, não o impediu de dar alguma continuidade e coerência às soluções de cor dos vários conjuntos.

Ceuta Sul tem como cor dominante o rosa, com embasamentos de azulejo em bege. Os topos dos alçados virados para a Avenida de Ceuta são revestidos de azulejo em verde-claro; no alto destes três conjuntos um volume lilás no topo superior de cada bloco.

Cor – Pintura, monomassa e revestimento de azulejo.



Fotos do autor

Casal do Evaristo e Rua Maria Pia

ficha 94



Foto: Gustavo Leitão

Foto DCH/CML

Localização – Casal do Evaristo fica no interior da Avenida de Ceuta, e pertence à Freguesia do Santo Condestável. O conjunto “Rua Maria Pia” pertence à Freguesia dos Prazeres, e fica na rua com o mesmo nome.

Autores do projecto – Arquitectos João Paciência e Pedro Ferreira.

Estudo cromático – Pintor Jorge Martins.

Características – Os dois conjuntos habitacionais foram construídos em 2002 no âmbito do PER. O conjunto habitacional “Casal do Evaristo” tem 76 fogos. Equipamentos Sociais Comércio e Restauração (19 espaços), Estacionamento coberto. O Conjunto habitacional “Rua Maria Pia” tem 64 fogos, Equipamentos Sociais, Comércio e Restauração (4 espaços), Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – Estes conjuntos têm soluções diferentes. O Casal do Evaristo tem duas cores na fachada - amarelo e bege claro - com gradeamentos em branco. O conjunto da Rua Maria Pia, tem na metade inferior um castanho claro, na metade superior amarelo, e tem revestimentos de azulejo turquesa na área intermédia e no piso térreo do lado oposto à rua que lhe dá o nome.

Cor – Pintura, monomassa e revestimento de azulejo.



Fotos do autor

Avenida Mouzinho de Albuquerque

ficha 95



Fotos: Gustavo Leitão



Fotos DCH/CML



Foto do autor

Localização – Na zona denominada por Vale de Santo António, na Rua Mouzinho de Albuquerque.

Autores dos projectos – EPUL.

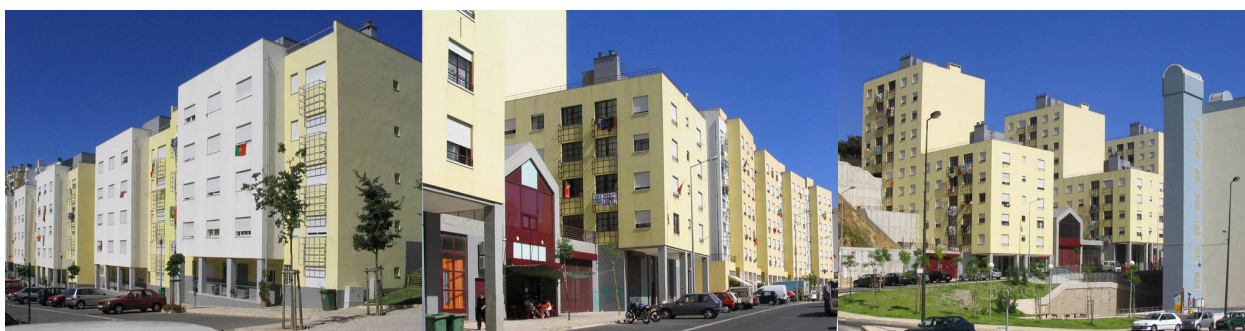
Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído em duas fases ao abrigo do PER com 474 fogos. Com Comércio e Serviços (25 estabelecimentos), GEBALIS. Os primeiros lotes têm 5 e 10 pisos, e os da 2ª fase têm 4 pisos de habitação.

Ambiente Cromático – Todos os lotes têm ao nível da base nos pilares do piso térreo, assim como nos volumes da cobertura um cinzento médio. Nos 4 pisos superiores, o amarelo do fundo e o branco nos volumes salientes são as cores dominantes. Os gradeamentos e grelhas dos estendais são em cinzento.

Nos lotes da 1ª fase, para além destas cores surge como cor de acentuação um vermelho escuro em grandes portadas, nas caixilharias das janelas e nalgumas grades de protecção.

Cor – Pintura e betão.



Fotos do autor

Rua Justiniano Pradel

ficha 96



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Foto do autor

Localização – Na Rua Justiniano Pradel, numa elevação de terreno virada para o Vale de Santo de Santo António.

Autor do projecto – EPUL

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído ao abrigo do PER constituído por duas torres de seis pisos. Um espaço com utilização por definir e Estacionamento coberto. As duas torres têm uma excelente localização em relação ao rio e à vista panorâmica.

Ambiente Cromático – Duas tonalidades de azul cobrem todos os pisos de habitação de ambas as torres. Na entrada dos prédios um volume vermelho forte e o branco na porta principal, contrastam com um amarelo claro das construções da base e dos muros dos terraços. A área circundante é relvada, com pequenas árvores o que acrescenta o verde ao ambiente geral. **Cor** – Pintura.



Fotos do autor

Rua Castelo Branco Saraiva

ficha 97



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML

Localização – Situa-se na zona denominada Vale de Sant António num gaveto, junto à Av Mouzinho de Albuquerque.

Autor do projecto – EPUL.

Cor Original – Sim.

Características – Conjunto habitacional construído ao abrigo do PER com dois espaços com utilização por definir. Os blocos têm empenas comuns com outros blocos já existentes. O conjunto é constituído por bandas contínuas de 6 pisos de habitação.

Ambiente Cromático – As cores são o branco na maior área e o cinzento em pequenas superfícies. Destacam-se os volumes salientes de pequenas varandas, os pilares de sustentação, as grelhas dos estendais e umas marcações entre as janelas, tudo num cinzento médio. Os estores são brancos e as fachadas têm poucas volumetrias.

Cor – pintura.



Fotos do autor

Quinta da Bela Flor

ficha 98

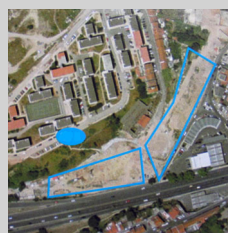


Foto: Gustavo Leitão



Fotos DCH/CML

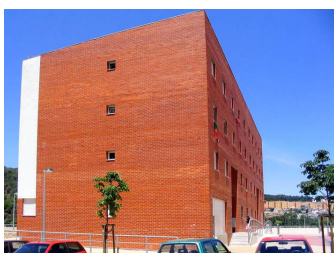


Foto do autor

Localização – Freguesia de Campolide, num enclave situado entre a Av. Duarte Pacheco a sul e o parque urbano a norte.

O conjunto da 2ª fase situa-se junto da Estação de Serviço, de frente para a mata de Monsanto.

Autores dos projectos – 1ª fase: Arquitecto Nuno Maia Malta. 2ª fase: Arquitectos Manuel Ayres e Rui Horta Santos.

Cor Original – Sim.

Características – Construído em duas fases ao abrigo do PER. 1ª fase - 4 blocos de 2001-2003, constituído por três blocos com cave, r/c e 3 pisos e um bloco de 5 pisos num total de 82 fogos, numa orientação perpendicular aos primeiros. Com creche e Centro Comunitário, 4 estabelecimentos de Comércio, e estacionamento coberto. 2ª fase – três edifícios (A B e C de 2004) constituídos por 18 lotes com 161 fogos. Como equipamento de apoio possui: Divisão e Esquadra da PSP, Centro de Formação Profissional, Sedes Sociais de Associações, Comércio, Café/Restaurante, e 170 lugares de Estacionamento coberto.

Ambiente Cromático – A cor resulta do material de revestimento. Conjunto coerente, já que todos os edifícios deste conjunto são idênticos nas cores e nos materiais utilizados – o branco e o laranja do tijolo que os reveste; um dos blocos é integralmente revestido de tijolo.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Rua das Açucenas

ficha 99



Foto: Gustavo Leitão



Foto DCH/CML



Localização – Situa-se junto ao Cemitério da Ajuda entre a Rua 5 do Bairro do Alto da Ajuda e a Rua das Açucenas.

Autores dos projectos – Arquitectos António Maia Malta e José Moore Vieira.

Cor Original – Sim.

Características – A área de intervenção abrange cerca de 1 ha e tem três tipos de ocupação: Dois lotes paralelos ao arruamento para habitação colectiva com dois pisos em semi-cave para comércio/serviços, e 5 lotes perpendiculares ao arruamento com áreas intercaladas para comércio e serviços, construídos no âmbito do PER. Integrados neste conjunto existem mais 8 lotes para habitação unifamiliar no topo junto à Rua dos Marcos (construção cooperativa). Conjunto concluído em 2004, tem uma exposição a sul/poente, possui 53 fogos para habitação, Esquadra da PSP, Espaços para Equipamento e Comércio (12 lojas).

Ambiente Cromático – Amarelo claro como cor predominante e branco em apontamentos menores, contrastam com volumes revestidos de tijolo laranja médio. Nos muros que sustentam a escadaria três tonalidades de amarelo criam uma área de cor mais viva. Os espaços exteriores foram também objecto de estudo, o que dá ao conjunto um ambiente cuidado; algumas árvores ainda pequenas e zonas relvadas, acrescentam a cor verde ao conjunto.

Cor – Pintura e revestimento de tijolo.



Fotos do autor

Capítulo VI – Conclusões e Recomendações

6.1 Introdução

Neste capítulo apresentam-se as conclusões da dissertação assim como se sugerem possíveis campos de estudo para futuras investigações na área.

6.2 Conclusões

Com este projecto de investigação estudámos a utilização da cor nas construções de habitação social de Lisboa.

Pretendemos determinar se a cor foi (ou não) aplicada com uma fundamentação teórica e científica, que princípios têm orientado a sua aplicação, e quais têm sido os critérios utilizados nas decisões cromáticas destes conjuntos habitacionais, por parte dos projectistas responsáveis.

A experiência do autor como docente na área do Design, revelou que a utilização da cor nas diversas áreas, nem sempre se fez com um conhecimento suficientemente aprofundado, apesar desses alunos terem uma disciplina dedicada ao estudo da cor. Também a observação do que se passava noutros cursos superiores particularmente nos cursos de Arquitectura (onde não existia ensino da cor), levou-nos a formular a hipótese de que a aplicação da cor não deve ter sido fundamentada em princípios sustentados no conhecimento e que os critérios com que se fazem as opções cromáticas muitas vezes são subjectivos e sem sustentação. O que se passava nas várias áreas de projecto de Design, de Design de Moda, não deveria ser muito diferente da prática do projecto de Arquitectura.

Depois de alguma consulta documental e observação da realidade, formulou-se a Hipótese da Investigação, que seria comprovada através de uma metodologia não intervencionista, descritiva, qualitativa, mista, (pesquisa de campo e pesquisa por entrevista semi-estruturada).

A pesquisa de campo, consistiu na observação directa da realidade, suportada por uma recolha de informação documental e crítica literária, e complementada por registos fotográficos, o que permitiu reunir uma vasta informação sobre todos os conjuntos habitacionais existentes na cidade de Lisboa. Desses conjuntos foram

seleccionados apenas alguns, e os seus respectivos autores constituíram o painel de entrevistados.

A pesquisa por entrevista semi-estruturada permitiu recolher os depoimentos desses autores responsáveis pelos projectos cromáticos.

Sobre **a(s) Questão(ões) da Investigação**, que se referem à cor da arquitectura dos bairros de habitação social:

- **A aplicação da Cor em bairros sociais está, e tem estado, enquadrada por uma fundamentação teórica e científica?**

A resposta é negativa pelo que se pode concluir que não há nem tem havido uma fundamentação teórica e científica na aplicação da cor à habitação social.

Para todos os entrevistados a aplicação de cor é uma questão da sensibilidade de quem a utiliza, muito mais fruto da intuição ou de uma inspiração criativa, baseada em critérios estéticos e também no que se pode considerar de bom gosto ou de gosto pessoal.

Só muito raramente os projectistas responsáveis fundamentam as suas opções cromáticas, e as justificações são do domínio da estética, das memórias pessoais e resultam da própria sensibilidade e intuição.

O Arquitecto Taveira refere-se ao uso da cor como tendo entrado *“no domínio da arte”*, assim como refere que *“uma imposição administrativa de uma cor qualquer não passa de uma prepotência e uma limitação abusiva do trabalho do arquitecto enquanto artista”*.

- **Tem havido alguma preocupação por parte dos responsáveis (projectistas ou outros) no que diz respeito às decisões cromáticas para esses bairros?**

Quanto a esta parte da questão podemos afirmar que tem existido uma certa preocupação em relação à cor aplicada nestes bairros, pelo menos num período de tempo mais recente, e isso ficou demonstrado pelos depoimentos dos entrevistados.

- Com a cor valorizam as construções consideradas mais pobres, e ao fazê-lo demonstram que esses bairros não devem ser escondidos ou disfarçados.

- Com a cor caracterizam e definem os espaços, tornando-os mais agradáveis.
- Através da cor, proporcionam ambientes mais cuidados para que os habitantes se sintam melhor.
- Com a cor transmitem alegria aos habitantes dessas zonas.
- Quanto à existência de *preocupações específicas* em termos cromáticos, quando se trata de habitação social, todos foram unânimes em afirmar que não fazem nenhuma distinção, considerando até que fazê-lo seria de alguma forma discriminatório; Não os tratam de modo diferente, por serem *bairros pobres*. Esta questão pressupunha que as preocupações específicas (no que diz respeito à cor), seriam no sentido de melhorar o ambiente, de pensar nas cores como um meio de ajudar à preservação e de evitar escolhas cromáticas potenciadoras de comportamentos violentos, etc. Seria por isso, uma razão para uma maior preocupação e não menor, mas a questão não foi interpretada desta forma.

Pode concluir-se então que:

- Não existem preocupações específicas nas decisões cromáticas para a habitação de carácter social.
- Os responsáveis pelos projectos preocupam-se com a imagem cromática dessas habitações.
- Alguns responsáveis pela autarquia ligados a este sector da habitação, manifestaram recentemente alguma preocupação em cuidar da imagem cromática dos bairros municipais.

Hipótese

As opções cromáticas provavelmente não têm sido fundamentadas em princípios sustentados num conhecimento profundo da cor, e os critérios com que se fazem as escolhas das cores são muitas vezes subjectivos e sem uma fundamentação científica.

Perante a investigação apresentada pode concluir-se que se comprova a hipótese colocada no início do projecto.

A maior parte das vezes as escolhas cromáticas não são fundamentadas.

Não existindo por parte dos responsáveis uma obrigatoriedade de o fazer, os próprios autores também não sentem essa necessidade.

A existência de alguns conhecimentos sobre cor acontece pela prática profissional e pelo interesse que os autores manifestaram pelo assunto, o que os levou a procurar informação, mas não são conhecimentos muito profundos sobre cor nem são sustentados cientificamente.

Foram referidos pelos entrevistados os seguintes critérios ou princípios que orientaram as suas escolhas cromáticas:

- **Memórias pessoais**

Por vezes imagens cromáticas observadas anteriormente, que ficaram retidas na memória e que no momento da escolha são lembradas.

- **Influência da obra de outros autores**

Por vezes, motivos que podem levar a uma determinada opção cromática, estão relacionados com a influência de correntes de pensamento, movimentos artísticos e até questões de moda.

- **Harmonizar ou contrastar com a envolvente**

Foi também uma referência comum e uma das principais preocupações mencionadas.

- **Sensibilidade pessoal** de quem projecta.

- **Gosto pessoal.**

Considerado pelos autores como “bom gosto”, o que é absolutamente difícil de definir objectivamente.

- **Critérios estéticos.**

A aplicação da cor foi referida como fazendo parte do domínio da arte.

- **Intuição.**

A escolha resultante de uma intuição ou de uma inspiração foi um dos critérios comuns referidos.

- **Uma forma de marcar a obra para a tornar lembrada.**

A cor é escolhida para marcar uma obra de modo a torná-la única e individualizada e a ser recordada pela sua cor.

6.3 Recomendações para futura investigação na área

Uma investigação desenvolvida num espaço de tempo limitado a um ano como foi o caso desta dissertação, não conseguiu abordar algumas questões que se relacionam com o tema, pelo que se apresentam algumas sugestões para futuros estudos:

- Identificar os fundamentos científicos, e as principais linhas de orientação, que possam guiar a aplicação de cor à habitação de custos controlados.
- Desenvolver estudos comparativos entre diferentes áreas de habitação social.
- Estudar a influência das cores no comportamento dos habitantes.
- Desenvolver estudos comparativos sobre a aplicação da cor entre outras áreas habitacionais da cidade e as áreas de carácter social.
- Avaliar/Estudar se a participação dos habitantes nas questões que se relacionam com o bairro pode contribuir para uma melhor integração social.
- Estudar a aceitação das cores como contribuição para a preservação dos espaços exteriores.
- Investigar outras experiências de cor nesta área, noutras zonas geográficas do nosso país.
- Comparar experiências neste âmbito desenvolvidas noutros países.

Referências Bibliográficas

- Aguiar, J. (2003). Conferência *Cor e Património*. Associação de Arquitectos. Lisboa.
- Augusto, N. (1998). Habitação Social - da inserção à ampliação da exclusão. Comunicação apresentada no *IV Congresso Português de Sociologia*, com base na Dissertação de Mestrado «Apropriação do Espaço e Desenvolvimento em Bairros Sociais». (1998). Universidade de Évora.
- Baptista, L. (1999). *Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.
- Benhe, A. (1913). "Die Gartenstadt", Vol 7. Dezembro. 1913. in Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p 18-20.
- Berger, F., Toussaint, M., Bissau, L. (1994). *Guia de Arquitectura Lisboa 94*. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses. Sociedade Lisboa 94. U.T.L.
- Birren, F.(1961). *Color Psychology and Color Therapy*. New York: University Books, Inc.
- Birren, F. (1978). *Color and Human Response*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Boletim GTH, CML. Agosto de 1965. PU de Chelas, (2 volumes).
- Bollery, F., Hartmann, K. (1981). "The Chromatic Controversy". in Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p 18-20.
- Brenne, W. (2001). Réhabiliter l'architecture coloré de Bruno Taut in *L'architecture d'aujourd'hui. Couleur*. 334. Maio/Junho 2001. p 46-51.
- Castro, J. (1936). *Bairros Económicos - Separata da Conferência sobre Problemas de Urbanização*. realizada a 26 de Janeiro de 1935. Salão Nobre dos Paços do Concelho. Lisboa.
- Coelho, B. (1994). É preciso integrar a Habitação Social na continuidade urbana. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 71-78.

Dias, F. (1984). *O papel da classe dos Arquitectos na produção de Habitação Social*. Comunicação nas «Jornadas Técnicas de Habitação Social». Nov. 1984. Lisboa.

Durão, J. (2002). Colour in the built environment. *Fabrikart*. 2.

Düttmann, M. & Schmuck, F. & Uhl, Johannes. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company. p 12-25.

Farinha, M. (1997). Habitação social. Perspectivas de intervenção. *Cadernos de Urbanismo* - I Fórum Nacional de Urbanismo e Autarquias, 11 -12 de Março de 1997, Lisboa. p 131-135.

Ferreira, A. (1994). Habitação Social: Lições e Prevenções para o PER. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 8-10.

França, J. (2000). *Lisboa Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Francisco, L. (2002). *Lisboa: experiências pioneiras em habitação social e políticas de habitação* [texto policopiado] Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Habitação. Lisboa: FAUTL.

Franco, V. (2001). Vice-presidente da CML, in *Boletim DCH*. n ° 57. Julho. p 11.

Guerra, I. (1994), As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 11-16.

Heitor, T. () *Olivais e Chelas: Operações urbanísticas de grande escala*. Seminário de História Económica, Tecnologia e Sociedade. 2004. Documento Pdf, em: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/

Küppers, H. (1992). *Fundamentos de la teoría de los colores*. Mexico: Ediciones Gustavo Gilli SA.

Küller, R. (1981). *Non-Visual effects of light and colour*. Annotated bibliography. Document D15:81. Stockholm: Swedish Council for Building Research.

Lancaster, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions. p 116.

Lenclos, J - P., Lenclos, D. (2004). *Colors of the world*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.

Lobo, M. (1995). *Planos de Urbanização – a época de Duarte Pacheco*. Lisboa: FAUP publicações.

Mahnke, F. (2003). Textos fornecidos in *Lecture: Psycho-physiological effects of color*. FAUTL. Lisboa.

Mahnke, F. (1996). *Color, Environment & Human Response*, New York: John Wiley & Sons.

Mesquita, J. (1967). *Habitação social na cidade de Lisboa 1959 - 1966*. Câmara Municipal de Lisboa.

Moreira, V. (1950). *Problemas da Habitação (Ensaio Sociais)*. Câmara Municipal de Lisboa.

Ornelas, P. (2000). «Uma experiência controversa». *Jornal O Independente*, nº 640, de 2000/8/18. Lisboa.

Paczowski, B. (2001) «Couleur, peau et structure» in *L'architecture d'aujourd'hui - Couleur*. 334. Maio/Junho 2001. p 40.

Paulino, C. (1984). Comunicação apresentada nas *Jornadas Técnicas de Habitação Social*. 1984. LNEC. p 175.

Pereira, T. (1993). *Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: A promoção privada do alojamento operário*. 1993.

Portas, N. (1995). Breves comentários ao debate sobre o PER. *Sociedade e Território*. 21. Porto: Ed. Afrontamento. p 148-151.

Portas, N. (1998). A Arquitectura da Habitação no século XX Português. in Becker, A., Tostões, A., e Wang, W. *A Arquitectura do séc. XX. Portugal*. Lisboa. Portugal-Frankfurt 97 SA. p 177-122.

Porter, T. & Mikellides, B. (1976). *Colour for Architecture*. London: Studio Vista.

Raymond (1968). «Ideologies du logement et opposition ville-campagne» in *Revue française de sociologie*, IX 1968. p 191-210. citado por Luís Baptista. (1999). *Cidade e habitação social*. Oeiras: Celta Editores.

Smith, D. (2003). Environmental colouration and/or the Design Process. *Color, Research and Application*, Vol. 28, 5, Outubro 2003. New York: John Wiley.

Reis, T., Passos, C. (1991). Intervenção Social nos Bairros Camarários de Lisboa. *Sociedade e Território*, 13, Junho 1991. Porto: Ed. Afrontamento.

Swirnoff, L. (2003). *Dimensional Colour*. 2ª ed. NY. London: W.W. Norton & Company.

Silva, C. (1987). *Planeamento Municipal e a Organização do Espaço em Lisboa - 1926-1974*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, INIC.1987. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Planeamento Regional e Local. (texto policopiado).

Silva, C. (1994). *Política urbana em Lisboa 1926-1974* – Colecção Cidade de Lisboa. Livros Horizonte. cap III. p 87- 185.

Silva, M. (1999). *Colour/space: It's quality management in architecture*, PhD thesis. University of Salford. UK.

Taut, B. (1925). Rebirth of Colour, in Düttmann et al. (1980). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company .

Taut, B. (1925). in Brenne, W. (2001). Réhabiliter l'architecture coloré de Bruno Taut. *L'architecture d'aujourd'hui. Couleur*. 334. Mai/Juin 2001. p 50.

Wright, A. (1995). *The Beginner's Guide to Colour Psychology*. London: Kyle Cathie Limited.

Bibliografia

- Abrantes, T. (1994). Efeitos perversos dos Bairros Sociais: Observações e Sugestões. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 50-54.
- Augusto, N. (1998). Habitação Social - da inserção à ampliação da exclusão. Comunicação no *IV Congresso Português de Sociologia*, com base na Dissertação de Mestrado «Apropriação do Espaço e Desenvolvimento em Bairros Sociais». (1998). Universidade de Évora.
- Baptista, L. (1999). *Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.
- Barros, C., & Santos, J. (1997). *A Habitação e a Reintegração Social em Portugal*. Lisboa: Editora Vulgata.
- Bell, J. (1993). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Becker, A., Tostões, A., Wang, W. (Ed). (1998). “A *Arquitectura do séc. XX. Portugal*”. Lisboa: Portugal - Frankfurt 97 SA. Deutsches Architektur-Museum.
- Berger, F., Toussaint, M., Bissau, L. (1994). *Guia de Arquitectura Lisboa 94*. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses. Sociedade Lisboa 94. U.T.L.
- Birren, F. (1961). *Color Psychology and Color Therapy*. New York: University Books.
- Birren, F. (1978). *Color and Human Response*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Bollery, F., Hartmann, K. (1981). The Chromatic Controversy. *in* Düttmann et al. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company.
- Bonetti, M., Séchet, P. (2002). Démarches et Développement, La participation des Habitants. *Cidades Comunidades e territórios*, nº4, 2002.

- Bonetti, M. (1994). Revalorisation des Quartiers en Crise: de la Réhabilitation à la Gestion Urbaine Intégrée. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p17 - 25.
- Botinas, L. (1993). As Cores de Lisboa. *Diário de Notícias, Suplemento Casas*. 21 de Março. Lisboa.
- Brenne, W. (2001) Réhabiliter l'architecture colorée de Bruno Taut. in: *L'architecture d'aujourd'hui. Couleur*. 334. Mai-Juin 2001.
- Brito, R. (1976). Lisboa - esboço geográfico; *Separata do Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, III Série; nº 82. Lisboa.
- Burchett, K. (2002). Color Harmony. *Color, research and application*. Vol. 27, 1, February. John Wiley.
- Cabrita, R. (1985). *O homem e a casa: definição individual e social da qualidade da habitação*. Lisboa: LNEC.
- Camgöz, N., Yener, C., Güvenç, D. (2002). Effects of Hue, Saturation and Brightness on Preference. *Color, research and application*. Vol. 27, 3. June. John Wiley.
- Câmara Municipal de Lisboa. (1993). *Habitação Social - Colectânea de posturas e regulamentos*. Volume V. Lisboa.
- Câmara Municipal de Lisboa (1994). *Habitação Lisboa 92*. Edição CML.
- Castro, A. (2002). Espaços públicos, coexistência social e civilidade. *Cidades Comunidades e territórios*. nº5. Dezembro 2002.
- Castro, J. (1936). *Bairros Económicos - Separata da Conferência sobre Problemas de Urbanização* realizada a 26 de Janeiro de 1935. Salão Nobre dos Paços do Concelho. Lisboa.
- CEUH Eng.º Duarte Pacheco. (1963). *A Habitação em Portugal*. MOP. Lisboa.

Coelho, B. (1994). É preciso integrar a Habitação Social na Continuidade urbana. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 71-78.

Comissão de peritos com a colaboração de Francisca Azevedo. (1993). *Livro branco sobre a política da habitação em Portugal*. Promoção - Associações Organizadoras do I Encontro Nacional da Habitação.

Consiglieri, V. (2001). As duas Faces da Habitação. *Arquitectura e Vida* nº 18. Julho/Agosto 2001. p 84-87.

Consiglieri, V. (2001). Os diferentes conceitos de habitações sociais. *Arquitectura e Vida*. nº 19. Setembro. p 58-60.

Consiglieri, V. (2001). Habitações Sociais 2000. *Arquitectura e Vida*. Nº20. Outubro. p 102-104.

Departamento de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa. (1997). *Encontro "Lisboa Cidade Amiga"*. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Gestão Social do Parque Habitacional. (1997). *Boletim* nº1. Agosto. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (1990). *Boletim DCH* nº 52, Setembro. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (1991). *Boletim DCH* nº 53, Agosto. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (1991). *Boletim DCH* nº 54, Agosto. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (1997). *Boletim DCH* nº 55, Outubro. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (2000). *Boletim DCH* nº 56, Novembro. Câmara Municipal de Lisboa.

Departamento de Construção e Habitação. (2001). *Boletim DCH* nº 57, Julho. Câmara Municipal de Lisboa.

Dias, S. (1984). O papel da classe dos arquitectos na produção de Habitação Social. Comunicação da A.A.P/SRS às Jornadas sobre habitação social. *Jornal dos Arquitectos*, 3, nº31/32. Novembro/Dezembro 1984.

Dias, J. (1994). Tendências das Políticas Europeias quanto aos modelos de Habitação Social. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 91-100.

Durão, M. J. (2000). *Colour and space: An analysis of the relationships between colour meaning expression and the perception of space*. Doctoral dissertation. University of Salford. England, UK.

Durão, M. J. (2002). «Colour in the built environment». *Fabrikart*. 2.

Durão, M. J. (2002). *Color in Space Architecture*. Paper presented at American Institute of Aeronautics and Astronautics Symposium. 10-11 October 2002. Houston, Texas.

Düttmann, M. & Schmuck, F. & Uhl, J. (1981). *Color in Townscape*. San Francisco: W. H. Freeman and Company.

Exposição 1932-1947. 15 Anos de Obras Públicas. I Volume. Livro de Ouro. Câmara Municipal de Lisboa.

Farinha, M. (1997). Habitação social. Perspectivas de intervenção. *Cadernos de Urbanismo - I Fórum Nacional de Urbanismo e Autarquias*. 11 e 12 de Março de 1997. Lisboa.

Ferreira, A. (1987). *Por uma nova política de habitação*. Porto: Ed. Afrontamento.

Ferreira, A. (1994). Habitação Social: Lições e Prevenções para o PER. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 8-10.

Fillacier, J. (1986). *La pratique de la couleur dans l'environnement social*. Paris: Dunod.

Francisco, L. (2002). *Lisboa: experiências pioneiras em habitação social e políticas de habitação* [texto polycopiado]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Habitação. Lisboa: FAUTL.

Freitas, M. J. (1994). Os paradoxos do realojamento. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 26-34.

Gabinete de Estudos Olisiponenses. (1993). *Habitação Social em Lisboa 1870 - 1950*. Org. Maria da Assunção Júdice Moreira, Leonor Calvão Borges, Cristina Nascimento Ramos. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1964). *Boletim GTH* nº 1. Julho Agosto. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1964). *Boletim GTH* nº 3. Novembro/Dezembro. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1965). *Boletim GTH*. Plano de urbanização de Chelas. Agosto. 2 volumes. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1966). *Boletim GTH* nº 10. Vol 2, 1º semestre. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. *Boletim GTH* nº 13. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação (1968). *Boletim GTH*, nº 15. 2º semestre. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1970). *Boletim GTH*, nº 18. 1º semestre. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1970). *Boletim GTH*, nº 19. 2º semestre. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1971). *Boletim GTH* nº 20. 1º semestre. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (). *Boletim GTH* nº 27/28/29. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1976-1977). *Boletim GTH* nº 30/33. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação (19..). *Boletim GTH*, nº 35. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação (1980 1º semestre 1981). *Boletim GTH*, nº 39/40. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1986). *Boletim GTH*, nº 50/51. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação (...). *Boletim GTH* Olivais Norte. Câmara Municipal de Lisboa.

Gabinete Técnico da Habitação. (1967). *Habitação Social na Cidade de Lisboa, 1959-1966*. Outubro. Câmara Municipal de Lisboa.

Gatz, C. & Achterberg G. (1996). *Colour and Architecture*. Paris: Edition Eyrolles.

Gonçalves, J. (1995). Usos e absurdos do urbanismo contemporâneo. *Sociedade e Território*. Nº 21. Março 1995. Porto: Ed. Afrontamento.

Guerra, I. (1994), As Pessoas Não São Coisas Que se Ponham em Gavetas. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 11-16.

Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa. (1987). A. A. P. Lisboa.

Gros, M. (1994). Pequena História do Alojamento Social em Portugal. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p. 80-90.

Gros, M. (1990). *Bairros Sociais: novos Rumos Novas Realidades*. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras, Seminário 11-12 de Outubro de 1990. Instituto Nacional da Habitação.

Habitação a Custos Controlados. (2001). Coordenação e edição Grupo Somague. Lisboa.

Jornadas Técnicas de Habitação Social. Lisboa. (1984). Laboratório Nacional de Engenharia Civil. 26 a 27 de Novembro de 1984. Lisboa.

Küppers, H. (1992). *Fundamentos de la teoría de los colores*. Mexico: Ediciones Gustavo Gilli SA.

Küller, R. (1981). *Non visual effects of light and colour*. Stockholm: Swedish Council for Building Research.

Lancaster, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions.

Linton, H. (1999). *Color in Architecture*. McGraw-Hill.

Lobo, M. (1995). *Planos de Urbanização - a época de Duarte Pacheco*. Lisboa: FAUP publicações.

Loução, D. (1993). *Cor: natureza, ordem, percepção*. Tese de Doutoramento, Lisboa: FAUTL.

Mahnke, F. (1996). *Color, Environment & Human Response*. New York: John Wiley & Sons.

Mesquita, J. (1967). *Habitação social na cidade de Lisboa 1959 -1966*. Câmara Municipal de Lisboa.

Mesquita, J. (1967). «Alguns aspectos do problema da habitação Social na cidade de Lisboa». *Revista Municipal*. Nº114 -115. Câmara Municipal de Lisboa.

Moita, I. (ed). (1994). *O livro de Lisboa*. Livros Horizonte. Edições Lisboa 94.

Moreira, V. (1950). *Problemas da Habitação (Ensaio Sociais)*. Câmara Municipal de Lisboa.

- Nabais, P. (1999). Quinta do Cabrinha, Habitação de custos controlados, construção de qualidade. *Boletim Lisboa Urbanismo*. nº 2. Jan.-Fev.1999. Câmara Municipal de Lisboa.
- Paczowski, B. (2001) Couleur, peau et structure. in *L'architecture d'aujourd'hui - Couleur*. nº 334. Mai/Juin 2001.
- Paiva, F. (1993). Gestão Habitacional dos Bairros Sociais de Lisboa. *Sociedade e território*. 18. Junho 1993. Porto: Ed. Afrontamento. p 98-105.
- Pereira, N. T. (1987). Urbanismo e arquitectura. Comunicação apresentada no colóquio «O Estado Novo - das origens ao fim da autarcia 1926-1959». Volume II. Lisboa: Ed. Fragmentos.
- Pinto, T. (1994), A Apropriação do espaço em Bairros Sociais: o Gosto pela casa e o desgosto pelo bairro. *Sociedade e Território*. 20. Porto: Ed. Afrontamento. p 36-43.
- Portas, N. (1998). A Arquitectura da Habitação no século XX Português. in Becker, A., Tostões, A., e Wang, W. *A Arquitectura do séc. XX. Portugal*". Lisboa. Portugal - Frankfurt 97 SA, p 177-122.
- Portas, N. (1995). Breves comentários ao debate sobre o PER. *Sociedade e Território*. 21. Porto: Ed. Afrontamento. p 148-151.
- Porter, T. (1982). *Architectural Color*. London: Witney Library of Design.
- Porter, T. & Mikellides, B. (1976). *Colour for Architecture*. London: Studio Vista.
- Prieto, S. (1995). The Color Consultant: a new Professional Serving Architecture Today in France. *Color research and application*, vol.20, 1, February. 1995. New York: John Wiley.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Col. Trajectos. Lisboa: Gradiva.

Reis, T., Passos, C. (1991). «Intervenção Social nos Bairros Camarários de Lisboa». *Sociedade e Território*. 13. Junho 1991. Porto: Ed. Afrontamento.

Rémy, J. & Voyé, L. (1992). *A Cidade: Rumo a uma nova Definição?* Porto: Edições Afrontamento.

Representação da habitação social no parque habitacional. *Arquitectura e Vida*. Nº5. Junho 2000. Lisboa.

Revista Municipal. Nºs 19 a 22. (1987). Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, C. (1994). *Política urbana em Lisboa 1926-1974* – Colecção Cidade de Lisboa. Livros Horizonte.

Silva, C. (1987). *Planeamento Municipal e a Organização do Espaço em Lisboa - 1926-1974*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, INIC.1987. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Planeamento Regional e Local. (texto policopiado).

Silva, M. (1999). *Colour/space: It's quality management in architecture*, PhD thesis. University of Salford. UK.

Smith, D. (2003). Environmental colouration and/or the Design Process. *Color, Research and Application*, Vol. 28, 5, October 2003. John Wiley.

Swirnoff, L. (2003). *Dimensional Colour*. (2ª ed). NY. London: W.W. Norton & Company.

Taverne, Ed & Wagenaar, Cor. (Ed). (1992). *The Colour of the City*. Laren V+K Publishing.

Textos do XXI Congresso da Federação Internacional de Habitação e Urbanismo. (1952). Lisboa.

Tosca, F. (1990). Coexisting or Mingling: The Visual Aspect of the Problem in the Urban Context. *Color research and application*, vol.15, 3, June. John Wiley.

Tosca, F. (1994). Dreams of light for the city. *Color research and application*, vol.19, 3, June. John Wiley.

Tostões, A. (1994), "O Bairro de Alvalade" in Moita, I. (Ed.). *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Edições Lisboa 94. p 519-522.

Ünver, R. Öztürk, Dokuzer, L. (2002). An example of façade colour design of mass housing. *Color, Research and Application*. vol. 27, nº4. August 2002. John Wiley.

Veleiro, T. (1991). *El color en Arquitectura*. Coruña: Ediciós do Castro.

Wright,, Angela. (1995). *The Beginner's Guide to Colour Psychology*. London: Kyle Cathie Limited.

Zelanski, P. y Fisher, M. P.(1989). *Colour*. London: The Herbert Press.

Zennaro, P. (2002). *Il Colore degli edifici*. Firenze: Alinea Editrice.

Sites consultados:

Alegre, A. () *Casas de Rendas Económicas das Células I e II do Plano de Urbanização de Alvalade - 1ª Experiência de Urbanização Integral*. Documento Pdf em: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/

Alegre, A., Appleton, J., Heitor, T. "A Reabilitação das Casas de Rendas Económicas das Células I e II do Bairro de Alvalade". *Boletim Lisboa Urbanismo*. nº6. 1999. em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/002/artigo.php?ml=5&x=b6a5pt.xml>

"Bairros da Liberdade e da Serafina, Plano de Pormenor". *Boletim Lisboa Urbanismo* nº 17. 2001. em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/004/artigo.php?ml=4&x=b17a1pt.xml>

Caivano, José Luis. (June 2002). *A History Of The International Color Association Study Group on Environmental Color Design, from 1982 to 2002*. National Council for Research, and Buenos Aires University, Argentina. em:
<http://www.fadu.uba.ar/sicyt/color/ecdhist.htm>

Dias, Francisco Silva. “Utopias e Realidades para os Vales de Chelas”. *Boletim Lisboa Urbanismo*. nº9. 2000. em:
<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/003/artigo.php?ml=2&x=b9a6pt.xml>

Entrega de 50 Fogos Municipais no Alto do Pina – Monte Coxo
http://www.cm-lisboa.pt/?id_item=8138&id_categoria=11

Heitor, T. () *Olivais e Chelas: Operações urbanísticas de grande escala*. Seminário de História Económica, Tecnologia e Sociedade, 2004.
Documento em Pdf: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/

Nabais, Paulo. “Quinta do Cabrinha, Habitação de custos controlados, construção de qualidade”. *Boletim Lisboa Urbanismo*, nº3, 1999, disponível em:
<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/002/artigo.php?ml=2&x=b3a2pt.xml>

“P.E.R. Bensaúde - Programa Especial de Realojamento”. *Boletim Lisboa Urbanismo*, nº 13 , 2000. em:
<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/003/artigo.php?ml=6&x=b13a11pt.xml>

Pereira, Nuno Teotónio. *Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930* em:
<http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/NA/arq/ntp/textos/textos.htm>

PROPOSTA N.º 13/2005 Realojamento Calvanas
<http://www.cm-lisboa.pt/docs/ficheiros/13.doc>

Revisão do PER
<http://www.inh.pt/WebInh/index.jsp?iddes=22&lg=1>

Ronchi, Lucia. (Compiled by). (July 2002). *Light And Color In Environmental Design: Some Annotated Terms*. (first draft), with contributions of definitions by various members of the Environmental Color Design Study Group of the International Color Association. em:

<http://www.fadu.uba.ar/sicyt/color/glossary.htm>

Tostões, A. “A Lisboa de Keil”. *Boletim Lisboa Urbanismo*. nº4. 1999. em:

<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/002/artigo.php?ml=3&x=b4a4pt.xml>

Imagens das obras de *Bruno Taut* em:

http://www.berlin-info.com/eng/e_index.htm

<http://www.kisbee.co.uk/sarc/ext-sa/taut.htm>

<http://home.worldonline.dk/jgkjelds/sh.html>

Imagens de “*The Shroeder House*”

<http://home.worldonline.dk/jgkjelds/sh.html>

Anexos

Anexo 1

Glossário

Ambiente Acromático – ambiente sem matiz ou sem cor definida, com cores como o cinzento, branco ou preto; (do grego *a* -sem e *chroma* – cor).

Adaptação – movimento de dilatação e contracção da íris para regular a quantidade de luz que penetra no olho.

Cromatismo – qualidade ou característica de uma cor dada pela intensidade da saturação; grau de pureza de uma cor sem mistura de branco ou preto.

Cor – é uma percepção sensorial, causada por certos tipos de luz recebida pelo olho, reconhecida e interpretada pelo cérebro.

É, do ponto de vista da física, uma radiação electromagnética - a parte visível da luz solar - a que corresponde um determinado comprimento de onda,

Cores complementares – pares de cores opostas num círculo cromático que se realçam uma à outra, produzindo o máximo contraste, e cuja mistura resulta em preto ou cinzento neutro (cores pigmento ou cores subtractivas).

Pares de luzes que sobrepostas produzem a luz branca (cores luz, ou cores aditivas).

Cores dominantes – são as cores que predominam num ambiente, na maior superfície e que produzem a cor geral desse ambiente.

Cores sub dominantes – são as cores utilizadas em menor quantidade, que produzem uma impressão menor.

Cores de acentuação – cores em menor área, mais intensas, que produzem uma forte impressão e servem para destacar certos elementos.

De Stijl – movimento artístico com origem na Holanda cerca de 1917, cujos princípios eram difundidos na revista com o mesmo nome. O principal fundador foi Theo Van Doesburg, mas outras figuras como Piet Mondrian, Gerrit Rietveld, J.J.P. Oud, Bart Van der Leek, e Georges Vantongerloo também pertenceram ao movimento.

Íris – Anel muscular opaco que dá cor ao olho, que contrai e dilata para controlar a quantidade de luz que entra no olho e a profundidade do campo visual. Também chamada diafragma por se assemelhar a um diafragma de máquina fotográfica.

Guetização – processo de transformação ou exclusão social de uma área urbana.

Luminosidade (de uma cor) – é uma característica da intensidade de luz de uma cor (cor clara ou escura) que pode ser alterada pela adição de branco ou preto. Também se define como o grau de claridade de um matiz.

Matiz – Nome de uma cor. É a característica que a distingue de outra, com diferente comprimento de onda e diferente posição no espectro.

Neuropsicologia – é a ciência que estuda a estrutura do sistema nervoso e as suas relações com os órgãos e outras partes do corpo humano.

Overstimulation – excesso de estímulos.

Psicossomática – é o ramo da medicina que estuda as inter-relações entre a mente (psique) e o corpo, (considerando o homem na sua totalidade) e o modo como ambos se influenciam mutuamente.

Psicologia da Gestalt – escola alemã relacionada com a percepção, que defende que os fenómenos psicológicos se compreendem quando vistos em organização, estruturados num todo e não em partes. Segundo a Teoria da Gestalt ou da Forma, cada fenómeno é um conjunto organizado que constitui uma unidade autónoma, com leis próprias, em que cada elemento depende solidariamente da estrutura do conjunto.

Psicologia da Cor – disciplina que estuda aos efeitos da cor no comportamento humano.

Policromia – utilização de muitas cores.

Retina – Camada de células nervosas do olho (cones e bastonetes) que detecta as radiações luminosas e as envia ao cérebro.

Sistema Nervoso Central – é o centro de controle do comportamento humano, constituído pelo cérebro e pela a espinal medula.

Sinestesia – *relação* subjectiva provocada por um dos sentidos, e evocada por um outro diferente. A visão de uma cor pode evocar um gosto, um cheiro ou um sabor.

Tonalidade – característica de uma cor que se mede pelo grau de luminosidade.

Understimulation – falta de estímulo, ou estimulação insuficiente.

Anexo 2

Siglas

CIUL – Centro de Informação e Urbanismo de Lisboa
CML – Câmara Municipal de Lisboa
CNS – Sistema Nervoso Central
DCH – Departamento de Construção de Habitação
DMAEV – Direcção Municipal do Ambiente e Espaços Verdes.
DSUO – Direcção de serviços de Urbanização e Obras
ECG – Electro-cardiograma
EEG – Electro-encefalogramas
FIHU – Federação Internacional da Habitação e do Urbanismo
GEO – Gabinete de Estudos Olisiponenses
GEU – Gabinete de Estudos de Urbanização da CML
GITAP – Gabinete de Estudos e Projectos SA
GTH – Gabinete Técnico da Habitação
IGAPHE – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado.
MOPTC- Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações
PER – Plano Especial de Realojamento
PIMP – Plano de Intervenção a Médio Prazo
SAAL – Serviços de Apoio Ambulatório Local
TSA– Travessa Sargento Abílio
UIOF – União Internacional da Habitação e do Urbanismo
UPAL – Unidade de Projecto do Alto Lumiar
UIOF – União Internacional da Habitação e do Urbanismo

Anexo 3

Questionário – Entrevista

- 1- Teve na sua formação académica informações sobre Cor?
- 2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?
 - Recorre à opinião de *peritos em cor*?
 - Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?
- 3- Pensa que a cor é uma componente *importante* do projecto?
- 4- Em que *fase do projecto* surge a preocupação pela Cor?
- 5- Tem consciência do binómio materialidade/cor?
a opção *pelo material* já é uma *opção cromática*?
- 6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?
 - A opção pela cor é consciente no *processo de concepção*?
 - é uma opção no final como *make-up*
 - ou resulta da opção *pelo material* isto é a opção da cor advém do material?
- 7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção por
 - “a cor que tem aquele material”.
 - “o material que tem aquela cor”?
- 8- Quais os *critérios* que usa para fazer as suas opções de cor?
- 9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?
- 10- Pensa no *impacto* das cores
 - no *meio ambiente* envolvente

- nas *peessoas* - do ponto de vista físico e psicológico?

11- Tem conhecimento da existência *de directivas* (entidades responsáveis C.M.L. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

12- Considera que é importante existir esse tipo de *directivas nos regulamentos* das áreas destinadas a Habitação Social.

13- Tem preocupações *específicas na* aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

14- Tem alguns conhecimentos sobre os *efeitos psico-fisiológicos* que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos

influência no comportamento social dos utentes

15- Preocupa-se em *fundamentar / justificar* as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a *Cor com conhecimento?* ou acha que devia existir nos cursos uma disciplina que estudasse a cor ?

Anexo 4

Entrevistas Semi-Estruturadas

■ Síntese da entrevista ao Arquitecto Paulo Tormenta Pinto

Autor dos Projectos da Travessa Sargento Abílio e Rego C na Rua Portugal Durão e Soeiro Pereira Gomes.

Excertos da entrevista integral de 18 de Março de 2005.

Depois de uma breve explicação, sobre as intenções do Projecto de Investigação, e da razão da entrevista, o arquitecto explicou que existiram problemas de execução na aplicação da cor no projecto da Travessa Sargento Abílio, que levaram à actual situação: cores queimadas ao fim de 2/3anos, estando a aguardar-se a reparação das fachadas.

No fim trocamos impressões e algumas fotografias, tendo-me sido oferecidas três imagens com as cores originais de quando a obra ficou pronta.

1-Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

Foi dada normalmente como num curso de Arquitectura, no Desenho, mas tive durante a formação a proximidade da Arquitecta Dulce Loução que me alertou para estar atento a essa questão.

A cor é uma investigação quase pessoal, é uma sensibilidade que se vai desenvolvendo com o passar do tempo, estando a intuição sempre presente.

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

Não sei. Cada projecto é sempre uma nova investigação. Eu não sou capaz de separar a questão da cor doutra coisa qualquer inerente à arquitectura. Faz parte integrante de cada projecto.

- Recorre à opinião de *peritos em cor*?

Não, nunca falei.

- Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?

Como sabe os projectos do Rego e da TSA, foram realizados na CML. Nessa altura havia encontros entre sociólogos e arquitectos. A ajuda dos sociólogos é importante, mas não decisiva. Há no entanto, uma questão acima de todas as outras que é a

capacidade que deve ter o arquitecto para criar lugares estimulantes onde acontecem coisas. Isto é, o projecto introduz-nos questões que superam os muitos estudos que possam ser realizados.

Há umas sensibilidades, que são as sensibilidades humanas de quem faz, que eu acho *que são insubstituíveis. A sensibilidade perante os outros...*

A Arquitectura não consegue efectivamente resolver tudo, é tão somente uma proposta.

Eu tenho sempre a ideia e a dúvida - se a arquitectura se faz, realmente, para as pessoas. E eu gosto mais de pensar que a arquitectura se faz com as pessoas. As pessoas, os utilizadores, são um facto muito importante para que a arquitectura possa resultar ou não. A arquitectura não encerra em si mesma um determinismo.

Nos realojamentos mais pequenos, como o Rego ou a TSA, é mais fácil de controlar os resultados, porém é complicado perceber o que é que está certo, porque o fio da navalha é muito estreito, é muito fino, e neste campo da habitação social que é um campo enorme de experiências, tudo está sempre assente sobre umas verdades muito ténues, muito instáveis.

...num bairro social há muitos outros factores que estão em jogo.

Em todos os bairros, mas de uma maneira geral nos bairros sociais essas questões são mais notórias.

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

Como já referi a cor é uma extensão da própria arquitectura, é uma parte fundamental do projecto, por essa razão ficaram colocadas nas fachadas da TSA, placas a indicar o tom certo, porque se fosse necessário repintar, não haveria dúvidas quanto à cor original.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

É diferente se for uma cor que advém do material ou quando é uma cor pintada?

Sim é óbvio, claro que sim, o tijolo, no caso do Rego, estava presente de uma maneira preponderante logo no início do projecto.

Ao passo que a cor (pintada) da TSA não se sabia exactamente qual a verdadeira tonalidade. Dependia muito de uma decisão no local, de perceber como a luz batia, como a luz ia sendo filtrada e que tipo de cor é que teria a luz. Portanto não foi uma decisão prévia. Quando se começaram a fazer os ensaios não sabia e fui à procura.

O tijolo, dá-nos algum conforto por se saber que é a cor do próprio material, surge logo no princípio é um factor construtivo diferente, posto que uma parede construída em tijolo à vista não é a mesma coisa que uma parede rebocada.

As cores pintadas têm que escolhidas no local, têm que ser feitos ensaios, indo lá de manhã, à tarde, a olhar bem a várias horas do dia..

Portanto *há duas maneiras de estar perante o problema.*

Quando escolheu aquela terracota com aquela cor a opção foi feita logo no projecto?

Sim foi logo no projecto. Já sabia, era mais evidente e já se controla logo no atelier.

e a cor faz parte do processo projectual?

Isso é uma ótima questão, e é uma dúvida que eu tenho também..... se a cor é um atributo da Arquitectura ou não... se faz parte do projecto...

se faz parte do processo...

Pois. O arquitecto Carrilho da Graça algumas vezes falou sobre a cor...Ele falava que a cor assumia um papel efémero, que a cidade apesar da cor continuava a ter a sua presença.

Isso é verdade em alguns casos mas noutros eu já tenho algumas dúvidas, eu acho que até no próprio edifício da ESCS dificilmente suportaria outra cor...

Se pintassem a Sargento Abílio de outra cor não sei o que seria...

5- Tem consciência do binómio materialidade/cor?

a opção pelo material já é uma opção cromática?

Sim, mas corre-se menos riscos utilizando a cor própria dos materiais do que escolher uma cor. *Escolher uma cor é um projecto.*

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

A opção pela cor é consciente no processo de concepção?

É uma opção mais segura quando se trata de um material do que quando se trata de cor pintada.

Tem a noção da materialidade da cor?

Sim. Sim o material tem cor.

É uma opção no final como *make-up*?

Nós sabemos que tem de ser uma cor, mas não sabemos exactamente que cor é que é.

ou resulta da opção pelo material isto é, a opção da cor advém do material?

No caso do Rego sim.

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção por

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”?

No caso do Rego a opção foi primeiro pelo material. Mas aquele tijolo também não é um tijolo comum é uma terracota. Tem umas variações diferentes...

E tem uma sustentabilidade ao tempo, aguenta-se ao tempo de uma maneira que a cor não se consegue aguentar.

É menos arriscado no caso do tijolo?

E é mais consensual. É possível passearmos na cidade e vermos exactamente aquela cor aplicada. Quando apliquei no Rego eu fui ver alguns edifícios exactamente com aquele material.

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor?

Memória pessoal.

No caso da TSA, chego àquelas cores porque me envolvi com o trabalho de outras pessoas, por algumas memórias, por algumas coisas que vi, e no fundo por esta coisa que está sempre presente no acto de criação que é o recolocar coisas. No fundo é uma questão que tem a ver com as memórias.

O azul, aquele azul é uma cor que eu tinha vontade de aplicar, que eu achei que resultaria, mas que está ligada ao Ives Klein, é uma conjugação de uma sensibilidade pessoal um bocadinho filtrada por um conhecimento mais culto.

Depois o vermelho - havia aqui na rua das Trinas um edifício de que eu gostava muito, que era vermelho, também aquele edifício da Cerca Moura, eram cores que eu achava muito interessantes.

O verde era um verde que eu gostava muito na Av. de Paris; mas sendo a primeira motivação foi sendo afinado até ficar aquele, teve de ser combinado com o lugar, e com as outras cores. Digamos que o primeiro *input* veio dessa memória, que eu já andava já a trabalhar.... Há uma série de referências.

- Depois também há a influência do mexicano Luís Barragán que esteve presente muito presente na minha formação.

Eu tinha a ideia de pensar aquelas estruturas, como se fossem umas grandes salas exteriores, estamos numa sala vermelha, numa sala azul... Isto é como se fosse uma sala casa, com salas exteriores, como se cada divisão tivesse uma cor diferente.

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

Acho que há uma conjugação de todos, mas o aspecto simbólico não.
O gosto pessoal e sobretudo uma capacidade de eleger coisas.

10- Pensa no impacto das cores

- no meio ambiente envolvente

Sim. Na TSA, pensei inicialmente que podia usar umas cores mais suaves, mas de repente percebi, como estava na periferia da cidade e havia muito poucas referências, as cores teriam que ter muito mais intensidade e teriam que ficar mais densas.

Por outro lado as minhas cores estão dentro dos espaços, não são logo evidentes, não aparecem a envolver o edifício. É possível passear por ali e não ter acesso à cor. A cor aparece com um ar mais cinematográfico. Quando se entra a cor aparece. Ela está presente em pormenores, apesar de ser muito intensa, não está presente na envolvente dos edifícios.

E aquele projecto está na mediação... a cor acaba por ser uma questão muito auto-referencial. A cor está naquelas salas contidas dentro do espaço é muito mais fácil estudá-la de uma maneira auto referenciada, porque não está na fachada.

- e nas pessoas - do ponto de vista físico e psicológico?

Quando falo em cor refiro-me também a outros aspectos como os efeitos que a cor pode provocar sobre as pessoas, por exemplo.

Ah os efeitos... sim, sim.

Refiro-me àquilo que a cor pode provocar nos utentes, se alguma vez foi alertado para isso.

Eu acho que é uma questão de sensibilidade.

Que é mais intuitiva?

Sim, é uma sensibilidade mais intuitiva. Mas repare, eu pinte o meu atelier de castanho está a ver... que é uma coisa arriscada. Os ateliers normalmente são brancos e são claros. E eu resolvi escolher o castanho...

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis C.M.L. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Não, não há.

Houve de facto alguns discursos do vereador Vasco Franco que fez algumas sugestões, mas já foi posterior e não teve qualquer espécie de influência. Isso foi já muito no fim.

Houve algumas referências pelo menos no fim do PER para que se usasse cor, porque o branco podia ter muito esse carácter que referiu em relação aos Hospitais, pouco estimulante. Houve uma determinação em relação a alguns materiais de revestimento. No Bairro do Armador os prédios tinham seis andares e os revestimentos começaram a cair. Em determinado momento existiu uma determinação para não se utilizarem materiais de revestimento ao longo das fachadas, porque podiam cair. As colas não eram bem aplicadas, e achou-se que era melhor evitar.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social.

Acho que não. Pelo menos no que me diz respeito, não.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

Não, não tenho essa distinção. A grande mudança de estilo da Habitação Social é perceber como se pode conseguir o máximo efeito com um mínimo de custo. As áreas são mais reduzidas, os materiais são mais económicos, mas não sei se há essa questão de fazer habitação social pensando de maneira diferente para uns ou para outros.

Eu falo só em termos de cor.

Não de maneira nenhuma. Poderia eventualmente ter ponderado a hipótese de, em vez das cores serem pintadas, serem escolhidas para um material cerâmico. Por exemplo azulejo, que se aguentaria muito mais no tempo, as cores não ficariam queimadas e seriam sempre brilhantes.

Encontrei muito pouco azulejo, isso tem a ver com o preço?

Tem a ver com o preço.

É de facto mais caro, tem um custo inicial mais elevado mas depois consegue-se diluir porque não tem manutenção, e tem uma sustentabilidade ao tempo, aguenta-se ao tempo de uma maneira que a cor não se consegue aguentar.

Quando projecta espaços de habitação social tem a noção de quem vão ser os habitantes, sabe para quem projecta?

Isso é uma longa polémica. Nós temos uma noção generalizada, não uma noção específica. Isso não existe.

É uma discussão que se põe «será que devia existir, ou não» porque a *Arquitectura ficará e as pessoas vão mudando*. E a Habitação Social nasce também dum princípio, que é esta mediação, a transferência de uma comunidade de um estado mais rural para um estado mais urbano. E normalmente a primeira geração que mora na habitação social é uma geração de habituação.... depois são os filhos que já vão às escolas que a Câmara também colocou naquelas unidades de vizinhança, e talvez numa 2ª ou numa 3ª geração, já se integraram na cidade.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psicofisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos
influência no comportamento social dos utentes

Saber a reacção, psicológica, emocional..? É porque é uma experiência muito difícil de alguma maneira.

Aqui há uma situação especial. É castanho (o atelier) e está virado a Norte, mas aqui o Convento das Bernardas em frente, tem a fachada completamente branca virada a sul. A luz bate no branco e entra cá para dentro. É uma situação muito especial.

..... (....) a cor aparece quase sempre como um filtro da luz... por isso é que é muito complicado, porque a cor muda, o espaço nunca tem uma luz constante.

15- Preocupa-se em fundamentar / justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

Não, aquelas cores não. Fundamentei a cor, mas não aquelas cores. A memória descritiva é um documento *a priori* e as cores foram decididas na obra...

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

Ou pensa que devia existir mais informação?

Acho que sim, que podia haver nos cursos mais informação.

Sobre os conjuntos

Travessa Sargento Abílio

Se olhar com atenção nessa parte do azul há 3 ou 4 quadrados que estão lá que foram os *ensaios de cor* e que foram feitos com tinta sem diluição e então depois pintou-se por cima disto. Quando acabou aquilo estava lindo, agora de repente quando a cor começou a queimar, percebem-se os ensaios de cor por trás da cor final. E essas fissuras no reboco foram pintadas com a tinta sem diluição, e depois pintaram por cima com a tinta diluída.

Estou para ver se algum dia mudarem as cores da Sargento Abílio o que é que realmente acontece. Eu sinceramente não tinha a percepção da cor que ia escolher. Sabia que tinha de ser a cor a definir aquele tipo de espaços, mas não sabia qual cor. Foram feitos imensos ensaios e até pensei inicialmente que podia ter umas cores mais suaves, mas de repente percebi, como estava na periferia da cidade e havia muito poucas referências, que aquilo tinha de ter muito mais intensidade e as cores ficaram muito mais densas já dentro do processo da obra.

Portanto não foi uma decisão prévia. Quando se começaram a fazer os ensaios não sabia e fui à procura... «não...esta não fica bem»...

Foram feitos imensos ensaios no local. Isto para uma obra de habitação social na altura foi muito difícil porque os empreiteiros não estavam muito motivados para tantas experiências.

Eu tinha a ideia de imaginar, ainda sobre essas questões do espaço público e do espaço privado - de pensar aquelas estruturas, a nível interno chamemos-lhe assim, como se fossem umas grandes salas exteriores.

Vamos imaginar uma sala. Se por exemplo formos ao Palácio da Ajuda fazer uma visita, e passarmos pelos aposentos do Rei D Luís, isso é muito claro... percebe-se a questão da sala cor-de-rosa, depois da sala azul, essas imagens, sobretudo nessa Arquitectura do Séc. XIX são muito presentes, que é a simultaneidade dos espaços caracterizados por um tema diferente. Que é uma coisa que em muitas casas antigamente estava presente. Passamos por casas com as fachadas demolidas, e vemos cada divisão com uma cor diferente.

.....mas havia essa noção de que cada espaço tem uma caracterização.

E ali há esse espaço mais fechado...

Sim era essa a ideia, podia ser papel de parede...mas estamos numa sala vermelha, numa sala azul...

De uma maneira geral as pessoas aderiram ao bairro... são 91 fogos, houve alguns casos mais difíceis. Alguns problemas construtivos, ao princípio com coberturas que

não foram devidamente ensaiadas, com alguns problemas de humidade e isso pôs algumas pessoas mais desagradadas, mas quanto à arquitectura e à vivência do lugar resultou. E sobretudo por causa dos fogos. As casas em si são muito simples, de perceber, são casas extraordinariamente simples.

Conseguiu-se com um tipo de prédio, quase sempre o mesmo, colocando-o de uma maneira ou colocando-o de outra, e depois com a cor conseguiu-se uma grande repetição, com uma série de efeitos diferenciados.

Digamos que no **Rego** as habitações são muito convencionais, as plantas e a organização dos fogos corresponde a uma realização muito convencional

Na **Sargento Abílio** já há uma tentativa de estabelecer uma experiência nova. Ou seja as fachadas, ou melhor as empenas foram reduzidas ao mínimo, são empenas de 8,5m, muito finas e as casas desenvolvem-se de uma maneira longitudinal, apanhando uma maior exposição de luz.

Depois há uma cumplicidade entre a cozinha e a sala, digamos tudo consubstancia um único espaço, e também dentro do fogo há esta divisão mais evidente entre as áreas privadas e as áreas públicas, mesmo dentro do fogo, com os quartos virados sempre para os lados de cor e as fachadas com as salas e com as cozinhas estão viradas para as paredes brancas. Há sempre esta relação que acabou por ordenar os espaços.

O do **Rego** é um projecto mais antigo, é um dos meus primeiros projectos.

O projecto é anterior mas foi construído depois?

Sim foi construído depois, mas é um projecto mais antigo. Porque houve problemas na cedência do terreno, e só se conseguiu desbloquear a situação mais ou menos próximo da construção da Sargento Abílio. Portanto o Rego acabou depois.

As ideias são um pouco semelhantes. A minha questão era conseguir fazer uma espécie de invólucro, ter o projecto com uma relação, digamos para o exterior do bairro e ter um interior que corresponderia a um lugar da vida social; daí a dimensão, um bocado mais controlada.

E trabalhar sempre nesta transição entre um espaço mais público e um espaço mais privado, ainda que de exterior se trate.

Essa ideia eu acho que está presente nos dois, tanto no Rego como em Benfica. Se bem que o Rego é um projecto que foi feito quando eu era muito novo; na altura tinha 25 anos, tinha acabado o curso há muito pouco tempo e corresponde a uma fase de... muito mais de experiências, é uma arquitectura mais rebuscada, mais difícil.

O outro não, é um projecto mais recente e com o qual eu me identifico também mais, porque corresponde a uma maior liberdade na utilização em matéria de elementos da Arquitectura como a cor por exemplo.

Ou a secura das fachadas com aquela composição de vãos desencontrados, etc. Portanto houve ali uma certa dose de maior optimismo e maior liberdade na realização do projecto.

O tijolo teve a ver com algumas questões. Eu acho que nos PERS nessas alturas sobretudo no final dos anos 90, o tijolo foi um material que voltou a estar presente de novo, voltou a falar-se novamente desse material na arquitectura, um pouco eu acho por causa da Universidade de Aveiro. Por toda a intervenção no *campus* da Universidade de Aveiro.

Como sabe o *campus* tem uma série de projectos de notáveis arquitectos e uma das determinações era efectivamente a utilização do tijolo. Portanto nós podemos ver a Biblioteca do Siza em tijolo, a reitoria do Gonçalo Byrne também com tijolo, uma série de edifícios, as residências universitárias do Adalberto Dias com tijolo e o tijolo de alguma maneira voltou a estar presente.

Tem um custo inicial mais elevado mas depois consegue-se diluir porque não tem manutenção e isso é muito evidente agora tanto Rego como em Benfica porque o Rego apesar de tudo tem uma sustentabilidade ao tempo, aguenta-se ao tempo de uma maneira que a cor (pintada) não se conseguiu aguentar.

Pois essa questão relativamente ao impacto da Universidade de Aveiro, e toda essa herança duma arquitectura regionalista que de alguma maneira está presente em todos os Arquitectos mais conceituados sobretudo do Porto, existe muito esta tendência e na minha formação também, e nos últimos tempos na formação desta gente toda que se formou no pós Inquérito da Arquitectura Popular e depois da digestão daqueles anos 80 cheios de cor, começou-se a usar a cor timidamente, falava-se que as cores deviam ser as cores próprias dos materiais e não a cor senão o branco, enfim...

A ideia do realojamento do PER é uma ideia muito interessante. Como sabe antes era o PIMP, que fazia grandes intervenções, do tipo mil fogos, excessivamente grandes, e o PER pelo menos como princípio foi interessante porque permitia integrar os realojados nos mesmos locais onde estavam as barracas, ou em terrenos municipais pequenos e aproveitava para reordenar.

É que **com a cor**, (e custa o mesmo preço pintar de branco ou doutra cor) com a cor consegue-se caracterizar o espaço de uma maneira diferente.

Custa o mesmo, talvez a cor seja um bocadinho mais caro por ter de se afinar e fazer mais uma tentativa ou outra, mas não tem uma grande expressão.

Já que estamos a falar de coisas pobres, de materiais pobres, com possibilidades limitadas em termos de custo, a cor é um excelente material para isso.

■ **Síntese da entrevista à Arquitecta Margarida Lopes Alves**

Autora do Bloco Rego B com o arquitecto Cornélio da Silva, da Quinta das Lavadeiras, e colaboradora no “Piano” do Bairro Marquês de Abrantes
Excertos retirados da entrevista integral de 14 de Abril de 2005.

1-Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

Não. Nunca tivemos e eu penso que é uma lacuna.

Nem nenhum professor se referiu à cor?

Só quando se falava de algum projecto. Em teoria da Arquitectura falava-se na cor daquele projecto, mas só isso. Mais tarde recordou que em Desenho o professor Daciano Costa se referiu à cor.

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

Sobre cor sei muito pouco. Guio-me pelo bom senso e pelo meu gosto. O que eu acho que fica bem. Mas depois não tenho nenhuma justificação teórica. Não tenho

Recorre à opinião de *peritos em cor*? ou troca impressões com *sociólogos*, ou *psicólogos*?

Eu sei que no DCH havia sociólogos e psicólogos. Alguma vez sentiu necessidade de recorrer à opinião de um perito de cor, ou de perguntar mais alguma coisa sobre a cor?

Não nunca, quando muito discutíamos com os colegas. Gosto muito de fazer isso, e todos tiramos partido dessas conversas.

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

Sim é.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

No Rego B já em fase de projecto de licenciamento tínhamos a opção pelo laranja. O resto foi decidido na fase final do projecto de execução quando tínhamos que decidir.

Mas não acha que quando se tem de escolher um material essa opção vem primeiro? E quando se trata de cor pintada essa decisão fica mais para o fim?

Sim sem dúvida. Aí como temos um leque maior, depois logo se vê.

Então confirma que a cor pintada vem mais tardiamente do que quando há uma opção pelo material?

Sim com o material foi logo escolhido o laranja do tijolo. Aí a cor ficou logo definida.

5- Tem consciência do binómio *materialidade/cor*?

A opção pelo material já é uma opção cromática?

Sim tenho.

Seja tijolo ou betão conta sempre com essa cor quando escolhe as outras?

Sim sempre.

Essa opção pelo material já é uma opção pela cor também?

Exacto, mas mesmo o betão pode-se sempre pintar depois.

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

A opção pela cor é consciente no *processo de concepção*?

Quando pensa num projecto pensa nele já com cor?

Bem, geralmente sim. Pode haver alguns detalhes em que ainda não sei bem o que hei-de fazer...

É uma opção no final como make-up

Eu gosto de deixar as cores para decidir em obra.

E alguma vez a cor vem mesmo no fim?

Nas Lavadeiras aconteceu mesmo no fim, já em obra, eles queriam pintar e eu ainda não tinha decidido

Ou resulta da opção pelo material, isto é, a opção da cor advém do material?

Quando tem de se escolher os materiais é mais cedo, é no projecto; a cor pintada eu costumo deixar sempre para o fim, para ser escolhida na obra.

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção pela

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”.

Pois. Aqui foi um pouco dos dois.

A opção é primeiro pelo material e depois pela cor.

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor

Vou pelo bom senso e pelo meu gosto. O que eu acho que fica bem. Mas depois não tenho nenhuma justificação teórica. Não tenho bases teóricas.

Não tem outros critérios?

Não.

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

A estética e a harmonia c/ a envolvente. Por vezes opto pelo contraste, outras pela harmonia.

10- Pensa no impacto das cores

– no *meio ambiente* envolvente

Sim.

E tem algum conhecimento do impacto que as cores podem ter sobre as pessoas?

Sim. Sempre ouvimos dizer, por exemplo que o amarelo forte deixa as pessoas muito tensas, e elas não se sentem confortáveis a trabalhar num espaço com uma cor tão intensa. O amarelo gera muita conversa e confusão. O que acontece em geral com todas as cores fortes. Para os interiores sempre escolhi cores claras.

– nas pessoas - do ponto de vista físico e psicológico?

Tenho uma ideia geral.

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis CML. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Não, deixaram-nos trabalhar à vontade, nisso temos sorte.

Havia algumas imposições por parte dos responsáveis?

Apenas sobre os materiais. Proibiram-nos na altura de usar o tijolo burro, depois foram proibidas umas plaquetas porque caíam...foi havendo assim uma série de

recomendações consoante os problemas que iam surgindo nos edifícios construídos.

E em relação às cores, havia directivas?

Houve uma certa polémica. Eu percebi que não gostaram quando o Arqº. Pedro Menezes pintou o *Piano* de laranja sem consultar a equipa do *Piano* propriamente dito.

Mas havia alguém responsável que optasse ou que desse opinião?

Não. Nós os arquitectos somos os responsáveis pelos projectos.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social.

Acho que não.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

ou faz distinção?

Em relação aos materiais sim. Em projectos que não sejam para habitação social posso usar materiais mais nobres, mais caros.

E quanto às cores?

Não faço distinção nenhuma, trato da mesma maneira.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psico-fisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos

influência no comportamento social dos utentes

Em relação aos efeitos psico-fisiológicos da cor sobre as pessoas tem um conhecimento mais intuitivo?

Sim é. É mais intuitivo do que teórico.

Que a cor influencia física e psicologicamente as pessoas? Que pode alterar os batimentos cardíacos, a respiração?

Eu por aí nunca fui tanto. Não tenho conhecimentos nessa área.

E as emoções?

Sim tenho essa ideia.

Então não deverão as cores ser pensadas de modo a não interferirem no próprio comportamento de pessoas que socialmente já são difíceis?

Eu acredito que sim, que podem interferir. Provavelmente podem interferir.

Acha que estes aspectos são do conhecimento da maioria dos arquitectos ?

Penso que sim, acho que é do conhecimento geral.

15- Preocupa-se em fundamentar / justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

Não. Eu só justifico se vir que realmente foi uma intenção muito forçada e muito marcada. Geralmente nem falo nas cores. E gosto de deixar as cores em aberto. A nível dos interiores, eu deixo muito para definir em obra.

e nos exteriores?.

Por fora a Câmara obriga a escolher. Geralmente à Direcção chega sempre um desenho ou uma maquete já com cor.

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

Ou devia existir uma disciplina nos cursos?

Penso que sim, mesmo que não fosse uma formação muito profunda, devíamos ter mais conhecimentos nesta área Não se perdia nada, e parece-me muito importante.

Sobre O Piano

Houve uma certa polémica. Eu percebi que não gostaram quando o Arqº Pedro Menezes pintou o *Piano* de laranja sem consultar a equipa .

Mas depois as pessoas concordaram que a cor ficou bem. Naquela altura a cor estava muito viva, agora está mais clara. E as fotografias que havia eram com um azul do céu muito forte. Aquilo ficava assim...

Mas porque acha que foi essa reacção negativa?

Para já estávamos em cima de eleições !! (risos) e eu acho que o vereador não gostou nada da cor...

Era o vereador Vasco Franco?

Era, mas depois as pessoas acharam que a cor ficava bem e gostaram todas da cor; mas a 1ª reacção é que foi um choque..

Depois foi o Arqº Moore Vieira que escolheu as outras cores para tentar dar ali.... para equilibrar o conjunto arquitectónico.

Sobre o Rego B

Este projecto começou por ser diferente. Ele não era para ser em monomassa,; eu e o meu colega queríamos construir com uns painéis pré fabricados com compósito de cimento; o projecto de execução foi todo feito para esse material e no fim não nos deixaram utilizar esse material. Quando o escolhemos só havia duas ou três cores e nós tínhamos optado pelo laranja. Quando fomos obrigados a escolher outro material já tínhamos aquela imagem inicial, quisemos procurar uma coisa que fosse semelhante e que estivesse dentro dos custos para a habitação social. Acabamos por optar pela monomassa. Resulta mais ou menos. Quem não sabe qual era a ideia inicial...

Era um jogo que nós queríamos fazer. Caixas de escada em tijolo burro, os apartamentos revestidos com os painéis. Foi o princípio de onde partimos. Depois tivemos de optar por este laranja que era o mais próximo que havia em monomassa.

E também para combinar com o laranja do tijolo....

Sim, para não haver um contraste muito acentuado. Embora já haja um grande contraste pela forma. Os pés direitos são de 2,90 m, nós não temos isso nas nossas casas!

E quanto às outras cores, o azul e o vermelho, eu e o meu colega sentamo-nos a brincar com os lápis de cor e em 10 minutos escolhemos. Gostámos, achámos que ficava bem e se me perguntar porquê não sei.

E foram definidas e ensaiadas ainda em fase de projecto?

Sim, brincamos com os lápis de cor em cima de uns esquiços.

Eu lembro-me que o meu colega que depois acompanhou a obra e o empreiteiro, estavam no início com muito receio daquelas cores. Até levaram um bocado do caixilho e uma peça destas inteira (azul) para ver, e quando chegaram lá gostaram imenso.

Tem a noção de quem vão ser as pessoas que vão ser realojadas? Se são novos velhos, de que tipo?

Depende, na Buraca sabíamos que iam ser realojadas pessoas de etnia cigana. Aqui não nem por isso.

Não costumam saber?

Não. É por isso que por dentro se usam cores muito claras, tons muito claros.

Que não causem protestos...

Exacto.

Teve alguma reacção dos habitantes em relação a estas suas obras?

Não! Eu tinha receio destes envidraçados enormes quadrados sem estores...

Têm portadas, só nos quartos. Nas salas não tem nada; deixei fazer o que cada um quisesse fazer; pensei que me "iam cair em cima"....mas não protestaram.

Sobre a Quinta das Lavadeiras

Não sei se viu o meu trabalho das *Lavadeiras*.

Sim o azul que teve um prémio do INH.

Menção honrosa. Eu mandei pintar a maqueta de amarelo que era a cor em que eu tinha pensado.

É um bloco azul, com um tom de azul mais escuro.

Cinzento-escuro, como a cor da caixilharia.

Eu fiz a maqueta essencialmente para me ajudar a estudar a cor. Escolhi um amarelo-torrado para contrastar com as cores existentes e a maqueta ficou assustadora!!

E depois no local mandei pintar umas amostras amarelas com 1x1 m para ver como resultava a cor, e os moradores reclamaram.

Não gostavam da cor porque ali predominavam os edifícios em tons de azul e então os moradores queriam fazer queixa. Eu nessa altura achava que devia escolher uma cor para fazer contraste com a envolvente, uma vez que os edifícios existentes datam dos anos 70.

Decidi pedir a opinião a uma colega minha, a Arq^a Ana Lúcia que fez os projectos da Buraca, e andamos lá a estudar que cor havíamos de aplicar e foi ela, que tem muita sensibilidade para estas questões que me sugeriu o azul. Fizemos novos ensaios com vários tons de azul para analisarmos a incidência da luz e optamos pela cor existente.

O azul é uma cor difícil, eu acho.

E ficou azul com cinzento, mas que é um cinzento chumbo azulado,

Tal e qual.

Nas caixas de escada e nos pilares do r/c.

Exacto, e as caixilharias também ficaram em cinzento. Mas ela é que me ajudou com o azul porque eu tive uma certa dificuldade em escolher a cor.

Mais uma vez, também a cor foi ensaiada no local, e com aquela luz.

Sim ensaiei e demorei bastante a escolher a cor! Até andava angustiada, não sabia o que fazer e o empreiteiro precisava de uma resposta para avançar com os trabalhos.

Só teve contestação do amarelo das Lavadeiras.

Sim, porque interiormente eles fazem as alterações que entenderem depois de receberem as casas.

E depois alteram.

Às vezes alteram, até arrancam o parquet que nós colocamos, para substituir por mosaicos.

E nas varandas também mexem... e fecham com cada material...

Por isso é que nunca nos deixaram muito fazer varandas. Por causa disso, raramente se faz varandas.

E os estendais...

Isso era uma preocupação que o meu chefe tinha, de nós pensarmos sempre na questão dos estendais, de modo a não permitir aos moradores fazer alterações nas fachadas que poderiam estragar a estética e harmonia do projecto.

Aqui está tudo muito cuidado...

Eu tive sorte nos meus, mas é uma pena os estacionamento enormes, caríssimos estarem fechados.

Porque é que não os utilizam?

Estão todos fechados. Julgo que é porque teriam que pagar mais uma renda, que era uma quantia simbólica, mas não quiseram pagar, porque acham que têm direito a tudo de graça...e depois.....ficou tudo fechado.

No Alto Lumiar os estacionamento são uns silos, mas estão todos emparedados...

As pessoas realojadas também não são todas iguais...

Sim, pois não.

Os sociólogos não colaboram com os arquitectos antes do projecto?

Não, nunca. Nas Lavadeiras só no fim é que tive uma reunião com a assistente social que os ia distribuir, mas já estava tudo pronto. No caso da Buraca eram de etnia cigana, a minha colega teve mais reuniões.

Algumas considerações sobre as Lavadeiras e o Parque infantil projectado, que ficou por construir, por falta de verba.

Depois de uma breve referência à criação da Associação Portuguesa da Cor terminamos a entrevista.

■ **Síntese da entrevista ao Arquitecto Pedro Sousa Menezes**

Autor dos Projectos da Rua João Nascimento Costa e um bloco do *Piano* do Bairro Marquês de Abrantes (com o arquitecto José Moore Vieira e Margarida Lopes Alves), assim como da matriz O do Bairro das Salgadas.

Excertos da entrevista integral, de 20 de Abril de 2005

1-Teve na sua formação académica informações sobre Cor?

Não.

Não teve nenhuma disciplina de cor, nunca falaram de cor?

Não. Nunca falamos de cor.

Nós fizemos um inquérito na FAUTL...

Sei que agora se começou a falar nisso.

Mas nunca tive nenhuma abordagem nesse sentido.

Nem nunca sentiu necessidade de perguntar alguma coisa?

Não. Aliás é engraçado. Juntamente com os edifícios, no outro dia comentava com uns colegas, (íamos na estrada) que os portugueses têm carros brancos, cinzentos ou pretos. Não é? Não vi carros amarelos, não vi carros verdes...

2- Pensa que os conhecimentos que tem sobre Cor são suficientes para a actividade de arquitecto?

- Recorre à opinião de *peritos em cor*?

- Se troca impressões com *sociólogos, ou psicólogos*?

Pergunta não formulada.

3- Pensa que a cor é uma componente importante do projecto?

É é, em geral.

(.....) apelar ao uso da cor como forma de dar um pouco de alegria?

Mas é isso que eu acho. Se nós dermos cor nós mexemos com as pessoas. Se só pintarmos de branco parece que estamos a pintar só para dizer que aquilo não está

sujo. Se dermos cor acho que isso mostra que há uma preocupação. Para valorizarmos o espaço para as pessoas, o sítio onde elas vivem.

4- Em que fase do projecto surge a preocupação pela Cor?

Para mim, eu acho que não parto do princípio que posso ter eventualmente uma ideia pré-concebida e que vou fazer isto ou aquilo; eu acho que é com o desenrolar do projecto, mas muito mais durante a execução, durante a execução da obra. Mais para o fim.

Excepto se tiver de escolher um material?

Sabe, nós hoje em dia podemos ter imagens 3D, podemos ver, mas nada se compara a vermos no local. Com a envolvimento com o que está ali ao lado, se vou manter igual aos outros para esconder ou se vou realçar!

5- Tem consciência do binómio *materialidade/cor*? a opção pelo material já é uma opção cromática?

Quando escolhe um material tem a noção de que ao escolher esse material já está a fazer uma opção pela cor? Se escolher um tijolo, uma madeira, um betão à vista?

Em termos de revestimento para mim a tinta é o pior, não dura nada. E hoje em dia a manutenção dos edifícios é muito difícil. Quando os custos a isso obrigam nessa altura temos de ir para o pintado. Se bem que hoje em dia já há outros materiais que se podem utilizar com cor como é o caso das monomassas.

Quando faz a opção por um material que não seja a pintura isso já é uma opção pela cor?

Sim sim claro...

E não vem numa fase anterior à da pintura final?

Sim, a opção pelo material é antes.

A cor pintada fica sempre para uma fase mais final?

Exactamente.

6- O projecto cromático em termos conceptuais está ou não ligado à materialidade?

- A opção pela cor é consciente no *processo de concepção*?
- é uma opção no final como *make-up*
- ou resulta da opção *pelo material*, isto é a opção da cor advém do material.

Quando está a projectar não está a ver já uma cor, ou pelo menos cor, mesmo sem saber qual?

Até talvez já esteja a ver uma cor, mas quando estamos a projectar, entre o princípio e o fim muita coisa muda. Há sempre situações, em que nós vamos vendo assim... *...aqui fica engraçado uma cor, que achas?* Não como cor em si com uma tonalidade específica.

Sabe que quer cor mas não sabe ainda qual cor?

Exactamente. Tanto pode ser branco como outra qualquer; depende da maneira como vamos intervir...

7- Quando utiliza um material de revestimento que não seja a pintura, faz a opção por

“a cor que tem aquele material”.

“o material que tem aquela cor”?

Penso que faço a escolha pelo material. Quando escolho a pedra escolho a pedra pelas suas qualidades, depois vem a cor. Sim, primeiro o material, relativamente à pedra... quando escolho tijolo já escolho a pensar na cor.

Escolhe o tijolo pela cor...são duas situações, diferentes... e a cor pintada vem no fim?

Para mim vem no fim. Acho que é como vestirmo-nos. Eu não consigo saber o que vou vestir amanhã.

Nestes PERS eu notei recentemente muitas aplicações de tijolo.

É. Parte tudo de mim. Recomeçou a utilizar-se. A habitação social agora chama-se habitação a custos controlados e os custos não permitem alargarmo-nos muito a nível de materiais. Portanto o reboco e a tinta é sempre o material mais barato só que a longo tempo torna-se pior. Há a repintura e a conservação dos edifícios, e só se tem a perder com isso.

Nos Olivais há muita habitação social e foi feita de tijolo. Se calhar o tijolo feito há 40 anos é igual ao tijolo feito hoje, e portanto mantém. Podemos não gostar da forma ou do edifício ou da sua integração, mas o material mantém-se. E como imagem mantém.

8- Quais os critérios que usa para fazer as suas opções de cor?

Pois, não existe assim um critério muito específico para utilizar a cor. Faz parte de um momento nosso. O que é que nós sentimos em determinado momento. Andamos

a pensar, a pensar e de repente surge uma ideia. E se fizéssemos assim? E nem surge muito como trabalho, surge mais em conversa, com amigos, a falar com os colegas.

Mas é intuitivo, não é muito fundamentado?

É. Mas o meu princípio partiu sempre de uma base. Quando eu comecei a fazer projectos de habitação social, em determinado momento comecei a pensar na cor. E era tudo ou branco ou amarelo ou cor-de-rosa, ou era cor-de-rosa ou branco ou amarelo, e não passava disto. E comecei a pensar que dava a ideia de que andávamos a querer esconder este tipo de intervenção. Vamos fazer umas casinhas mas vamos fazer uma coisa que ninguém dê por ela.

Mas porque é que havemos de esconder? Não temos de esconder as casas, até temos de as realçar e dar-lhes valor. E marcar uma diferença e as pessoas gostarem do ambiente e terem também uma referência.

É uma opção de momento?

É uma liberdade que nós temos, e é um gozo.

Mas tem a ver com as memórias pessoais?

Também memórias, talvez alguma imagem que nos tenha ficado retida, e de repente lembramo-nos do que já não vemos há muito tempo. Porque não havemos de fazer isso?

É um pouco fruto do momento, vai saindo intuitivamente?

Sim. Isto é um bocado de teoria, não sei.....Eu sei que há pessoas que são muito pragmáticas. Aquilo é assim mesmo e não se pode mudar. Eu não sou assim...

O que passa pela cabeça das pessoas quando escolhem uma cor, é muito diferente!

Mas se calhar valorizamos, e ao preocuparmo-nos a escolher a cor estamos a valorizar. Eu já lhe disse isso. Porque havemos de pôr branco como se estivéssemos a esconder? Eles não precisam de ser escondidos.

Valorizar, criar uma diferença, e eles terem orgulho e poderem dizer *o meu bairro é aquele ali assim...*

9- Dentre os aspectos

Estéticos	Gosto pessoal	Harmonia c/a envolvente	Simbólicos
Culturais	Perceptivos	Económicos	Questões de <i>moda</i>

quais os que considera mais relevantes na aplicação da cor?

Fundamentalmente depende da envolvente, se for num ambiente urbano ou num mais isolado. Aí temos o verde à volta, se calhar aí a cor não nos interessa tanto, talvez não nos preocupemos tanto, que a cor é mais importante na cidade. Não quer dizer que não se possa usar cor quando passamos para outras zonas...

10- Pensa no impacto das cores

- no **meio ambiente** envolvente
- **nas pessoas** - do ponto de vista físico e psicológico

(...) Preocupo-me com a envolvimento com o que está ali ao lado, se vou manter igual aos outros para esconder ou se vou realçar...

Eu penso que convém sempre, seja para habitação social ou para habitação particular, pensar no impacto que a obra vai ter não só nos cidadãos mas nas pessoas que a vão habitar; tem um determinado valor.

Pensa no impacto das cores nas pessoas que habitam e na envolvente?

Na envolvente naturalmente. Se calhar para as pessoas que habitam é mais complicado.

Sabe que a arquitectura é uma arte e é a arte mais ingrata, porque está sujeita a crítica a todo o momento. Nós vemos um quadro, vemos o produto final, qualquer peça de design, a roupa, vemos sempre um produto final.

A arquitectura não, está ali! As pessoas passam por lá todos os dias e pensam *“como é que será que isto vai ficar? Será que vão pintar de branquinho? ou “ai que horror pintaram isto de amarelo!”*. Está sempre sujeita. E nós também...

Um dia pensamos que vamos pintar de uma cor, e depois pensamos que afinal não.

11- Tem conhecimento da existência de directivas (entidades responsáveis C.M.L. ou outras) sobre as cores a aplicar às construções de Habitação Social?

Há mais indicações em relação aos materiais ou só em termos de custos?

Há indicações. Inclusive havia em determinados programas, materiais-tipo a aplicar. Nas escadas deve levar isto, e isto...etc.

Mas tinha a ver com o material em termos de custos. E havia directivas em relação às cores?

Em relação às cores não.

Sente que em projectos particulares tem menos liberdade do que a que tinha na Câmara?

Sim é, nós no DCH decidíamos, só tínhamos de cumprir os parâmetros das áreas, e dos custos.

Mas na Câmara eram livres, não tinham directivas?

Não. Tem um bocado a ver com o nosso conservadorismo. Está na cabeça das pessoas.

12- Considera que é importante existir esse tipo de directivas nos regulamentos das áreas destinadas a Habitação Social.

Questão não formulada ou não respondida.

13- Tem preocupações específicas na aplicação da cor quando se trata de um projecto de Habitação Social?

Mas nas opções de cor não faz distinção entre habitação social e habitação de outro tipo?

Não. Veja que eu comecei a pintar as casas de habitação social... por dentro, eram brancas. Eu pinte de amarelo. Porque não?

Não faz distinção, não há diferenças?

Não, não há; a habitação é um direito das pessoas, e não posso pensar que quem pode comprar pode escolher. Não tenho essa preocupação. Vejo mesmo a obra como um projecto, como eu acho que deveria ser.

Não tenho aquela coisa *«como é para os pobrezinhos vou fazer assim...»*

Eu falo mais noutro sentido, como no caso do Condado, se tem alguma noção dos efeitos psico-fisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

Ali assim eu acho que deve ter bastante.

14- Tem alguns conhecimentos sobre os efeitos psicofisiológicos que a cor pode ter sobre as pessoas?

**efeitos físicos, psíquicos, emocionais, aspectos depressivos
influência no comportamento social dos utentes**

Eu acho que as cores influenciam.

Mas não há muito conhecimento sobre esse tipo de influências?

Não, não há. Eu penso que na aplicação da cor...ninguém que aplique a cor está preocupado com os efeitos que ela possa provocar.

Mesmo em termos físicos... há quem afirme que não está provado cientificamente... mas biologicamente sabemos...

Mas até está provado, influencia o comportamento. Isso vê-se nas crianças. Ponha uma criança pequenina de dois anos num quarto encarnado ou num quarto (rosa?) e veja como ela reage.

Mas acha que os Arquitectos se deveriam preocupar com esses efeitos?

(Silêncio).

Pelo menos estar alerta para eles...., e terem algum conhecimento de que há cores que podem influenciar...

Talvez não, porque é uma situação de passagem, digamos. Nós circulamos, ninguém fica parado a olhar para eles.

É diferente no exterior?

É diferente de uma sala ou na rua.

15- Preocupa-se em fundamentar / justificar as opções cromáticas que faz para os seus projectos?

É que eu li um texto seu sobre as cores da João Nascimento Costa...

Isso aí foi uma brincadeira. Quando a João Nascimento Costa foi publicada (no boletim) pediram-me para escrever um texto. Eu disse que não era poeta que não tinha de escrever nada.

De facto há uma preocupação, embora possa parecer brincadeira, eu acho que nós arquitectos podemos brincar com essas coisas, acho que temos essa autoridade, digamos para brincar com a cor. Se nós dissermos que é aquela cor, porque é que não há-de ser? É uma cor! Nem que seja cinzento ou preto, porque não? Por acaso nunca vi ninguém pintar um prédio de preto, mas porque não?

16- Pensa que de um modo geral os Arquitectos utilizam a Cor com conhecimento?

... com intenção ou é mais intuitivo?

Penso que também é uma maneira de marcarem a obra, uma obra que gera polémica fica na memória. A outra se não gerar, as pessoas esquecem e não sabem de quem é, desaparece.

Isso permite ter novos trabalhos, convém marcarmos a nossa posição, marcarmos a nossa ideia. Eu não sei se volto a fazer alguma coisa assim, mas se alguém achou engraçado é capaz de ter gostado, e isso traz outro trabalho.

Sobre a Rua João Nascimento Costa

E qual é a razão porque se escolhe determinada cor? Ali fundamentou a escolha!

Isso aí foi uma brincadeira. Eu vou-lhe contar essa história! É muito engraçada. Quando me entregaram aquele projecto, eu fui um dia às 9 da manhã para aquele vale e fiquei chocado. Aquilo ficava por traz da Curraleira. Os magotes de pessoas que estavam ali, cheios de injeções, logo de manhã, aquilo era miséria... Aquela gente toda ali a injectar-se com um mau aspecto...uns caídos para um lado...

Agora já foi tudo demolido?

Mas na altura ainda existia, eles desciam aquela encosta, ficavam no meio do mato no meio das poças debaixo dumas árvores, por todo o lado. fiquei muito chocado com aquilo!!

E ficou-lhe essa memória?

Ficou. Ficou-me sempre essa memória daquele local. Isso é uma coisa que nunca vou esquecer.

Então a cor não tem nada a ver com isso?

Não não tem nada a ver com isso, foi nitidamente uma brincadeira. Quando eu dizia às pessoas, elas diziam «mas tu vais escrever isso?» «vou eu vou escrever isto».

Escreveu só para a publicação?

Foi nitidamente só para a publicação. Pediram-me e eu disse que não escrevia. Ou escrevem isto ou eu não escrevo mais nada...quando receberam aquilo!!...

Foi brincadeira mas no fundo se calhar essa memória ficou lá...

É exactamente. Isso marcou-me.

Eu pergunto isto mas porque escolheu o vermelho e o cinzento para as monomassas, para definir os volumes? Podia ser azul e amarelo?

Podia, podia.....

Mesmo a brincar provavelmente ficou lá alguma memória...

Não tenho dúvidas nenhuma de que ficou...Não estou a ligar a ninguém mas faz-me impressão as pessoas viverem daquela maneira. Como existia também ali no Casal Ventoso, agora já não existe.

Sobre o *Piano* do Bairro Marquês de Abrantes

Em relação ao laranja do *Piano* foi outra intenção?

Foi outra intenção. Eu sou pioneiro naquilo

Agora está muito queimado, muito esbatido.

Está, mas o laranja tem outra razão. Surge exactamente da minha preocupação de pensar porque é que os prédios hão de ser pintados de cor de rosa...vou pintar isto de quê? Cor-de-rosa não, porque já pinte um, não vou pintar outro e também não é nenhuma imagem de marca.

Comecei a pensar... mas há cor-de-rosa amarelo e branco, e branco amarelo e cor-de-rosa e não me apetece pôr nada disto.

Nas férias passei na costa francesa mediterrânica e as casas são todas de um tom cor de laranja. Não era bem aquele laranja era mais queimado, mais da cor daquela Universidade do Campo Grande. E fiquei a pensar que de facto era uma cor bonita, agradável, porque não experimentá-la ali?

E assim surgiu... andava à procura da cor, fiz várias experiências de cor.

Testou-a lá?

Sim testei; fui à fábrica e eles explicaram-me essa história dos pigmentos, e eu olhava para o catálogo que eles me deram, e era tudo igual ao que havia na cidade, eu não queria nada disso. Queria uma cor diferente!

Por sorte, um dia vou a passar lá, e sabe que em todos os prédios, antes de serem pintados, eles aplicam uma 1ª camada a que chamam esfregaço. E eles deram o esfregaço daquela cor porque era um resto duma cor que eles tinham. E eu disse-lhes «não se mexe mais aí».

«mas isto não é cor nem é nada»

«não quero saber, é essa cor mesmo que vai ficar».

A partir daí criei uma situação!!

«mas quem é que pintou aquilo assim, como é que aquilo vai ficar assim?».

E um dia fui chamado à directora que me disse «oh Arquitecto eu tive uma coisa de coração, eu tive de parar e respirar dois minutos».

Porquê?

Porque era um choque. Porque para as pessoas era um choque fazer uma intervenção daquele tipo. Eu depois pensei se calhar ainda tinha conotações políticas.

Foi perto das eleições?

Já tinha caído a Câmara, já tinha ganho o Jorge Sampaio, e a direcção até me disse - *«o laranja está podre!!»* e eu disse *«por amor de Deus não me vai dizer que isto tem alguma conotação política!!!»*

Mas entenderam assim?

Talvez, e pronto não gostaram, mas não foi nada de preocupante.

O que é estranho é haver essa reacção numa cor pintada! se fosse o laranja do tijolo, ninguém contestaria eventualmente...

Eventualmente não; se fosse aquela cor em tijolo.

Depois também havia outra coisa: Todo o bairro tinha sido demolido, aquilo era um obelisco ali assim sem mais nada. ... Vê-se na fotografia.

Se fosse em tijolo, ninguém questionava como fazem com a cor pintada.

Porque há mais opção. A cor da pedra eu não posso mudar mas a pintura sim, posso pintar como quiser. Pode-se variar.

As cores do restante conjunto foram suas ?

Entretanto o arquitecto Moore Vieira, que fazia parte da equipe, quando eu pinte aquilo dizia-me: *«tu não faças isso, porque depois eu não sei como vou conjugar uma cor aí, nesse sítio»*.

Mas mesmo zangado comigo!

Mas o seu bloco tem dois tons de laranja, um mais forte e outro que é mais claro. Na altura também tinha?

Não. Podem ter sido repinturas. Talvez, acho que há umas partes recuadas que têm outra cor; mas do lado de fora era todo uniforme.

Tinha uma característica muito engraçada. O laranja parecia uma casca, porque as ombreiras das janelas eram todas pintadas de branco, para fazer contraste.

Mas o outro ondulado tem mesmo dois tons, mas não são os mesmos.

Não, não são. Ninguém utilizou essa cor. O que eles tentaram, e isso foi divertido, foi procurar um “degradé” da cor.

Que combinasse mas que fosse mais claro...

Mais para clarinho.

Depois no interior há uns muros num laranja forte, que se mantém vivo.

Não sei, isso já não faz parte do meu projecto.

Esse laranja dos muros mantém-se muito carregado, alguém o escolheu.

Talvez. Mas a seguir a esse prédio há essa tentativa de quase como de apagar aquele laranja, arranjar uma coisa que o esbatesse.

Mas criou-se depois a polémica e então começa a nascer a cor.

As pessoas começaram a utilizar a cor. Até lá, acho que havia um certo medo de utilizar a cor.

Por isso é que depois nascem os amarelos e azuis. Depois há o Bairro do Condado que aparece com aquelas pinturas todas; depois aparece o Paulo Pinto com a cor, uns pequenos apontamentos nos Olivais, numas faixas duns edifícios, marcam com uma azul, uma vermelha. (Av. Cidade de Luanda).

No *Piano* tem verde, há relva, há árvores...tudo se integra. O choque foi só no início?

Pois foi, mas acho que não vão repintar.

Acha que não?

Não sei, eu penso que talvez...eu na altura pensei que ia pintar, mas que aquilo não ia durar muito tempo. Eu disse «*não se preocupem que o sol vai queimar e depois pintam doutra cor qualquer*».

Mas para isso teriam de mudar todo o resto...senão perde a harmonia...

Pois é. Mas hoje em dia com toda a polémica e com a situação criada talvez mantenham a cor. Mas sempre pensei que quando pintassem não iam repetir. Até pensei «*vou tirar fotografias porque isto não volta a acontecer*».

Sobre a Quinta das Salgadas

A habitação social agora chama-se habitação a custos controlados e os custos não permitem alargarmo-nos muito a nível de materiais. Portanto o reboco e a tinta é sempre o material mais barato, só que a longo tempo torna-se pior. Há a repintura e a conservação dos edifícios, e só se tem a perder com isso.

Nos Olivais há muita habitação social e foi feita de tijolo. Se calhar o tijolo feito há 40 anos é igual ao tijolo feito hoje, e portanto mantém. Podemos não gostar da forma ou do edifício ou da sua integração, mas o material mantém-se. E como imagem mantém.

E isto começou porque o primeiro projecto que eu fiz foi uma intervenção muito grande, com cerca de 270 fogos. São uns edifícios cor-de-rosa com umas bolas em cima.

A Quinta das Salgadas, 3 lotes com 10 andares?

Sim as Salgadas são 4 lotes.

Eu tenho fotografias, têm um embasamento de tijolo.

Nessa altura eu fui ter com o Director do Departamento e disse que achava que devia ser feito em tijolo. Aquilo ia ter vantagens, mas os custos...

Tem um custo inicial maior mas depois dilui-se.

Ainda não tinha começado a obra. Ali está forra mas não era forra, a forra não presta e cai. O tijolo não, como tem uma certa dimensão, aplica-se um em cima do outro. Tentei, tentei e ele nunca me deixou. Os meus colegas diziam para eu falar, mas ficou assim.

E há uns bocados lá em cima...

Sim há as chaminés. Foram os únicos bocadinhos onde consegui aplicar algum tijolo e que é forra de tijolo, não é tijolo propriamente dito.

Sobre o Bairro do Condado**Até que ponto essas cores agressivas que despoletaram toda aquela rejeição e protesto, não interferem na não aceitação do bairro?**

Sim. Eu aí penso que é da maneira muito bruta como a cor ali é aplicada. Não é pela cor em si. Eu até aceitava aquilo, com aquela cor toda, mas com uma certa unidade. Mas ali não há sentido, penso.

Plasticamente é muito bonito; dá umas fotografias lindíssimas, mas viver ali....

Dá, isso dá; a mim faz-me lembrar um circo.

Tenho uma amiga que diz que parece um lego.

Também pode ser. Mas eu vejo um circo, com aquela tenda grande que o circo tem, com muita cor e muito variada. Agora penso que ele é uma pessoa que gosta de intervir dessa maneira bastante polémica. Criar choque. Quanto mais choque ele criar, e quanto mais polémica, mais satisfeito ele fica.

Eu escolhi este tema da cor na habitação social e em parte também para perguntar até que ponto a cor pode ou não contribuir para destabilizar aquela vivência?

Naquela gente eu penso que sim.

Mas acha que os Arquitectos se deveriam preocupar com esses efeitos?

Pelo menos estar alerta para eles..., e terem algum conhecimento de que há cores que podem influenciar...

Talvez não, porque é uma situação de passagem, digamos. Nós circulamos, ninguém fica parado a olhar para eles.

É diferente no exterior?

É diferente de uma sala ou na rua.

Mas no Condado as pessoas abrem a janela e o prédio está lá em frente...

Eu penso que aí tem. Mais quem passa, quem abre a janela não vê...

Ao fim de algum tempo não deverá ser cansativo?

Para quem vive ali todos os dias, sim eu penso que é.

Mas quando o Arq. escolhe, e neste caso eu não falei com ele, escolhe porque gosta, independentemente de quem vai ali estar?....

Não me parece que tenha sido porque gostou.

É como se fosse uma obra de autor...

Ele faz parte de uma geração de arquitectos... começou-se a falar de arquitectos com o prof. Tomás Taveira. Nós tínhamos os grandes nomes, mas eram meia dúzia de pessoas.

E ele é o que choca. Veja-se as Amoreiras, o BNU, ... todas as intervenções dele. A própria primeira intervenção dele no Bairro do Condado, que era todo branquinho, só com cor na casa das máquinas! Na altura era uma de cada cor.

Só um ponto de cor.

Já havia essa referência pela cor, não pelo edifício, porque se calhar na altura não estava tão à vontade para isso, mas pela chaminé, era muito grande e via-se.

Era uma amarela, uma azul.

Como um sinal quase.

Exactamente. E ele ultrapassando todos os seus limites só podia caminhar para aí. Já fez uma coisa, tem de ir mais à frente, mais além, tem de ir chocar mais...

Mas um arquitecto não deve preocupar-se também com as pessoas para quem projecta?

Eu acho que sim.

Eu acho que o protesto foi mais por serem aquelas cores. As combinações são muito intensas...

Exactamente. Não é a cor em si, eu até acho que se ele fizesse aquilo de uma maneira ordenada... uma torre com quatro fachadas tem uma de cada cor, depois tem as guardas de outra cor.

Acho que perdeu alguma unidade, perdeu a harmonia.... ali assim não tem harmonia. Uma coisa é a cor propriamente dita... a cor misturada com todo o resto do ambiente urbano, os edifícios são baixinhos as árvores tapam.

Sobre a cor em geral

Os portugueses têm carros brancos, cinzentos ou pretos. Não é? Não vi carros amarelos, não vi carros verdes...

Agora já se vê um bocadinho mais.

Sim vê-se alguma coisa, mas muito pouco. Se olharmos para a grande generalidade dos carros é tudo nesses tons. Tons que ficam bem sempre.

Tons que não colidem.

Tons que não choquem. Não há um amarelo, um azul forte. Se há, são de empresas.

E acha que na arquitectura isso também acontece, que há uma altura em que é tudo branco só com a cor dos materiais, e agora a cor começa a aparecer?

A cor surge muitas vezes associada a modas, eu não sou muito de modas. Aquela questão do *usa-se muito*, eu não gosto.

Não quero dizer que não utilize, se achar que vale a pena. Só porque é à moda eu não uso.

E acha que a Arquitectura é influenciada nesse sentido, naquilo que está mais em voga?

É muito, muito influenciada!

E agora não se assume muito mais a cor do que há uns anos atrás?

Muito mais. Veja bem, talvez o meu primeiro impacto com a cor talvez tenha sido aquele edifício amarelo da Rua Alexandre Herculano. Na altura deu uma polémica brutal porque nós não estávamos habituados. E tenho outras referências de cor porque depois comecei a preocupar-me com isso. Lembra-se de que cor era o Terreiro do Paço?

Já foi rosa, já foi verde, agora é amarelo. Não me lembro, mas sei que encontraram fotografias muito antigas em que já era verde.

Eu lembro-me dele verde. A seguir ao 25 de Abril foi feita uma consulta popular, foram feitas três amostras e escolheram o rosa e foi pintado de cor de rosa.

Agora está amarelo. O verde era mortiço, o amarelo é engraçado, o rosa é a nossa cidade.

Lisboa é muito rosa não é?

É muito rosa.

E vermelho *sangue de boi* também. É engraçado que no Bairro da Madre de Deus e no Grilo há muito vermelho e alguns muito escuros.

Ai é ?

O Palácio Foz era sangue de boi não era?

Acho que sim, e o Bairro do Grilo também é vermelho.

As vezes quando utilizamos nós achamos que somos inovadores e não somos nada, já se fez...

Há épocas?....

Há épocas, há ciclos que se vão repetindo, e isto faz bem à cidade, haver uma certa.....(não se percebe)

Mas de facto as pessoas não reagem a uma cor que é a do material.

Acho que é uma questão mais técnica.

Porque é o material. E o material é aceite. Se calhar se fosse roxo contestavam mas como não há materiais roxos...o material natural é da natureza portanto não há problema.

Tem sentido resistência em relação às suas opções de cor?

Não neste momento não. Quando apliquei o laranja sim, agora não.

Aqueles amarelos e azuis (junto ao *Piano*), também são fortes, apareceram depois.

Eu ali fui pioneiro, mas se eu não tivesse feito isso outra pessoa teria feito mais tarde; não se podia continuar assim. Surge também... as pessoas não se recordam....mas de facto isso marcou-me bastante... lembra-se da 7ª Colina?

Mas durou pouco.

Porque a tinta não dura !

Foi como a Cordoaria. Aquele amarelo forte agora nem se vê. Passamos ali e não se dá por ele. Deve ter a ver com a qualidade dos pigmentos.

Enquanto num material, o tijolo ou a pedra nós já não podemos brincar no futuro com ele, fica ali, não passa daquilo, com a cor podemos mudar.

Acha que as pessoas preferem bairros com alguma cor ?

Eu acho que sim.

A cor pode valorizar os edifícios !

Pode. A cor transmite alegria.

A cor pode contribuir para que gostem do seu bairro e até o preservem !

Nem mais!

Gostar do sítio onde se mora pode ajudar a preservar?

Eu acho que é fundamental. É as pessoas gostarem e interessarem-se por aquilo que têm. Eles são muito bairristas e se mantiverem o bairro, mais orgulho eles têm.

E melhor se inserem?

Exactamente.

É claro que a cor não resolve tudo mas esse é um lado positivo da cor.

Gostam... preservam.

Creio que sim.

Acha que devia haver disciplinas onde se estudasse mais a cor, nos cursos de Design ou de Arquitectura? Acha que faz falta uma aprendizagem um pouco mais profunda sobre a cor os efeitos da cor?

Eu acho que a cor tem de ser intuitiva.

Talvez se possa estudar, quais são os efeitos. Mas às vezes quando se fazem determinados estudos e estatísticas às vezes, vem-se a descobrir determinadas coisas e depois se calhar o melhor é não fazer nada. Não sei se valerá a pena.

Para quem se interesse muito por isso, se calhar vale a pena estudar. Entretanto tudo sem a sua importância. Mas o estudar se calhar obriga a criar regras.

Mas estudar no sentido de perceber a interacção de duas cores, por exemplo, saber que há cores que se valorizam uma à outra, não haveria tantos receios na aplicação. Uma cor mal aplicada num determinado local pode desvalorizar...estragar.

Mas na Arquitectura, uma das razões é exactamente, talvez na política, posso utilizar os argumentos que quiser para justificar. Posso usar uma cor para conjugar e posso usar uma cor para contrastar. A minha ideia não é fazer igual.

Mas a cor pode apagar um volume ou fazê-lo salientar.

Exactamente.

Mas tendo o conhecimento de como a cor se comporta, como pode ou não valorizar um edifício, não era uma coisa tão intuitiva...

Nesse aspecto sim. Acho que devia ser estudado e explicado às pessoas a maneira como ela deve ser aplicada.

Uma cor muda consoante o fundo. A cor muda com o contraste simultâneo. É nesse aspecto.

Nesse aspecto sim. Explicar como é que as coisas funcionam. Sem dúvida.

Ver uma amostra pequena ou ver a cor numa fachada é completamente diferente. Essa cor da amostra aplicada ao lado dum cinzento de betão mudou. E é mais essa informação de como a cor se altera como interage com as outras.

Uma cor escura transmite profundidade uma cor clara proximidade.

.....

A cor nos edifícios tem sempre a ver com uma questão económica. De facto a pintura é o mais barato; mais barato que isso não há. Por isso é a solução. A partir daí só nessa altura é que se preocupam com a cor. *Pinta-se de branco ou de cor de rosa, não faz mal.*

Mas para si não é indiferente.

Não para mim não é. Se calhar hoje em dia preocupo-me mais com a cor do que me preocupava.

Eu quando tenho que utilizar a cor não tenho medo. Estou perfeitamente à vontade.

Não tem medo de utilizar a cor?

Não de todo.

■ **Síntese da entrevista ao Pintor Jorge Martins**

Autor dos projectos cromáticos dos conjuntos habitacionais designados por – Quinta do Cabrinha, Avenida de Ceuta Norte (Quinta do Loureiro), Avenida de Ceuta Sul, Casal do Evaristo e Rua Maria Pia, todos na zona de reconversão do Casal Ventoso
Entrevista realizada no dia 26 de Abril de 2005

A entrevista realizado ao pintor foi diferente uma vez que não sendo o autor dos projectos de arquitectura algumas questões do Questionário modelo não podiam ser colocadas.

Este projecto foi um convite do então Presidente da Câmara Dr. João Soares?

Foi.

Sendo pintor com alguma formação de Arquitecto, como é que se dá cor a um projecto que não é nosso, que é uma intervenção?...

Eu para já, detesto trabalhar com arquitectos sem ser a partir do começo da obra.

Desde o início? Eu tive alguma curiosidade em saber como tudo se processou.

Obviamente gostaria mais de fazer um estudo *não só do início como em boa Architectura*.

Num outro tipo de arquitectura em que não houvesse tantas limitações?

Não, as limitações até me podem estimular.

Mas havia limitações de custos?

Havia evidentemente que havia, com certeza. Eram monomassas e ponto final. Eu ainda insisti, (pelo menos tudo o que dava para a Avenida de Ceuta, o que está mesmo em cima da Avenida, por razões de durabilidade), insisti que fosse em azulejo. Foi um custo suplementar pequeno, porque são superfícies relativamente pequenas e isso foi feito.

Eu tenho alguns alçados e desenhos coloridos num livro publicado pela Somague, que foi a empresa que construiu.

Não conheço esse livro.

Quando me foi pedido para começar a fazer este trabalho a primeira coisa foi o que se chama a *Quinta do Cabrinha*. É um conjunto de casas antigas.

O nome do novo conjunto vem desse núcleo.

Que até me foi pedido já posteriormente a este, mas que também estava previsto. Por um lado isto é um conjunto de casas que ocupa a Av. de Ceuta, que *eu fui fazendo na desordem*. Pediram-me para fazer este quando já estavam dois terços construídos.

Já estava construído?

Já. Tudo aquilo que é um granitado cinzento quase preto, e o amarelo muito claro que está por cima, já estava pintado.

Então já existia uma escolha de cor dos arquitectos?

Já existia. O arquitecto tinha mandado fazer assim. E só então é que o João Soares se lembrou que realmente aquilo estava a ficar um bocadinho tristonho (ou enfim não sei o quê), e lembrou-se de mim. E eu em vez de dizer que não, que não

trabalho nestas condições, lá lhe disse que sim, em vez de dizer que não; depois veio isso, depois o resto da Quinta do Cabrinha.

Então entrou a meio do processo?

A meio. Quer dizer, o que eu tive de fazer foi um bocadinho salvar aquilo...

Aproveitando o que estava?

Aproveitando o que estava, e aqui creio que na fachada só entrei naquilo que faltava pintar...

Que são os elementos verticais.

Que são umas reentrâncias nas fachadas, verticais pois. Por dentro é que ainda não estava nada feito, mas tudo isto já estava...

São estes amarelos e vermelhos verticais?

Isto vertical sim, fui eu que fiz.

O resto já estava, o cinzento é monomassa?

O resto, este cinzento e o amarelo sim. Não é monomassa é um material, um aglomerado de pedrinhas pequeninas. É evidente que eu não ia dizer que não, não havia dinheiro para fazer outra cor, teve que ir até ao fim. De modo que só pude intervir assim.

Nessa parte da fachada da Av. de Ceuta e no interior?

Ou ficava tudo igual ou ...logo aí foi um disparate. Depois por dentro também havia sítios que já estavam decididos.

Já havia sítios com a cor decidida?

Estas cores mais fortes são minhas, são responsabilidade minha. Não sei se havia ou não, coisas já pintadas...

mas há o mesmo cinzento e amarelo?

Ah claro exactamente! Isso já existia, a minha intervenção foi o resto. Depois um dia fui lá, e havia estes candeeiros horrorosos, eu apanhei uma fúria, acho isso horroroso, parece que se está dentro de um esqueleto de baleia, não faz sentido. Fazem sentido num espaço vasto e amplo não nesta espécie de corredor que tem o quê, 10 metros de largura! Isso é um disparate! O João Soares disse que ia mandar tirar, mas claro que não tiraram. Portanto foi assim.

Depois pediram-me para fazer a *Quinta do Cabrinha* que é um edifício mais antigo, por acaso é um conjunto interessante, aí foram obras de recuperação da fachada. Aí decidi-me por um amarelo muito clássico.

Onde fica, nesta parte mais antiga?

Sim aí, é um conjunto mais recuado. Mas tudo isto foi assim na desordem, porque se eu soubesse logo qual era o conjunto...

Tinha pensado numa solução mais geral, mais organizada... ?

Mas foi assim, agora vem isto, depois mais aquilo...e depois há o balneário, junto ao campo de jogos. Parecem umas chaminés, está muito estragado.

Está, mas com os anos que tem... há coisas piores em menos tempo.

Pois, isso não sei.

Já percebi que não foi um projecto pensado do início, foi surgindo...

Não de todo...

O que não permitiu fazer uma coisa mais coerente.

Pois exactamente

Mas eles também não são tão diferentes assim....Ceuta Norte e Ceuta Sul são parecidos...

É evidente quando fiz Ceuta Norte já havia Ceuta Sul..., mas quer dizer são obras pobres.

Quando me pediram isto (Ceuta norte e sul), aqui sim não estava nada construído. Daí eu ter insistido nestas fachadas de azulejo.

Os seus estudos de cor foram feitos sobre os alçados que os arquitectos lhe forneceram?

Sim aqui foi diferente. Ainda estava para ser construído.

São estas as fachadas de azulejo? Não é uma superfície muito grande. Eu vi muitas obras do PER com tijolo e algumas com azulejo. Podem ter um custo inicial maior mas têm uma sustentabilidade ao tempo que a tinta não tem.

A Quinta do Cabrinha não tem sustentabilidade ao tempo e estou convencido que aquilo que não vai ser arranjado tão cedo, com certeza.

Eu li algures não sei quem escreveu que “tinha pintado a Quinta do Cabrinha com as cores de Lisboa”. O que se pode entender por isto, não foi o senhor que disse isso?

Não fui eu que disse com certeza!

Mas há cores de Lisboa?

Há cores suaves, há azuis, amarelos, há realmente uma quantidade de cores, mas a cor de uma cidade, a *Cor* no singular é uma coisa que deve ser escrita com maiúscula, porque é a resultante de várias outras cores. A *Cor* de um quadro é uma cor feita de dezenas ou centenas de cores. A *Cor* de uma cidade ou A *Luz* de uma cidade também é feita de vários materiais. Não sei qual é a *Cor de Lisboa* infelizmente não sei. Lisboa não tem uma cor. É uma cidade que se deixou degradar e construir de uma maneira tão caótica, que acaba por não ter uma personalidade. Para já, neste caso era preciso dar alguma personalidade àquele conjunto que estava quase completamente pintado, de maneira que eu acrescentei umas notas de cor um pouco para o salvar.

Uma coisa curiosa, numa tela tem absoluta liberdade de escolher, mas ali...

Ah claro !! Ali não.

Ali tem um edifício com volumetrias e planos, com formas que já lá estão....

Tem volumetrias pois claro, exactamente. Daí achar interessante trabalhar com um arquitecto. As vezes é pior, porque agora os arquitectos também não estão para isso, nem os promotores se lembram. Aqui acho que se lembraram porque o próprio arquitecto estava um bocadinho aflito, como é que ia resolver aquelas volumetrias. Aquele embasamento preto contrasta de uma maneira muito negativa, mas já lá estava. Não tem ponta por onde pegar, mas enfim!

Mas na arquitectura apresentam-lhe os volumes e as superfícies, no fundo vai aplicar cor a formas que foram definidas pelo arquitecto.

De resto os grandes arquitectos que usam cor por ex: o Barragan ou o Legorreta, (estou a pensar nestes), é evidente que eles pensam já nos volumes que estão a construir em função da cor que lá vão pôr. Não é de excluir que um Arquitecto que queira trabalhar com um artista não possa trabalhar também desde o princípio.

Eu penso que cá não é muito comum.

Não de todo!

O arquitecto gosta de controlar toda a sua obra do princípio ao fim.

Em Portugal não estou a ver muitos arquitectos que usem cor alguma audácia.

Tomás Taveira? Bairro de Chelas...

Audácia... é um bocadinho....

É que o Bairro de Chelas também foi colorido à posteriori. Era inicialmente todo branco, e estava cinzento-escuro, sujo, degradado, e foi feito aquele plano de cor.

Pois o único sítio onde pode haver branco puro na arquitectura é onde há cal e não há poluição.

E onde há uma manutenção mais permanente. Eu não acho que os moradores sejam contra a cor. Talvez contra aquelas combinações, conhece?

Sim conheço. Por acaso estive em Miami agora há três semanas, e há lá edifícios assim com aplicações de cor muito fortes.

Mas é um arquitecto polémico e gosta de ser. E depois há outros que provavelmente têm medo de usar cor e utilizam uns begesinhos e amarelos que não colidem com nada...

Eu acho isso pior. Eu acho esse lado timorato ainda pior. Quer dizer, não é branco mas também não é cor. Com o sol de Lisboa essas cores desaparecem rapidamente. Eu contei um bocado com isso quando escolhi estas cores, tal como contei quando fiz a Cordoaria também.

Ao fim de algum tempo queima, o sol e a luz acabam por *abrandar* as cores.

Exactamente, eu contei que ao fim de dois ou três anos aquela violência tivesse desaparecido.

E aqui também!

Sim. Na Cordoaria o material era melhor. Aqui era bastante pior.

O que é diferente da pintura é que tem uma liberdade de escolher a cor que na arquitectura não tem.

Com certeza. Não é completamente diferente mas é quase completamente diferente. Para já as distâncias de relacionamento cromático são da ordem dos centímetros,

de um metro ou dois, enquanto na arquitectura são da ordem das dezenas de metros. Só isso faz com que as relações das cores sejam diferentes.

Foi diferente a intervenção nestes bairros, da sua intervenção por ex: no Metro de Chelas em que também trabalhou com arquitectos? É que são duas perspectivas de uma aplicação de cor a espaços.

São! no Metro de Chelas tive um relacionamento excepcional com a arquitecta. Começamos a trabalhar ainda em plano. A arquitecta deu-me grande liberdade, permitiu-me mesmo utilizar o método construtivo da estação, e as profundidades, abrir planos, e tudo isso.

Deixei-me ir, talvez um bocadinho ambicioso demais. Quando chegou a altura da construção, houve imensas publicações, prazos e contactos.

Eu tinha previsto aquele desnivelamento, aqueles planos para integrar a iluminação, de outro modo aquilo não fazia sentido; de facto é que a iluminação nunca lá foi posta. Até hoje!

É muito frustrante fazer obras públicas, quando não há dinheiro, e muitas vezes o problema nem é dinheiro, é desorganização. Isso é frustrante. Ou quando são coisas à última da hora como foi a Quinta do Cabrinha. Aquilo está a precisar de uma cor, vamos lá telefonar ao Jorge Martins, que já tinha desenhado a Cordoaria.

Neste caso de Ceuta Norte consegui realmente que lá colocassem os azulejos, mas depois foi sendo feita, foi sendo construída; não sei se houve dificuldades ao meu projecto.

Aí como em Ceuta Sul há monomassas, aquelas placas quadradas. Aí a cor foi definida antes da construção?

Sim isso foi. A certa altura eu lembro-me de lá ter ido, fui lá várias vezes ver aquilo...

E com luzes diferentes...

Um dia fui lá, lembro-me perfeitamente, pediram-me para ir ver não sei o quê.

Não estava a chover, eu não tinha chapéu de chuva, estava sol, pude olhar para aquilo. Ainda por cima atrasaram-se para a reunião, e deu-me para andar ali meia hora a ver como estava a solução. De repente, achei que havia lá uma cor que estava a mais, que eu jamais deveria ter posto, achei aquilo muito estranho, o que é isto?

Era uma cor pintada?

Era! já lá estava posta. E então disseram-me que tinha havido uma alteração ao projecto.

Era um alçado dos laterais?

Era dos perpendiculares à Av. de Ceuta, e um aprendiz de arquitecto, um miúdo do Arquitecto Paciência, tinha decido pintar aquela cor lá em cima, não me falaram, não me avisaram nem da alteração do projecto, nem que aquela criatura lá tinha posto aquela cor...

Ninguém lhe perguntou? isso é estranho!

É estranhíssimo, são as coisas que acontecem nesta terra. De modo que peguei no telefone, liguei ao puto, insultei-o e desliguei. Depois disso ligaram-me uma vez ou duas, para ir lá ver umas coisas à obra e eu disse que não, que perguntassem a ele já que ele tomava decisões dessas...

Portanto tinha havido alterações em alguns planos, não se vê aqui nestas fotografias? lembra-se de qual era a cor?

Era aqui numa destas fatias, apareceu ali uma cor que estava a mais!
(observando os desenhos, e os esboços de cor).

Isto foi estudado em desenho, mas quando chegou à obra com aquela luz, com as sombras, com a envolvimento, manteve as cores que tinha escolhido ou fez algumas alterações?

Sim foi em desenho, e acho que não fiz grandes alterações. Talvez tenha havido... eu lembro-me de ter lá ido ver a cor na parede.

Fez ensaios?

Lembro-me de ir lá ver na parede. Mas isto é tudo feito assim! por exemplo aquela piscina, lá em cima em castanho...

Já fazia parte do conjunto?

Não não, mas também me foi pedida.

Não sabia que também era sua. Ou seja foi uma obra que foi nascendo aos poucos, não foi pensada globalmente.

Exactamente! Aí o arquitecto tinha decidido que era em pastilha. Eu tinha escolhido duas cores, uma para fundo outra para as saliências das paredes. Trocaram-nas! o que era para o fundo ficou nas paredes e a das saliências ficou para fundo...Fizeram ao contrário. Não deu mal, porque eram dois tons contrastados, mas podia ter sido um desastre!

E nem deram pelo erro?

Não! e depois quando se vai lá, as coisas já estão feitas e eu não podia dizer para deitar tudo abaixo porque não havia dinheiro. E pronto foi assim, foi tudo assim, percebe?

Essa tal cor que foi acrescentada não foi mudada depois, nem lhe perguntaram como resolver?

Não nem pensar nisso.

Não era muito mais correcto, terem-lhe perguntado como resolver?

Pois com certeza que sim! mas foi o rapaz que decidiu.

Nem era o arquitecto responsável?

Não! foi um aprendiz, o braço direito do Arquitecto, ou braço esquerdo...Eu apanhei uma fúria, acho que isso não se faz; fizeram-me ir à obra tantas vezes...

No conjunto da Rua Maria Pia também há azul turqueza, em azulejos.

Sim fui eu que escolhi. E não é muita quantidade.

É que aí a cor mantém-se fiel muito mais anos.

E é lavável! não precisa ser pintada!

Pois porque o problema destas habitações é que sendo a custos controlados e não havendo muito dinheiro não vão ter uma manutenção muito frequente...

O problema é que são casas que estão na zona nobre de Lisboa.

E são bastante visíveis de vários pontos.

Eu sei que estudou cá arquitectura e depois também em Paris. Teve alguma disciplina em que estudasse cor?

Mas não acabei. Não tive.

Em Paris também não? Agora vai existir uma disciplina na FAUTL; é que sendo tão utilizada por arquitectos, designers, pela moda, há um grande desconhecimento de como a cor funciona.

Pois, mas sabe que a cor é uma coisa muito difícil de teorizar. É uma coisa que tem a ver com a cidade com as condições, se se trata de arquitectura. E é muito difícil passar do plano propriamente da *física da cor* para a *estética da cor*.

Para a prática da cor.

Os aspectos físicos da cor não podem ser normativos em termos de estética. E quando se passa para o plano da estética as coisas tornam-se muito mais complexas e difíceis de regulamentar. Daí não pode haver legislação sobre cor é um disparate, não pode haver porque é muito difícil pôr em texto de lei, regras! Quer dizer, é uma coisa que depende da cultura, ou das tradições, há cidades que têm tradições...não se pode ir para Roma pintar casas com cores dentro de uma gama de cores que não seja a de Roma.

Depende do sítio onde se está e do ambiente que há à volta.

Em Lisboa pode, não há regras.

Penso que não há normas, a não ser para monumentos ou bairros históricos.

É um disparate. Eu quando vim de França, (não vinha a Portugal há 13 anos), comecei a ir ao Algarve, que eu conheci muito mal antes. Quando voltei em 84 comecei a ir em 87, fiquei tão fascinado com o que ali estava de cores e de formas que fiz um trabalho (não fiz o que você está a fazer evidentemente), aliás algumas das casas já não existem.

O Algarve estava cheio de cor. Lembro-me perfeitamente que quando comprei a minha casa no Algarve veio uma regra da Câmara a dizer que tinha de ser pintada de branco. Por acaso era branca e eu continuo a caiá-la. Mas porquê, porque carga de água? se ela fosse amarela ou encarnada, azul ou verde. O Algarve era um sítio cheio de cor, agora é que está a ficar um desastre.

Acho que em tempos também existiram umas normas para a Câmara de Évora se não estou em erro em que a *obrigatoriedade* de caiar tinha a ver com doenças.

No Alentejo onde as pessoas caíam a casa uma ou duas vezes por ano, estão sempre a lavar os passeios *não precisam de ser obrigadas*. Têm uma cultura arquitectónica extraordinária. O facto de a Câmara ter de obrigar, o que para essas pessoas é muito normal.

Eu tive um professor que escreveu o livro “Cor e Cidade Histórica”, que dizia que a ideia de que o Alentejo é branco, não é completamente verdade. Por baixo de pinturas recentes estão esgrafitos ou esgrafiados como em Barcelona, estão desenhos, estão frisos com cores que existiam tradicionalmente.

A cor está muitas vezes nos frisos quase só a preto, mas no Algarve...

O Algarve tem muitas platibandas com cor.

Platibandas lindas, de uma invenção formal!

No entanto há muitos arquitectos que utilizam a cor só no fim, do género “*agora como é que vou pintar isto*”? a cor vem no fim.

Há outros que ao projectar já sabem em que volumes a vão aplicar, mesmo sem saberem qual cor. E há outros como o arq. Taveira (pelo menos eu acho), que usam o edifício como uma tela. Parece-me muito uma postura mais de pintor, que tem um prazer pessoal com aquelas cores...só que é uma tela a três dimensões!

Pode-se sempre utilizar a cor de uma maneira mais decorativa (e é quase sempre decorativa), como pode ser para acentuar um volume, ou é acentuada pela luz, como pode decompor um edifício em blocos, digamos assim.

Uma das funções da cor na arquitectura popular por exemplo é a divisão da propriedade. Há séries de casas que são iguaizinhas e cada proprietário pinta de sua cor, para marcar os limites.

Pode destacar ou fazer desaparecer um edifício. E era uma das coisas que eu queria descobrir, isto é, com que critérios se fazem as aplicações, como é que se utiliza a cor. Um dos arquitectos que entrevistei dizia-me “*não é por serem casas mais pobres que vamos escondê-las, ou pintá-las dumas cores beges...*”

Pois claro.

Porque também lhes dá e a eles habitantes um sentido estético e gostam de ter o seu bairro cuidado...

Ai isso gostam com certeza.

Talvez o preservem mais, porque estes habitantes são pessoas problemáticas, socialmente são pessoas complicadas.

Na Quinta do Cabrinha são!!...vinham do Casal Ventoso.

Embora com alguns apoios sociais, são problemáticos. Aí há um aspecto que é social e que é criar-lhes um ambiente onde se sintam bem.

Claro claro, isso não há dúvida!

Os que mudaram para ali devem ter algum prazer em morar numa nova casa.

Não sei, confesso que não falei com ninguém depois. fiquei...

Desgostoso?

Fiquei traumatizado com isto tudo.

Não voltava a repetir a experiência?

Nestas condições, nem pensar!

Faria o plano de cor com um Arquitecto, mas desde o princípio?

E com garantias!

Com garantias de que o seu projecto seria respeitado?

Exactamente.

O que acha da aplicação da cor em Lisboa? eu há bocado falei no arq. Taveira porque o Bairro de Chelas é quase um caso à parte em termos de cor.

Para já temos de distinguir as *zonas históricas* das *zonas de construção moderna*, para lhe chamarmos assim, para não dizer *construção caótica*.

É evidente que numa zona histórica é preciso ter cuidado nas intervenções, que têm a ver com o diálogo com o que já existe.

Mas estou agora a pensar na 7ª Colina. Era uma zona histórica obviamente; não há nada mais histórico que o Chiado e o Príncipe Real. Mas estava tudo tão degradado que não tinha história. Era histórico mas não tinha história. Havia alguns edifícios com azulejos, (embora não muitos), só que estava tudo tão degradado que podia-se criar do nada a cor daquilo. Porque não havia que respeitar relações de cor ou...

...respeitar o existente, porque a cor já não existia...

Exactamente.

Tocou o telefone (interrupção).

Quando há pouco lhe perguntei se achava que se devia estudar mais a cor, referia-me também a harmonias, à interacção das cores. Numa entrevista disseram-me que recearam colocar um certo azul sobre um laranja, e só no local perceberam que afinal as duas cores combinavam. Mas se eram complementares!

O problema é que em teoria, a harmonia está em função da escala, das dimensões, das formas, da matéria, da luz, etc.

Só se aprende com a prática?

Não, eu acho que é caso a caso.

É intuitivo, é uma questão de sensibilidade de quem utiliza?

É sempre uma questão de sensibilidade; é evidente que a experiência ajuda certamente!

Mas quando faz determinadas combinações de cor, à partida já as experimentou com certeza também na pintura, e sabe que algumas resultam..

É muito difícil, há associações que na pintura são feitas em combinações tão pequenas, tão diferentes das da arquitectura...

Sim as formas da cor não têm nada a ver, eu sei que é diferente se for numa parede...

Depois a parede tem uma certa luz e uma certa matéria, um certo volume e depois tem a ver com a janela que está à esquerda e a porta que está à direita, e a caixa do elevador, isso muda tudo. É muito difícil de prever mesmo em projecto.

Mas mesmo depois destas confusões, o resultado final agradou-lhe, ou ficou desgostoso?

Não é uma obra que eu ponha no meu *curriculum*, não me interessa, não é inteiramente minha. Uma quando cheguei já estava começada, a outra acrescentaram-lhe lá coisas! É daquelas coisas que não me deu um prazer especial. Nem a colaboração com os Arquitectos, nem as condições de trabalho, e ainda por cima não ganhei nem um cêntimo com este trabalho todo, pode crer. Com os artistas é assim.

A sério?

Absolutamente.

Mas foi um trabalho, foi-lhe pedido...

Foi! mas eu depois zanguei-me tanto com essa história que nem sequer...

Os preços discutem-se à partida não à chegada; mas depois de ter insultado o aprendiz de arquitecto do arquitecto Paciência, nem quis mais saber daquilo.

Mas se convidam uma pessoa para que seja um projecto especial depois não faz sentido o desfecho...

Foi tudo em cima do joelho.

É diferente de quando faz só arranjos de fachadas, como o da Expo?

Aí foi-me pedido o projecto. A arquitectura do edifício já estava feita, e aquilo é um projecto contra natura, são vários edifícios com uma fachada comum.

Imensa!!

Quase meio quilómetro...

Aí a intervenção de cor foi diferente?

Tive toda a liberdade, é um projecto muito difícil, está cheio de janelas! mas sou responsável a 100%. Devo dizer que tecnicamente aquilo foi feito impecavelmente, foi exemplar. Soube que se partiram 8 azulejos em meio quilómetro de azulejos.

Teve de ser muito bem aplicado.

Foi feito ao milímetro, o único incidente que houve, não foi grave, quando chegamos ao fim o edifício tinha menos 14 cm em 400 metros. Bem sei que foi uma fatia de azulejo, mas aparte isso, assumo que está como eu quis.

É curioso que me dizem que adoram, e eu concordo inteiramente com eles, mas também há quem diga que não gosta e eu também concordo. É um projecto que até hoje eu próprio não sei...

É muito diferente das suas outras coisas. Não conheço muito, a 1ª coisa que eu vi sua foi uma exposição de desenhos a grafite, preto e branco...isto é muito diferente.

O edifício é muito complicado!

Destes projectos da Av. de Ceuta, ficaram registos na Câmara ou com os arquitectos? porque aquilo está um bocado estragado e se for preciso repintar, quem se responsabiliza?

Não sei mas eu dei as indicações todas...

No livro publicado pela Somague, diz que o projecto de cor é da sua autoria. Se daqui a uns anos mudarem as cores sem o seu consentimento, como é?

Pois, eu dei-as mas duvido que ficasse algum registo na Câmara; e se quer que lhe diga se repintarem estou-me nas tintas.

Eu neste trabalho não soube da cor original de muitas coisas.

Mas eu acho que as cores na arquitectura podem perfeitamente ser mudadas. Veja-se o Terreiro do Paço...

Acha que na arquitectura a cor tem um carácter efémero, transitório?

Acho que pode ser, em certas condições. O Terreiro do Paço pode ficar bem de várias cores. E essa coisa da cor original...

No sentido de se saber a cor do projecto.

Se só se restaurassem as coisas com as cores originais não valia a pena pedir aos artistas; o melhor era os historiadores decidirem, eles logo descobrem qual a cor original. É um disparate, porque depois os pigmentos não são os mesmos, mas enfim...peçam aos historiadores.

Se querem alguma criatividade peçam aos artistas. Não é trágico que uma cor num edifício possa estar falhada mas depois possa ser corrigida. Aliás aquele projecto de iluminação no Terreiro do Paço é muito engraçado porque justamente muda a cor, e como é uma cor virtual, digamos assim, é divertido e pode funcionar.

Mas há edifícios que podem ter várias cores e manter alguma identidade mesmo com esse carácter efémero?

Mas o efémero não tem que ser tornado eterno...

Mas se calhar um arquitecto que faz um plano de cor como se fosse uma assinatura da sua obra, não tem essa postura, pode não gostar que lho alterem.

Pois, mas pode não ser a vida dele...não sei.

Eu li algumas entrevistas suas e também diz que a pintura não é tudo e que gosta de experimentar outras coisas...

Sim.

Nunca acabou arquitectura?

Gostava de fazer arquitectura e gosto de trabalhar com arquitectos; a arquitectura é um ofício meio artístico meio empresarial. É complicado, eu era incapaz de assumir essas duas vertentes. Não tinha paciência para estar a aturar os clientes. Gosto de trabalhar em equipa de vez em quando, para ter discussões e projectos, ceder aqui, não ceder acolá...isso acho divertido.

Agora todos os dias nem pensar, dava em doido!

Na actividade da pintura no fundo é muito mais livre.

Exactamente, eu pinto o que me apetece! Quando as pessoas vão à exposição gostam ou não gostam, mas é o que ali está. Ninguém me vai dizer *“quero ali um quadro mas em vez de ser azul faça-me encarnado, ou este triângulo à esquerda ponha um bocadinho mais à direita.”*

Na arquitectura está-se a projectar para alguém, para os utentes.

Claro, isso é importantíssimo.

Depois de gentilmente me ter oferecido alguns esboços das propostas de cor que restaram, (o restante foi entregue aos arquitectos), conversamos e vimos alguns livros sobre Cor da Arquitectura, que só não me foram emprestados porque também eu os possuía.



Texto enviado pelo Arquitecto Tomás Taveira

A COR NA ARQUITECTURA

A cor na Arquitectura, ou a cor na Cidade é um problema que tem no mundo moderno uma resposta altamente difícil e crítica, na medida em que este tipo de uso da cor entrou no domínio da arte e por consequência saiu do domínio da Antropologia Cultural, saiu do domínio do Costume, onde tinha vivido sem problemas durante toda a história do mundo.

A cor em geral, para além das suas aplicações livres na Pintura, na Escultura, e até numa grande parte das artes gráficas, tem tido uma certa “tendência”, para ser indicada como psicologicamente dependente.

Isto quereria dizer que tem sido muitas vezes dito, sem se provar, que a cor tem propriedades psicológicas ou desenvolve uma acção psicológica nos humanos e até nos animais e que por isso certas cores não devem ser aplicadas em certas circunstâncias, para se argumentar de igual forma que há cores “calmas” mas adaptadas a “todos”...

Assim pareceria que devia haver um estudo de cor especialmente dedicado aos hospitais, situação funcional em que cada humano terá necessariamente que estar “calmo”..., e sem interferências exteriores que prejudiquem o paciente, para além dos seus problemas físicos...

O que é facto, sendo como parece, a cor nos hospitais um tema altamente importante relativamente à cor, nós não encontramos até hoje nada que permita com rigor estabelecer um critério científico, para o seu uso na construção dos ambientes, quer internos, quer externos, isto é, no interior ou no exterior dos edifícios.

Assim não tendo nós até hoje obtido algo de significativo sobre o tema, havendo apenas ao que parece um livro denominado “A Beginner Guide to Colour Psychology” (Kyle Cathie Ldd. London 1995) acabámos por fazer uma aproximação à pesquisa a qual acabou por proporcionar algumas reflexões com um significado relativamente profundo, isto para procurar dar alguma consistência a um tema que agora a construção de um grande número de edifícios começa a concretizar.

A COR: ALGUMAS REFLEXÕES

1. A cor é um imenso meio evocativo que possui poderes inerentes, para provocar reacções imediatas no observador e como tal isso tem sido desenvolvido como uma linguagem de símbolos, quer no universo natural, quer no universo feito pelo homem.

O seu uso na Arquitectura, no Design e no Ambiente não é excepção servindo dramaticamente, para alterar a percepção das formas, contudo quando incorporada na sua disciplina própria a cor tem uma natureza altamente subjectiva e até recentemente, o seu uso tem sido uma das mais imprevisíveis áreas da decoração da Arquitectura do Design e do Ambiente em geral. Cada experiência individual difere e não há quantidade de análise

que permita com sucesso perceber como as pessoas respondem ao estímulo da mesma cor ..., nem como os artistas sobre ela pensam.

Quase que qualquer generalização pode ser feita àcerca das cores que o contrário pode mesmo assim ocorrer ..., com naturalidade.

Talvez que a noção de contínuo colorido através de períodos da história arquitectónica dos gregos até ao presente sugira um contínuo fascínio pela cor e um processo natural de reinvenção dela e do seu uso na Arte, na Arquitectura, no Design e no Ambiente, embora sempre de um modo não racionalizado no sentido científico do termo mas sempre originado por aquilo que apelidamos de emoção e arte.

Períodos de alta utilização da cor, como hoje, têm sido precedidos por períodos de mais neutral colorização.

Pensando na Arquitectura e no Design é perceptível que haja hoje um conjunto de Arquitectos/Designers cujo trabalho mostra uma total ausência de cor e outros que a enquadram e usam com uma maravilhosa intensidade.

Há esquemas de cor que aparecem associados com um Design de tal modo que surgem apenas variações de branco e cinzento enquanto que outros mais pós modernos por assim dizer, usam uma paleta muito mais larga e versátil.

A cor tem sido assim muitas vezes erradamente considerada do domínio dos Arquitectos de Interiores e dos Designers enquanto que o Arquitecto Civil se manteria à margem da discussão admitindo como Corbusier e Loos que as sociedades mais civilizadas usariam, ou teriam usado menos cor, um preconceito que não se prova, mas que muitos actualmente pretendem fazer vingar.

O mexicano Luiz Barragan e o português Tomás Taveira nos anos 80 mostraram que a cor pode ter uma influência grande na construção da imagem da arquitectura. A cor é, para estes arquitectos, uma dimensão essencial do seu trabalho e não um elemento meramente acessório.

Outros arquitectos como o californiano Mark Mack usam de forma altamente impressiva e sem quaisquer complexos a cor na sua arquitectura, o mesmo acontecendo com Ricardo Legorreta.

No Design o Movimento Pós Moderno trouxe consigo também uma reinvenção da cor onde por exemplo pontificam Mendini e Sottsass com impactos que não estão ainda esgotados no domínio da criação dos objectos.

A cor acentua a forma e pode também ao contrário negá-la dependendo do modo como ela é introduzida e do tipo de materiais que se usam, para a suportar.

Existe por outro lado uma tendência híbrida no uso da cor que faz com que muitos artistas a utilizem em situações funcionais específicas e a neguem noutras.

Por exemplo o Grupo CZWG usa-a apenas em casas de banho e sanitários públicos.

É talvez possível ter regras estritas, para a aplicação da cor na arquitectura e Angela Wright psicóloga da cor, autora do livro atrás referido, argumenta que há padrões que podem ser calculados e que dada uma certa correcta quantidade de informações, as correctas combinações podem ser obtidas de maneira científica.

Talvez, diz ela, que a falta de estudo do tema da cor por parte das Escolas de Design e de Arquitectura faça persistir a ideia de que a cor é algo que “alegra”, mas aleatório ..., logo supérfluo e por vezes até negativo.

Por estranho que pareça não existe neste livro um capítulo científico, para o uso da cor em “hospitais”, embora dê algumas pistas, para o seu entendimento.

Em 1856 Owen Jones, arquitecto inglês, e autor do livro Gramática do Ornamento, um altamente influente livro no capítulo da decoração avançou com ideias sobre a cor. Este capítulo é demasiadamente escolástico e não dá indicações sobre o modo como as cores se influenciam mutuamente.

Há um outro livro denominado “Color in Architecture” de Harold Linton, (Mac Graw Hill 1999) *1 que oferece uma oportunidade, para perceber como é que os Arquitectos e os Designers pensam “antes” de aplicarem a cor.

Vários são os artistas que contribuíram, para este livro com as suas experiências e alguns baseiam as suas conclusões e opções, no conhecimento da História da Arquitectura e do Design, embora sejam sempre situações e conclusões parciais e pessoais..., e acima de tudo artísticas.

Contudo, este livro leva a que se possa pensar que as cores, os materiais e a indústria, devem trabalhar em conjunto e ter algum suporte na FISILOGIA e PSICOLOGIA, na medida em que interferem com o bem estar humano, não esquecendo que há sempre hipóteses de investigação que conduzam a inovações, quer na cor aplicada, quer na cor da luz, quer na forma, quer no espaço.

Este livro abre também a ideia de que pode estar a nascer uma nova profissão que seria a de “Designer da Cor” o qual teria o papel de ajudar ARQUITECTOS E DESIGNERS a escolher as cores e os materiais, para os seus projectos.

A capacidade inata da cor, para constituir, por si só, comunicação, é determinante, para a psiché porque a própria essência da produção visual e a expressão e comunicação de uma ideia dado que a percepção cromática responde a determinados quesitos derivados da constituição anatómica e fisiológica dos órgãos sensoriais.

*1 Este livro integra uma contribuição própria de Tomás Taveira (pág. 104 a 109).

É também evidente a existência de princípios de física geral que regulam os estímulos, os quais são parte integrante do processo preceptivo na fase inicial da impressão cromática.

Porém, para o entendimento da capacidade expressiva da cor contribuem, para além das já citadas, tanto as questões levantadas pela vertente psicológica individual, como as questões sugeridas pela abordagem cultural do fenómeno. De facto cada um e cada cultura tem a sua leitura da cor.

3. Neste contexto, a impressão cromática não é senão um factor de origem já que o objectivo não é a cor em si, mas o que ela significa enquanto mensagem, para o indivíduo e, para o grupo.

A expressão cromática está então, ligada à nomeação, à sua descrição, tendo por base o recurso à linguagem escrita e falada.

Um dos objectivos dos sistemas de ordenamento cromático foi o cumprimento desta necessidade de “nomeação das cores”.

Porém, a construção dos modelos de nomenclatura que também eram de ordenação e sistematização originou um efeito, e que é o facto da cor ter vindo de algum modo a perder o seu valor simbólico, transformando-se por via da sua reprodutibilidade, em instrumento e em muitos casos em mera animação...

Contudo, a grande maioria dos modelos por nós conhecidos propunha-se cumprir uma outra tarefa, exactamente inversa: encontrar a fórmula da harmonia, a regra que resolvesse a relação da cor com as leis universais; cumprir, portanto um destino baseado acima de tudo nas artes que mais e melhor eventualmente a utilizam e que é o cinema, incluindo neste os vídeos clips ..., a pintura, e as artes gráficas.

Ao mesmo tempo assiste-se aos esforços de associação com as harmonias da forma e as harmonias musicais, como se a cor não detivesse legitimidade enquanto figura autónoma no universo sensorial.

A cultura ocidental tem vindo a encarar a percepção como um acto de totalidade, segundo o qual a cor confirma algumas realidades visuais tidas, porventura, como mais importantes, ou pelo menos mais aferíveis.

Porém, a realidade parece ser exactamente o contrário do sustentado pelo saber manualístico e os preconceitos.

A realidade da cor não é a criação de significado porque mesmo tendo em si um “carácter” que comunica, ele não é autónomo mas sim dependente.

Aliás o carácter da cor o qual é frequentemente utilizado pela linguagem escrita e falada, como evento mental de evocação e criação de atmosferas, não indica mais do que essa dependência.

Para uns a cor é o que resulta, como sensação, da acção da luz e suas propriedades físicas, sendo assim consequência de uma acção “psicofísica”.

Para outros, a cor é desde o início o fenómeno sensível que se depara ao olho, servindo a física unicamente, para explicar as condições de surgimento desse facto.

A realidade do fenómeno cromático passa então a ser a sua presença na percepção e assim intervindo na nossa sensibilidade existencial, e assumindo a qualificação de evento psicológico, o que pressupõe que o estágio final da percepção seja a percepção do seu carácter, evento passível de criar um espaço (próprio) psicológico.

A cor sugere emoções, não por aquilo que representa, mas pelas suas qualidades inerentes. A sua capacidade expressiva decorre da própria estrutura, que é a percepção.

E esta é a consequência de razões neurofisiológicas, e nesse sentido a percepção é similar, para todos os mamíferos superiores; por outro lado a cor pode ter razões culturais, e assim sendo, ela será semelhante, para grupos de indivíduos com o mesmo modelo de cultura no que refere às razões psicológicas, ela é manifestamente individual, intransmissível e portanto subjectiva.

No entanto todos estes factores actuam ao mesmo tempo. E assim a percepção é um evento único, por ser experiência de um momento afectando assim as percepções posteriores, pois a memória actua alterando, a cada momento, o comportamento, a reacção à impressão cromática.

É com estas variáveis que deverá ser encarada a cor, aceitando a sua incrível contingência aparente, pois a manifestação cromática depende de factores que provêm de diversos níveis de consciência, e no mundo actual das condições sócio culturais do seu uso.

4. É neste contexto geral que parece ser difícil definir o que poderá ser a COR por exemplo, para um Hospital o edifício mais difícil, mas também qual será a melhor cor, para um edifício ou um ambiente, para um edifício específico, isto na cultura ocidental.

Por um lado existem algumas teorias que não se provam e que apontam, para a existência de cores violentas, cores que psicologicamente ferem algumas sensibilidades, nomeadamente quem tem problemas mentais, ou religiosos...

Parece (e dizemos parece, porque não se prova que haja esse efeito), que o vermelho está entre essas cores, assim como parece que o preto tem um sentido de luto ..., contudo o preto é uma cor que até a juventude usa mesmo no seu vestuário..., e até, para ocasiões alegres...

De facto a cor é em si um fenómeno altamente complexo e nesse sentido, para o nosso trabalho, escolhemos seguir experiências industriais que parecem indicar o uso de cores que trazem consigo alguma polémica, mas que estão enraizadas em momentos culturais.

5. O AMBIENTE

Os ambientes descomprometidos são uma realidade e no fundo é a lei que se segue na maioria dos casos, dado que não há certezas sobre o modo como um doente ou uma pessoa normal se comporta face às cores.

Por maioria de razões pode dizer-se que o ambiente de uma casa, um ambiente privado será eventualmente um ambiente “descomprometido”..., e em muitos casos diminuído pela ideia de equilíbrio que “deve haver”, para uma boa absorção dos elementos decorativos que habitualmente acabam por aparecer na Arquitectura.

O ambiente doméstico raramente inclui a COR na arquitectura, a qual é quase que invariavelmente BRANCA; mesmo os arquitectos que mais apologeticamente têm sido no que refere à COR, são altamente parcimoniosos no seu uso, e no interior a sua obra quase sempre fica branca...

Estamos a falar dos arquitectos que atrás referimos como Mark Mach, Legorreta ou Tomás Taveira; a “teoria” é baseada na ideia de que nas Habitações a decoração é que dita a COR AMBIENTE, e se porventura a arquitectura já fosse portadora de cor isso constituiria um compromisso “grande” e difícil de aceitar por parte dos possíveis habitantes, (compradores, ou alugadores).

Como resultado diríamos que a CLASSIFICAÇÃO DE AMBIENTE DESCOMPROMETIDO nos levou a considerar que os objectos de Design por nós imaginados viessem a ter cores que aí se integrassem sem quaisquer problemas ou que os ambientes pudessem sempre reagir com eles ..., o mesmo se passando com a cor na arquitectura, face à Imagem da Cidade.

CONCLUSÃO

Como é consabido, a cor no mobiliário e nos edifícios teve como raiz moderna o movimento Die Stil onde Mondrian e Ritveld foram as personalidades mais marcantes.

Toda a cor neste movimento é determinada pela linha e determinada pela superfície, querendo isto dizer que a cor define “pequenas” superfícies e aí vive em contacto e diálogo com a sua envolvente.

É neste sentido que a superfície global de um quadro de Mondrian se “parte”, para absorver várias cores que no entanto são rigorosamente definidas por linhas de fronteira criando um mosaico quási metemático.

De facto a ideia de que as cidades devem ser Brancas ou ter a cor dos materiais que as constroem foi sempre falsa (!), dado que não se prova que as pessoas sejam desse modo mais felizes; logo o não uso da cor ou imposição administrativa de uma qualquer não passa de uma prepotência e uma limitação abusiva do trabalho do arquitecto enquanto artista.

Tomás Taveira

Professor Arquitecto